



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Nathalia Rocha Siqueira

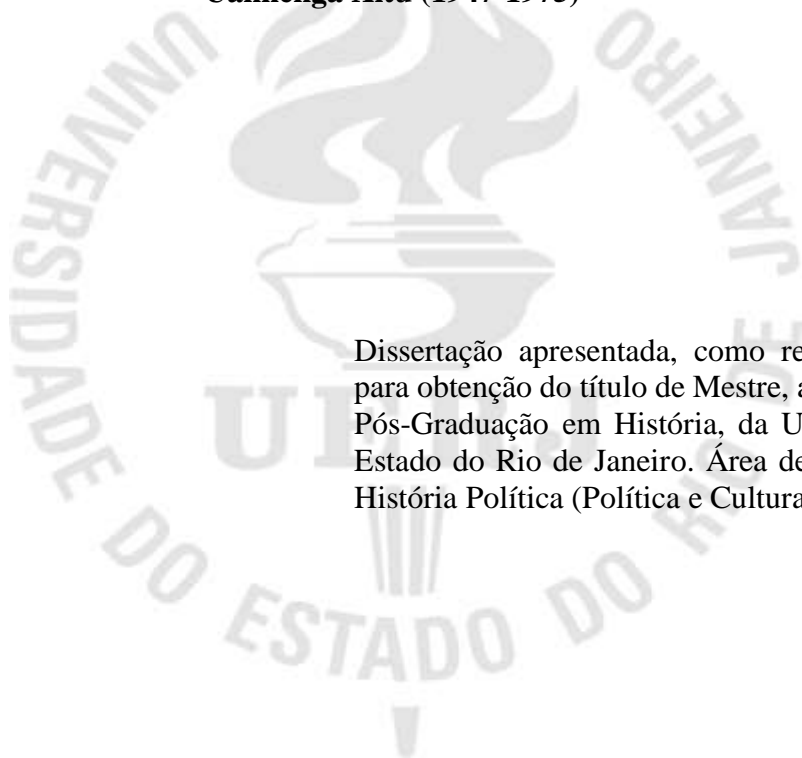
**O enfermeiro e a Quijinga: Trajetória política e construção do capital  
simbólico de Uanhenga Xitu (1947-1975)**

Rio de Janeiro

2020

Nathalia Rocha Siqueira

**O enfermeiro e a Quijinga: Trajetória política e construção do capital simbólico de Uanhenga Xitu (1947-1975)**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Política (Política e Cultura).

Orientador (a): Prof. Dr. Washington Santos Nascimento

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

S618

Siqueira, Nathalia Rocha.

O enfermeiro e a Quijinga: Trajetória política e construção do capital simbólico de Uanhenga Xitu (1947-1975) / Nathalia Rocha Siqueira. – 2020. 292 f.

Orientador: Washington Santos Nascimento.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Angola – História – Teses. 2. Xitu, Uanhenga, 1924- .– Teses. 3. História e política – Teses. I. Nascimento, Washington Santos. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

es

CDU 9(673)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Nathalia Rocha Siqueira

**O enfermeiro e a Quijinga: trajetória política e construção do capital simbólico de Uanhenga Xitu (1947-1975)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: História Política (Política e Cultura).

Aprovada em 11 de agosto de 2020.

Banca Examinadora:

---

Dr. Washington Santos Nascimento

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

---

Dr. (a) Ana Lúcia Lopes de Sá

Instituto Universitário de Lisboa – ISCTE – CEI - IUL

---

Dr. Marcelo Bittencourt

Universidade Federal Fluminense - UFF

---

Dr. Silvio de Almeida Carvalho Filho

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Rio de Janeiro

2020

## **DEDICATÓRIAS**

Dedico este trabalho a Deus ou a Deusa (Olodumaré/N'Zambi), Cristo/Oxalá por sempre mostrar a luz dentro de mim. As meus ancestrais que eu não posso ver, apenas sentir e as Senhoras e Senhores que dançam. Não acredito em Deuses que não dancem. Ao Senhor das chuvas de todo ano dentro de mim, meu Pai, a mãe de todas as mães, minha Mãe, a Senhora da Chuva, o senhor do branco e da palha... a todos: a benção! Feliz daquela que é criada por uma aldeia inteira. A minha família, a vida e a oportunidade de sempre aprender. A todos que vieram antes de mim, aqueles que caminham ao meu lado e aqueles que virão depois.

**LAROYE EXU!**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao universo e sua infinita solidariedade que nos permite sempre começar e recomeçar, a minha família carnal e espiritual, aos meus mais velhos que sempre me ensinam, pois já trilharam o caminho que ainda irei percorrer. Aos meus avós, porque quem tem vó, tem tudo. Eles já são baobá enquanto eu ainda sou semente. Vó Natalia, Vó Maria, Vô Claudio Vô Aryde, amo vocês!

Minha mãe, meu pai, minha irmã e meu irmão, que apesar da pouca idade muito me inspiram, tios, primos, primos emprestados, minhas primas queridas, minha afilhada e as crianças todas do quintal, pois precisa-se de uma aldeia inteira para se educar uma criança e a nossa tem raízes bem fortes. Eles são meus esteios, minhas esteiras, meu orgulho, meus exemplos, meus amores e minha segurança.

Aos meus velhos e novos amigos, à coragem de outros que me incentivaram, a minha eterna fé. Aos meus cachorros e gatos pelo amor incalculável, vocês tornaram minha vida muito melhor: Charlene, Branquinho, Penny, Negrito, Luka, Cindy, Kiko e Rafiki. Eu sempre amarei vocês!!!

Ao grupo de pesquisa áfricas da qual participei desde a gênese e da qual tenho muito orgulho e carinho e por ele fui inspirada, aprendi, fiz amigos, tracei caminhos e continuo a aprender. E a todos os queridos que sempre foram solícitos e solidários desde o começo deste percurso acadêmico, especialmente no mestrado. Agradeço a todos os professores e professoras que passaram na minha vida, todos, sem exceção, contribuíram de alguma forma na pessoa que eu sou hoje, eu me orgulho muito disso. Eles são meus exemplos e meus mestres para toda a vida. A todas escolas por onde passei, a UFRJ, a UERJ que me possibilitaram uma formação de qualidade, humana e inspiradora.

Agradeço aos amigos que fiz em Angola, que me foram muito atenciosos, solícitos e respeitosos. Agradeço a Fundação Uanhenga Xitu (FUX) pela estrutura, pelo respeito, pelos materiais cedidos, pela solidariedade, no que concerne aos períodos que lá estive. Conectar-se com o mundo, perceber outras paisagens, olhar por outros ângulos, diversificar as experiências vê e dialogar com o outro e perceber que no fim das contas, nem é tão outro assim, é a melhor forma de conhecer a si mesmo

Agradeço ao meu orientador Washington Nascimento pela paciência, carinho e incentivo. Não só é meu orientador, um amigo, como também é meu professor e isso significa muito. Aos professores queridos que participaram da minha banca de qualificação e muito contribuíram a esta pesquisa: Silvio de Almeida Carvalho Filho e Marcelo Bittencourt,

agradeço demais a atenção, a seriedade, o carinho e o respeito com quem está começando. Creio isto seja fundamental para a vida. Agradeço à professora Ana Lúcia Lopes de Sá, uma querida, da qual eu tive o prazer de conhecer em Angola, que me influenciou muito academicamente e que foi muito gentil em aceitar participar junto aos outros mais velhos, da minha banca de defesa. Agradeço chegar até aqui e é isso!

“A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança que tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente.”

*Tierno Bokar<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Tierno Bokar Salif. Falecido em 1940, passou toda a sua vida em Bandiagara (Mali). Grande mestre da ordem mulçumana de Tijaniyya, foi igualmente tradicionalista em assuntos africanos. Cf. HAMPATÉ BÂ, A. e CARDAIRE, M., 1957.



## RESUMO

SIQUEIRA, Nathalia Rocha. **O Enfermeiro e a Quinjinga**: trajetória política e construção do capital simbólico de Uanhenga Xitu (1947-1975). 2020. 292 f. Dissertação (Mestrado em História Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

O propósito desta dissertação é analisar e refletir sobre a trajetória do intelectual angolano Uanhenga Xitu, enquanto enfermeiro político e escritor, para entender como estas práticas formaram o corpus que mais contribuíram para a construção do seu capital simbólico, do qual a quinjinga, como elemento “tradicional” de autoridade representou, especialmente nas sociedades como um todo, profundamente guiada pelas representações visuais. Esta insígnia de poder que ele trazia a cabeça, destacava seu lugar perante as relações políticas, perante ao universo das palavras, perante aos seus pares e a sua comunidade, contribuindo assim para garantir um lugar de prestígio político, literário e social entre a elite angolana, formada especialmente no pós independência, tanto para si, quanto para a sua família. Analisar sua trajetória permitiu a esta pesquisa vislumbrar um pouco as veias abertas do complexo contexto pelo qual Angola atravessou, especialmente a partir da metade do século passado, com reflexos ainda nos dias atuais. Neste sentido, nossa linha temporal percorreu a trajetória do intelectual, quando ainda não era assim considerado, passando rapidamente pela sua infância e juventude, no intuito de situar o leitor e dando ênfase as suas facetas de: enfermeiro, político e literato, entre os anos 1947 e 1975.

Palavras-Chaves: Uanhenga Xitu. Trajetória. Angola. Quijinga.

## ABSTRACT

SIQUEIRA, Nathalia Rocha. **The Nurse and Quinjinga**: political trajectory and construction of the symbolic capital of Uanhenga Xitu (1947-1975). 2020. 292 f. Dissertation (Master in Political History) - Institute of Philosophy and Human Sciences, State University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

The purpose of this dissertation is to analyze and reflect on the trajectory of the Angolan intellectual Uanhenga Xitu, as a political nurse and writer, to understand how these practices formed the corpus that most contributed to the construction of his symbolic capital, of which the quinjinga, as an element “ authority ”represented, especially in societies as a whole, deeply guided by visual representations. This insignia of power that he brought to mind, highlighted his place before political relations, before the universe of words, before his peers and his community, thus contributing to guarantee a place of political, literary and social prestige among the Angolan elite , formed especially in post-independence, both for himself and for his family. Analyzing its trajectory allowed this research to glimpse a little the open veins of the complex context through which Angola crossed, especially from the middle of the last century, with reflections even today. In this sense, our timeline covered the trajectory of the intellectual, when it was not yet considered, passing quickly through his childhood and youth, in order to situate the reader and emphasizing his facets of: nurse, politician and literary, between the years 1947 and 1975.

**Keywords:** Uanhenga Xitu, trajectory, Angola, quijinga.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O Homem da Quijinga. Arquivo da Fundação Uanhenga Xitu. (Não catalogada). .....	13
Figura 2 - A Natureza e o Invisível.....	30
Mapa 1 - Percorso de Catete à Luanda .....	37
Figura 3 - O jovem Mendes de Carvalho .....	42
Figura 4 - Bilhete de identidade de Uanhenga Xitu, 21 de março de 1942. ....	47
Mapa 2 - Percorso: Luanda – Dingo (Cacongo) – Silva Porto.....	67
Mapa 3 - Percorso: Sá da Bandeira - Capolo - Benguela – Mungo .....	80
Mapa 4 - Percorso: Calumbo – Bom Jesus – Cabiri – Luanda .....	89

## LISTA DE SIGLAS

ANANGOLA -	Associação dos Naturais e Amigos de Angola
DOM -	Departamento de Organização Municipal
COTONANG -	Companhia de Algodão de Angola
FUX -	Fundação Uanhenga Xitu
FNLA -	Frente Nacional de Libertação de Angola
FAPLA -	Forças Armadas Populares de Libertação de Angola
MIA -	Movimento para a independência de Angola.
MLA -	Movimento pela Libertação de Angola
MINA -	Movimento para a Independência de Angola
MLN -	Movimento de Libertação Nacional
MPLA -	Movimento Popular de Libertação de Angola
PCP -	Partido Comunista Português
PIDE -	Polícia Internacional de Defesa do Estado
RDA -	República Democrática Alemã
UNITA -	União Nacional para a Independência Total de Angola
UPA -	União dos Povos do Norte de Angola

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
1	<b>O HOMEM (1924-1947)</b> .....	25
1.1	<b>O Nascimento e a Relação com a Sanzala</b> .....	26
1.1.1	<u>O Sagrado, a Natureza e o Invisível</u> .....	29
1.1.2	<u>O Respeito aos Mais Velhos</u> .....	34
1.2	<b>Catete</b> .....	36
1.3	<b>A Formação Missionária</b> .....	39
1.3.1	<u>A Juventude com Agostinho Neto</u> .....	43
1.3.2	<u>A Assimilação Colonial</u> .....	44
1.3.3	<u>Uanhenga Xitu: um “novo assimilado”</u> .....	46
1.4	<b>Luanda e o Curso de Enfermagem</b> .....	49
2	<b>O ENFERMEIRO</b> .....	51
2.1	<b>O Contexto da Década de 1950 para a Politização da Profissão de Enfermagem</b> .....	54
2.2	<b>Os Trânsitos do Enfermeiro Político</b> .....	59
2.2.1	<u>O Começo de uma Década Decisiva</u> .....	67
2.2.2	<u>Finais da Década de 1950: o surgimento de uma nova geração anticolonialista</u> ...81	
2.3	<b>Linha temporal dos trânsitos como enfermeiro de Uanhenga-Xitu-Mendes de Carvalho até sua prisão</b> .....	89
3	<b>O POLÍTICO</b> .....	91
3.1	<b>Os Espalha Brasas</b> .....	91
3.2	<b>O Momento da Prisão</b> .....	99
3.3	<b>O Processo dos 50</b> .....	103
3.4	<b>O 4 de Fevereiro</b> .....	109
3.5	<b>Hoji ya Henda: o uso das imagens dos heróis do MPLA como capital social</b> . 115	
3.6	<b>Tarrafal: o percurso político entre o enfermeiro e o escritor</b> .....	118
4	<b>O ESCRITOR E A QUIJINGA</b> .....	124
4.1	<b>O Eu que Visita seu Passado: a escrita literária enquanto ferramenta política de estar no mundo</b> .....	126
4.2	<b>As Tensões Raciais em Destaque</b> .....	128
4.3	<b>A Assimilação como Jogo Colonial</b> .....	130
4.4	<b>O Capital Político do “Mestre” e do “Mais Velho”</b> .....	133

4.5	<b>A Liberdade Condicional e a Volta à Profissão.....</b>	138
4.6	<b>A Independência.....</b>	143
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	148
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	153
	<b>APÊNDICE – Lista de documentos do Arquivo pessoal da Fundação</b>	
	Uanhenga Xitu .....	167
	<b>ANEXOS A - Entrevistas.....</b>	172
	<b>ANEXOS B - Documentos .....</b>	199
	<b>ANEXOS C - Fotografias .....</b>	272

## INTRODUÇÃO

Figura 1 - O Homem da Quijinga. Arquivo da Fundação Uanhenga Xitu. (Não catalogada).



Uanhenga Xitu, nome que Agostinho André Mendes de Carvalho adotou também literariamente, não é uma personagem, muito menos uma alcunha. Este trabalho tenta explicar o porquê: Tudo que foi lido, analisado e refletido leva a concluir que é um exercício de interpretação de mundo. O escritor não era uma personagem, era o Homem que buscou na política e na literatura criar para si um capital simbólico. Esse homem foi sua alcunha

quimbundo e colonial, entrelaçando-as nas práticas, nas vivências e nas relações, do nascimento até a morte, cuja cerimônia do seu enterro, ouviu-se e viu-se a oração metodista e a Njimba, ritual de batuques e danças para os caçadores, que tocou por horas sem parar até que seu corpo fosse sepultado.

Uanhenga Xitu não exclui Agostinho André Mendes de Carvalho, muito pelo contrário, Uanhenga Xitu foi Mendes de Carvalho, um não existiu sem o outro. Foi ambos ao voltar-se para sua infância na sanzala, a percorrer como enfermeiro por Angola, percurso esse que influenciou a sua tomada de posição política, ao fazer literatura na Colônia penal do Tarrafal (também conhecido como Campo da morte), em Chão Bom, Santiago, Cabo Verde, e nos anos seguintes, na volta a Angola depois do desterro e ao integrar a elite do governo no pós independência<sup>2</sup>.

Ao buscar Uanhenga Xitu deparamo-nos com Mendes de Carvalho, porém ao contrário da leitura mais comum, não separamos os dois, estão juntos, é o mesmo ser político e literário. Mendes de Carvalho só existiu porque existiu Uanhenga Xitu e a recíproca é verdadeira. Portanto, desta forma, esta dissertação usará os dois nomes que conferiram identidade a ele, ora um, ora outro, ora os dois juntos hifenizados, sem uma lógica perfeita, pois se entende aqui, que um nome não se opõe ao outro, mas antes se hibridizam, transitam entre si compondo a identidade de fronteira do homem, como ele próprio definiu na passagem abaixo<sup>3</sup>.

Uanhenga Xitu – é meu nome, não é pseudônimo. Todos que me viram nascer e crescer lá em Calamboloca sabem que me chamo UANHENGA. Há quem teime que seja alcunha! Meu xará Kinguxi, o grande KINGUXI, me deu o nome. Um dia escrevi um artigo para publicar, assinei. Uanhenga Xitu. Rejeitado. Tinha de assinar: Agostinho André Mendes de Carvalho. Acabou-se, ou se publica o trabalho como Uanhenga Xitu, ou se espera que um dia haja quem aceite o nome por que sou conhecido lá na minha sanzala, onde nasci em 1924. O primeiro trabalho literário que escrevi e saiu a público como desejava foi em Cabo-Verde – Chão Bom – Tarrafal: um verso com uma palavra NÃO gravado no tronco de uma acácia rubra<sup>4</sup>.

Adotar o ou um nome local, em um contexto no qual o MPLA e seus dirigentes eram acusados de serem representantes de uma elite urbana, letrada, branca e mestiça, foi fundamental para marcar posição nos cenários de disputa ideológica, políticas e de identidade.

<sup>2</sup> A Colônia Penal do Tarrafal, situada no lugar de Chão Bom do concelho do Tarrafal, na ilha de Santiago(Cabo Verde), foi criada pelo Governo português do Estado Novo ao abrigo do Decreto-Lei nº 26 539, de 23 de Abril de 1936. O Campo do Tarrafal, ou Campo de Concentração do Tarrafal, como ficou conhecido, começou a funcionar em 29 de outubro de 1936, com a chegada dos primeiros prisioneiros. Sobre o Tarrafal ler: ROCHA, Francisco Canais. *O Campo de Concentração do Tarrafal (1936-1954)*.

<sup>3</sup> Uma discussão sobre os usos/significados/significantes dos nomes foi realizada por Iracema Dullely (2015). Derivado deste livro a autora se dedicou também a pensar nomeação e alteridade em Angola, entre os anos de 1926-1961. DULLEY, Iracema. *Os nomes dos outros: etnografia e diferença em Roy Wagner*. 1. ed. São Paulo: Humanitas, 2015. v. 1.

<sup>4</sup> XITU, Uanhenga. *Bola com feitiço*. Cotovia: Livros de Bolso, 2008.



No jogo acusatório de quem era “tribalista” e quem era elitizado, saber jogar com as alteridades e com as representações identitárias foi fundamental. Ser Uanhenga, neste contexto era usar de um capital simbólico e mandar um recado muito claro frente às acusações dos movimentos e posteriormente partidos adversários: eu sou um homem do povo, um Mais Velho, um homem quimbundo, angolano e africano. Tenho uma origem, valorizo minha terra e minha identidade tradicional. Isso, ele parece supor, é inquestionável, pois ao nascer chamaram-no Uanhenga Xitu.

Assim também precisou fazer, por exemplo, apenas para não singularizarmos este aspectos da vida do político, Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, que adotou o nome Pepetela para marcar seu lugar no movimento anticolonial e depois na “nova Angola”, pois como homem de cor branca que era, deu ao nome o “poder” que lhe conferia uma identidade local. Entender Pepetela começa por entender a escolha e o uso do seu nome, assim também o é Uanhenga Xitu. Foi preciso se posicionar naquele contexto de discursos tão contrários e ao mesmo tempo parecidos e de disputas por lugares de fala. O nome é o primeiro traço que marca os pertencimentos aos quais podemos nos pautar, o segundo é nossa trajetória. Nomear ou se auto nomear é uma forma muito simbólica de poder. O nome confere lugar na história e essa é uma premissa nada singular.

Dito isto, o que nos interessa nesta pesquisa é entender o percurso do enfermeiro, do político e do literato Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho do período de 1947 até 1975, cada um ao seu tempo, sendo a política ao que nos parece, o fio condutor destas personas, até que os afluentes desaguem no mesmo rio. Este exercício será feito através de um olhar lançado na tentativa de trazer uma das possibilidades de representação do seu passado: seus trânsitos, mediações, contradições, tomadas de decisões e o que mais a pesquisa nos apresentar, pois entendemos serem estes os principais construtos do capital simbólico que ele forjou para si. Forjar aqui, muito longe do sentido conotativo, mas sim em sentido de forja, de construção.

Analisaremos de forma mais geral os seus primeiros anos de vida (1924-1947) na expectativa de situar o leitor e, consoante a isso, refinaremos as análises focando na sua atuação como enfermeiro, sua prática política (1947-1962), passando pela sua prisão e desterro e por conseguinte, do surgimento da sua literatura, sua liberdade condicional, até a independência angolana (1962-1975), no objetivo de trazer à reflexão: como ele era político ao ser enfermeiro, anticolonialista e literato. Não se trata, portanto, de um trabalho biográfico, pois a biografia traz unicidade a trajetória o que entendemos como algo irreal e até certa forma fabricado.

Adotaremos aqui a postura antibiográfica de Pierre Bourdieu que se estabelece pela preferência da análise histórica e simbólica daquilo que se tem acesso. É uma leitura possível

de mundo e não uma escrita biográfica, pois a biografia, segundo o mesmo, é algo que não passa de uma mera narrativa de um curso de vida feito de forma artificial. A ideia, portanto, é lançar um olhar pelo seu percurso com o intuito de compormos uma representação da sua história e cultura política, trazendo aqui reflexões depreendidas a partir da figura de uma personagem real angolana que oferece substratos para uma volta ao passado na tentativa de não só tentar entender, mas a partir de algum tipo de entendimento, refletir sobre questões que nunca deixaram de estar presente ao projetar o futuro de Angola<sup>5</sup>.

Nesse sentido, nos é importante refletir seu caminho até ele se tornar o homem da quijjinga que representou seu capital simbólico de “Mais-Velho” e toda força que isso carrega, especialmente em África. De forma objetiva para o leitor: estas reflexões ambicionam entender como a trajetória política, aqui em um sentido amplo que engloba a atuação como enfermeiro e a escrita literária, de Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho construiu o seu capital simbólico representado pela figura de “poder” da quijjinga.

### **Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho**

Uanhenga Xitu é o nome quimbundo (seu grupo de origem) de Agostinho André Mendes de Carvalho (nome legal português), nascido na aldeia de Nganga Zuze, comuna de Calomboloca, Município de Icolo e Bengo, em Angola, em 29 de agosto de 1924, sendo sua morte datada em 13 de fevereiro de 2014, em Luanda<sup>6</sup>. Filho de André Gaspar Mendes de Carvalho e de Luísa Miguel Fernandes, pertencia a uma elite letrada da região e se ligou logo cedo às instituições missionárias. Concluiu os estudos primários e secundários pelas escolas das missões e em finais da década de 1930, rumou para Luanda, onde fez o curso de enfermagem formando-se em 1947 como enfermeiro de segunda classe.

Exerceu através da profissão, atividades políticas clandestinas visando à independência de Angola, circulando por muitas regiões de seu país. Como consequência da sua práxis veio a ser preso pela Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE) em 1959 e por sua condenação, acabou sendo enviado para o Campo de Concentração de Tarrafal em Cabo Verde e lá ficou de 1962 a 1970<sup>7</sup>. Julgado pelo Tribunal Militar Territorial teve por condenação doze anos de prisão

<sup>5</sup> BOURDIEU, Pierre. Ed. bras.: *O poder simbólico*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1992.

<sup>6</sup> É um município da província de Luanda, tendo sido transferido da província do Bengo no seguimento da reforma administrativa das duas províncias. MASCARENHAS, Filipe Martins Barbosa de. *Memórias de Icolo e Bengo: figuras e famílias*. Editora Arte Viva. Luanda, 2008.

<sup>7</sup> Colônia Penal do Tarrafal, situada no lugar de Chão Bom do conselho do Tarrafal, na ilha de Santiago (Cabo Verde), foi criada pelo Governo português do Estado Novo ao abrigo do Decreto-Lei n.º 26 539, de 23 de abril de 1936. Começou a funcionar em 29 de outubro de 1936, com a chegada dos primeiros prisioneiros.

e a perda dos direitos políticos por quinze anos<sup>8</sup>

Foi no período em que esteve preso em Tarrafal que começou a tecer suas suas histórias e, incentivado por escritores como o Luandino Vieira e o António Jacinto, além de companheiros como Calazans Duarte e Hélder Neto que foram entusiastas para que ele continuasse a escrever, deu margem à prática literária edificando-se como um escritor. Mais tarde, já na função de político fez estudos de Ciências Políticas na antiga República Democrática Alemã (RDA), foi membro do conselho da Revolução, Governador da Província de Luanda, Ministro da Saúde, Embaixador de Angola na Alemanha, Polónia e antiga Checoslováquia. Foi membro do Comitê Central do MPLA até 1988, foi Deputado da Assembleia Nacional e membro fundador da União dos Escritores Angolanos (UEA), da qual foi presidente da Comissão Diretiva<sup>9</sup>.

### **O Político em África: questões conceituais**

Interessa-nos entender que político foi este enfermeiro e literato e como a prática da enfermagem e da escrita foram fundamentais para a sua trajetória. Para isso temos como objetivos específicos a compreensão dos trânsitos, das mediações e das contradições deste e neste político, já que ele foi criado nos entre-lugares, nas fronteiras culturais do colonizado e do colonizador, nas relações dialéticas da tradição com a modernidade e, diante das contradições destas relações e dos trânsitos que percorreu ao longo da vida, aprendeu a mediar a si, sua política e suas relações sociais cumprindo um papel que pode-se dizer de coragem em uma Angola de meados do século XX<sup>10</sup>.

Pertencer a uma pequena elite facilitou sua atuação política. Não só facilitou como possibilitou a ele ter uma formação maior do que a maioria dos angolanos, abrindo desta forma uma percepção maior da realidade da exploração colonial, agudizada pela atuação como enfermeiro e seus transitos por várias comunidades do interior do país. Esta profissão tinha uma prerrogativa que contou muito para “espalhar as brasas” da luta anticolonial, ou seja, a possibilidade de conquistar a confiança de vários grupos locais.

---

Ao todo foram 32 prisioneiros políticos mortos em Tarrafal e seus corpos só retornaram à pátria após o 25 de abril. SILVA, Celestino Domingos Tavares. *O antigo Campo de Concentração do Tarrafal Da opressão à valorização cultural*. Dissertação, Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias, 2018.

<sup>8</sup> MATEUS, Dalila Cabrita. *Memórias do colonialismo e da guerra*. Porto, Edições ASA, 2006.

<sup>9</sup> Dados biográficos cedidos pela *Fundação Uanhenga Xitu* via e-mail.

<sup>10</sup> SÁ, Ana Lúcia Lopes de. *A construção de identidade de fronteira na Obra de Uanhenga Xitu*. Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. 2004.

A prática do enfermeiro muito se assemelha a prática do quimbanda: quimbanda que deu origem a palavra umbanda e que se traduz por “ato de cura” ou “ato de curar”. O sacerdote quimbanda era responsável, entre outras coisas, pelas curas e eram os primeiros a serem chamados pela população rural exercendo uma influência que antes de qualquer coisa, era política. Uanhenga Xitu, por certo, assemelhava-se a um quimbanda do ponto de vista das suas profissão, pois revestia-se de certa autoridade como alguém que pode curar, que chegava a espaços onde os médicos nunca ou pouco chegavam.

Respeitando mundos assimétricos, mas longe de serem dicotômicos, como medicina e ritos tradicionais de cura, tinha acesso aos povos por onde passava. Como um “quimbanda”, aliava o “poder” da cura e as práticas políticas, interferindo no meio social na qual estava inserido através da sua profissão, inclusive negociando com os próprios sacerdotes, quando necessário. Para a maioria dos povos do interior, aonde a medicina colonial não chegava ou pouco chegava, era muito fácil a associação do enfermeiro com o quimbanda. Mendes de Carvalho viveu isto por ser um homem que reconhecia, nos parece, jogar com seus entre-lugares e pôde então tirar vantagens que facilitaram a sua atuação política<sup>11</sup>.

Para prosseguirmos com este trabalho se faz necessário uma breve explicação sobre o conceito de político na África do século XX, especialmente no contexto angolano. A história recente da África passa inevitavelmente pela área da história política<sup>12</sup>. Toda via os trânsitos, as mediações e as contradições do político, há muitos séculos ditam o ritmo dentro dessa geografia<sup>13</sup>. Ainda assim ser político no contexto contemporâneo da África está majoritariamente relacionado às lutas anti-imperialistas e anticoloniais, especialmente a começar da década 1950<sup>14</sup>.

Muitos dos quadros políticos nos pós-independências neste continente foram formados por intelectuais que levantaram suas vozes contra a colonização. Em Angola, por exemplo, o partido que ascende ao poder pós-governo de transição, o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), teve em seus líderes uma elite intelectual, não sendo diferente em vários países africanos. Grandes partes destes pensadores tiveram uma ligação estreita com os

<sup>11</sup> VIEGAS, Fátima. A gestão da doença e o espaço sócio cultural urbano de Luanda, os curandeiros tradicionais e os neotradicionais. Faculdade de economia da Universidade De Coimbra, 2005.

\_\_\_\_\_. Saberes e Práticas terapêuticas tradicionais à margem do sistema nacional de saúde. O caso dos curandeiros tradicionais em Angola. Revista Angolana de Sociologia, n.º 5 e 6, jun./dez. de 2010, pg. 117-130.

<sup>12</sup> LOURENÇO, Vitor Alexandre. *Do Conceito de Campo Político em África: contornos teóricos e exercícios empíricos*. Cadernos de Estudos Africanos, n. 13/14, 2007, p. 51-80.

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> FILHO, Silvio de Almeida Carvalho; NASCIMENTO, Washington Santos. Intelectuais das Áfricas: aproximações. In: Carvalho Filho, Silvio de Almeida; \_\_\_\_\_ NASCIMENTO, Washington Santos. (Org.). *Intelectuais das Áfricas*. 1. ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2018, p. 273-302.

governos dos seus países, seja se opondo aos comandos políticos nacionais, seja integrando as conjunturas de poder<sup>15</sup>.

A política contemporânea do continente costuma sempre estar a apontar para as questões do presente e do futuro, mesmo quando olha para o passado. Longe de se apegar a ideia de um essencialismo tradicional ou uma volta as raízes, de uma forma geral, sem cometermos aqui o “pecado” da totalização, é possível afirmar que desde a formação das então recentes nações africanas, o que se busca é o leme que possa rumar objetivando o futuro. Em, Angola, em confluência com o pensamento estabelecido no continente, a motivação não foi diferente<sup>16</sup>.

Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho, apesar de usar os espaços de memória, especialmente em suas obras, não traduz isto em um pedido de volta ao passado, mas sim um projeto de delinear histórias do seu povo, cheio de misturas, com tradições e modernidades e que seja independente do colonizador, podendo então, não só Angola como a literatura angolana, seguir em frente, pois a tradição é viva, volta-se sempre para o futuro, mesmo que observe o seu passado... Sozinhos poderiam rumar para o amanhã e no que concerne à política, este foi literalmente o seu discurso oficial, que consta no livro “O Meu Discurso”, onde trouxe na sua fala, as vésperas da independência, em 1974, aos camaradas do partido, o desejo de união nacional, união racial, valorização dos ex-presos políticos (pregando um valor discursivo de heróis angolanos) e uma autonomia, na qual os Angolanos olhariam sempre adiante, com erros ou acertos, mais indo para a frente como uma nação nova e independente<sup>17</sup>

A maioria destes políticos, incluindo Mendes de Carvalho aprenderam a jogar com os aspectos “positivos” (a depender do olhar) extraídos dos mundos culturais a que pertenceram, sendo a crença no futuro, a principal forma de viver a política no continente. Assim é possível dizer que a história, a literatura, as profissões, o prestígio acadêmico nos territórios europeus, serviram como uma considerável “arma” política frente ao cenário colonial e, posteriormente, a inserção na luta armada e/ou ideológica contribuíram substancialmente para a posse dos primeiros dirigentes das recentes nações africanas, influenciando as gerações futuras de políticos, que já se delineavam<sup>18</sup>.

---

<sup>15</sup> FILHO, Silvio de Almeida Carvalho; NASCIMENTO, Washington Santos. (Orgs.) *Intelectuais das Áfricas* / Silvio de Almeida Carvalho Filho / Washington Santos Nascimento (Orgs.) Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

<sup>16</sup> LOURENÇO Vítor. *O Campo Político em África: as relações de (inter) dependência entre Estado e Autoridades Tradicionais, Occasional Papers Series*, Lisboa, CEA-ISCTE, 16. 2006.

<sup>17</sup> XITU, Uanhenga. *O meu discurso*. Luanda: UEA, 1974.

<sup>18</sup> NASCIMENTO, Washington Santos. Uanhenga Xitu: entre descolonizações literárias, ancestralidade e trânsitos. In: CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida; \_\_\_\_\_ (Org.). *Intelectuais das Áfricas*. 1. ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2018, p. 273-302.

## Fontes e Metodologias

Para a realização desta pesquisa inicialmente se fez uso de documentos, ainda não catalogados, cedido gentilmente pela Fundação Uanhenga Xitu, quando estive em sua sede, localizada em Luanda, em junho de 2018. Fez-se uso de documentos administrativos da Direção de Serviços de Saúde e Higiene de Angola, alguns documentos da PIDE e do Tribunal Militar Territorial, ainda do tempo colonial. Esta série conta com 351 documentos referentes ao período de formação de Mendes de Carvalho como enfermeiro, sua atuação em boa parte do país e como esta profissão vai tomando contornos político. O escopo documental vai aproximadamente de 1947, formação do político como técnico de enfermagem a 1991, à época da sua solicitação de aposentadoria. Para esta dissertação, o intervalo estudado será de 1947 até 1975, Independência angolana.

Juntamos a isso, a análise de fotos e entrevistas que nos ajudam a refletir sobre a trajetória de Mendes de Carvalho. Neste trabalho destacamos a importância do uso das entrevistas, passando por um crivo crítico que a ciência exige, pois elas permitem que o angolano fale, já que inevitavelmente construímos a partir de uma visão exógena das realidades. As mesmas foram realizadas com seus netos: Jurelmo Lopes, em Luanda, Agostinho Mendes de Carvalho e Vivaldo Mendes de Carvalho; sua sobrinha neta Guida; Amadeu Amorim, ex companheiro de luta, pertencente ao Movimento para a Independência de Angola (MIA) e um dos fundadores do Ngola Ritmos e ainda António Gonçalves, escritor, poeta e amigo pessoal de Uanhenga Xitu. As primeiras entrevistas foram realizadas entre os dias 26 de junho e 4 de julho de 2018 e as últimas realizadas em agosto de 2019.

Analizamos também imagens do acervo pessoal cedidas por seus familiares que cobrem um período longo da sua vida. São aproximadamente trinta fotos, onde encontramos sua juventude e o ambiente mais rural; sua fase adulta e o ambiente mais citadino de Luanda; sua profissão como enfermeiro e sua ação política; sua fase mais madura já consolidado como escritor e político, sua atuação como membro do Governo, suas viagens e quando foi embaixador. Por fim, as fotos dos seus últimos anos de vida, as viagens a Tarrafal, um dos hábitos que adquiriu, e das homenagens no seu enterro.

Esses documentos nos possibilitam análises de lugares por onde transitou, pessoais com as quais se relacionava, ações políticas que exerceu, o ambiente e a geografia que o circundavam em vários períodos da vida, aspectos socioculturais, abrindo assim muitas possibilidades. Como suporte teórico, contaremos com uma bibliografia dedicada à História de Angola do século XX

e ao próprio intelectual, buscando dialogar com autores que não só estudam o país neste período, como aqueles que se debruçam sobre os legados culturais do político e escritor.

Ao debruçarmo-nos sobre sua literatura, sua história, seu fazer político, ter contato com familiares e amigos em Angola, entrevistar pessoas próximas, ter acesso a série documental que narra um pouco dos trânsitos e percursos da sua personalidade, aliada a leitura da sua obra "O Ministro", peguei-me conduzida naturalmente às reflexões de que sujeito foi esse e mais do que isso, que enfermeiro político e literato foi esse, já que o referido livro trata-se, como mesmo diz o autor, de suas memórias apóstumas. Trazendo desta maneira, muito de suas lembranças, de forma direta ou indireta (por outras personagens) possuindo um cariz que em muitos momentos esbarra no biográfico.

Já que este trabalho é um estudo de trajetória, no qual é possível extrair as relações que travou como enfermeiro e político, dando ao leitor registros históricos, análises políticas e sociais bem interessantes sobre o contexto colonial e anticolonial no qual atuou, a literatura aqui, representada pela obra "O Ministro", mesmo fora da linha temporal que iremos estudar, atua como um espaço de memória, que ajuda nas nossas indagações.

Este corpo documental nos permitiu refletir e tentar traçar uma representação da fase no qual Uanhenga Xitu atuou como enfermeiro fazendo uso da política e integrado às células clandestinas de luta anticolonial. É nesta experiência que o sujeito se edifica como homem político o que nos faz pensar o que é ser enfermeiro no contexto dos anos de 1940 e 1950 angolano e o que é ser político no cenário destas décadas. E de forma consoante, como isso vai influenciar na luta armada que se seguirá a datar de 1961, avançando aos anos 1975<sup>19</sup>.

Passando pelos lugares de memória, ela e a história disputam uma posição no passado, como afirma Beatriz Sarlo<sup>20</sup>. Passado este que não está aqui nesta dissertação, pois o que está aqui é uma representação do mesmo e uma metodologia que busca beber nas considerações que nos possibilita a micro história, o objetivo será dar ênfase a ação de um indivíduo, no caso Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho, dentro de um sistema. A ideia, é claro, não é ignorar uma parte macro e como ela influencia, mas partir de uma visão mais focalizada que aponte novas leituras e abra novos caminhos de pesquisa. Não usar-se-á a micro história para substituir a macro história, mas sim se tentará usar um jogo de lentes que possibilite a pesquisa chegar mais

---

<sup>19</sup> MATEUS, Dalila Cabrita. *Memórias do colonialismo e da guerra*. Porto, Edições ASA, 2006.

<sup>20</sup> SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

perto de uma representação do real em busca de entendimento sobre o seu capital simbólico em contexto angolano<sup>21</sup>.

O “capital simbólico” é, na verdade, um efeito da distribuição das outras formas de capital em termos de reconhecimento ou de valor social, é “poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento”<sup>22</sup>.

Desta forma será construída uma narrativa sobre o enfermeiro, político e literato, partindo das fontes e que serão analisadas, questionadas, confrontadas e cruzadas com outras informações a fim de pensarmos um micro-universo, que seria a história de uma pessoa, mas que nos abre várias possibilidades, ampliando assim o campo das reflexões acerca do contexto colonial angolano. A ideia deste trabalho é buscar entender, utilizando o conceito de capital de Pierre Bourdieu, a formação do capital simbólico de Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho a partir dos seus trânsitos, contradições e mediações no campo cultural, político e social, no exercício da enfermagem e na escrita durante os anos 1947 a 1975 por entender ser este período fundamental para a construção do capital simbólico de “Nacionalista” e “Mais velho da Nação”, sendo o capital simbólico de intelectual adquirido no período pós independência que não será abordado aqui e por isso abordaremos sua escrita fundamentalmente como ato político.<sup>23</sup>

## Sobre Capítulos

No que concerne à estruturação desta dissertação, será da seguinte forma: quatro capítulos que possuem temáticas interligadas e temporalidades pré definidas. No primeiro capítulo, por exemplo, daremos um panorama mais geral sobre os primeiros anos de vida de Mendes de Carvalho, com a finalidade de situar o leitor sobre ele, pois julgamos ser importante, não só por fazerem parte, mas por introduzirem aspectos que construíram as suas atuações e assim moldaram muito da trajetória, especialmente no que tangem as suas relações com a “tradição” e a “modernidade”, o mundo natural e mundo sobrenatural, o rural e o urbano, o rito

<sup>21</sup> LEVI, Giovanni. “Sobre a micro-história”. In: BURKE, Peter (org.), *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 133-162.

<sup>22</sup> BOURDIEU, Pierre. Ed. bras.: *O poder simbólico*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1992. P. 164.

<sup>23</sup> PIERRE BOURDIEU foi titular da cadeira de sociologia do Collège de France, onde dirigiu o Centre de sociologie européenne (Paris), a revista *Actes de La recherche em sciences sociales* e a editora *Raisons de Agir* até seu falecimento em 2002. É autor de diversos clássicos das ciências sociais. Entre eles estão *A reprodução* (1970), *Esboço de uma teoria da prática* (1972), *A distinção* (1979), *Homo Academicus* (1984), *As regras da arte* (1992) e *Meditações pascalianas* (1997). Bourdieu, Pierre. Ed. bras.: *O poder simbólico*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1992.



“tradicional” e o rito cristão e o “quimbundo e assimilação”. Abordar-se-á Uanhenga Xitu desde a sua infância até a sua formação profissional que abarcará o período de 1924- 1947.

No segundo Capítulo a abordagem será em torno da sua atuação como enfermeiro e suas ações políticas em prol da libertação colonial de Angola, a partir de 1947 até 1958. Nesta segunda fase serão descritos seus trânsitos e refletido o como este enfermeiro virou um agente na luta pela tomada da consciência da necessidade de se alcançar a independência. Neste cenário os enfermeiros que rodavam o interior, foram fundamentais para levar à “palavra” da libertação nacional a população, trocar informações entre outras células anticoloniais, articular ações, estabelecer contatos dentro e fora do país e mobilizando uma importante parcela populacional.

No terceiro capítulo iniciaremos com o Espalha Brasas, que será chamado de Grupo dos Enfermeiros, pela polícia colonial. O grupo acima citado, foi mais uma célula que buscou se organizar e articular alguma resistência clandestina ao colonialismo português, da qual Uanhenga Xitu, junto aos seus colegas de profissão, buscaram algum tipo de organização política mais concreta, se aliando ao grupo dos Mais Velhos, Exército para a Libertação de Angola (ELA), para articular a luta e mandar informações para fora da colônia. Neste intercurso, acabou preso pela polícia salazarista, no ano de 1959, depois que foram descobertos documentos que o incriminavam e tantos outros, com o jovem Manuel Lisboa, que acabou detido no aeroporto de Luanda. Diante disso, este capítulo trará ainda as reflexões sobre a narrativa da sua prisão, seu julgamento no famoso Processo dos 50, sua condenação, prisão e desterro à Tarrafal.

Depois de condenado pelo Tribunal Militar Territorial, Mendes de Carvalho foi desterrado à colônia de Chão Bom, colônia prisional portuguesa localizada em Cabo-Verde e lá amargou mais de dez anos de prisão, passando pela resistência política, física e psicológica que resultaram à uma volta aos lugares de memória, onde o enfermeiro começou então a trilhar seu caminho como escritor. Portanto, é no quarto capítulo e também a última parte deste trabalho que o percurso do autor será analisado. Dando ênfase a como sua literatura refletiu as questões políticas pessoais e coletivas que vivenciou, muitas estão em voga ainda hoje, depois de sua morte, e vice-versa.

Aliado à uma literatura de caráter político, cultural e universal, vimos então surgir um capital simbólico que será construído durante todo este percurso e marcado pelo uso da quinjinga: chapéu tradicional de valor político, religioso e hierárquico, que marcou sua relação de “Mais Velho” e tudo que essa simbologia representou para seu status político e social e representa para a sua memória diante da comunidade. Por fim, sua liberdade condicional em

1970, sua tentativa de reingresso à profissão de enfermeiro, terminando com a Independência de Angola, em 1975. Este será, portanto, o momento no qual ele passou a dedicar-se à afirmação e perpetuação do seu capital através dos usos da política e da escrita literária, que marcarão sua posição e a posição dos seus, no mundo.

## 1 O HOMEM (1924-1947)

Vamos fazer a nossa história, corrijam-nos, mas não duvidem da nossa história quando não sabem 24.

*Uanhenga Xitu*

A partir desta declaração acima, do político Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho, julgamos importante à necessidade de entendermos alguns processos e relações que construíram seus primeiros anos e que serão importantes para a formação do homem e do enfermeiro, político que se tornará o escritor. Nasce então este primeiro capítulo que tem por objetivo traçar o percurso dele desde a sua infância na sanzala até a sua formação como profissional, pois é a partir desta experiência que o político surge e insurge, dando matiz ao seu caráter que se construirá em consonância com a história do século XX angolano.

É importante estar ciente do alerta que nos faz a historiadora Maria da Conceição Neto em seu texto “Nós é que sabemos! Reflexos em torno da memória e da História.”. Nele, Neto chama a atenção para a dificuldade de se pensar a história do século XX angolano, justamente pelo fato de diferentes fontes, visões sobre os mesmos acontecimentos e concepções diferentes sobre como se fazer história vão dominar, pela sua gênese conturbada, o contexto vivido no último século da era colonial. Chamando a atenção para que não só a historiografia angolana cresça na prática das novas gerações, como se valorize a riqueza dos relatos orais produzidos pelos personagens deste percurso, sem claro deixar, como diz Beatriz Sarlo, de aplicar o crivo crítico que cabe a qualquer pesquisador ao se debruçar sobre seus objetos, já que a história é uma ciência e fazer ciência é ser crítico sem desconsiderar todas as variáveis.

É imperioso que ao navegarmos por estas águas nada calmas, venha a se considerar que ao narramos uma lembrança damos uma nova roupagem, pois a narrativa edita a lembrança o tempo todo e que o passado não está lá, é uma construção, nos leva a consciência da qual todos constroem visões do passado e não só os historiadores. Mesmo por isso a memória deve ser pensada, criticada, problematizada. A memória em si não deve ser vista como a versão mais correta e fidedigna ou como a única versão correta e fidedigna do que realmente aconteceu no passado. Mas sim, ela tem muito valor na investigação de uma do tempo pretérito, na pluralização das vozes, deixando muitas vezes as “vozes subalternizadas” falarem e na construção de uma representação do passado o mais fiel possível partindo do ponto focal da

<sup>24</sup> XITU, Uanhenga. *Mungo – Os sobreviventes da máquina colonial depõem...* Luanda: Editorial Nzila, Coleção Letras Angolanas 5, 2002, p. 36.

onde se quer analisar<sup>25</sup>. É preciso se destacar que a geração de Mendes de Carvalho entra na luta colonial ao quarenta e nove do segundo tempo. Processo de resistências contra a dominação portuguesa já ocorriam há séculos, de diferentes formas e com diferentes personagens, como a “rainha” Nzinga Mbandi, por exemplo. Esta geração anticolonial do século XX conclui a luta de pelo menos cinco séculos, pois sempre houve resistência<sup>26</sup>. importante ao pesquisador estar atento as disputas entre a academia e os “Velhos” pelo direito de se contar a história, pois estudar a história da luta anticolonial recente de Angola é entender essas tensões e ter que lidar com elas.

### 1.1 O Nascimento e a Relação com a Sanzala

Uanhenga Xitu atravessou praticamente toda a totalidade do século XX. Seu nascimento foi na data 29 de agosto de 1924, na sanzala de Nganga Zuze, em Calamboloca, na região de Catete, província de Icolo e Bengo, em Luanda, uma zona mais rural aos arredores da cidade. A relação com a sua sanzala e as comunidades circundantes marcaram sua vida, sua escrita, seu posicionamento político, suas relações sociais e sua forma de se posicionar no mundo<sup>27</sup>. Como um Mais-velho, foi um Mestre das palavras sempre atravessado dialeticamente pela tradição e modernidade, como o sujeito em trânsito que era<sup>28</sup>.

Em diálogo com Washington Nascimento, na sua seção sobre o autor, no livro *Intelectuais das Áfricas*, corroboramos com a ideia de que Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho foi um homem de muitos trânsitos. Os que mais marcaram sua vida se dão entre o mundo tradicional e o mundo moderno, entre o quimbundo e o assimilado, entre Angola e o mundo, entre a sanzala e a cidade, dentro do seu país, onde percorreu por quase sua totalidade. Entre o escritor e o político, entre o universo mítico quimbundo e o universo metodista, entre a fidelidade partidária e a crítica ao MPLA. Mas nos enganamos se pensarmos como meras e

<sup>25</sup> NETO, Maria da Conceição. Nós é que sabemos. Reflexões em torno da Memória e da História In: In: Actas do II Encontro Internacional de História de Angola. Luanda: Arquivo Nacional de Angola, 2012, p. 187-194.

<sup>26</sup> Nzinga Mbandi Ngola Kiluanji, nasceu em 1582, no Ndongo, filha do Ngola com uma escrava ambundo. também conhecida como Ngola Nzinga Mbande ou Dona Ana de Sousa - nome dado após sua conversão ao cristianismo. Foi uma rainha (Ngola) dos reinos do Ndongo e de Matamba, no Sudoeste de África, no século XVII. O seu título real na língua kimbundu, *Ngola*, foi o nome utilizado pelos portugueses para denominar aquela região (Angola). Ver: MILLER, Joseph C., Njinga of Matamba in a New Perspective, in: *Journal of African History*, 16/2, 1975, pp. 201-16.

<sup>27</sup> VENÂNCIO, José Carlos. Uanhenga Xitu: *O Homem, O Político, e o Escritor. Uma Referência Obrigatória para a Construção da Nação Angolana*. Revista Crítica de Ciências Sociais. Número 33, 1981.

<sup>28</sup> SÁ, Ana Lúcia Lopes de. *A construção de identidade de fronteira na Obra de Uanhenga Xitu*. Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. 2004.

simples oposições, muito pelo contrário, estas relações se interpenetram, se misturam dialeticamente formando os trânsitos, as mediações e as contradições deste intelectual<sup>29</sup>.

Seu pai, André Gaspar Mendes de Carvalho, dizia o próprio autor no seu livro “O Ministro”, tinha aversão ao mundo político. Ao sofrer uma série de violências entre elas o desterro de irmãos, parentes, pais e filhos em 1908, 1910, 1922 e 1959, disse ao filho que ficasse longe de ser um político, pois só poderia trazer desgraça, pobreza e descrença<sup>30</sup>. Uanhenga Xitu era pertencente a uma elite letrada de Catete e pelo fato de pertencer a uma elite econômica da região, dominava a língua do colonizador e tinham muitos, a função de escriturários estabelecendo o diálogo entre a sanzala e os postos administrativos<sup>31</sup>.

O português também neste contexto acabava por ser um fator muito forte de distinção. O próprio André de Carvalho que também frequentou a escola no começo do século passado adotou a proibição do quimbundo em casa e incentivava o filho a usar o idioma colonial, pois só assim, na visão do chefe da família, seria possível alcançar voos mais altos dentro das lógicas de mediação entre o colonizado e o colonizador<sup>32</sup>.

Uanhenga Xitu ou seu registro na administração colonial portuguesa Agostinho André Mendes de Carvalho era filho de André Gaspar Mendes de Carvalho e de Luísa Miguel Fernandes. Até a terceira classe fez seus estudos em Calamboloca, após, prestou exame na missão protestante onde fez o quarto segmento. Uanhenga Xitu/Mendes de Carvalho era um homem dividido, pertencente a dois mundos complexo com intensa ligação com o espaço da sanzala e com a cidade. Espaço urbano e espaço rural convergem, ou melhor, interpenetram-se, na vivência dele<sup>33</sup>.

No seu seio familiar falava-se a língua dos mais velhos da sanzala e o português e na escola sempre o idioma colonial, pois diziam, dentro da lógica colonialista, que o quimbundo não dava futuro. Desta forma, o universo escolar da sanzala confunde-se com o espaço natural, a relação com as histórias (“lendas”), com o universo mítico e com a prática da oralidade. Uanhenga Xitu desde menino se encantava ao ouvir os contos locais formando assim sua personalidade que se desenvolveria mais tarde como um receptor e transmissor dos ensinamentos dos mais velhos, tornando-se ele um mais velho que também contará histórias.

<sup>29</sup> NASCIMENTO, Washington Santos. Uanhenga Xitu: entre descolonizações, literárias, ancestralidade e trânsitos. In: Carvalho Filho, Silvio de Almeida; \_\_\_\_ Nascimento, Washington Santos. (Org.). *Intelectuais das Áfricas*. 1. Ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2018, p. 273-302.

<sup>30</sup> XITU, Uanhenga. *O Ministro*. União Nacional dos Escritores Angolanos, 1990, p. 19.

<sup>31</sup> Idem.

<sup>32</sup> VENÂNCIO, José Carlos. Uanhenga Xitu: *O Homem, O Político, e o Escritor. Uma Referência Obrigatória para a Construção da Nação Angolana*. Revista Crítica de Ciências Sociais. Número 33, 1981.

<sup>33</sup> Idem.

Ele relata a lembrança de garoto aonde o professor as quintas, ia à lavra dar aula aos garotos de várias sanzalas, cerca de 100 a 200 alunos, onde cada um contava suas histórias, suas lendas para passar o tempo<sup>34</sup>. A sanzala, disse ele em entrevista a Michel Labam sempre foi seu lugar favorito. E já menino, fazia apontamentos das coisas que despertavam seu interesse<sup>35</sup>.

A profunda ligação com a sua sanzala (aldeia) vem aliada ao seu elo com o “mato” e mais ainda, com as pessoas do mato, especialmente a figura dos mais velhos. E dentro destas relações é importante destacar aquelas que se estabelecem como as “tradições locais”: o sobrenatural, o feitiço, os mitos e os ritos dos quais o autor participou como observador, aprendeu, vivenciou e os recebeu culturalmente<sup>36</sup>.

Ao nascer no espaço rural experimentou as realidades da sua comunidade convivendo com o quimbundo, língua do seu grupo de pertencimento, na qual o autor conseguia se comunicar e que para a maioria das novas gerações, especialmente as nascidas na cidade, é um elemento já no curso do esquecimento. O elo deste intelectual com o universo rural é profundo, fazendo parte das paisagens da sua infância que deixaram marcas tão agudas que não puderam ser apagadas, mesmo passando este autor, maior parte da vida no meio urbano. Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho foi um homem em trânsito, um mediador de dois mundos que sabia lidar com as contradições entre o universo tradicional e o universo moderno trazido pela colonização (conceito de modernidade e tradição são europeus) e soube então tirar proveito destas duas faces que compuseram a sua história<sup>37</sup>.

A relação com o interior e a cidade ou elementos oriundos da cidade é tão forte que o retrato de comunidades, regiões e personagens atravessados por esta relação saltam-se aos olhos na maioria das suas obras. Em “Manana”, uma de suas obras literárias, o escritor estabelece a relação entre rural e urbano não só na concepção dos personagens, mas também na construção do enredo. Felito estudou no liceu e a ele foi conferido o estatuto de assimilado. Porém ao escolher não seguir os estudos e aprender o ofício de carpinteiro, incorpora seu aspecto tradicional tanto pela profissão, desvalorizada por ser ofício “indígena” quanto pela forma como lhe foi transmitido o ensinamento tendo o tio como o mais-velho que passa o conhecimento e o inicia na função<sup>38</sup>.

<sup>34</sup> XITU, Uanhenga. Entrevista in: LABAN, Michel. Angola: *Encontro com Escritores*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1991. P. 114-115.

<sup>35</sup> Idem.

<sup>36</sup> NASCIMENTO, Washington Santos. *Universo mítico-religioso Kimbundu e trânsitos culturais em Uanhenga Xitu*. Revista Brasileira de Ciências Sociais (on line), 32, 2017.

<sup>37</sup> VENÂNCIO, José Carlos. Uanhenga Xitu: *O Homem, O Político, e o Escritor. Uma Referência Obrigatória para a Construção da Nação Angolana*. Revista Crítica de Ciências Sociais. Número 33, 1981.

<sup>38</sup> SÁ, Ana Lúcia Lopes de. *A construção de identidade de fronteira na Obra de Uanhenga Xitu*. Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. 2004.

Nas palavras de Ana Lopes Sá, o trabalho de Felito seria a representação de dois polos, o tradicional e o moderno, convergindo à instituição empresarial que o emprega em um trabalho assalariado com base nas relações e práticas pertencentes a um contexto luandense, mas que se desenvolve numa relação tradicional onde há um mestre a ser respeitado pelo aprendiz<sup>39</sup>. Estas relações apresentadas na sua obra refletem um espaço de memória, onde o escritor visita situações, relações e contradições travadas especialmente no tempo da sua infância e juventude<sup>40</sup>.

Dentro da lógica das relações entre mais-velho e mais-novo, nos deparamos com o elo homem, sagrado, natureza e invisível. Ao entender que o espaço natural e seus elementos também fazem parte da cadeia geracional do ser humano, muitos povos pelo mundo, assim como a maioria dos habitantes da sanzala de Mendes de Carvalho, possuíam ou possuem com a natureza e suas manifestações uma conexão que inclui respeito, temor, adoração e manipulação, no entendimento que aqueles elementos que se manifestam são seus antepassados e/ou energias que lhe proporcionam o sustento, a saúde, a fartura, a própria vida. Como mães, pais, avós e avôs, são a estes invisíveis que o homem, a mulher, a criança e o velho comum buscam e se relacionam na tentativa de organizar a vida individual e coletiva. Os Mais-Velhos dos mais velhos é o invisível que habita a natureza local fazendo dela o sagrado. A todas estas relações, conexões e vivências, Uanhenga Xitu não escapou na infância e juventude, ao contrário, fez parte do sistema onde à época estava inserido, marcando-o para sempre<sup>41</sup>.

### 1.1.1 O Sagrado, a Natureza e o Invisível

Uma primeira imagem que mostra aspectos anos iniciais de vida do enfermeiro político encontra-se logo abaixo e nela é possível ilustrarmos um pouco das suas relações com o espaço do sagrado, onde se sobressai a relação com o supranatural através da vivência com o mato, o rio, a cachoeira, árvores, animais. Abaixo, Uanhenga Xitu está num ambiente de natureza próximo a sua Sanzala, em uma possível interpretação da personagem Tarzan. Em depoimento dado por seu neto Jurelmo Lopes, quando jovem seu avô era um fã da personagem e na sua juventude por vezes o interpretava<sup>42</sup>. Tal como o político, Tarzan também é um homem dividido, pertencente a dois mundos complexos, mais com intensa ligação com o mato. A

---

<sup>39</sup> Idem.

<sup>40</sup> Idem

<sup>41</sup> Idem

<sup>42</sup> Entrevista concedida por Jurelmo Lopes, neto de Mendes de Carvalho e membro da Fundação Uanhenga Xitu, em junho de 2018, Arquivo Pessoal.

natureza é um espaço sagrado, o espaço da família, dos antepassados, das histórias de infância e da interação com o universo mítico<sup>43</sup>.

Figura 2 - A Natureza e o Invisível



Fonte: Fundação Uanhenga Xitu

Se pensarmos os elementos que compõem a imagem, percebemos o uso de objetos dos quais os meninos aprendiam a manipular no cotidiano rural e especialmente nas “escolas” da circuncisão. Vimos o uso da catana em uma mão, apenas uma bermuda e uma espécie de ornamento na cabeça. O político aqui se encontra sobre as pedras de uma cachoeira, em uma posição corporal que visava transparecer à foto uma ideia de caça e de integração onde o homem tenta dominar os elementos naturais. Não foi possível precisar junto à família, o ano desta foto, mas pela margem de idade que tivemos conhecimento: a adolescência, é possível que seja o período do aprendizado junto ao ritual da circuncisão, ou o tempo logo posterior a este, onde o enfermeiro adquiriu suas práticas locais.

É importante para refletirmos quais são as fronteiras e se é que elas existem, entre o que se julga tradicional e o que se julga moderno. Pelo estilo de foto é alta a probabilidade dele está posando para ela é muito grande. Ou seja, em um contexto rural, a ideia de atraso é muito

<sup>43</sup> É importante destacar que a personagem Tarzan é um símbolo de uma pretensa “*superioridade branca*”. É um símbolo de dominação do homem europeu sobre o ambiente asiático, similar a fauna e a outros aspectos naturais de África. Hoje é importante toda leitura crítica sobre a imagem desta personagem, porém não é nada surpreendente as releituras e mesmo admiração que ele desperta por ser a imagem de homem que domina o espaço. Sobre a personagem Tarzan, ver o texto: RIBEIRO, Marcelo Rodrigues Souza. *Da Economia Política do Nome de África: A Filmografia de Tarzan*. 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis.



errônea, mesmo que geralmente, a maioria destas regiões costumam estar abaixo financeiramente das grandes cidades, mesmos nestas zonas se tinha acesso à informação, a muitas das tecnologias e aspectos consagrados a modernidade. elementos de uma cultura da época provam isso, já que mesmo em um contexto do interior, ainda mais pertencendo a uma elite econômica, a máquina fotográfica registra aquilo que se quer encenar.

Os textos literários de Uanhenga Xitu estão profunda e constantemente ligados a sua relação com o espaço natural e os componentes que dele participam, seja o real ou sobrenatural, estabelecendo um contexto em que não há fronteiras entre os dois conceitos. Os mitos quimbundos: os seres “mágicos”, encantados, fazem parte do ambiente das sanzalas e consequentemente da infância deste intelectual, tão certo assim que ao começar a escrever em Tarrafal, volta-se para a infância em busca de sua terra e de uma possível paz ou fuga da realidade dura da prisão. Obras como “Vozes na Sanzala: Kahitu”, “Bola com Feitiço” e “Manana”, são exemplos da literatura “encantada” do escritor que gira em torno da temática da relação homem x natureza, mais-velhos x mais-novos, tradição x modernidade, sempre relacionadas por uma dialética que alterou a face da realidade daquelas comunidades ao longo dos anos<sup>44</sup>.

Ao tomarmos a obra “Vozes na Sanzala: Kahitu”, percebemos que o invisível surge como uma energia vital que se manifestava nas forças da natureza, por meio da água que “fazia um barulho que parecia batuque mágico”, dos animais que “guinchavam e faziam pulos acrobáticos”, dos coqueiros, palmeiras, goiabeiras, mafumeiras, bananeiras e as mais diversas árvores e plantas e que farfalhavam suas folhas e esguiavam-se quando o sobrenatural se manifestava. O respeito aos antepassados e a comunhão com os mesmos é um rito muito importante e sagrado dentro dos cultos tradicionais, neste sentido vê-se a ligação com os mortos, que representam para o homem, seus antepassados e ancestrais que haviam fundado suas aldeias e tornado as mesmas, unidades políticas mais sólidas, além de passar sabedoria e valores aos mais novos<sup>45</sup>.

Portanto dentro desse universo, todos podem ter contato com o sobrenatural, seja através de sonhos ou dos ritos. Consoante a isso, todas as orientações para as questões de conflitos e para as questões mais cotidianas possíveis, vinham da esfera onde habitavam essas energias. A

---

<sup>44</sup> SIQUEIRA, Nathalia Rocha. *A construção do invisível no espaço literário angolano em vozes na sanzala e sua relação com a herança cultural e religiosa brasileira e, principalmente, afrodescendente*. Semana de História Política. ISSN 2175-831X. UERJ, 2015.

<sup>45</sup> Sobre este tema ver: AGUIAR, Itamar Pereira de; NASCIMENTO, Washington Santos; SIQUEIRA, Nathalia Rocha. *Vozes da Sanzala: Simbologias Kimbundu e Trânsitos Religiosos em Angola e no Brasil*. Transversos: Revista de História. Rio de Janeiro, v. 06, n. 06, out. — mar. 2016.

verdade é que o contato com o invisível e a profunda relação de interação, cotidiana, com as manifestações da natureza, passou pela tradição oral do mais velho ao mais novo. E foram elementos de suma importância para a sua formação no tempo da infância e da juventude<sup>46</sup>.

No conto que se passa no interior, a expressão das forças da natureza é nomeada de Kituta<sup>47</sup>. A Kituta é um ser enviado de diversas formas para representar determinadas energias ou junções energéticas. Na verdade, podemos analisar que há uma força maior, uma força que comanda todas as formas e ciclos aquáticos, é a própria essência da água em si e que manda como representante uma “criatura”, “Um ser perceptível ao homem comum”. Esse mito é um gênio da natureza de presença milenar entre os povos quimbundos, é uma representação das energias consagradas à água, mas também podendo ser encontrado em florestas e montanhas. Ocupa um lugar de extrema importância no panteão quimbundo<sup>48</sup>.

Assim, a Kituta é parte essencial no universo invisível e integrado do protagonista, da mesma forma que os sacerdotes quimbundos descritos na obra, lidam com energias vitais não visíveis, mas valorosas e determinantes naquele contexto. Esta obra que narra à história de uma criança até a sua juventude, pode ser lida também como uma espécie de espelho, onde se reflete as vivências locais nos quais o autor também estava inserido. E por esta razão, fazemos aqui a alusão a ela como espaço de memória que o escritor soube muito bem explorar na sua literatura e, portanto, acaba também por nos servir.

Assim, nas regiões das províncias de Kwanza-Norte e de Malanje, esses seres são nomeados de Kíximbì, pode-se ouvir também o nome Kítùtà, sendo esse o nome utilizado na região do médio e baixo vale do rio Kwànzà, e em menor grau de Kyàndà, sendo essa nomenclatura a mais utilizada em Luanda. O primeiro termo, Kíximbì, de acordo com os mais velhos, tem seu uso mais restrito ao passado ou pelos detentores dos conhecimentos sobre a sociedade e os sacerdotes, ou seja, os especialistas do culto. O gênio Kianda é o mesmo que o gênio Kituta, ou seja, as populações tumundongo que vivem na região continental ao longo do

---

<sup>46</sup> Idem.

<sup>47</sup> Assim, nas regiões das províncias de Kwanza-Norte e de Malanje, esses seres são nomeados de Kíximbì, pode-se ouvir também o nome Kítùtà, sendo esse o nome utilizado na região do médio e baixo vale do rio Kwànzà, e em menor grau de Kyàndà, sendo essa nomenclatura a mais utilizada em Luanda.

<sup>48</sup> Estas energias encontram-se diretamente ligadas, entre outros aspectos, à fecundidade da mulher. É como o Nkisi Dandalunda Kisimbi Kamasi e o Nkisi Kokueto que mandam sua Janaina, ou o Nkisi Angorô que se representa pela cobra. Essas forças transformam uma pequena parte da sua potência em um ser que por vezes, se comunica com o homem. É a metamorfose de uma centelha dessa energia em encantamento. Um puro encanto, que não tem forma, está em qualquer lugar e é imaterial, mas, se personifica em uma criatura por vezes fantástica para que o homem saiba da sua existência. Ver: SIQUEIRA, Nathalia Rocha. *A construção do invisível no espaço literário angolano em vozes na sanzala e sua relação com a herança cultural e religiosa brasileira e, principalmente, afrodescendente*. Semana de História Política. ISSN 2175-831X. UERJ, 2015.

rio Kwanza, utilizam-se da nomenclatura Kituta enquanto que as populações que vivem na faixa marítima, onde fica a região de Luanda adotaram o nome de Kyanda.

É necessário fazer uma distinção entre os interlocutores deste universo religioso. Podemos então, de acordo com Oscar Ribas distinguir quatro “ministros do culto”: o quimbanda, o quilamba, E o analisaremos das seguintes formas: O quimbanda (português) ou kimbanda (kimbundu) seria o equivalente no universo europeu a um adivinho ou médico. Conhecendo, portanto, as propriedades e aplicações das plantas. Em grande parte, como se acreditava que os males teriam sempre causas sobrenaturais como “enfeitiçamento”, vingança, contrariedade etc.

O quimbanda fazia uso da adivinhação como parte de seu diagnóstico. Sendo esse sacerdote um agente social e um membro ativo da sua comunidade, ele atua como “médico” e intérprete dos gênios da natureza. Por outro lado, por ter um caráter dúbio, poderia fazer uso do feitiço para matar ou mesmo atrapalhar a vida de uma pessoa. Já o quilamba é um caso especial, seu poder de ação é específico e direcionado a energias com domínios particulares. O quilamba é o sacerdote da força das águas. Diferente do quimbanda que são sacerdotes com trânsitos entre várias forças da natureza, o quilamba é o sacerdote da “Kituta”, melhor, das energias das águas onde habita a “Kituta”.

Ao estar em Angola em 2018 e ir à sanzala onde nasceu Uanhenga Xitu e onde lá ele construiu uma casa, as pessoas de Catete que comigo foram, validados pelos moradores da própria sanzala, disseram-me que a família de Kahitu que pertencia a uma comunidade vizinha, ainda lá se encontrava, infelizmente não tive a oportunidade de conhecê-los. A história deste personagem como de tantas outras que compõem várias de suas obras, fazem parte das memórias de infância e histórias das quais este escritor quando menino vivenciou e /ou escutou no seu espaço natural e que retornaram a ele junto com todas as relações contraditórias frente ao que era local e o que era colonial, enquanto estava no desterro de Tarrafal.

“Manana” é outra obra que evidencia bem a relação dos conflitos entre tradição e modernidade, entre os mitos tradicionais e a cultura colonial. A personagem que acreditou estar condenada por uma espécie de maldição, procurou o tratamento tradicional, para desespero de seu namorado, e acabou por morrer da enfermidade que a cometeu. Em Angola, especialmente no interior, mas não só, era comum muitas das doenças serem creditadas como feitiços ou maldições familiares, fazendo com que a população procurasse as práticas das ou dos quimbandas, na busca por soluções<sup>49</sup>. Uanhenga Xitu, ao usar sua escrita como espaço de

---

<sup>49</sup> NASCIMENTO, Washington Santos. Universo mítico-religioso Kimbundu e trânsitos culturais em Uanhenga Xitu. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* (on line), 32, 2017.

rememoração da infância e juventude, constrói esta obra entre outras coisas, a partir das circunstâncias com quem conviveu na infância, sendo estas relações construídas na primeira parte da sua vida e relevante por toda ela<sup>50</sup>.

### 1.1.2 O Respeito aos Mais Velhos

Um outro elemento que é muito importante nesta primeira formação do político é o respeito aos mais velhos e a relação com os mesmos. Sobre esta relação há que se destacar a origem das suas conexões que são provenientes da relação enquanto criança na sua sanzala ou nas sanzalas da sua região. Ele possuía boa relação com os mais velhos e nas suas memórias relatadas em “O Ministro”, ele rememora um pouco desta ligação. Dizia que obedecia-os e em contrapartida era ensinado de acordo com a sua idade, recebendo assim carinho e proteção contra aqueles que pensavam cometer alguma maldade para com ele. Outro relato importante é sobre o momento da circuncisão, prática tradicional até hoje realizada em Angola. Nesta tradição, um momento muito duro e disciplinador ao rapaz, ele afirma não ter levado tanta sova como os outros meninos, pois neste rito de passagem, os mais-velhos poupavam-no dando a ele trabalhos mais leves<sup>51</sup>.

A relação com os mais-velhos das sanzalas, especialmente nos ritos de passagem, não eram relações tão fáceis. Os mais-velhos de uma comunidade são responsáveis por transmitir conhecimento aos mais jovens o que nem sempre é feito de uma forma tranquila, muitas vezes estes ensinamentos revelam-se violentos e abusadores, como Uanhenga Xitu vai relatar em uma de suas memórias:

Só me lembro uma vez fui amarrado no “mbunda ia katxetxe” (laço feito de capim), por uns mais-velhos que mandavam muito e abusavam. Neguei uma ocasião fazer-lhes um trabalho. Fizeram-me uma ameaça de espera com a palma da mão leketada (kuleketa) com a ponta da língua nas duas faces. Compreendi o sinal. Esquivei-me de andar com eles. Gostavam dos miúdos, como é tradicional, para lhes levar o chuço, a faca, o pano quando se vai ao rio, ribeira, para banhar e esfregar-lhes as costas. Quando não fizer isso, cai-se no mau grado deles<sup>52</sup>.

Todavia a necessidade, como percebemos no fragmento acima, de contato com os mais velhos era fundamental, não só por ser uma relação sociocultural das mais importantes, mas por serem na prática, aqueles que ensinavam aos mais novos o que aprenderam das gerações passadas e que estes poderão passar depois as gerações futuras. Sobre a essência desta relação,

<sup>50</sup> SÁ, Ana Lúcia Lopes de. *A construção de identidade de fronteira na Obra de Uanhenga Xitu*. Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. 2004.

<sup>51</sup> XITU, Uanhenga. *O Ministro*. União Nacional dos Escritores Angolanos, 1990, p. 114-115.

<sup>52</sup> Idem.

o enfermeiro ao longo da vida lamentou-se por muitas delas estarem se perdendo ao longo da passagem do tempo e junto às transformações geracionais.

A maioria das lições importantes para a vida adulta, a relação com o ambiente e as normas da sociedade onde os meninos estavam inseridos, se davam durante o período da internação na casa da circuncisão<sup>53</sup>. Lá os rapazes aprendiam a armar os laços para a caça, como se portar nas cerimônias da circuncisão, como subir os imbondeiros, como escapar de animais selvagens, como saber defender-se de uma briga, manusear determinadas armas como facas, por exemplo, como se relacionar com a natureza através de determinados códigos como assobios, canções de encantamento e comunicação com o mundo natural<sup>54</sup>.

Não só em Angola, mas de uma maneira geral na África subsaariana, a prática da circuncisão é um preceito cultural. Estima-se que cerca de um terço dos homens em todo o mundo seja circuncidado. A prática é comum no mundo islâmico, nos Estados Unidos, em partes do sudeste asiático, em partes da África e em Israel, na maioria das vezes, por motivos religiosos. Por outro lado, já não é tão comum, do ponto de vista cultural, dos grupos locais, tanto na Europa quanto na América Latina. Desconhece-se com precisão a origem da circuncisão, porém o mais antigo documento escrito que traz alguma informação sobre este costume é proveniente do Antigo Egito. A verdade é que sempre ligada à semântica religiosa, suscita várias teorias sobre a sua origem, incluindo: forma de sacrifício religioso ou um rito de passagem que marca a entrada de um rapaz na idade adulta<sup>55</sup>.

Esta é uma prática milenar feita em muitos casos pelos mais-velhos de uma região ou grupo religioso. Há regiões, como por exemplo, no Cunene, em que os jovens do sexo masculino, são preparados para uma “passagem” para a fase adulta. Eles ficam isolados do resto do povo durante esta preparação e entre os vários rituais consta também o da circuncisão. Os “curandeiros” costumam cobrir a região circuncisada com medicamentos naturais, como folhas de bananeira, cebola ou outras plantas como a mulembeira, no intuito de proteger e sarar a ferida. Sendo o Cacimbo, por conta da temperatura mais baixa, a época mais procurada, sob a justificativa de que a ferida assim, se cura mais rápido<sup>56</sup>. Destaco aqui outro relato de Uanhenga

---

<sup>53</sup> Circuncisão masculina é a remoção do prepúcio do pênis humano. No procedimento mais comum, o prepúcio é aberto, as aderências removidas e a pele separada da glândula. Posteriormente, é colocado um grampo próprio para estabilizar o pênis e a pele do prepúcio é cortada. Para diminuir as dores e a ansiedade, pode, por vezes, ser usada anestesia local ou de aplicação tópica, embora a geral seja também uma opção em adultos e crianças. Na maior parte dos casos, a circuncisão é uma cirurgia planejada e realizada em bebês e crianças por motivos culturais e religiosos. Ver: <https://www.pressreader.com/angola/jornal-de-angola/20191013/page/34>

<sup>54</sup> Idem.

<sup>55</sup> Idem.

<sup>56</sup> Idem.

Xitu que representa a importância dos mais-velhos e ainda as relações nem sempre calmas neste embate geracional:

Mas uma ocasião, não podendo isolar-me mais tempo, segui o grupo de miúdos acompanhados de alguns dipetes (mais-velhos) e já longe, fora da sanzala, gritaram pela onça, onça, simularam uma fuga. Pegaram em mim, deitaram-me no chão e amarraram com capim, deixando-me ficar. É claro, um dos castigos aplicados aos miúdos refilões. É vulgar e conhecido que, além de ser um corretivo, tem por base provar até onde chega a capacidade do garoto para desvencilhar-se do laço (mbunda ia katxetxe)<sup>57</sup>.

Este depoimento dado no seu livro “O Ministro” retrata a experiência de aprendizado e relação com os mais velhos na sua infância. Servindo de fonte sobre as relações refletidas aqui, neste período temporal, percebemos que se trata do momento onde os meninos passavam pelo ritual da circuncisão, um ritual de iniciação à mocidade, de muita relevância para as populações locais, pois ia muito além da questão “cirúrgica”, possuía uma simbologia corporal muito mais complexa<sup>58</sup>.

Neste período, os rapazes, inclusive Mendes de Carvalho, aprendiam a utilizar o corpo, os elementos do espaço natural, inclusive para confecção de armas como cordas, a enfrentar ou fugir dos animais, a caçá-los, a “encantá-los”... Tudo isso passando pela construção de uma identidade pautada na importância do mais velho que ensina, castiga, protege, “explora”... Esta relação longe de ser somente didática ou tranquila, complexa-se diante das personalidades individuais, dos hábitos coletivos e do processo de respeito e hierarquia. Ela deixou marcas na infância e juventude do político e longe de ser uma relação tranquila, foi acidentada, intensa, entretanto moldou muito da sua forma de atuar no mundo<sup>59</sup>.

## 1.2 Catete

Icolo e Bengo, região da onde vieram não só Uanhenga Xitu, como muitos daqueles que se tornariam os “novos assimilados”, por ter sido integrada a um extenso caminho de ferro e construções de estradas coloniais, tornou-se uma importante zona de contato da cultura local com a cultura do colonizador, onde a interação e o choque cultural geraram conflitos de interesse geracionais; ao expandir-se e complexa-se, sofreu com a desestruturação e reorganização das comunidades locais. Longe de haver uma relação dicotômica entre colonizado e colonizador, nestas regiões o que de fato houve foram imbricamentos, acepções,

<sup>57</sup> XITU, Uanhenga. *O Ministro*. União Nacional dos Escritores Angolanos, 1990, p. 114-115.

<sup>58</sup> Idem.

<sup>59</sup> Idem.

negociações, hibridização, influenciando ambas as partes<sup>60</sup>. A seguir temos um mapa que ilustra a ligação entre Catete, que fica em Ícolo e Bengo, e Luanda.

Mapa 1 - Percurso de Catete à Luanda



Fonte: Google Maps

Como se observa no mapa acima, há uma grande reta que liga Catete a Luanda e vice-versa, hoje conhecida como Estrada de Catete. Sendo a distância média de Calamboloca, localidade do Conselho de Catete, onde se localizava a sanzala de Uanhenga Xitu, até o centro de Luanda<sup>61</sup>. Assim é possível falarmos que o mato de Mendes de Carvalho, não era tão distante da cidade, tanto que hoje Catete faz parte de Luanda, houve muita influência de ambas as partes, resultando em uma expansão do comércio através do fluxo de trabalhadores por conta da linha de ferro e a migração de pessoas da área rural para a cidade em busca de melhores condições de vida, profissionalização, emprego e o estatuto de assimilado. Desta forma, uma certa influência da cidade era sentida nas sanzalas, nos pequenos centros do interior, principalmente pelo trânsito de pessoas e especialmente nas gerações mais novas e o jovem Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho não ficou indiferente a isso<sup>62</sup>.

<sup>60</sup> Idem.

<sup>61</sup> VENÂNCIO, José Carlos. Uanhenga Xitu: *O Homem, O Político, e o Escritor. Uma Referência Obrigatória para a Construção da Nação Angolana*. Revista Crítica de Ciências Sociais. Número 33, 1981.

<sup>62</sup> NASCIMENTO, Washington Santos. *Gentes do Mato: os "novos assimilados" em Luanda*. 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2013.

Catete é uma região importante para a história política recente de Angola, quando se olha pelo prisma do MPLA. De lá vieram muitos dos principais nomes da luta anticolonial e dos líderes do partido Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), além do fato de muitos dirigentes, por conta do histórico familiar, serem considerados pertencentes aquele espaço de origens<sup>63</sup>. Mendes de Carvalho em seu livro “O Ministro” questiona o tal “grupo de Catete”. O grupo de catete foi um termo pejorativo dado por integrantes do MPLA e do governo, ao questionar uma espécie de predileção aos políticos dessa região a ocuparem os cargos mais altos. E de fato, o grande número de importantes na engrenagem partidária desta área, é um dado histórico<sup>64</sup>.

A importância de Catete surge devido ao lado vencedor dentro da fratura do partido, terem nos seus líderes, algumas personagens oriundas desta região. A personalidade máxima, foi nada menos que a figura do líder do MPLA e primeiro presidente de Angola: Agostinho Neto. Agostinho Neto era natural de Catete, assim como Mendes de Carvalho e com ele, possuiu uma relação de grande amizade. Para além da amizade, a relação entre os dois se estendeu na luta pela independência e no projeto e execução de governo do MPLA<sup>65</sup>.

Esta região, de acordo com entrevista concedida a mim por um dos netos de Uanhenga Xitu, Jurelmo Lopes, é uma região conhecida pelo fato de seus habitantes desde os primeiros tempos colônias aprenderem com muita facilidade, sobre aquela região, recai a fama de que seus moradores aprendiam a ler com muita rapidez e assim podiam ajudar os “irmãos pretos” de outras regiões, que necessitassem algum tipo de comunicação com a língua do colonizador. Como se vê, há bastante tempo, pelo menos a partir do período colonial, a região habitada principalmente por quimbundos, possuía um destaque social entre seus pares<sup>66</sup>.

A importância de Catete acentua-se vertiginosamente ao se tornar um lugar que de acordo com autor, no seu livro “O Ministro”, chamava a atenção das forças coloniais. Por ser um povo que sofreu várias consequências seculares das guerras dos portugueses e Holandeses contra a rainha NZinga, por exemplo, se tornaram alvo das vigilâncias constantes do governo português. De acordo com o próprio escritor ao abordar o assunto no seu livro, diz crer que por conta da vigilância constante e dos tormentos que aquelas comunidades sofreram, por questões de instintos, eles começaram a criar seus próprios meios de negociação e mecanismos de defesa

---

<sup>63</sup> XITU, Uanhenga. *O Ministro*. União Nacional dos Escritores Angolanos, 1990.

<sup>64</sup> Idem.

<sup>65</sup> MATEUS, Dalila Cabrita. *A luta pela independência: a formação das elites fundadoras da FRELIMO, MPLA E PAIGC*. Mem Martins: Inquérito, 1999.

<sup>66</sup> Entrevista concedida por Jurelmo Lopes, neto de Mendes de Carvalho e membro da Fundação Uanhenga Xitu, em junho de 2018, Arquivo Pessoal.



e assim fugiam à submissão. Desde cedo eram ensinados a não serem “bons rapazes”, eram gente organizada que estava sempre disposta a fazer frente às injustiças com atuações rápidas e precisas contra os inimigos<sup>67</sup>.

Ser desta região, portanto, virou um ponto de distinção em Angola, especialmente nos primeiros anos do pós-independência. Visitei Catete ao realizar minha viagem em junho do ano de 2018, olhei um pouco das construções, conheci alguns moradores, visitei e avistei algumas sanzalas. De fato, pelo que pude comprovar o local está longe de ser beneficiado pela fama, pela história, e pelo governo, porém ao compararmos com outros lugares, principalmente ao irmos mais ao interior, não é um lugar tão pobre, muito pelo contrário, habita ali uma pequena elite econômica, oriunda, na sua maioria, da antiga elite letrada da região e ao que me pareceu, de fato, um reduto político para a família de Mendes de Carvalho.

Este espaço geográfico faz parte da origem do mato, diferente de interior, de Uanhenga Xitu e nela, iniciou seus estudos através das escolas das missões, no caso dele ligada à igreja metodista, instituição na qual estudou com Agostinho Neto, por exemplo, e apoiado pela família, que já estava ligada à religião cristã, há muito tempo presente naquela região. Este fato impulsionou sua ida à cidade quando jovem, e assim pode mudar-se para a zona urbana de Luanda. Graças a este percurso, pôde se formar como enfermeiro, onde atuou nesta profissão até ser preso pela PIDE no final dos anos 1950. O fato de ter uma origem rural e migrar para a urbe moldou muito a vida, no que concerne o comportamento, as crenças, as relações de sociabilidade e a personalidade deste político<sup>68</sup>.

Mesmo habituado à cidade, sua relação com catete e as pessoas de lá sempre estiveram presentes tanto do ponto de vista social e político quanto do ponto de vista cultural, fundindo-se com a sua realidade de homem assimilado há conviver o tempo todo com aspectos locais, ditos tradicionais, que a partir das nossas investigações se percebem bem maiores do que o próprio queria admitir. E modernos, vivenciados em uma Luanda desenvolvida e com forte influência do colonizador.

### 1.3 A Formação Missionária

Outro aspecto destacado por São Neto, merece Destaque na composição da trajetória do enfermeiro, já que influenciará sua formação política e impactará nas suas relações, é a presença

---

<sup>67</sup> XITU, Uanhenga. *O Ministro*. União Nacional dos Escritores Angolanos, 1990.

<sup>68</sup> VENÂNCIO, José Carlos. Uanhenga Xitu: *O Homem, O Político, e o Escritor. Uma Referência Obrigatória para a Construção da Nação Angolana*. Revista Crítica de Ciências Sociais. Número 33, 1981.

determinante das missões em muitas comunidades espalhadas por Angola. Pelo advento das relações que as igrejas protestantes criaram no seio de diversas comunidades em Angola foi responsável por alterações profundas nas dinâmicas das famílias, das escolas e de muitas formações profissionais<sup>69</sup>.

Estas relações desenvolveram-se nas cidades, mas especialmente no mundo dito rural, onde a presença destas missões religiosas era mais sentida e causavam um maior impacto, mesmo sendo esse espaço extremamente heterogêneo e com significativas diferenças culturais de região para região. É importante destacar que o seu caráter formador e sua atuação junto as comunidades acabou por formar uma nova “Elite” política e intelectual em Angola, especialmente no contexto do século XX. Assim, teve influência não só nas dinâmicas sociais coletivas, mas também em muitas expectativas e comportamentos individuais, nas redes de contatos inter-regionais e, claro, as internacionais<sup>70</sup>.

Como o político mesmo afirmou em algumas declarações, em 1947 já era mais que evidente a desconfiança que havia entre os assimilados e os indígenas e a indiferença que ostentavam os estudantes angolanos saídos a pouco do Liceu e que não ligavam para os operários e os camponeses. Este é um exemplo claro das contradições que ele viveu, observou, participou e criticou, lembrando que o os internatos das missões metodistas foram um dos caminhos pelo qual percorreu Uanhenga Xitu. Mendes de Carvalho foi privilegiado frente à maioria da população classificada como indígena, já que pode frequentar as escolas religiosas, o que calcificou nele este mundo em trânsito, onde precisou sempre mediar as relações já que não pode ficar indiferente às contradições impostas pelo colonizador<sup>71</sup>.

O próprio intelectual afirmou que a escolha pela ordem protestante não foi gratuita, já que estas se mostravam mais acolhedoras e preocupadas com as populações locais em contrapartida que a Católica, não só era a religião oficial da colonização como jogava muito mais, todas jogavam, o jogo colonial. De forma concreta, para o autor, a entrada das missões protestantes, especialmente nas comunidades rurais de Angola, possibilitou a estes povos um caminho para a fuga, pois acolhiam muitos meninos que queriam fugir dos trabalhos forçados

<sup>69</sup> NETO, Maria da Conceição. Breve Introdução Histórica. In. Medina, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013.

<sup>70</sup> NASCIMENTO, Washington Santos. *Gentes do Mato: os "novos assimilados" em Luanda*. 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2013. E ainda: NETO, Maria da Conceição. Breve Introdução Histórica. In. Medina, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013.

<sup>71</sup> XITU, Uanhenga. Entrevista in: LABAN, Michel. *Angola: Encontro com Escritores*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1991. P. 114-115.

e ainda propiciou um salto em termo de qualidade de vida, em maior ou menor grau, em muitas daquelas comunidades<sup>72</sup>.

Era no sistema macro que a exploração colonial caía com mais força sobre as populações do interior atingindo limites que beiraram ao escândalo da escravatura. Durante esta década, sendo a população urbana geralmente mais instruída, reduzida e juntando-se a isso recursos limitados de meios de produção, grande dependência econômica das exportações agrícolas e menor visibilidade dos acontecimentos por parte de uma opinião pública, tornou-se o meio rural o caminho natural das relações de trabalho mais violentas, onde a utilização de mão de obra camponesas servia aos interesses de grandes companhias como a Companhia de Algodão de Angola (COTONANG)<sup>73</sup>, responsáveis pela plantação de algodão, ou então por fazendeiros, especialmente cafeicultores, quase todos portugueses que se apropriaram das terras das comunidades locais<sup>74</sup>.

Abaixo, destacamos um trecho da entrevista que ele concedeu a Michel Laban, onde afirma ter sido entregue às missões protestantes, pois elas por não serem subsidiadas pelo governo estavam mais dispostas às ideias nacionalistas que as católicas, além do fato da maior parte dos professores serem negros e já dispostas a “angolanizar” o mínimo que fosse as aulas. Muitos enalteciam as qualidades angolanas através da história de seus guerrilheiros e dos reis do Congo, Ndunduma, Mandume, por exemplo, o que conferiu ao menino Mendes de Carvalho representatividade como angolano e negro<sup>75</sup>.

[...] ensinavam a ler e a escrever já com uma dosezinha de angolanismo, para a identificação própria do angolano. Eu senti isso na escola, quando era aluno. Por exemplo, os professores contavam suas histórias... [...] Mas explicavam o desembarque do Diogo Cão, ao mesmo tempo que também enalteciam o poder dos angolanos – por exemplo a rainha Jinga ao encontro com os portugueses, o Salvador Correia... [...] a maior parte eram negros angolanos. [...] Portanto, é isso que eu via como diferença. E isso não um caso isolado, eram quase todos os professores<sup>76</sup>.

Uma das coisas mais contraditórias em Uanhenga xitu, mas que existe pelo fato dele entender os trânsitos que percorreu e a necessidade de mediar, é o fato de que através da sua ida à escola, de se alfabetizar e viver muito da cultura e dos padrões de comportamento colonial

---

<sup>72</sup> Idem

<sup>73</sup> Companhia de Algodão de Angola (COTONANG) foi uma empresa luso-Belga, fundada em 1926 que mantinha o monopólio da produção algodoeira angolana na metade do século XX. Atuava em um modelo de exploração, no qual comprava a preços baixos os algodões produzidos pelos agricultores que eram obrigadas a se dedicarem ao cultivo desse produto em detrimento das culturas alimentares. Ver: MATEUS, Dalila Cabrita; MATEUS, Álvaro. *Angola 61 – Guerra Colonial: Causas e Consequências. O 4 de Fevereiro e o 15 de Março*. Editora Texto, Leya, 2011. P.43).

<sup>74</sup> NETO, Maria da Conceição. Breve Introdução Histórica. In. Medina, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013.

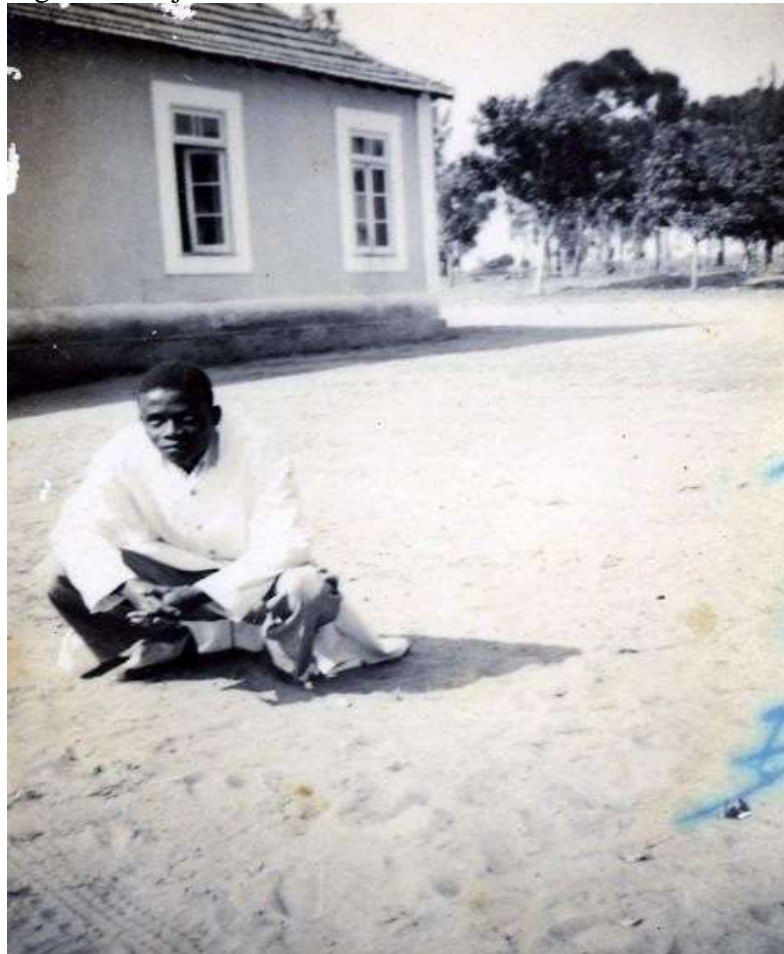
<sup>75</sup> Idem

<sup>76</sup> Idem.

é que ele pôde como político e intelectual dar voz a memória social do seu grupo, “angolanizar” sua literatura e por consequência, uma parte da literatura angolana, ao incorporar o quimbundo e o português “quimbundizado” à língua de Camões. Além de trazer temáticas que lançam outros ângulos a uma parte da história do seu país, demonstrando assim, os conflitos culturais, rememorando sua terra e o que para ele há de especificidade nela, mesmo que esta especificidade tenha sido construída ou já estava atravessada por ambos os lados.

Sobre sua atuação política como enfermeiro já usamos e continuaremos a usar algumas imagens como fontes, concedidas pela Fundação Uanhenga Xitu (FUX), que trazem uma série de informações, enriquecendo esta pesquisa. Desta forma, estes materiais usados que nos possibilitam análises, críticas e narrativas cobrindo nossas indagações acerca da linha temporal deste capítulo: 1924 até 1947 e os subsequentes colaboram com a cientificidade desta dissertação. Neste sentido, elas formam um conjunto de importantes fontes secundárias e a seguir, faremos a leitura de mais uma, onde veremos retratado o ambiente da infância e juventude na qual, junto, encontramos o ambiente escolar.

Figura 3 - O jovem Mendes de Carvalho



Fonte: Fundação Uanhenga Xitu

Na imagem anterior percebemos um Mendes de Carvalho jovem, ainda como estudante. Ele encontra-se em um espaço aberto com uma construção ao fundo que pode ser uma casa ou até mesmo o colégio missionário. O político usa ao que parece, um jaleco branco de estudante muito comum em Angola, sendo a construção localizada em um espaço que parece pela paisagem circundante, fora da geografia mais urbana. De certo é que pelo que a imagem nos conta, mais as informações colhidas sobre a infância e juventude de Uanhenga Xitu, a possibilidade de se tratar do ambiente escolar deste autor é enorme, o que nos ajuda a construir e narrar os trânsitos dos seus primeiros anos de vida.

Conclui-se por consequência, que houve uma fortíssima influência metodista neste agente político, mesmo ele respeitando e vivenciando os ritos e mitos da sua terra e de outros lugares de Angola, valorizando sempre essa herança e identidade ancestral. A relação entre religião cristã e crenças consideradas tradicionais fez parte dos seus significativos trânsitos; este autor, longe de optar apenas por uma visão de cunho religioso, aprendeu a mediá-las, achando um lugar comum que acomodasse as contradições entre elas. Pelo fato de ser um homem em constantes trânsitos, sua vida se pôs cheia de contradições ou supostas contradições. Onde mediá-las foi à via de saída para a construção de sua própria identidade. Ser protestante no contexto no qual Mendes de Carvalho estava inserido gerou para ele um capital social significativo por todas as redes e pessoas que conheceu e conviveu, além de capital cultural, pois possibilitou seus estudos e como consequência mais capital econômico que a maioria esmagadora da população.

### 1.3.1 A Juventude com Agostinho Neto

Ainda sobre a relação de Mendes de Carvalho com as escolas missionárias, um dos acontecimentos mais relevantes para a vida deste político foi sua convivência e a amizade que surgiu desta, com António Agostinho Neto. “O Ministro” é uma das obras fundamentais para entendermos, pelo menos ideologicamente, o que pensava o nacionalista e o político Agostinho André Mendes de Carvalho, sendo nesta obra importante atentar ao leitor o fato de que o presidente angolano foi poupado da maioria das críticas<sup>77</sup>. Ambos são pertencentes à mesma zona, nasceram em Icolo e Bengo, sobre eles pairam histórias míticas, foram amigos de infância, onde estudaram nas escolas das missões, por fim sendo companheiros de luta pró-

---

<sup>77</sup> XITU, Uanhenga. *O Ministro*. União Nacional dos Escritores Angolanos, 1990.

independência e de partido. Os dois pertenceram ao MPLA até o momento de suas mortes<sup>78</sup>.

Em Catete iniciaram seus estudos por intermédio das missões, no caso específico dos dois, ligada à igreja metodista e quando jovens ambos ficaram internados no mesmo colégio religioso. E esta ligação foi tão forte que tanto ele quanto o presidente Neto serão a vida inteira influenciados pelos metodistas, inclusive sendo o pai de Agostinho, um pastor ativo desta igreja<sup>79</sup>.

Estes dois políticos tiveram uma origem de certa forma rural e migraram para a urbe, fato que moldou muito a vida de ambos no que concerne o comportamento, as crenças, as relações de sociabilidade e a personalidade destas figuras históricas. Ainda assim é importante destacarmos que tiveram trajetórias de vida bem distintas, enquanto Neto foi estudar em Portugal, Mendes de Carvalho ficou em Luanda, sendo sua ligação com o meio rural ao que nos parece, mais profunda, mesmo já habituado ao espaço citadino<sup>80</sup>.

Estes dois homens, portanto, só iriam cruzar novamente seus caminhos a partir da luta de libertação nacional e conseqüente trajetória no governo. A relação do autor com Catete e as pessoas de lá sempre estiveram presentes tanto do ponto de vista social, político e cultural fundindo-se com a sua realidade de homem assimilado a conviver o tempo todo com aspectos locais ditos tradicionais e modernos vivenciados em uma Luanda desenvolvida e com forte influência lusitana. Ser amigo do “rei” conferiu ao político e cidadão Mendes de Carvalho, um enorme capital social, talvez um dos maiores e certamente o mais importante, claro que não único, contribuindo de forma fundamental para o seu capital político, assim como ser de Catete e essencialmente para a formação do seu capital simbólico dentro de Angola.

### 1.3.2 A Assimilação Colonial

A partir de uma análise do processo de assimilação colonial dialogando com Cristina Messiant e o Washington Nascimento, é possível tirarmos algumas considerações, como a

---

<sup>78</sup> Sobre Agostinho Neto e sobre este tema, ver: CARREIRA, Iko. *O pensamento político de Agostinho Neto*. Lisboa: D. Quixote, 1996. COSME, Leonel. *Agostinho Neto e seu tempo*. Porto: Campo das Letras, 2004. MOURAO, Fernando Augusto Albuquerque. Agostinho Neto. Leituras múltiplas. *JL. Jornal de Letras, Artes e Idéias*, Lisboa, v. 364. PAPAROTO, Tércio de Abreu. *Poesia de Angola nas décadas de 1960 e 1970: História e Política na obra de Agostinho Neto*, António Cardoso e Fernando da Costa Andrade. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo. TEIXEIRA, Vanessa Ribeiro. O drama de não ser-se: diálogos possíveis entre a velha negra, o deus-morto e António Agostinho Neto. In: Gilda Santos (org.). *Jorge de Sena: Ressonâncias e Cinquenta Poemas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, v. 1, p. 157-160.

<sup>79</sup> VENÂNCIO, José Carlos. Uanhenga Xitu: O Homem, O Político, e o Escritor. *Uma Referência Obrigatória para a Construção da Nação Angolana*. Revista Crítica de Ciências Sociais. Número 33, 1981.

<sup>80</sup> Idem.

importância da presença missionária, o surgimento de uma espécie de “rivalidade” entre uma velha elite e a emergência de uma nova elite local, oriunda dos espaços rurais onde as missões protestantes entraram e até mesmo, como se mostrará ao longo deste trabalho, a importância de associações como a Associação dos Naturais de Angola (ANANGOLA) no trato com as autoridades colônias e também como estas foram usadas para controle do Estado Novo na vigilância as “aspirações” políticas destas elites. Uanhenga Xitu fará parte desta elite por pertencer a uma região não só contemplada pela criação de uma malha ferroviária que possibilitou muitos trânsitos entre interior e cidade, como também a presença marcante da igreja metodista americana<sup>81</sup>.

A assimilação quando não era oficial, já era percebida na forma de estar no mundo de grande parte da população angolana, principalmente as localizadas mais perto da capital. Estas relações formaram os entre-lugares, as dialéticas, as hibridizações em um universo mais contido ou mais amplo e que Uanhenga Xitu como político e sujeito no mundo, vai vivenciar e trazer na sua profissão e na sua literatura<sup>82</sup>.

Como as políticas assimilacionistas limitavam e muitas vezes impediam a obtenção de direitos básicos aos angolanos, como: trabalho, saúde, propriedades e educação, restringindo ao máximo a mobilidade social da grande maioria existente no país, beneficiando apenas uma parte mínima da população que era portuguesa; acabou por gerar enormes tensões sociais, políticas e raciais. Este fenômeno veio inclusive a se agravar a partir da década de 1940, período onde a metrópole incentivou de forma intensa a imigração de portugueses para as colônias na ambição de ocupar melhor as terras além-mar<sup>83</sup>.

Na alteração do estatuto em 1954, auge da imigração portuguesa a partir da campanha e incentivo migratório do Estado Novo, surgem novas exigências para a obtenção do bilhete de assimilado tais como: a existência de uma idade mínima para ser contemplado pelo estatuto –

---

<sup>81</sup> Sob um panorama geral podemos dizer que os assimilados surgiram no contexto do golpe de Estado de 28 de maio de 1926 no qual António Salazar ascende ao governo português o que culminará em 1933 com a implementação do Estado Novo português que substitui a república que durou de 1911 a 1926. Salazar acreditava que esta república foi responsável no seu período, por um processo muito rápido de assimilação, onde os “selvagens” estariam transformando-se de forma superficial em “cidadão”. Seu governo então buscou a criação de medidas que garantissem a diferenciação entre os primeiros e aqueles que poderiam ser considerados de fato “cidadãos portugueses”. As principais exigências frente aos nascidos na colônia para obter a assimilação seriam a educação, o comportamento social e o abandono da vestimenta considerada inadequada em prol das roupas que retratassem o colonizador. Desta forma temos dois elementos de distinção social se contrapondo. De um lado temos o estatuto do indigenato e do outro temos a assimilação. Ver: NASCIMENTO, Washington Santos. Gentes do Mato: os “novos assimilados em Luanda”. *Tese de Doutorado em História Social*. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

<sup>82</sup> Idem.

<sup>83</sup> Idem.

18 anos; deixou de ocorrer a assimilação de forma hereditária; não havendo a necessidade por aqueles que já tinham o bilhete de passar novamente pelos tramites legais, porém necessitavam fazer novamente o pedido, algo como uma espécie de revalidação<sup>84</sup>.

Esta nova política acabou por trazer uma maior dificuldade na obtenção da assimilação, tornando a condição de assimilado muito mais efêmera já que poderia ser revogada a qualquer momento a depender da falta de critério claro e da vontade das autoridades administrativas, deixando límpido na análise do contexto geral, que esta mudança visava principalmente proteger e beneficiar o imigrante português que na maioria das vezes era pobre e menos qualificado que o colonizado.

### 1.3.3 Uanhenga Xitu: um “novo assimilado”

O surgimento dos “novos assimilados” do qual Mendes de Carvalho e sua família faziam parte deve-se primeiramente a duas principais razões. A primeira é a implementação das malhas ferroviárias que não só possibilitaram um maior trânsito entre o interior e a cidade como fortaleceu e expandiu a economia das regiões interioranas. Houve como desenvolvimento as plantações de algodão e café, principalmente. O segundo fator se dá pela atuação dos protestantes na criação de escolas em torno das comunidades e na relação com o próprio povo local. Desta forma pode-se afirmar que o surgimento dos chamados “novos assimilados” está intimamente ligado às origens interioranas e ainda, através dos trânsitos naqueles espaços geográficos, os povos locais começaram a se relacionar de forma muito mais intensa com os elementos e símbolos coloniais trazidos dos centros urbanos<sup>85</sup>.

Neste cenário surge então uma camada média baixa nativa e será esta que reivindicará o “direito” à assimilação. Esta camada jogará o jogo colonial, mediando, negociando, preservando e transformando suas relações socioculturais para obter a possibilidade de algum tipo de ascensão na sociedade colonialista, como direitos básicos, que aos indígenas eram negados<sup>86</sup>. Observe abaixo uma imagem do seu bilhete de identidade:

---

<sup>84</sup> Idem.

<sup>85</sup> Idem.

<sup>86</sup> Idem.



Figura 4 - Bilhete de identidade de Uanhenga Xitu, 21 de março de 1942.



Fonte: Arquivo da Fundação Uanhenga Xitu

Analisando a imagem do seu bilhete de identidade, chama logo a atenção a relação do documento com a missão Evangélica de Luanda. A maneira pela qual buscavam obter esse status oficial e consequentemente o bilhete de identidade, do qual tinham direito os indivíduos assimilados, foi recorrendo às escolas protestantes que lhes garantiam o ensino da língua colonial, os credos ditos civilizados e os padrões de comportamento exigidos naquele contexto. Embora as igrejas protestantes nestes percursos missionários tenham sido um dos principais e mais eficazes métodos de desestruturação e aculturação de diversos povos locais espalhados pelo mundo, no contexto de Angola esta relação é muito mais profunda e complexa do que uma simples acusação de violência de cunho religioso, o que não quer dizer que o processo não tenha sido violento, toda imposição colonial é de alguma forma, em maior ou menor grau fruto da violência a alguém ou a uma comunidade<sup>87</sup>.

Um personagem marcante deste escritor e que reflete muito bem a caricatura da assimilação é o Mestre Tamoda. A história de Tamoda (o nome seria uma aglutinação do termo tá na moda) traz a ironia, a crítica e a reflexão em torno dos complexos elementos que formam a construção do processo de assimilação. Tamoda é uma alegoria do homem que enxerga na

<sup>87</sup> Idem.

assimilação um status social e que na impossibilidade de negar seus elementos locais transforma-se em um híbrido, um mestiço cultural que muitas vezes fica no meio do caminho entre um e outro. Assim é a personagem, uma análise por parte do autor dos entre lugares gerados pelo processo colonial<sup>88</sup>.

Felito, personagem central da sua obra “Manana”, é outro exemplo de assimilado. Um homem em trânsito, uma figura híbrida, nem um pouco preocupada com o que isso significasse. A relação tradição e modernidade era inconscientemente e propositalmente instrumentalizada pela personagem a fim de se adequar as situações que lhe iam sendo impostas. Ele adaptava a tradição às situações trazidas pela modernidade, apenas com a finalidade de satisfazer seu desejo pessoal, sem nenhuma consciência coletiva sobre o processo de assimilação<sup>89</sup>.

O namorado de Manana, como é recorrente nas obras Uanhenguianas, era um sujeito de fronteira, pertencente a um hibridismo, vivendo entre o tradicional e o moderno, tanto socialmente como culturalmente. Era um assimilado, porém não concretizando a assimilação proposta pela colonização, mas antes, estabelecendo relações de trocas, resistências, adaptações, mestiçagem, fruto da necessidade de negociação entre o que se define como local e o que se define como colonial<sup>90</sup>.

Estes dois personagens também surgem através do movimento de memória realizado pelo escritor, ao voltar aos espaços onde viveu e com os tipos sociais que conviveu nas primeiras décadas da vida, assim o que ele faz enquanto literato é dar ficcionalização e hiperbolização a fim de dar voz as suas vivências. E ao ler seus contos, nos deparamos com arquétipos individuais e coletivos com os quais ele conviveu.

Aos 20 anos (1944), assimilado legalmente e as vésperas de ir para Luanda, de acordo com relatos da família, já se envolvia com política e neste período, onde se acentuava as clivagens sociais, as tensões raciais e o imperialismo cultural em Angola, o terreno já há bastante tempo sendo preparado, tornou-se um campo onde as primeiras sementes da veia revolucionária deste político começaram a lançar brotos sobre a terra. E de fato, foi sua terra de origem, Icolo e Bengo, onde nasceu o político Mendes de Carvalho, então agente de saúde, que migrará para Luanda e começará a partir da sua formação a exercer a política por um caminho sem volta<sup>91</sup>.

<sup>88</sup> VENÂNCIO, José Carlos. Uanhenga Xitu: *O Homem, O Político, e o Escritor. Uma Referência Obrigatória para a Construção da Nação Angolana*. Revista Crítica de Ciências Sociais. Número 33, 1981. E ainda: XITU, Uanhenga. “Mestre Tamoda”, “Mestre” Tamoda e Outros Contos, Luanda: União dos Escritores Angolanos. E mais: XITU, Uanhenga. S.d., Os Discursos do “Mestre” Tamoda, s.1: União dos Escritores Angolanos/Instituto Nacional do Livro e do Disco.

<sup>89</sup> SÁ, Ana Lúcia Lopes de. *A construção de identidade de fronteira na Obra de Uanhenga Xitu*. Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. 2004.

<sup>90</sup> Idem.

<sup>91</sup> Dados biográficos cedidos pela Fundação Uanhenga Xitu, enviados via e-mail.

#### 1.4 Luanda e o Curso de Enfermagem

O futuro enfermeiro Mendes de Carvalho passou a viver em Luanda, onde foi concluir seus estudos, capitaneado pelas relações com a igreja Metodista em 1938 e lá ficou ininterruptamente até 1947. Antes da sua formação como enfermeiro já trabalhava na área da saúde exercendo a profissão de Agente Sanitário. Após sair da escola, já habitando em Luanda, Mendes de Carvalho passou a estudar por conta própria, sendo auxiliado pelo amigo Mario Pinto de Andrade. O próprio autor declarou-se autodidata sendo desde cedo interessado pelos livros. Concomitante às aulas com Pinto Andrade e já trabalhando como agente de saúde entrou na escola técnica de Enfermagem onde se formou enfermeiro de segunda classe. O período no qual trabalhou de agente de saúde até o diploma de enfermeiro durou de 1944 até 1947, ano da sua formação profissional. Tornar-se enfermeiro foi o prelúdio para a formação do político *scritu sensu*, aquele que irá atuar nas células clandestinas, será preso e servirá ao processo de independência<sup>92</sup>.

A cidade será fundamental na identidade do político Mendes de Carvalho. Este será o espaço da modernidade, onde o autor irá transitar mediando à relação com seu mundo tradicional através do entendimento das contradições e das simbioses destas duas partes da sua história. É fato que todo homem é um ser político e que mesmo no espaço do interior, Uanhenga Xitu já se engajava em questionar alguns dos desarranjos causados pela dureza dos chefes de postos e a exploração dos trabalhadores locais.

Todavia, é no espaço da cidade, onde concluiu seus estudos, travou conhecimentos, teve um maior acesso às ideias que comandavam o mundo, naquele momento, lembrando que o movimento de Negritude e o Movimento Pan-Africanista agitava o continente africano e, ainda tomando mais contato com as dificuldades dos assimilados, tensões e segregações raciais no espaço luandense; junta-se a isso, a importância da igreja metodista, onde ele criou relações de amizade com uma certa elite, composta por exemplo por Agostinho Neto, Mário Pinto de Andrade, entre outros construindo para si um importante capital social... O que facilitou sua ascendência política de forma relativamente rápida dentro do novo Estado nação que viria a acontecer em 1975<sup>93</sup>.

No desafio de influenciar os trabalhadores a exigir os seus direitos, criou resistências, e de forma prática, articulou-se com os companheiros de ofício para externar o que julgava ser

---

<sup>92</sup> Idem.

<sup>93</sup> VENÂNCIO, José Carlos. Uanhenga Xitu: O Homem, *O Político, e o Escritor. Uma Referência Obrigatória para a Construção da Nação Angolana*. Revista Crítica de Ciências Sociais. Número 33, 1981.

necessário denunciar nas relações de trabalho. É importante então entender que seu processo legal de assimilação, seu trânsito Catete-Luanda e a Igreja Metodista, fundaram importantes pilares na construção da atuação política do enfermeiro, pois ao entender as contradições desta relação e em si próprio, percorrer vários trânsitos e mediar suas falsas dicotomias socioculturais, ajustou-se em uma dialética que forjou sua atuação profissional e futuramente política, literária e intelectual<sup>94</sup>.

---

<sup>94</sup> Idem.

## 2 O ENFERMEIRO

Este capítulo inicia-se destacando a importância do diploma e do exercício da profissão de enfermeiro como grandes e principais capitais culturais de Uanhenga Xitu, especialmente em um contexto onde a circulação de médicos era ínfima e onde os enfermeiros eram os principais agentes responsáveis pela promoção da saúde entre a população, principalmente mais ao interior da colônia. Esse capital cultural custeado pela relação direta com as missões protestantes vai contribuir profunda e diretamente para a formação do seu capital simbólico, pois ao exercer sua profissão criará redes e relações, aumentará seu capital social e começará o seu caminho de fato na luta anticolonial. Ser da igreja metodista foi um importante capital social que ajudou no capital cultural e vice-versa e ajudou na acumulação de outros capitais culturais e sociais que vão gerar capital político e todos juntos de forma interligada vão formar o capital social de Uanhenga Xitu que tem como insígnia a quijinga que lhe confere visualmente a imagem de mais velho, traz junto a concepção de nacionalista, sábio e intelectual. Alguém socialmente destacável para um contexto significativamente importante da sociedade angolana.

Antes de adentrarmos no percurso do enfermeiro em si, é importante destacar neste breve contexto histórico, a fim de situar o leitor, algumas considerações importantes. A crescente imigração portuguesa a partir da década de 1940 teve seu auge na década seguinte. Portugal, que até então mantinha interesse nas colônias africanas focado principalmente para o tráfico de escravos, a partir da independência do Brasil, no começo do século XX, já sobre a ditadura salazarista, promoveu um significativo fluxo de imigrantes portugueses para as colônias em África, especialmente Angola e Moçambique. Neste contexto, a população branca que era em termos quantitativos, ínfima, mais que dobrou na década de 50 daquele mesmo século<sup>95</sup>. No contexto social angolano, os civilizados que depois passariam a ser classificados como assimilados<sup>96</sup>, somavam menos de 100.000 no total de negros e mestiços, sendo o grosso da população angolana composta por indivíduos da raça negra que não passaram pelo processo classificatório português de assimilação e assim eram classificados como indígenas<sup>97</sup>.

A classificação social dada aos cidadãos angolanos correspondiam as exigências impostas por Portugal, como nos mostra Maria da Conceição Neto, tais como: acesso a uma

---

<sup>95</sup> NETO, Maria da Conceição. Breve Introdução Histórica. In: Medina, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013.

<sup>96</sup> Idem. E ainda: NASCIMENTO, Washington. Santos Pretos, do mato e elite letrada: os novos assimilados em Luanda (1940 – 1960). In: SANTANA, Marise de; NASCIMENTO, Washington Santos; FERREIRA, Edson Dias (org.). *Etnicidades e trânsitos: estudos sobre Bahia e Luanda*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jequié, 2017, p. 145-242.)

<sup>97</sup> Idem.

série de bens como a instrução e a saúde, assim como a existência ou não de facilidades de acesso ao mercado de trabalho, o grau de instrução acadêmica e a aceitação dos valores da cultura europeia. Portugal a partir de 1921, dividiu, na prática, a sociedade colonial em três estratificações: os portugueses, os assimilados e por fim, os indígenas, que integravam o grosso da população em Angola<sup>98</sup>.

A maior parte da população angolana era composta pela maioria que não era alfabetizada em português, não seguia a cultura do europeu e principalmente, mas não só, aqueles que viviam mais ao interior e de maioria negra. Os indígenas não tinham quase nenhum direito, não eram considerados cidadãos e eram regulados pelo estatuto do indigenato fixado por Portugal em contraposição ao estatuto de assimilação da qual fazia parte uma elite Angolana, tanto rural quanto urbana<sup>99</sup>.

O professor Washington Nascimento vai trazer à luz através de suas pesquisas, discussões em torno de uma “antiga elite letrada local” que passará a conviver com o surgimento de uma nova elite “assimilada” criada, principalmente, pela “força” protestante dentro de Angola. Força que só sofreu grandes abalos a partir da perseguição da PIDE, já em finais e começo das décadas de 1950 e 1960, porém continua até hoje exercendo consideráveis influências no país. Sendo assim, a partir da ordenação do trabalho que visava também organizar o processo de “assimilação” encarnados pelo estatuto do Indigenato de 1926, gerou-se enormes demandas burocráticas. A burocracia foi usada como um recurso, muito bem explorado pelo Estado, para que as Elites locais e mais tarde, os metropolitanos, pudessem ter algum tipo de diferenciação, “vantagens” e direitos frente a maior parte da população composta por “indígenas”<sup>100</sup>.

Sabe-se, porém, que essa reclassificação social baseada na nova política de ocupação das colônias não foi simples. Para as “Elites criolas”, termo que no século passado já estava inadequado e que já se achavam, em sua maioria empobrecidas, aceitar ou não o bilhete de assimilado gerou internamente uma discussão sobre a forma como Portugal buscava diminuir suas importâncias sociais e econômicas em prol dos portugueses recém chegados à Angola e que ocupavam, sobre tudo, o espaço citadino de Luanda. Jill Dias analisou as transformações no seio da sociedade crioula da Angola portuguesa entre 1870 a 1930, mostrando o quanto o

---

<sup>98</sup> Idem.

<sup>99</sup> Idem.

<sup>100</sup> Idem.

poder econômico destes grupos sociais vai se deteriorando resultando, no século XX, na perda de poder e prestígio na nova configuração social<sup>101</sup>.

Com o respectivo aumento de europeus a partir dos anos de 1940 nas colônias portuguesas, especialmente Angola, ocorreu um agravamento das clivagens raciais na vida social, o que desembocou na redução dos espaços de convívio plurirracial e gerou uma marginalização dos grupos sociais locais em detrimento dos que chegavam de fora, em especial no espaço urbano. Como consequência os grupos que já existiam foram deslocados do centro ocupando o entorno de Luanda e formando assim os principais musseques que ‘margeiam’ na disposição geográfica, o centro da cidade<sup>102</sup>.

A colônia, neste período, sofria com uma forte estagnação econômica e agregado a isto, a dominação colonial bloqueava as ascensões sociais dos naturais da terra, além de dificultar os critérios em torno do processo de assimilação, diminuindo os direitos e tomando lugares antes ocupado, em benefício do europeu português, por uma elite angolana já estabelecida. Assim foram inevitáveis as contestações, as tensões sociais e as reivindicações pela autonomia frente à metrópole, muito influenciadas também pelos acontecimentos políticos e as lutas de independência travadas em outros contextos africanos, além dos ideais da negritude e do pan-africanismo que já ressoavam pelo continente europeu e em África<sup>103</sup>.

Consoante a isso, no contexto da Europa onde já se questionava seriamente os poderes ditatoriais que dominaram a política de muitos dos seus países no início do século XX, começava-se a se contestar também os domínios coloniais exercido por várias nações. Em Portugal esta contestação ganhava grupos contrários ao regime salazarista, um deles o Partido Comunista Português (PCP), que se contrapunha ao regime do Estado Novo. Assim como a Casa dos Estudantes do Império, na qual passaram diversos alunos que no futuro seriam reconhecidos como intelectuais importantes para a história política angolana. Dentre eles podemos citar Agostinho Neto que viria a se tornar o primeiro presidente de Angola e figura máxima do futuro partido dominante até hoje no país, MPLA e Mario Pinto de Andrade, um

---

<sup>101</sup> Jill Dias, «Uma questão de identidade: Respostas intelectuais às transformações económicas no seio da elite crioula da Angola portuguesa entre 1870 e 1930», *Revista Internacional de Estudos Africanos*, 1, 1984. E também: NASCIMENTO, Washington Santos. *Memórias Crioulas sobre as Políticas de Assimilação Colonial em Angola (1926-1975)*. Revista RBBA. ISSN 23161205. Vitória da Conquista, V. 4 n° 1, p. 101 a 115, Julho 2015.

<sup>102</sup> Periferia da cidade da capital, caracterizados como assentamentos informais em Angola, principalmente associados às favelas que margeiam o centro de Luanda.

<sup>103</sup> NASCIMENTO, Washington Santos. *Memórias Crioulas sobre as Políticas de Assimilação Colonial em Angola (1926-1975)*. Revista RBBA. ISSN 23161205. Vitória da Conquista, V. 4 n° 1, p. 101 a 115, Julho 2015. E ainda: NETO, Maria da Conceição. *Breve Introdução Histórica*. In: Medina, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013. E ainda: REIS, Fidel. *Era uma vez... O Campo Político Angolano [1950-1965]*. Ed. Narrativa Editoras: Lisboa, 2018.

dos fundadores do referido partido, personagem que denunciou internacionalmente os processos que deram nome ao “Processo dos 50”, da qual falarei ao decorrer destas reflexões<sup>104</sup>.

Outro fator imprescindível para se pensar a narrativa histórica da década de 1950 e 1960 é o surgimento da PIDE. A polícia internacional responsável por frear as articulações e práticas que visavam a independência, surge já em seu estado mais cruel, apertando cercos, infiltrando pessoas, efetuando prisões, cometendo torturas e diversas outras formas de opressão<sup>105</sup>. Dentro deste contexto de medo, violência e articulações, cria-se redes em prol da luta anticolonial dentro e fora de Angola, das quais podemos destacar as que ocorreram em Portugal, no Congo Belga, em Luanda e no norte do país.

Os grupos se organizavam em pequenas células para não levantarem suspeitas criando e/ou utilizando associações recreativas, agremiações de desportos, clube de enfermeiros e outros... que usavam destas reuniões para planejar atos políticos de resistência distribuindo panfletos, lendo-os para a população de maioria analfabeta e buscando um “despertar” da elite local que pouco sabia e/ou atuava contra o regime colonial<sup>106</sup>.

## 2.1 O Contexto da Década de 1950 para a Politização da Profissão de Enfermagem

Como foi introduzido acima, o contexto da década de 1950 angolano especialmente nas zonas onde predominavam um caráter mais urbanizado, com maior destaque para Luanda, teve um aumento significativo de colonos vindos da metrópole impulsionados pela propaganda favorável à imigração construída pelo Estado Português. Esta onda imigratória que começou nos anos 1940, atingiu seu ápice na década seguinte aumentando consideravelmente o número de brancos oriundos de Portugal em busca de oportunidades nas colônias, sendo Angola um grande destaque na propaganda do Estado Novo. De acordo com a historiadora angolana São Neto, a população branca de 1950 a 1960 passou para mais que o dobro em Luanda, de 14,6% dos cidadãos em 1950 (20. 730 pessoas) ela cresceu para 24, 7% do total (55. 567 pessoas) em 1960<sup>107</sup>.

---

<sup>104</sup> Idem.

<sup>105</sup> Idem

<sup>106</sup> MEDINA, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013. E ainda: Depoimento de Carlos Alberto Van-Dúnen ex militante do MPLA. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012. E ainda: Entrevista realizada com Amadeu Amorim, 09 de Setembro de 2019. Acervo Pessoal.

<sup>107</sup> NETO, Maria da Conceição. Breve Introdução Histórica. In. Medina, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013.



Por consequência do forte movimento imigratório ultramarino e, claro, do significativo aumento de europeus em determinados espaços sociais, como Luanda, o governo colonial visou o bem estar social e a valorização daqueles que imigraram junto à Portugal em detrimento das populações locais, sejam elas “assimiladas” ou “indígenas” e até mesmo brancos angolanos. Como efeito, acabou por agravar as clivagens raciais, especialmente no espaço da cidade, onde a “massa” branca portuguesa se concentrou, com medidas que culminaram na diminuição dos espaços de convivência, na qual podemos destacar: casas de espetáculos, cinema, clubes de esportes, trabalho, escolas e até espaços geralmente mais integralistas como a igreja<sup>108</sup>.

Outra consequência sentida pela população de Luanda foi uma grande especulação financeira que recaia sobre a renda dos moradores, causando um “boom” imobiliário com elevação dos preços, obras de urbanização e medidas arbitrárias através de decisões de cunho administrativo que resultaram no deslocamento das famílias negras e mestiças, e que não eram necessariamente as mais pobres, para a periferia da cidade<sup>109</sup>. Abaixo, transcrevo uma passagem da fala de Amadeu Amorim, músico do Ngola Ritmos e ex preso do “Processo dos 50”, retirado de uma entrevista que ele concedeu a este trabalho e que vai ao encontro dos dados elencados até aqui<sup>110</sup>.

Sim, eu nasci lá na Ingombota, mas depois meu pai morreu e ficamos em dificuldades financeiras e fomos sendo empurrados cada vez mais pros musseques já porque a cidade baixa acabava mais ou menos na Ingombota. E assim de repente vocês não sabem o que que é o mercado do Kinaxixe. (...)

Kinaxixe, ali acabava a cidade. Pra cima começava os musseques. Então nós fomos andando, andando, andando... até que chegamos aqui ao Bairro Operário. E minha mãe estava aqui e eu também e ela morre (?) aqui quando eu tinha mais ou menos uns 14, 15 anos, mas ficamos por aqui no Bairro Operário porque, porque a zona, os portugueses tinham um, tinham afastado aquela gente e acabaram por se manter aqui no Bairro operário. Ficaram aqui uma espécie de gueto onde estavam os intelectuais todos angolanos, os serralheiros, mecânicos, tinham um certo nível (?) ficaram aqui nesta zona. E foi aqui onde começou a luta pela independência praticamente mais evoluída já. Por que? Porque os intelectuais ficaram aqui nesta área misturaram-se com as pessoas que viviam por aqui e fomos ouvindo, fomos conversando, fomos sabendo, fomos aprendendo outras situações, de tal maneira que no Bairro Operário foi onde fizeram os primeiros panfletos e também onde nasceu o conjunto Ngola Rítimos<sup>111</sup>.

As falas destacadas no trecho acima descrevem um olhar, de dentro, sobre o processo de afastamento das populações locais do centro em direção à bairros mais afastados, sempre em direção as margens onde encontravam-se os musseques. Amadeu Amorim, mesmo pertencente

<sup>108</sup> MEDINA, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013. E ainda: BITTENCOURT, Marcelo. *Dos Jornais às armas. Trajectórias da Contestação Angolana*, Lisboa: Vega.

<sup>109</sup> NETO, Maria da Conceição. Breve Introdução Histórica. In. Medina, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013.

<sup>110</sup> Entrevista realizada com Amadeu Amorim, 09 de Setembro de 2019. Acervo Pessoal.

<sup>111</sup> Idem.

a uma elite econômica, integrando o grupo dos mestiços angolanos e sendo um assimilado, foi prejudicado frente a prioridade na acomodação, por parte do governo colonial, aos imigrados portugueses. As Ingombotas, por exemplo, por sua posição geográfica mais central foi destinada a ocupação dos metropolitanos em detrimento dos grupos locais que lá já moravam e assim, foram obrigados a transitarem a procura de outros espaços de habitação.

Pelo que podemos depreender da entrevista de Amorim, não só sua família, mas muitos da elite assimilada deste período foram obrigados a migrarem, transformado o Bairro Operário, destino de muitos deles, a nova “coqueluche” por onde moravam, transitavam e se manifestavam muitos dos intelectuais. Os mais pobres e “indígenas” tiveram que migrar cada vez mais à margem da cidade, principalmente por questões econômicas, surgindo assim os principais musseques da época. Estes dados, nos fazem pensar sobre as relações entre as várias camadas da estratificação social da colônia e como o desenho geográfico luandense foi redesenhado a partir dos lugares destinados a elas. Percebe-se não só um movimento de favorecimento aos chegados da metrópole, como o deslocamento do corpus trabalhador: serralheiros, mecânicos, comerciantes, etc, além dos intelectuais, mostrando que a população prejudicada nem sempre eram “indígenas” ou faziam parte da população mais pobre<sup>112</sup>.

Surgem também no contexto desta década, importantes transformações políticas que sacudiram boa parte do continente africano, como as lutas e os tratados de independência das colônias francófonas e anglófonas, além do enaltecimento das pautas em torno da valorização do “negro” e por conseguinte da África, debatidas pelo Movimento da Negritude e do Pan africanismo<sup>113</sup>. E ainda, na direção dos debates internacionais há de se destacar também a mudança do estatuto colonial para o estatuto ultramarino. A intenção desta alteração foi contornar a exigência internacional de autodeterminação dos povos colonizados feita pela Organização das Nações Unidas (ONU), mas que na prática pouco ou nada surtiu efeito na vida da colônia. São Neto vai dizer, no seu texto “Breve Introdução Histórica”, que a revisão constitucional de 1951 seguiu um modelo que se dizia de “integração”, contudo na prática, não havia direitos iguais, unidade de moeda e continuava com a distinção jurídica e prática entre “cidadãos” e “indígenas”. Desta forma em 1953, a Lei Orgânica do Ultramar português passou

<sup>112</sup> Depoimento de Carlos Alberto Van-Dúnen ex militante do MPLA. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012. E Entrevista realizada com Amadeu Amorim, 09 de Setembro de 2019. Acervo Pessoal. E ainda: NASCIMENTO, Washington Santos. *Memórias Crioulas sobre as Políticas de Assimilação Colonial em Angola (1926-1975)*. Revista RBBA. ISSN 23161205. Vitória da Conquista, V. 4 nº 1, p. 101 a 115, Julho 2015.

<sup>113</sup> ANDRADE, Mario Pinto de. *Mário Pinto de Andrade, Uma Entrevista dada a Michel Laban*. Ed, Sá da Costa, Lisboa, 1997. E ainda: MEDINA, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013.

a substituir a Carta Orgânica do Império Colonial, o que em termos jurídicos alterou a ideia de colônias para a ideia de províncias<sup>114</sup>.

O contexto do interior também possui elementos caros as nossas reflexões. Os acirramentos sociais aumentaram consideravelmente no meio rural. Sendo este um contexto normalmente mais duro em relação aos trabalhadores. A legislação Laboral referente à Angola vem desde o “Regulamento do trabalho dos Indígenas das colônias”, datado de 1899, e só teve algum tipo de revisão na metade da década de 1950. Ela incentivava o trabalho forçado fosse ele “compelido” ou “correcional”, tanto em “obras de interesse público”, fosse pelo regime de “contrato” ou não, quanto por instituições privadas e usava como recurso o recrutamento de mulheres, crianças, além dos homens, que na maioria das vezes acontecia sobre a chancela dos chefes das aldeias, sobas locais e com a conivente intervenção ilegal da autoridade administrativa da região<sup>115</sup>.

Como a política é reflexo do seu tempo, o discurso político também o é, por mais a frente que ele possa parecer. O estereótipo como diz Stuart Hall é fundamental para o exercício da violência simbólica e também atua na demarcação de lugares e assegura confinamentos em determinados espaços sociais<sup>116</sup>. Desta forma ao avançar da década e especialmente com a implementação da PIDE/DGS nas colônias a partir oficialmente de 1954, endurecendo e muito as relações cotidianas, o governo Português construiu um discurso e uma prática voltados a realçar os estereótipos e assim “legalizar” as punições. O Estado Novo teve como método a tentativa a todo custo de asfixiar a formação de organizações para reivindicação de direitos, o que aliado à pouca ou nenhuma política de promoção de bem estar social até então, aumentou a violência racial e segregou ainda mais os espaços coletivos<sup>117</sup>.

Mesmo tendo uma postura liberal na economia, Portugal, do ponto de vista político, concentrava todo o poder no Estado e também era assim nas colônias. É importante a reflexão de que o domínio de uma sociedade culturalmente diversa por uma classe dominante que manipula a cultura desta sociedade: crenças, manifestações, valores e costumes... atua de modo que a visão de mundo imposta por essa elite se torne uma norma cultural. Trazendo para este

---

<sup>114</sup> NETO, Maria da Conceição. Breve Introdução Histórica. In: Medina, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013.

<sup>115</sup> Idem. P. 37

<sup>116</sup> HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

<sup>117</sup> Depoimento de Carlos Alberto Van-Dúnen ex militante do MPLA. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012. E: Entrevista realizada com Amadeu Amorim, 09 de Setembro de 2019. Acervo Pessoal. E: REIS, Fidel. *Era uma vez... O Campo Político Angolano [1950-1965]*. Ed. Narrativa Editoras: Lisboa, 2018. E ainda: MEDINA, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013.

trabalho um pouco do que nos apresenta Mbembe nos seus estudos sobre a Necropolítica, percebemos que a ideologia dominante é universalmente válida e justifica o status social, político e econômico imposto como algo natural, inevitável, perpétuo e benéfico a todos e não como uma construção social artificial que beneficia apenas àqueles que domina.<sup>118</sup>

É essa uma amostra da hegemonia cultural empregada por Portugal nas colônias, na qual ao negligenciar medidas de bem-estar social ao grosso da população, naturalmente gerou um círculo de resistência a este modelo. Esse cenário liberal, onde liberdade serve apenas a uma classe específica, continua significando o domínio pela burguesia sobre os meios de produção e o aparato do Estado a controlar e coibir os corpos subalternizados. O controle de quem deve viver ou morrer é o que está na prática política do governo salazarista, aliado aos usos da noção de raça e da burocracia na manutenção deste sistema<sup>119</sup>.

O Estado moderno não pode, moralmente falando, matar, então ele constrói uma lógica para ter esta permissão. Temos então um Estado de exceção, no qual o *modus operandi* requisita o direito a dispor da vida e do corpo social. Cria-se então uma política de inimizade para se mobilizar o povo em torno de um inimigo e assim buscar uma legitimação na morte. Se o inimigo eleito pelo Estado estiver dentro, este então se tornará o mais perigoso. É aquilo que veremos em “Necropolítica” de Achille Mbembe, referenciado como a noção ficcional do inimigo<sup>120</sup>.

O colonialismo, como nos afirma Mbembe, junto com a escravatura, foram dois pilares daquilo que ele classifica como Necropolítica, sendo esta prática a carta jogada pela PIDE para a manutenção do modelo colonial. A partir da década de 1960 o Estado percebe que só a violência não surtaria em mecanismos eficientes de controle, pois em toda história da humanidade toda tentativa de desumanização de um grupo ou alguém, encontrou reações, gerando muitas vezes revoluções de grande ou menor escala. É aí então que surge o projeto de “adocicar” as massas por vias de distribuições de lazer vigiado que ganhará o nome de ação psicossocial<sup>121</sup>.

Portanto, acontecimentos como a notícia dos processos de independência de várias colônias africanas, a instalação da PIDE, aumento da exploração do trabalho, violência e racismo, marcaram a vida na colônia nesta década e contribuem para o aparecimento de células clandestinas, onde toda uma nova geração angolana anticolonialista surge. O trânsito de

---

<sup>118</sup> MBEMBE, A. *Necropolítica*. Madrid: Melusina, 2011.

<sup>119</sup> *Idem*.

<sup>120</sup> *Idem*.

<sup>121</sup> *Idem*. E ainda: REIS, Costa. *Ação psicossocial no conflito ultramarino 1961/74. Lições e ensinamentos retirados, passíveis de utilização em operações de paz*. Editora IUM, 2000.  
<http://hdl.handle.net/10400.26/12286>

informações e ideias em espaços diversos foi assegurado por uma rede de relações sociais como laços familiares, muitos jovens entraram no movimento clandestino influenciados por tios, primos, pais e irmãos mais velhos; migrações por motivos de trabalho, muitos angolanos foram trabalhar e se fixaram no Congo durante esta década, por exemplo; por instituições religiosas como a igreja, principalmente a protestante <sup>122</sup>.

É a partir destas análises que passamos a entender a relação de certas profissões com um percurso político frente ao desarranjo colonial. Neste sentido é que destacamos a importância da profissão de enfermeiro para que Uanhenga Xitu fizesse política e depois viesse a se tornar um político, atingindo através da profissão, com uma considerada abertura nas camadas populares, especialmente as rurais, um começo de trajetória que o levou, no futuro, a integrar a elite política do seu país dotando-o de capital social, cultural e político que alicerçarão ao decorrer dos anos a formação do seu capital simbólico. Estes profissionais acabavam por gozar da confiança da população e aproveitaram disso para trabalhar no convencimento das populações à necessidade da autodeterminação<sup>123</sup>.

## 2.2 Os Trânsitos do Enfermeiro Político

Sendo o meio rural, o lugar onde o médico não chegava e onde as práticas da enfermagem poderiam ser entendidas como práticas de cura a exemplo do que faziam os quimbandas e onde muitas vezes estas práticas e relações hibridizavam-se no cotidiano e possivelmente, é uma hipótese, no imaginário coletivo rural. Os enfermeiros acabavam por gozar da confiança da população e aproveitaram disso para não só fazer uso do conhecimento “ancestral moderno” de curar, como o uso das palavras na preparação das mentes como um mestre artífice, no convencimento das populações a se voltarem contra a subjugação colonial<sup>124</sup>.

<sup>122</sup> ANDERSON, Perry. Portugal e o ultracolonialismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. E ainda: FREIXO, Adriano de, «As Pressões Internacionais e a Crise do Último Império: A Política Colonial Portuguesa nas Décadas de 1950 e 1960», Associação Nacional de História – ANPUH, XXIV Simpósio Nacional de História, São Leopoldo, 2007.

<sup>123</sup> SIQUEIRA, Nathalia Rocha. *A construção do invisível no espaço literário angolano em vozes na sanzala e sua relação com a herança cultural e religiosa brasileira e, principalmente, afrodescendente*. Semana de História Política. ISSN 2175-831X. UERJ, 2015.

<sup>123</sup> AGUIAR, Itamar Pereira de; NASCIMENTO, Washington Santos; SIQUEIRA, Nathalia Rocha. *Vozes da Sanzala: Simbologias Kimbundu e Trânsitos Religiosos em Angola e no Brasil*. Transversos: Revista de História. Rio de Janeiro, v. 06, n. 06, out. — mar. 2016.

<sup>124</sup> SIQUEIRA, Nathalia Rocha. *A construção do invisível no espaço literário angolano em vozes na sanzala e sua relação com a herança cultural e religiosa brasileira e, principalmente, afrodescendente*. Semana de História Política. ISSN 2175-831X. UERJ, 2015.

<sup>124</sup> Idem.

Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho foi nomeado por portaria de 23 de abril de 1947 para exercer internamente a suas funções de enfermeiro auxiliar de segunda classe do quadro de enfermagem dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, por portaria de 12 de março de 1947. Tomou posse em 14 de maio do mesmo ano, recebeu guia na direção no dia 15 maio para se apresentar na direção dos hospitais de Luanda, onde ficou a prestar serviço. Apresentou-se então na direção dos hospitais de Luanda em 5 de agosto de 1947 e foi colocado por portaria de 4 de junho de 1947 na Delegacia de Saúde de Cacongo. Recebeu guia em 13 de outubro de 1947 para seguir para Lândano e lá com destino a Secretária de Saúde do Cacongo da qual pertencia o Posto Sanitário do Dinge, onde ele começou a trabalhar<sup>125</sup>.

Dentro de um contexto de finais da década de 1940, Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho termina a sua formação profissional. Em 1947 no mesmo ano no qual se formou em Luanda, ele seguiu para o Dinge, transferido para o posto de saúde da localidade. De acordo com a documentação aqui analisada, foi através de uma certidão emitida por José Correia Soares Junior, primeiro oficial do quadro administrativo dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, chefe da secretaria do Hospital Central de Luanda, que oficialmente foi confirmado a sua aprovação como enfermeiro de segunda classe<sup>126</sup>.

Para exercer o serviço público, embora ao que parece pela documentação, ele não fosse um funcionário público ainda, a burocracia, típica do governo português, exigia o cumprimento de algumas etapas sociais destinadas a quem poderia ser um funcionário do governo. No caso dos “locais”, a primeira delas era ter a categoria jurídica de “assimilado”. Nesta direção, tinha que estar em dia com o Serviço militar e de acordo com as regras impostas no que concerne a tipificação de um comportamento moral e civil que tem por princípio negar a qualquer manifestação de comunismo, a qualquer atitude ou comportamento subversivo<sup>127</sup>.

A partir da diplomação de Mendes de Carvalho, este capítulo se dedicará a importância dos trânsitos, do seu poder de mediação e nas contradições durante este seu percurso profissional. Já que o enfermeiro Mendes de Carvalho começou, a partir da sua prática laboral, a transitar por escolha ou não, em várias regiões de Angola, formando uma rede de conhecimento, de comunicação e de relações e práticas sociais, culturais e políticas. Sua caminhada profissional que desembocará na sua práxis anticolonialista iniciou-se já em 1947<sup>128</sup>.

<sup>125</sup> Portaria de 23 de abril de 1947 e Portaria de 4 de junho de 1947. E ainda: certidão de 15 de Janeiro de 1948. Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

<sup>126</sup> Certidão de 14 de Fevereiro de 1947. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

<sup>127</sup> Idem. E ainda: Certidão de Distrito de Recrutamento e Mobilização de Fevereiro de 1947. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). Ver também: Declaração de integração na ordem social de Dezembro de 1947. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

<sup>128</sup> Guia da Direção dos Serviços de Saúde e Higiene em 13 de Outubro de 1947. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). Portaria de 23 de abril de 1947 e Portaria de 4 de junho de 1947. E ainda: certidão de 15 de Janeiro de 1948. Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

Uanhenga Xitu parte para Lândana já em finais da década de 1940, década esta cujo contexto social, em Angola foi introdutora de mudanças geradas pelo incentivo migratório do Estado Novo, que afetariam de forma decisiva o cotidiano social e político da colônia. Sendo a década seguinte o “boom” do acirramento entre imigrantes portugueses e naturais de Angola e suas interfaces como acirramento da questão racial, da relação Estado e sociedade, das relações de trabalho, por exemplo. Podemos dizer que já ao final desta década, a sociedade colonial sentia no seu seio, os reflexos que viriam a se agravar de uma migração, em comparação com os dados anteriores, em grande número de metropolitanos para viverem nas colônias, ocuparem os cargos mais elevados, serem os superiores nas relações de trabalho, sendo qualificados ou não<sup>129</sup>.

Desta forma a dinâmica colonial que sempre foi de natureza violenta, especialmente a partir da ascensão do Estado Novo, foi intensificada e mais ainda politizada, com uma enorme carga de violência política na tentativa de dar conta das fraturas sociais geradas pela garantia de direitos totais e privilégios aos portugueses que chegavam em detrimento dos locais, isso falando de “assimilados”, já que os direitos dos classificados como “indígenas” beirava a quase nenhum dentro da estratificação social da época<sup>130</sup>.

Voltando aos trânsitos laborais de Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho, que se iniciava ainda nesta década, é possível perceber através do trecho do documento abaixo, que para tomar posse no serviço público, o caminho era extremamente burocrático. Ele precisou de várias declarações de nada consta e de ter andado na linha em relação à noção de ordem social. A análise de vários de seus documentos administrativos nos colocou em frente à necessidade de controle dos órgãos do governo sobre os indivíduos da colônia, especialmente os “assimilados” e “da raça negra”, não só para manter um sistema de vigilância típica de regimes autoritários, mas também para concessão ou não de algum tipo de “privilégio” dentro do funcionalismo estatal<sup>131</sup>.

A obtenção das certidões nada consta nos sugere algum tipo de contradição no percurso do enfermeiro, já que de acordo com informações obtidas juntos à Fundação Uanhenga Xitu,

---

<sup>129</sup> NETO, Maria da Conceição. Breve Introdução Histórica. In. Medina, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013. E ainda: PIMENTA, F. T. O Estado Novo português e a reforma do Estado colonial em Angola: o comportamento político das elites brancas (1961-1962). *Revista História*, São Paulo, v.33, n.2, jul./dez. de 2014, p. 250-272. E ainda: Guia da Direção dos Serviços de Saúde e Higiene em 13 de Outubro de 1947. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

<sup>130</sup> Idem. E ainda: NASCIMENTO, Washington Santos. *Gentes do Mato: os "novos assimilados" em Luanda*. 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2013.

<sup>131</sup> ARENDT, Hannah. *O sistema totalitário*. Lisboa: Dom Quixote, 1978. E ainda: Atestado dado pelo Administrador do Conselho de Luanda, 1948. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

neste ano, por exemplo, o enfermeiro trabalhou nas plantações de Macozo, Ltda, - Dondo – Empresa de sisal, onde ao atuar na enfermagem, organizou o levante dos trabalhadores contratados vindos da Damba e Maquela do Zombo. Acusado então como agitador foi levado pelo gerente Tenente Cabrita e pelo guarda-livros Sr. Freitas até ao Dondo, à administração do conselho<sup>132</sup>.

O administrador à época chamava-se Marinho Nunes. De acordo com informações colhidas junto a família, a acusação não pôde ser provada, já que ele contou com as ajudas do Velho Domingos Camanga e do Manuel Torres Vieira Dias, para “abafar” o caso. Todavia ainda sim foi expulso do Dondo, de acordo com os relatos dos seus familiares e da Fundação Uanhenga Xitu<sup>133</sup>.

Não foi possível achar documentação sobre esta expulsão, nem sobre sua prática “subversiva” nesta época, nos documentos na qual esta pesquisa teve acesso, nada consta contra ele neste período, porém de fato, há documentos que mostram que o enfermeiro residiu na Vila do Dondo por volta de outubro deste ano. O que nos faz então colocar a informação dentro de uma “caixa” destinada à especulações no que concerne a trajetória desta personagem da vida real, mostrando a importância dos relatos para a construção da escrita da história, levando em conta os devidos cuidados científicos ao se usar este tipo de fonte.

Não foi encontrado nenhum registro pessoal do enfermeiro Mendes de Carvalho sobre este período ou ação específica, mas sua biografia nos sugere que esta possibilidade é real, portanto, mesmo não podendo ser provado, julgamos ser importante registrar este relatos, que ficaram na “prateleira” das hipóteses sobre o que sua história comprovadamente pode nos contar.

Apesar de não ser possível comprovar os dados biográficos cedidos pela FUX, surge, como coincidência ou não, um documento que levanta a possibilidade do seu envolvimento com o levante dos trabalhadores no Dondo. Trata-se de mais um certificado, neste caso, do registro Criminal e, mesmo que nele nada contasse de ilegal, é interessante que tivesse sido requerido pelas autoridades. Como a família afirma que não foi possível provar, talvez tenha sido este o motivo da anexação no seu histórico e ainda sim, nenhum tipo de acusação formal na sua documentação. Pois consultar o arquivo criminal de alguém não é, especialmente

---

<sup>132</sup> Relatos biográficos cedidos pela Fundação Uanhenga Xitu, entre 2018 e 2019, através de E-mail.

<sup>133</sup> Idem.



naquele contexto, um gesto gratuito. São hipóteses factíveis de serem levantadas, portanto<sup>134</sup>. Segue abaixo o fragmento do documento analisado:

Certifico que dos boletins arquivados neste arquivo geral, NADA CONSTA contra AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO, filho de André Gaspar Mendes de Carvalho e de Luiza Miguel Fernandes, natural de Calamboloca (...) de 24 anos de idade, estado solteiro, profissão enfermeiro e residente em Vila do Dondo. Este certificado destina-se a FUNÇÕES PÚBLICAS<sup>135</sup>.

Pela análise dos documentos administrativos, o enfermeiro já pedia à época, fevereiro de 1948, a exoneração do serviço no Dondo. É provável que seu descontentamento tenha sido fruto de alguma repressão, violência racial e condições ruins de trabalho, as três não se excluem, e assim o tenha levado a pedir exoneração ao Governador Geral de Angola por meio de ofício. E como a estrutura colonial era extremamente burocrática, uma das hipóteses que podemos aventar é que com a demora na permanência, acabou por se envolver em conflitos de natureza política naquela região. Se a informação da família estiver correta, a hipótese que podemos levantar é a de que o Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho foi exonerado do cargo no Dondo, à princípio, pedido dele e, ao não conseguir, as autoridades locais, provar seu envolvimento com atividades consideradas subversivas, não deixou de estar atenta a um possível comportamento que questionasse a ordem estabelecida<sup>136</sup>.

Outro aspecto importante que a documentação destaca é a forma como o governo colonial parecia tentar cobrir a necessidade de uma localidade transferindo de forma recorrente seus funcionários de um local de trabalho a outro. Percebe-se um intenso trânsito dentro das próprias Delegacias de Saúde que abarcavam mais de uma unidade, na qual os enfermeiros eram mandados no mesmo ano a trabalhar em diferentes Postos. Mendes de Carvalho, só a cargo de ilustração, em 1948 foi transferido para o Dingo, mas trabalhou no Dondo que pertencia a mesma Delegacia, no caso específico Cacongo. Claramente é um demonstrativo de como era frágil a política de saúde colonial, especialmente fora da região de Luanda e com certeza ainda mais nos postos destinados a cuidar majoritariamente das populações fora do centro e de maioria “indígena”<sup>137</sup>.

Voltando-se ao percurso do enfermeiro, no mesmo ano ele pediu ao Governo Geral de Angola o direito de anexar documentos que atestasse coisas como: certidão de cadastro

---

<sup>134</sup> Certificado de Registro Criminal em 3 de Outubro de 1948. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado)

<sup>135</sup> Idem.

<sup>136</sup> Ofício enviado por Mendes de Carvalho ao governador geral de Angola, em 3 de Fevereiro de 1948. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

<sup>137</sup> Idem.

biográfico, certidão de ter satisfeito as leis militares, mapa da junta de Saúde da Colônia, estado de comportamento moral e civil e a declaração do comunismo; logo depois, a certidão de idade, a certidão do curso de enfermagem e o atestado do seu comportamento como Agente Sanitário nos serviços de assistência médica aos indígenas, ofício que exerceu antes de se formar, e do combate à doença do sono, com a finalidade de prestar concurso aberto para enfermeiro auxiliar de segunda classe, pela Direção dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola<sup>138</sup>. Acompanhe o documento abaixo:

Agostinho André Mendes de Carvalho, enfermeiro auxiliar de segunda classe, interino [...] desejando fazer parte do concurso documental aberto na Direção dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, para enfermeiro auxiliar de segunda classe, mui respeitosamente requer a V. Ex.<sup>a</sup>. Se digne mandá-lo admitir ao referido concurso; junta 5 documentos: certidão de cadastro biográfico, certidão de ter satisfeito as leis militares, mapa da junta de Saúde da Colônia, atestado de comportamento moral e civil e a declaração do comunismo; encontram-se no seu processo individual: a certidão de idade, a certidão de 2º ano do curso elementar de enfermagem, o diploma de 2º grau e o atestado do seu comportamento como agente sanitário dos Serviços de Assistência Médica ao Indígena e do combate a Doença do Sono<sup>139</sup>.

O fato descrito acima mostra que a sua colocação como enfermeiro era dentro do quadro administrativo quase que terceirizada, semelhante a algumas lógicas de trabalho atuais, não é difícil imaginar que se um funcionário público, “assimilado”, passava por relações de trabalhos opressoras, um “terceirizado” provavelmente lidava com condições laborais bem piores e com pouquíssimo ou nenhum direito assegurado. Além disso, a constante burocratização em torno das práticas profissionais ligadas ao governo vai aparecer em todas as documentações aqui analisadas, trazendo à constatação de que mesmo sendo contornada e muitas vezes era, as redes de controles das populações eram complexa e bem estruturadas no contexto colonial<sup>140</sup>.

Em 1949 as principais decisões dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola passavam pela autorização final do governador Geral à época. Tendo sido sancionado então pelo governador, o enfermeiro foi transferido para Silva Porto, embarcando em 28 de dezembro do referido ano e já comprometido com Maria de Carvalho, mesmo ainda constando nos documentos o estado civil de solteiro. Este fato comprova-se, já que o enfermeiro pediu passagens para a companheira e a filha ao custo do governo, tendo que provar por intermédio de certidão, o nascimento da mesma e ao fazê-lo, foi lhe dado dentro do aspecto legal do

<sup>138</sup> Ofício mandado para o Governo Geral de Angola, em 24 de Janeiro de 1948. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

<sup>139</sup> Ofício mandado para o Governo Geral de Angola, em 24 de Janeiro de 1948. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

<sup>140</sup> Sobre burocracia e totalitarismo, ver: ARENDT, Hannah. O sistema totalitário. Lisboa: Dom Quixote, 1978.

funcionalismo público, as condições de levar para perto de si a sua família, instituição valorizada pela cultura colonial, cristã e eurocêntrica<sup>141</sup>.

A esta época, o Governo Geral de Angola estava entregue ao José Agapito da Silva Carvalho que exerceu o cargo até a mudança de colônia para província, dentro das manobras feitas pelo governo de Salazar na tentativa de frear a pressão internacional a países que ainda colonizavam outros territórios. Assim seria governador por mais dois anos. Neste mesmo contexto, na colônia tínhamos os ecos do Movimento cultural e literário: *Vamos Descobrir Angola*. Este movimento que surge no ano anterior, extrapolou os limites de manifestação artística e acabou por se tornar uma ferramenta política à mão<sup>142</sup>.

Sendo a cultura um campo de disputa onde várias matrizes culturais e políticas se relacionam, a construção de um discurso literário contestador em um cenário pós 2ª guerra, onde boa parte do mundo se debruçava sobre os rumos políticos da humanidade, não é coincidência e sim um projeto político cultural engajado, muitas vezes panfletário, na tentativa de dar voz a um movimento de resistência muito ainda insólito, porém que ganhará um corpo prático a partir da década que se iniciará no horizonte angolano<sup>143</sup>.

Voltando ao contexto pessoal do Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho, um documento feito ainda em 1948 e assinado pelo Director dos Serviços, Francisco Simões do Amaral mostra a transferência do enfermeiro Carvalho para sua nova localidade de trabalho. Onde efetivamente atuará a partir de 1949 e ficará até 1950. Nesta região, Bié, de acordo com os dados biográficos da FUX, agitou não só um grupo de trabalhadores da saúde como também os alunos da enfermagem contra as injustiças raciais praticadas pelo Dr. Paiva Martins e contra as medidas tomadas pelo governador da região à época, Hortêncio de Sousa. Não obstante agita ainda um grupo de trabalhadores contratados, repatriados de São Tomé para Menongue<sup>144</sup>.

Os dados biográficos produzidos pela FUX, refere-se nos seus relatos que na maioria das vezes, suas recorrentes transferências foram “expulsões” por envolvimento em situações de agitação política, porém, o que a documentação nos diz é que estes constantes deslocamentos se dão pela necessidade de enfermeiros em outras localidades ou pedidos de trocas com

<sup>141</sup> Certidão emitida pelo Diretor dos Serviços Francisco Simões do Amaral ao Diretor dos Serviços de Fazenda e Contabilidade, em 15 de Dezembro de 1949. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

<sup>142</sup> Exerceu o cargo de Governador-Geral da Província de Angola entre 1947 e 11 de Junho de 1951, data a partir da qual Angola deixou de se denominar “*Colônia*” para passar a denominar-se “*Província de Angola*”, tendo já sobe esta nova denominação exercido o mesmo cargo entre 11 de Junho de 1951 e 1955. Foi antecedido por Fernando Falcão Pacheco Mena e sucedido por Manuel de Gusmão de Mascarenhas Gaivão. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9\\_Agapito\\_da\\_Silva\\_Carvalho](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Agapito_da_Silva_Carvalho).

<sup>143</sup> 10 BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. p. 20.

<sup>144</sup> Certidão emitida pelo Diretor dos Serviços Francisco Simões do Amaral ao Diretor dos Serviços de Fazenda e Contabilidade, em 15 de Dezembro de 1949. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E ainda: Relatos biográficos cedidos pela Fundação Uanhenga Xitu, entre 2018 e 2019, através de E-mail.

companheiros, requeridas pelo próprio enfermeiro, sempre negadas se causassem alguma despesa ao Estado e sempre aceitas quando fosse uma troca simples com outro profissional também disposto a mudar de localidade, como veremos no decorrer da documentação. O fato do nome dele está constantemente envolvido em trocas, levanta hipóteses de que por sua provável indisciplina e/ou envolvimento em agitações, fosse sempre um predileto a ser transferido em uma tentativa de controle das relações trabalhistas nos postos onde atuava.

Novamente, no estágio atual deste trabalho não há como provar a informação da família, carece de documentações, trataremos então como hipóteses levantadas pelo testemunho oral e por isso estão carregadas de subjetividade, mas consideramos valer o registro<sup>145</sup>. Contínuo a isso, em novembro do ano que passou o enfermeiro segue para Silva Porto, onde atuará nos anos de 1949 e 1950.

É a partir da sua transferência para Silva Porto que a documentação demonstra o enfermeiro como um funcionário de ordem pública, com os direitos e deveres como pagamentos de taxas aos cofres da Previdência dos funcionários do governo, o que nos faz crer que foi aprovado no concurso para o funcionalismo, mas ainda sim na prática, pela quantidade de transferências e dificuldades financeiras não faz crer que foi um salto realmente qualitativo no exercício da profissão.

A profissão de enfermagem, era por si só subalternizada, especialmente de 2ª classe, provisório e sendo um homem preto. As relações de trabalho frente às autoridades colônias: Médicos, chefes de Postos e até mesmo Chefes das comunidades locais eram complicadas. Ao mesmo tempo que criaram redes de relacionamentos que serão responsáveis no futuro, por ajudar ele e sua família, também foi cercada de opressão, exploração e preconceito racial<sup>146</sup>.

Em finais de 1949, Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho já se encontrava casado com Maria António Jorge e com uma filha de pouco nascida. O governo colonial custeou a passagem de sua mulher e filha Luiza Maria Fernandes de Carvalho, para viverem junto dele. O que prova que mesmo com toda burocracia e questões trabalhistas sob o julgo colonial, o Estado dava algum tipo de suporte aos seus funcionários e suas famílias, especialmente pelo fato de atuarem em prol da manutenção da engrenagem do governo. As constantes transferências, como veremos no decorrer deste capítulo, foi sempre um dificultador para um processo de adaptação e uma tentativa de que estes funcionários não criassem “raízes” e assim dificultando qualquer

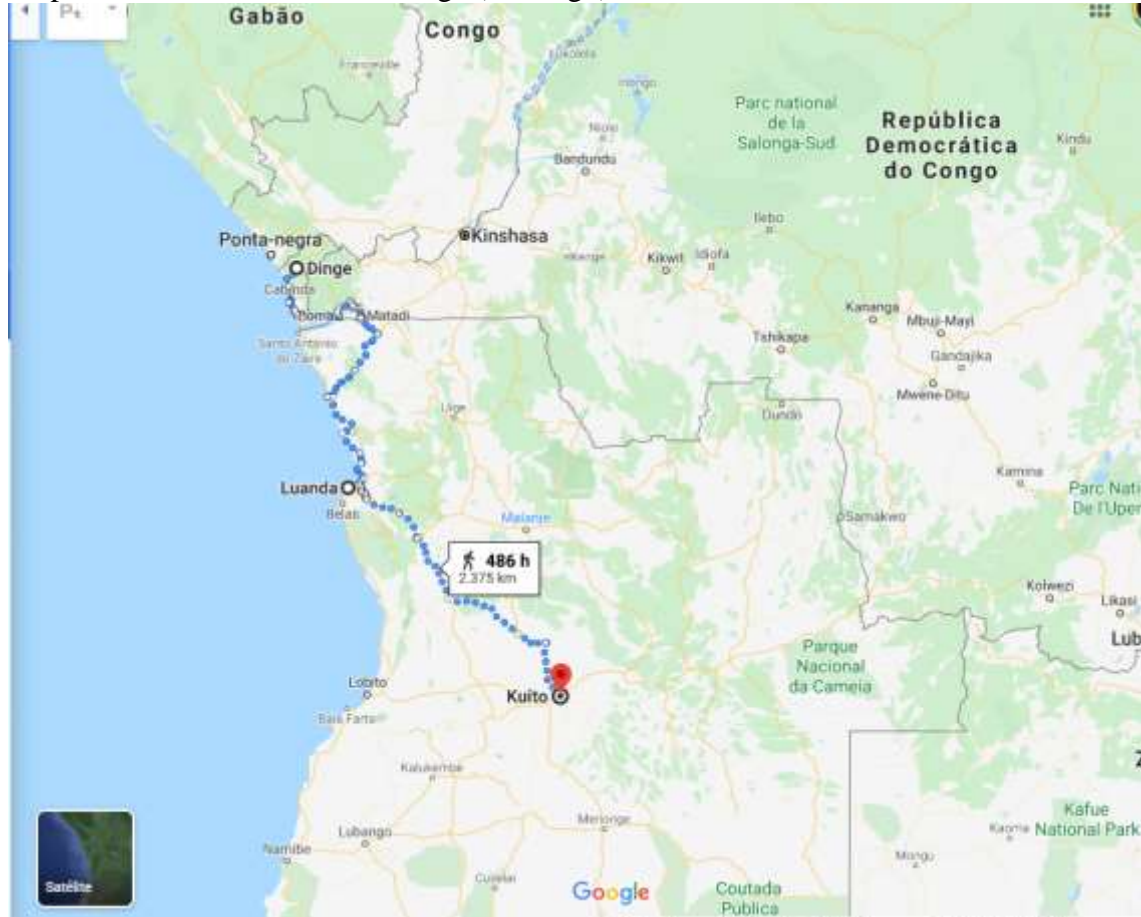
---

<sup>145</sup> SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

<sup>146</sup> Boletim de Inscrição no Cofre da Previdência dos Funcionários Públicos de Angola, em 12 de Janeiro de 1949. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

tipo de organização trabalhista duradora e mantendo o controle dos trabalhadores dos quadros administrativos<sup>147</sup>.

Mapa 2 - Percurso: Luanda – Dingo (Caçongo) – Silva Porto



Fonte: Google Maps

### 2.2.1 O Começo de uma Década Decisiva

Em 1950, mais uma transferência. Foi transferido reciprocamente com o enfermeiro Cristóvão de Oliveira Fortunato para trabalhar em Sá da Bandeira. Ele foi mandado para esta região, mas precisou retardar sua presença, pois integrava parte de uma das equipes que no Bié e Andulo, executavam serviços especiais ordenados pelos Serviços de Saúde e Higiene de Angola. Infelizmente na documentação da qual tivemos acesso, não foi possível informar exatamente que trabalho era esse e nem sua família soube dizer, mas é bem provável que estivesse relacionado com a contenção de algum surto patológico nestas regiões. Ao fim,

<sup>147</sup> Certidão emitida pelo Diretor dos Serviços Francisco Simões do Amaral ao Diretor dos Serviços de Fazenda e Contabilidade, em 15 de Dezembro de 1949. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E ainda: Informativo 28 de Dezembro de 1949. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

apresentou-se na inspeção no dia 20 de setembro, onde deveria seguir para a nova localidade de trabalho designada<sup>148</sup>.

Os anos 1950 iniciaram um período fundamental para os rumos políticos de Angola. Foi a década de maior imigração de naturais da metrópole para as colônias, entre elas, claro, a angolana. Como consequência toda a estrutura social desta região foi intensamente desarranjada, especialmente nas cidades, mas não só, dando início à uma convulsão política que culminará na década seguinte, com a luta armada contra o governo português. De acordo com Maria da Conceição Neto, no seu texto *Breve Introdução Histórica*, no ano de 1950 menos de 1% da população negra de Angola estava oficialmente na categoria de “civilizada” ou “assimilada”, sendo que em Luanda este percentual aumentava 10%<sup>149</sup>.

Dentro deste contexto, o que se encontrava do ponto de vista das dinâmicas sociais entre Estado e sociedade não “assimilada” e especialmente não branca eram prisões arbitrárias, exploração e torturas, como as rusgas, que faziam parte da violência política dos portugueses e por extensão, dos povos por eles colonizados. Já no começo da década, aliado a grandes mudanças sociais, a situação econômica, questões de política interna, somando-se a isso o conhecimento das agitações políticas de outras colônias em África; as contestações ao domínio português vão ganhando contornos, ao longo da década, cada vez mais anticoloniais<sup>150</sup>.

No contexto laboral, Uanhenga Xitu- Mendes de Carvalho, por nova exigência, precisou enviar diversos documentos ao seu novo posto de trabalho. Ao se apresentar em outro local e/ou região, tinha que se declarar de acordo com a ordem social estabelecida pela constituição política de 1933, não ser subversivo e repudiar todas as práticas consideradas comunistas. Em 13 de outubro ele já estava em Sá da Bandeira, atual Lubango. Se apresentou no dia 6 do mesmo mês, vindo da inspeção do círculo sanitário de Bié, onde ele trabalhava em Silva Porto, atual Cuíto, e na mesma data iniciou as funções no hospital regional de Lubango (Sá da Bandeira) para onde foi transferido por portaria 21 de junho de 1950, atuando agora no círculo Sanitário de Huíla<sup>151</sup>.

---

<sup>148</sup> Idem.

<sup>149</sup> NETO, Maria da Conceição. *Breve Introdução Histórica*. In. Medina, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013. E ainda: PIMENTA, F. T. O Estado Novo português e a reforma do Estado colonial em Angola: o comportamento político das elites brancas (1961-1962). *Revista História*, São Paulo, v.33, n.2, jul./dez. de 2014, p. 250-272.

<sup>150</sup> NETO, Maria da Conceição. *Breve Introdução Histórica*. In. Medina, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013.

<sup>151</sup> Requerimento enviado Médico-Chefe Eduardo Gonçalves Ferreira ao Chefe da repartição do gabinete do Governo Geral, em 16 de Setembro de 1950. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). Ofício enviado pelo Círculo Sanitário de Bié, em Silva Porto ao Governador da província do Bié, em 25 de Setembro de 1950. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

Outra informação levantada junto à FUX, foi a de que em Sá da Bandeira, onde atuou de 1950 até 1953, esteve ligado às células clandestinas, pouco desenvolvidas, mas que já iam ganhando corpo à época, mesmo que não muito duradouras, pois elas iam se desmantelando e nascendo novamente, muitas vezes com outros nomes e adição ou exclusão de integrantes. Nestas células obteve ligação com Viriato da Cruz, que viria depois a ser um dos fundadores do MPLA, desenvolveu uma intensa atividade política entre os alunos do Liceu e teria criado uma rede Lubango –Moçamedes - Porto Alexandre com a finalidade de possibilitar a evasão dos presos da cadeia da Baía dos tigres de forma que pudessem regressar as suas terras de origem<sup>152</sup>. Voltando-se para o documento abaixo:

Atendendo a que o enfermeiro auxiliar de 2ª classe, provisório, do quadro de enfermagem dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, AGOSTINHO ANDRÉ MENDES E CARVALHO, requereu no sentido de ser reconduzido no referido lugar, por mais de 3 anos de serviço;  
Considerando que o requerente foi nomeado provisoriamente por Portaria de 27 de Outubro de 1948 e tomou posse do seu lugar em 8 de Novembro do mesmo ano (B.O. nº 47);  
Completa, portanto, dois anos de serviço com boas informações em 8 de Novembro do corrente ano [...]153.

Algumas hipóteses seriam relevantes de se pensar a partir da aparente contradição entre os documentos administrativos da época e os dados bibliográficos disponibilizados pela FUX, como podemos perceber pelas informações acima. Pela ausência de fontes documentais, no que concerne os dados biográficos, pelo menos os que esta pesquisa teve acesso, que foram em sua maioria, apenas narrativos, e as informações que o documento nos traz, é possível levantar suposições de como Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho, que já supostamente nesta época envolveu-se diretamente em situações políticas de contestação, não foi pego e nem se quer oficialmente acusado, constando na sua certidão um atestado de bom comportamento.

Uma das hipóteses é que estas informações dadas pela FUX, baseadas em relatos de memória, não sejam muito precisas, mas sim uma construção muito mais elaborada do que a realidade ofereceu. Essa construção pode ter partido do próprio enfermeiro ou da família. Isso não significa em absoluto uma inverdade, mas pode indicar “memórias produzidas” ou cenários criados com a função de projetar o homem político<sup>154</sup>.

<sup>152</sup> A ilha dos Tigres é a maior ilha do litoral de Angola e está situada no município do Tômbua, província de Namibe. Compreende uma área de 98 km<sup>2</sup> e do seu lado leste situa-se o estreito dos Tigres (anteriormente uma baía). Anteriormente abrigou uma comuna-vila próspera, chamada São Martinho dos Tigres, que atualmente existe somente para efeitos administrativos, sendo uma cidade fantasma. Link: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha\\_dos\\_Tigres](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_dos_Tigres).

<sup>153</sup> Portaria enviado pela Residência do Governo Geral de Angola ao Tribunal Administrativo, em 11 de Outubro de 1950. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

<sup>154</sup> SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

Outra hipótese é a de que como a PIDE, que foi o braço mais repressor do Estado, só tenha surgido em Angola em 1954, as autoridades coloniais pouco conseguiram/ou quiseram fazer algo mais elaborado para coibir estes inícios de atividade “subversiva”. Claro que já havia repressão, mas nenhuma delas tão eficaz quanto aquela praticada pela polícia internacional portuguesa. Desta forma podemos imaginar que as atividades clandestinas não foram descobertas, algo difícil, e se foram, não foi dada a elas a devida importância, cenário que mudará já no final da década.

Já no contexto do ano seguinte, 1951, chama a atenção uma abertura de processo contra o enfermeiro por indisciplina. Porém, após um requerimento do mesmo se desculpando e se comprometendo a seguir as normas de comportamento, o caso foi anulado a partir do depoimento de um inspetor a favor dele, em 27 de fevereiro. Este documento não retrata que tipo de indisciplina foi cometida, mas a julgar pelo depoimento de familiares e amigos e de toda a sua trajetória política, inclusive suas intervenções em casos de racismo praticado contra si e contra seus companheiros por chefes nas delegacias de saúde, podemos crer que a indisciplina cometida estava ligada a sua crítica a máquina colonial nas suas formas de violências e a sua já prática política cotidiana, onde vivenciava e parecia já questionar a opressão colonial<sup>155</sup>. Perceba no documento abaixo:

JOSÉ DE PAIVA MARTINS, Médico-Inspector dos Serviços de Saúde e Higiene do Império Colonial Português, Inspector do círculo Sanitário do Bié: CERTIFICA, a requerimento do interessado, enfermeiro auxiliar de segunda classe, AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO, que revendo o recurso interposto em nove de junho do ano de mil novecentos e cinquenta[...]

“Anulo o presente processo desde o despacho de folhas trinta e nove a quarenta e um, inclusive para o Excelentíssimo Inspector do Círculo Sanitário, mantendo a sua opinião sobre a responsabilidade do enfermeiro Agostinho André Mendes de Carvalho, lhe mandar instaurar processo disciplinar nos termos da lei”. [...]

“Atendendo a que depois do que se foca neste processo o enfermeiro Carvalho me parece ter-se modificado e que bastou tudo o que nele se disse para o mesmo enfermeiro ter verificado que há normas e condutas que regem as suas funções, lição que espero tenha aprendido, não lhe mando instaurar processo disciplinar, cujas consequências até creio terem sido já anuladas por amnistia<sup>156</sup>.”

Notamos no trecho documental acima, uma tentativa de controle do Estado quase que total sobre funcionalismo público. Este controle fica evidente pela burocracia, pela troca de informações entre as autoridades e até a intermediação, por exemplo, das dívidas de seus funcionários, sendo acionado muitas vezes, na relação entre o cobrador e o devedor. Nos chama atenção quem no ano seguinte a uma declaração de bom comportamento, tenha surgido um

<sup>155</sup> Certidão da Inspeção do Círculo Sanitário do Bié, em 27 de Fevereiro de 1951. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

<sup>156</sup> Idem.



documento que o acusa de atos de indisciplina. Como teria se dado essa mudança? Será que de fato foi uma mudança de comportamento ou será que só agora ele foi descoberto? Teria sido ele denunciado? Quem teria feito a denúncia, um companheiro de trabalho ou uma autoridade? Ele já estava individualmente sendo observado? Documentos administrativos limitam, muitas vezes, nosso completo entendimento do ocorrido por serem em sua maioria factuais, porém o cruzamento das fontes da qual tivemos acesso, não esclarece nossas dúvidas, pelo contrário, levantam mais perguntas do que respostas<sup>157</sup>.

Outra mudança fundamental no cenário político que ocorre já em 1951 foi a revogação do Ato Colonial. A constituição da República Portuguesa foi revista e as colônias passaram a ser denominadas como Províncias Ultramarinas. Sob o efeito do fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a pressão da comunidade Internacional capitaneada pela figura da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre os países Europeus, e Portugal não foi diferente, que possuíam colônias ao redor do globo, com objetivo que essas tomassem uma posição de desocupação, garantindo a estas regiões e seus povos o direito à autodeterminação e impulsionado por um grande sentimento de culpa global pelas mazelas da guerra, deram eco ao já forte descontentamento das populações, sobre o regime colonial, incluindo África e Ásia<sup>158</sup>.

A estratégia portuguesa, que não admitia perder suas colônias, para burlar as determinações da ONU foi mudar seu Estatuto político e adotar um discurso que se dizia integralista. Aboliu então o Conceito de “Império Colonial Português” e adotou para si e para “seus” territórios anexados no continente africano e asiático a ideia de Política Ultramarina Portuguesa, que consistia em determinar às colônias como espaços inseparáveis da nação, considerando estas regiões uma extensão de si, sendo assim uma “Nação multirracial e pluricontinental”<sup>159</sup>.

O objetivo em criar uma nova ordem política com uma estratégia que na teoria visava a assimilação das colônias à metrópole, na prática, apesar de toda propaganda que se intensificará através do Lusotropicalismo, em nada melhorou a vida dos habitantes naturais das colônias, gerando outras fontes de opressão e/ou exponenciando as já existentes. As colônias, portanto, “deixaram” de serem consideradas colônias e passaram a ser tratadas como Províncias

---

<sup>157</sup> Idem.

<sup>158</sup> COLÓNIAS, M. Carta Orgânica do Império Colonial Português, promulgada por decreto-lei n.23.228, 15 nov. 1933. Lisboa: AGC, 1933. E ainda: ULTRAMAR, M. Nova Legislação Ultramarina. Lisboa: AGU, 1953.

<sup>159</sup> Idem.

Ultramarinas. Fato que a partir de 1951 passamos a observar nas próprias documentações que acompanham o trajeto de Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho<sup>160</sup>.

Já por volta do Novembro de 1952, ele será transferido ao posto sanitário do Capolo, recebendo a guia para se apresentar na delegacia de saúde de Porto Amboím, mas por ordem do juiz de direito da comarca de Huíla foi solicitada sua continuidade até ser examinado e novamente apresentar as declarações, entre elas a de tempo de serviço, a certidão dos filhos, a declaração de nada consta, ou seja de estar em conformidade com a regras civis do governo Ultramarino, para só assim poder seguir viagem. Portanto só em 28 de novembro foi liberado e recebeu a guia definitiva para seguir ao seu novo destino<sup>161</sup>.

É interessante perceber que mesmo tendo que apresentar documentos de nada consta sempre que é transferido, em nenhuma outra transferência ele precisou se explicar a um juiz de direito. Esta situação denuncia um momento atípico, o que corrobora com a ideia de algum tipo de comportamento considerado subversivo por parte dele e/ou provavelmente refletindo o processo de indisciplina que foi aberto no ano anterior<sup>162</sup>.

Até aqui, percebe-se um trânsito constante. Ao que parece pela natureza do trabalho e pela necessidade no quadro de funcionários, ele ia sendo alocado em regiões com defasagem de enfermeiros ou secretarias com defasagens de quadros administrativos. Atuar na parte das secretarias era uma função da qual ele não gostava, pois como enfermeiro tinha tempo para exercer outros serviços e complementar a verba familiar. Ainda assim, de 22 de novembro à 31 de dezembro de 1952 atuou na secretária de Inspeção do Círculo Sanitário de Benguela, ficou por lá transitoriamente prestando serviços enquanto oficialmente ainda pertencia ao posto sanitário de Capolo. O motivo se deu pelo fato deste posto deixar de pertencer à sua antiga região, fazendo com que Mendes de Carvalho, que nem chegou a atuar lá, fosse jogado então ao trabalho de secretaria no círculo sanitário de Benguela<sup>163</sup>.

---

<sup>160</sup> *História breve das constituições portuguesas*. Lisboa, Editorial Verbo, 3.ª ed., 1971. E ainda: PIMENTA, F. T. Portugal e o Século XX. Estado-Império e Descolonização, 1890-1975. Porto: Afrontamento, 2010. E ainda: CASTELO, Claudia. Novos Brasis" em África: desenvolvimento e colonialismo português tardio. *Varia história.*, v.30, n.53, 2014. p. 507-532.

<sup>161</sup> Proposta de transferência, em 11 de Outubro de 1952. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E ainda: Portaria da Residência do Governo Geral de Angola, de 13 de Outubro de 1952. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E ainda: Declaração da Direcção dos Serviços de Saude e Higiene de Angola, de 13 de Outubro de 1952. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

<sup>162</sup> Nota enviada ao Director dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, 28 de Novembro de 1952. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E ainda: Guia de Liberação enviado ao Director dos Serviços de Saúde e Higiene, de 4 de Dezembro de 1952. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

<sup>163</sup> Carta-Requerimento enviado pela Associação dos Naturais de Angola ao diretor dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, de 17 de Abril de 1953. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

Ele então já com três filhos em 1953, pediu ajuda à Associação dos Naturais de Angola para que intervisse junto ao Governador geral, o que foi feito, e então voltasse a atuar em um posto, pois assim poderia dividir sua profissão de enfermagem com a atividade de agricultor e complementar sua renda. Novamente, de acordo com os dados biográfico aqui consultados, em Benguela e Lobito (1953), formou células clandestinas com a finalidade de colher dados e enviá-los ao estrangeiro através de um missionário protestante que atuava na área. As células eram compostas por Mateus Fortunato, Domingos de Lemos, Sebastião de Sousa, Correia Victor, Chico Bagorro, Baltazar Gourgel, entre outros<sup>164</sup>.

Encontrava nesse ano trabalhando na região de Benguela, mas pediu insistentemente para ser transferido ou ao posto do Mungo ou ao Posto de Ebo (Gabela). Sua argumentação é que habitando em Benguela ele e sua família não conseguiriam se sustentar, recebia 350, 00 angolares e argumentou que precisaria de pelo menos mais 150,00 para minimamente se sustentar. Estes dados, ele expõe argumentando ao diretor da Associação dos Naturais de Angola e pedindo ajuda, já que esta associação muitas vezes intervinha a favor de seus associados junto ao governo geral<sup>165</sup>.

Em abril de 1953 contrariando a sua vontade, como já foi dito, ele é transferido do Posto Sanitário de Capolo para o hospital regional de Benguela, sendo seu pedido de ir para um outro posto negado pelas autoridades responsáveis. De fato, os documentos provam que a Associação dos Naturais de Angola, na figura de seu presidente Emílio Simões de Abreu, interferiu em defesa de Uanhenga Xitu pedindo ao Diretor de Serviços de Saúde e Higiene que o enfermeiro fosse transferido para um Posto Sanitário, seja ele no Mungo ou no Ebo, já que estava oficialmente colocado em Benguela, onde seus provimentos e seu trabalho na Secretária, não lhe garantiam e nem a sua família, condições de vida do ponto de vista financeiro. A negativa veio por intermédio do então Diretor de Serviços José Paiva Martins, médico chefe designado a dar a resposta de seu requerimento<sup>166</sup>. O documento abaixo, nos permite algumas análises:

[...] Do nosso consócio, AGOSTINHO A. MENDES DE CARVALHO, Enfermeiro auxiliar de 2ª classe, dos Serviços que Vossa Excelência proficientemente dirige, recebemos uma carta, na qual diz, em resumo:

<sup>164</sup> Idem. E ainda: Depoimento de José Diogo Ventura, ex membro do Grupo Espalha Brasas. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012.

<sup>165</sup> Idem.

<sup>166</sup> Carta-Requerimento enviado pela Associação dos Naturais de Angola ao diretor dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, de 17 de Abril de 1953. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E ainda: Informativo- Resposta enviado pela Direção de Serviços de Saúde e Higiene de Angola à Direção da Associação Dos Naturais de Angola, de 25 de Abril de 1953. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

“... De Sá da Bandeira havia sido transferido para o Posto Sanitário de Capelo (Porto Amboim) e a caminho para lá, muito satisfeito, nesta cidade de passagem foi a minha ida interrompida por questão de serviço [...] Nesta Inspeção, entreguei ao serviço de secretaria fiquei a título de transitório [...] Meu espanto foi quando de Luanda, dos nossos serviços, mandaram dizer que ficava colocado neste Hospital mas na Secretaria.”

Sabemos que o referido individuo acaba de ser efectivamente colocado em Benguela, na Secretaria do respectivo Hospital. Para um individuo com elevados encargos familiares (mulher, 2 irmãs e 3 filhos) e reduzidos vencimentos, torna-se insustentável viver num meio como Benguela, com agravante de prestar serviço na Secretaria.

[...] ouso solicitar o interesse de V.Ex.<sup>a</sup>. no sentido do interessado ser colocado num Posto Sanitário (Ebo, Mungo, por exemplo) ou para uma Delegacia de Saúde (supõe-se estar vago o lugar em Gabela)<sup>167</sup>.

O porquê de Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho ter querido sair de Benguela a ponto de pedir interferência da ANANGOLA, ele justificativa argumentando uma insustentável vida naquela região através dos seus rendimentos e ainda com o agravante de ser colocado no trabalho administrativo que lhe tomava mais tempo que o trabalho de campo. Trabalhos relacionados a prática da saúde ocorrem geralmente por turnos, impossibilitando-o de complementar a renda, por exemplo, ao atuar fixamente na área administrativa. De fato, apesar de estar em um lugar de privilegiado, na prática, o ordenado do funcionário público “assimilado” era baixo, muitas vezes, os mesmo tinham que completar a renda, foi o caso do Mendes de Carvalho<sup>168</sup>.

Como resposta ao presidente da Associação dos Naturais de Angola foi argumentado que o enfermeiro foi de fato transferido do Posto Sanitário de Capolo para o Hospital de Benguela, mas não para a secretaria daquele estabelecimento. Se estaria ele realmente prestando serviços na Secretaria foi por determinação da Inspeção do Círculo e necessariamente por imperiosa conveniência de serviço e falta de pessoal administrativo. No documento o chefe argumenta a negativa no pedido de não transferência e justifica que o enfermeiro não foi mandado para atuar administrativamente, sendo este um serviço temporário decido junto a falta de funcionários. Ao não querer a transferência para Benguela, o enfermeiro recorreu à influência frente ao governo colonial exercida pela Associação dos Naturais de Angola, da qual ele era consócio, que pode não ter surtido o efeito esperado, mas mostra uma posição privilegiada dele ao integrar esta instituição e a indicação de certo privilégio e poder de negociação da Associação frente ao governo da época<sup>169</sup>.

<sup>167</sup> Idem.

<sup>168</sup> Processo feito pela Direcção dos Serviços de Saúde e Higiene, de 4 de Agosto de 1953. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E ainda: Portaria de 5 de Agosto de 1953. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

<sup>169</sup> Informativo- Resposta enviado pela Direcção de Serviços de Saúde e Higiene de Angola à Direcção da Associação Dos Naturais de Angola, de 25 de Abril de 1953. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E ainda: Proposta de transferência à direcção dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, de 11

É importante observar que os médicos eram quem assinavam pela pasta dos Serviços de Saúde e Higiene. Em uma colônia tão burocrata usar como critério de chefia na parte administrativa, ou seja, na parte relacionada a gestão, onde em teoria se pode empregar outros segmentos profissionais, a utilização de quadros técnicos formados por agentes da área da saúde, no caso médicos, era uma prática que parecia pautada em um certo grau de seriedade. Certamente havia dentro das estruturas públicas coloniais relações de corrupção e seria inocente pensar que os Serviços de Saúde e Higiene escapavam a esta prática. Porém podemos dizer que se fosse o filho de alguém, este filho pelo menos tinha que ser um médico. Como ficará claro no último capítulo, desta dissertação, o fato dos seus superiores serem na sua maioria médicos, o ajudará a construir relações que serão de muita importância na ajuda a sua família e a si próprio, no período do cárcere e na liberdade condicional<sup>170</sup>.

Atentando-se ainda ao contexto de 1953, outro fato nos chama a atenção. Neste mesmo ano dois problemas de saúde afetaram a sua família. Seu filho Miguel Gaspar, então com menos de um ano, teve que se deslocar a Luanda para tratamento médico, o que sinaliza a diferença das condições de saúde da capital para as outras localidades. Mesmo trabalhando na secretária de saúde de Benguela, ele precisou deslocar seu filho até Luanda para que recebesse um tratamento mais adequado. E ainda, o próprio foi diagnosticado com Pansinusite pelo otorrinolaringologista José Vicente Carneiro de Souza Dias que o suspendeu do trabalho por algumas semanas para tratamento<sup>171</sup>.

Era limitado, no cenário colonial, a um pequeno grupo aspirar e até mesmo ascender a uma melhor condição de vida. Geralmente isso se dava por intermédio do acesso ao ensino e/ou pela obtenção de um diploma voltado para um ofício que gerasse remuneração, geralmente ofícios ligados ao funcionalismo público ou ao auxílio da própria administração. Aos “indígenas”, legalmente era negada essas oportunidades, ficando as mesmas, nas mãos dos “assimilados” que conseguissem bons “facilitadores” dentro da engrenagem colonial<sup>172</sup>.

Neste sentido a de se destacar a relação de Mendes de Carvalho com a igreja Metodista e a força da penetração protestante em Angola, possibilitando para ele e para sua família o

---

de Abril de 1953. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E ainda: Portaria autorizando a transferência do Capolo para Benguela, de 25 de Abril de 1953. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

<sup>170</sup> Proposta de transferência à direção dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, de 11 de Abril de 1953. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

Portaria autorizando a transferência do Capolo para Benguela, de 25 de Abril de 1953. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

<sup>171</sup> Atestado, de 30 de Maio de 1953. Acervo Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

<sup>172</sup> NETO, Maria da Conceição. Breve Introdução Histórica. In. Medina, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013.

acesso à educação, os moldes para a assimilação, o direito a profissão e ao funcionalismo público. Além disso, muitas das relações que estabeleceu por intermédio da igreja, o projetaram como um dos líderes do MPLA, estabelecendo pra si e para seus descendentes a inserção a uma elite política na pós independência. Mas a verdade é que já por ser assimilado estava em posição de privilégio frente a maioria, podendo inclusive se tratar com médicos, o que já naquele contexto se apresenta como um valor de distinção social. Sua posição social, mesmo explorada, lhe possibilitou por exemplo, poder ir a Luanda, como aponta o documento acima, para consultar um médico e ainda, poder gozar do direito trabalhista da licença<sup>173</sup>.

Em 19 de junho, ainda insatisfeito, manda novamente um comunicado ao governador geral da província pedindo que o trocasse então com seu colega Felismino Fernando da Costa. Ele iria para o posto do Mungo e o colega viria para Benguela, seria então e, temos abaixo o argumento textual, uma troca sem prejuízos para a Fazenda Nacional.

AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO, enfermeiro auxiliar de 2ª classe, provisório [...] em serviço no Hospital Regional de Benguela, vem pedir a V.Exª. se digne transferi-lo por troca recíproca e de comum acordo com o seu colega, colocado no Posto Sanitário do Mungo, Felismino Fernandes da Costa, sem dispêndio para a Fazenda Nacional<sup>174</sup>.

É importante refletir a partir deste documento, como os enfermeiros estavam conectados, mesmo atuando em cidades ou províncias diferentes. A comunicação entre eles possibilitou e facilitou muito a construção de células questionadoras do status quo colonial a partir das trocas de vivências em relação as suas condições de vida e de trabalho e as condições de vida e de saúde da população especialmente a “indígena” e rural. A tomada de consciência somada aos “ventos” das lutas de libertação que se espalhavam em África e Ásia levou a um novo processo de contestação, assim como o a formação de organizações ligadas ao meio do trabalho a fazer política. A ação política movimenta a história do Homem, estas trocas, congruências e incongruências vividas e compartilhadas pavimentou a estrada da criação de grupos anticoloniais e explicou a formação do grupo que viria a se chamar Espalha Brasas, da qual Mendes de Carvalho foi um dos fundadores. Sobre este grupo, falarei no próximo capítulo<sup>175</sup>.

<sup>173</sup> Idem. Atestado, de 30 de Maio de 1953. Acervo Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E ainda: NASCIMENTO, Washington Santos. Universo mítico-religioso Kimbundu e trânsitos culturais em Uanhenga Xitu. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* (on line), 32, 2017.

<sup>174</sup> Pedido de transferência recíproca de 19 de Junho de 1953. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado))

<sup>175</sup> Idem. E ainda: Nota informativa de 22 de Julho de 1953. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E mais: Processo feito pela Direcção dos Serviços de Saúde e Higiene, de 4 de Agosto de 1953. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

Cabe aqui o questionamento do porquê há esse excesso de transferência no funcionalismo público colonial, já que esta não é uma prerrogativa apenas da enfermagem, como podemos perceber nos relatos de outras personagens que aliaram o funcionalismo público com a atividade anticolonial. Podemos destacar, neste sentido, os relatos do Raul David e do Adriano Sebastião, que inclusive era primo e da mesma região que Uanhenga Xitu, que prova que esta não foi uma prerrogativa apenas da enfermagem e que a história do enfermeiro não foi singular, neste sentido. Ao dialogarmos com São Neto, Claudia Castelo, sobre o contexto específico de Angola, e Hanna Arendt, nas suas discussões sobre burocracia e autoritarismo, as constantes transferências descritas nos relatos e documentos comprovam o uso em larga escala, das “teias” burocráticas como arma de controle e submissão de pessoas e/ou grupos dentro do contexto político e social<sup>176</sup>.

A verdade é que o uso da burocracia e o uso da raça formaram um eficiente sistema de dominação e controle político dos angolanos e em menor escala, dos funcionários com o estatuto de “assimilado”. Dentro deste contexto, um funcionário assimilado e um funcionário português, mesmo possuindo o mesmo nível de instrução, estariam colocados de forma assimétrica dentro da engrenagem colonial, sendo relegada ao primeiro sempre uma posição subalternizada, enquanto que o segundo naturalmente ocupava os cargos de governança, como nos mostrou as reflexões até aqui sobre Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho<sup>177</sup>.

O excesso de transferência pode indicar alguns fatores, o primeiro, como já foi dito acima, um dos sintomas da burocracia ultramarina que se faz pensar ter como pressuposto básico evitar o próprio sucesso da assimilação. Outra hipótese recai sobre o descaso colonial com a área da saúde, especialmente fora dos espaços onde se concentrava a maioria branca e/ou metropolitana, o que revelava, entre outras coisas, um número baixo no quadro de funcionários fazendo com que houvesse uma constante rotação de acordo com as maiores necessidades, como o surgimento de áreas endêmicas, cidades maiores ou de população mais branca ou portuguesa<sup>178</sup>.

---

<sup>176</sup> NETO, Maria da Conceição. Breve Introdução Histórica. In: Medina, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013. E: MATEUS, Dalila Cabrita. *A Luta pela Independência — A Formação das Elites Fundadoras da FRELIMO, MPLA e PAIGC*, Editorial Inquérito, 1999. E: ARENDT, Hannah. *O sistema totalitário*. Lisboa: Dom Quixote, 1978. E: ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. Tradução Roberto Raposo. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. E ainda: CASTELO, Claudia. *Novos Brasis" em África: desenvolvimento e colonialismo português tardio*. *Varia história.*, v.30, n.53, 2014. p. 507-532.

<sup>177</sup> Idem.

<sup>178</sup> NASCIMENTO, Washington Santos. *Gentes do Mato: os "novos assimilados" em Luanda*. 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2013.

Já na perspectiva política, observa-se também uma forma de evitar por parte dos colonizados a construção de bases, evitando assim que ao permanecer muito tempo em uma região o funcionário conseguisse organizar politicamente a comunidade para qual trabalhava. É o que nos aponta os relatos de Raul David e Adriano Sebastião, ambos funcionários do governo, que também, como vão relatar, sofreram com constantes trocas e transferências. Quando acreditavam que conseguiriam se organizarem do ponto de vista trabalhista e do ponto de vista anticolonial, eram transferidos ou recolocados em outros espaços e/ou regiões e as vezes até em outras funções, como nos aponta os dados biográficos, documentos e relatos de Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho<sup>179</sup>.

E mais do que isso, talvez, e esta é uma possibilidade levantada diante dos relatos biográficos cedidos pela FUX, no qual encontramos episódios de insubordinações, participações em levantes e organizações clandestina, que ele em seu papel de enfermeiro, já oferecia algum tipo de resistência colonial e como consequência, se tornou um funcionário “visado”. Desta forma, na primeira oportunidade ou necessidade, era ele posto novamente em trânsito. Estas hipóteses, de forma alguma se excluem, muito pelo contrário, é possível e bem possível que seja uma junção de todas, em maior ou menor grau, tornando-se um dificultador às práticas de organização e resistência<sup>180</sup>.

Em julho ainda sem receber resposta, pede novamente a transferência recíproca com o colega que possuía assim como ele, a categoria de enfermeiros auxiliar de segunda classe temporário. Então no dia 22 de julho recebeu a resposta que para submeter seu pedido ao despacho superior teria que pagar, ele pagou, e a partir do momento que seguiu as regras da burocracia e da cobrança excessiva, também uma forma de limitar quem podia ter acesso a determinados lugares, serviços e benefícios, teve deferido seu pedido<sup>181</sup>.

Em agosto foi concedida a transferência entre eles. É a partir deste momento que ele irá para o Mungo, talvez tenha sido o lugar no qual mais usou da política e que mais sentiu os efeitos da opressão colonial ou com mais força, já que dedicou um livro a contar, sempre com doses de ficção, como o autor mesmo diz, às histórias com H que ele viveu e/ou vivenciou lá. Abaixo, encontramos um trecho da Portaria que autorizou a transferência:

[...] O Secretário Geral de Angola, no uso da competência que lhe é atribuída pelo artº 155º da Constituição e pelo nº 5º do artigo 33º da Carta Orgânica em vigor, determina:

<sup>179</sup> NASCIMENTO, Washington Santos. Colonialismo português e resistências angolanas nas memórias de Adriano João Sebastião (1923-1960). Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 283 - 306. set./dez. 2016. E ainda: NASCIMENTO, Washington Santos. Políticas coloniais e sociedade angolana nas memórias e discursos do escritor Raul David. Anos 90, Porto Alegre, v. 23, n. 44, p. 265-289, dez. 2016.

<sup>180</sup> Idem.

<sup>181</sup> Portaria de 5 de Agosto de 1953. Acervo da Fundação Uanhenga XItu (Não Catalogado).



São os enfermeiros [...] AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO e FELISMINO FERNANDES DA COSTA, colocados respectivamente, no Hospital Regional de Benguela e Posto Sanitário do Mungo, transferido, reciprocamente, a seu pedido, e sem dispêndio para a Fazenda Nacional. Cumpra-se<sup>182</sup>.

Em seu livro “Mungo: os sobreviventes da máquina colonial depõem”, o escritor tece sua narrativa política a partir da sua práxis enquanto exercia a profissão de enfermeiro. É de se imaginar que naquela região ele tenha entrado em contato com a máquina colonial em uma das suas faces mais opressoras, é provável que tenha tido lá as experiências mais duras dentro do contexto profissional, já que para ele dedicou um livro. lendo nas entrelinhas de uma das suas narrativas que carrega o mesmo nome, onde fica nítido o racismo e o descrédito profissional, talvez tenha sido uma das suas piores experiências no contexto de trabalho, o que certamente colaborou e muito para o seu desejo de mudança<sup>183</sup>. No Mungo, teve como seu braço direito um compatriota de nome Vasco. Travou uma forte discussão com o articulista de “Chegou o enfermeiro... mas ele é preto!” – do jornal “A voz do planalto”. Os comerciantes locais apelidaram-no de “instigador de pretos” tamanha era a desconfiança que tinham dele<sup>184</sup>.

O Governador Geral de Angola autorizou a troca em 7 de agosto de 1953. Neste mesmo mês, Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho faz uma declaração pedindo, já que completaria cinco anos de serviços em 8 de novembro, a sua nomeação definitiva. Portanto cinco anos era o tempo necessário para um enfermeiro de segunda classe temporário prestando serviços públicos regularmente e sem acusações de insubordinação e principalmente subversão conseguisse mudar de status. Novamente, burocracia e cobrança, ele precisou pagar 21 angolares para a sua nomeação<sup>185</sup>.

Além disso, para que obtivesse a nomeação definitiva, tinha novamente que provar através de documentos e declarações assinadas por seus superiores, o repúdio ao comunismo, as práticas consideradas subversivas e fazer juramento à constituição de 1933. Sendo assim, validado em 3 de dezembro e apresentado no dia 31 do mesmo mês ao Tribunal Administrativo foi concretizada legalmente a nomeação como enfermeiro auxiliar de segunda classe, definitivo, de Uanhenga Xitu pelo Governo Geral de Angola<sup>186</sup>.

<sup>182</sup> Portaria de 5 de Agosto de 1953. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

<sup>183</sup> XITU, Uanhenga. História de mais velho. Depoimento do escritor ao *JL- Jornal de Letras Artes e Ideias* em Lisboa aos 12 de agosto de 1998. E ainda: XITU, Uanhenga. *Mungo – Os sobreviventes da máquina colonial depõem...* Luanda: Editorial Nzila, Coleção Letras Angolanas 5, 2002.

<sup>184</sup> Idem.

<sup>185</sup> Portaria de 5 de Agosto de 1953. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

<sup>186</sup> Requerimento de 31 de Agosto de 1953. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

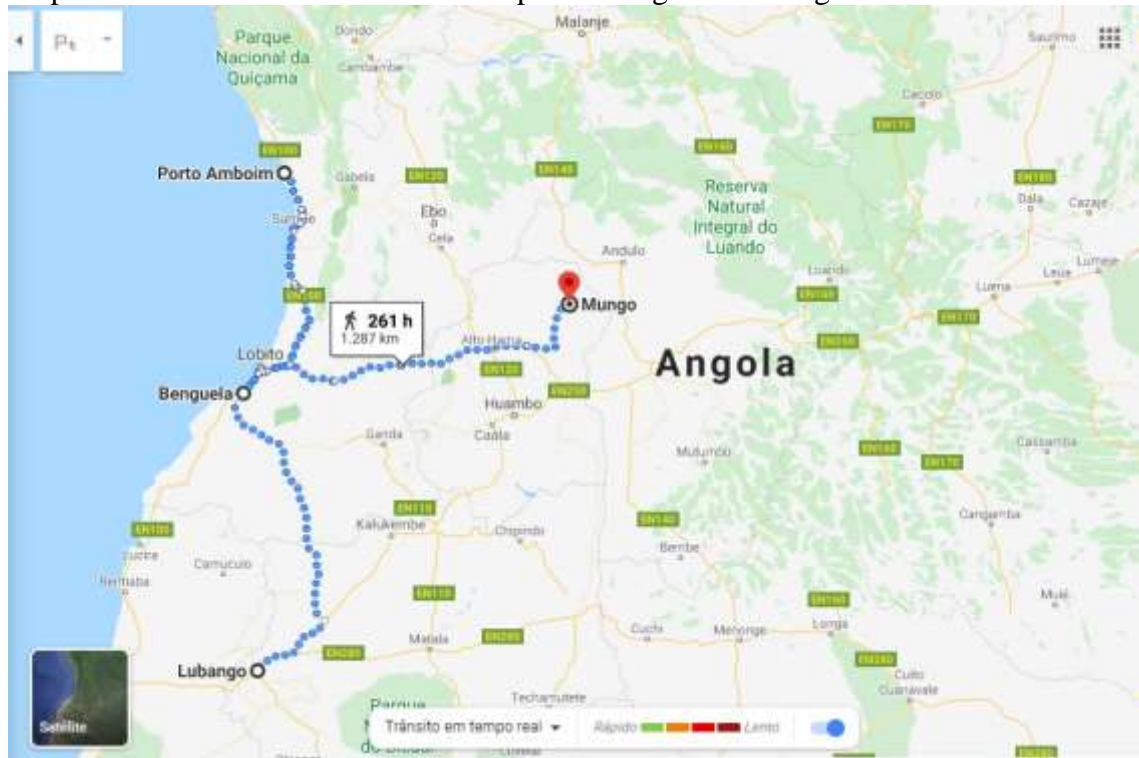
Certidão emitida pela Secretaria do Hospital Regional do Lubango, em Sá da Bandeira, datada de 25 de

Fevereiro de 1953. Acervo Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E: Declaração de 31 de Agosto de

Em 1954 por volta de setembro, mais um trânsito foi posto em prática, pois ele foi trabalhar de forma transitória em Luanda. Era comum ao julgar pela sua trajetória que enfermeiros fossem jogados para outros centros de saúde a fim de ocupar lacunas deixadas pela falta de trabalhadores em determinadas áreas. Não é de se estranhar que a tomada de consciência política desta profissão, dentro deste contexto, não tenha sido um fato isolado de Uanhenga Xitu. E tanto não foi que mais à frente nascerá o grupo dos enfermeiros, conhecido pela narrativa dos seus integrantes como Espalha Brasas.

Estes profissionais da saúde com o seu poder de deslocamento não só expandiram sua própria tomada de consciência, mas também buscaram incutir, especialmente nas comunidades mais pobres, jovens e interioranas, uma consciência da exploração e da violência do sistema colonial. Sendo assim, no ano de 1954 ele inicia trabalhando no Mungo, mas de forma temporária passou por Luanda estabelecendo um dos seus principais trânsitos profissionais que acabaram por dar ênfase ao seu fazer político, suas relações consideradas subversivas do status quo colonial e sua prática anticolonial que mais tarde viraria pró independência<sup>187</sup>.

Mapa 3 - Percurso: Sá da Bandeira - Capolo - Benguela – Mungo



Fonte: Google Maps

1953. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E ainda: Portaria de 3 de Dezembro de 1953. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

<sup>187</sup> XITU, Uanhenga. *Mungo – Os sobreviventes da máquina colonial depõem...* Luanda: Editorial Nzila, Coleção Letras Angolanas 5, 2002. E ainda: Declaração feita pela Direcção dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, de 2 de Setembro de 1954. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

### 2.2.2 Finais da Década de 1950: o surgimento de uma nova geração anticolonialista

Já em 1955, por volta de maio, pede o próprio Uanhenga Xitu, para ser transferido do Mungo ao Calumbo. Sua alegação foi a de lá habitar sua família, além da ausência de escolas para a filha na região na qual atuava, enquanto que em Calumbo, ela poderia receber uma educação formal, algo que essa personagem real sempre valorizou. Assim ficou de cinco de agosto de 1953 no Mungo, passando temporariamente em Lunada em 1954, até oito de junho de 1955, onde foi transferido para o posto de Calumbo como era a sua vontade. Assim, em um espaço de 2 anos, transitou em pelo menos três regiões diferentes. Ao chegar em Calumbo estava, portanto, integrado a área sanitária de Catete, lugar de forte influência pessoal nas articulações anticoloniais. Porém, como demonstra o documento abaixo, ele antes de migrar para o novo posto, atuou na contenção de uma epidemia de Lepra (Hanseníase)<sup>188</sup>.

O Delegado de Saúde do Bailundo informa terminar em 27 do corrente o prazo de 90 dias a fim de o enfermeiro auxiliar AGOSTINHO MENDES DE CARVALHO, colocado no Posto Sanitário do Mungo, transferido para o Posto Sanitário de Calumbo, tomar posse do seu novo cargo.

Como a área do Posto é bastante grande e a Delegacia não tem ainda transporte, e o enfermeiro Mendes de Carvalho está encarregado do tratamento de uma concentração de Leprosos, pelas sulfonas, que não convém interromper, solicita o Delegado de Saúde providências no sentido de o referido enfermeiro aguardar ali o seu substituto<sup>189</sup>.

Como indica o documento acima, muitas vezes os enfermeiros eram deslocados para o tratamento de alguma endemia ou epidemia. O surgimento de doenças como o Paludismo, a Lepra, a Doença do sono e Tuberculose, por exemplo, eram comuns à época, principalmente entre as comunidades mais ao interior. Seja por falta de prevenção, desconhecimento, precariedade nas condições higiênicas, carência financeira e abandono Estatal, seja por questões naturais e/ou climáticas. Como os médicos eram, de forma geral, ausentes nestas regiões e muitas vezes a “medicina tradicional” não dava conta da gravidade da moléstia, cabia a enfermagem fazer o papel de contenção destas patologias<sup>190</sup>.

Como foi observado, Uanhenga Xitu atuou no uso de sulfonas para combater os efeitos da doença, já que era o remédio indicado para o tratamento em 1955. Hoje, sabe-se que a lepra é uma doença bacteriana e o uso do antibiótico é indispensável. Ao que parece, o uso da sulfona,

<sup>188</sup> Pedido de Deferimento de 10 de Maio de 1955. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

Portaria de 8 de Junho de 1955. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E: Informativo de 3 de Setembro de 1955. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E: Nota de 21 de Outubro de 1955. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E ainda: Nota de 14 de Dezembro de 1955. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

<sup>189</sup> Nota de 21 de Outubro de 1955. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

<sup>190</sup> <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sulfona>

pela sua natureza química, servia para a assepsia das feridas e não para o tratamento em si, do patógeno. Fica evidente, claro, ao cuidar das lesões, o maior risco de contaminação destinado à profissão hierarquicamente subalternizada <sup>191</sup>.

Mesmo transferido para a região de Catete, seu desejo, indicado aos superiores, era de uma transferência para Huambo ou Sá da Bandeira por conta da educação escolar da filha. Atestando o quanto Mendes de Carvalho valorizava a educação já nessa época. O que se comprova pela sua trajetória. A falta de acesso às escolas, a falta de interesse colonial quanto a este assunto, demonstrada pelos descasos com o processo escolar e a burocracia, certamente foram um dos motivadores que explicam o crescente sentimento de revolta e contestação ao panorama colonial que se apresentava, “indígenas” e até mesmo, aos “assimilados” e suas famílias<sup>192</sup>.

Ser de catete será importante ao longo das disputas políticas do MPLA. Ser de Catete foi um dos mais importantes entre os capitais sociais acumulados pelo Mendes de Carvalho. Dentro do próprio partido virou motivo de distinção, seja por ser do grupo que apoiava Agostinho Neto, seja pela acusação de favorecimento no pré e/ou no pós independência, Ou seja, pelos usos e abusos das posições de poder dentro do governo, justamente por quem teve ligação com a figura do presidente Neto<sup>193</sup>.

A partir de 1956 começa com mais robustez histórica o seu processo de luta anticolonial. Atuando primeiro na área de Icolo e Bengo e depois sendo transferido para Luanda desenvolverá então uma grande atividade política e com um maior nível organizacional. Em Calumbo, por exemplo, cria novamente células clandestinas ficando sobre as responsabilidades dos camaradas Francisco Imperial e Vasco Fortunato. Em Kakila, desenvolveu a mesma atividade política, sendo o responsável pela formação de mais células clandestinas junto com o camarada Avelino Leão também preso e executado.

<sup>191</sup> [http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual\\_leprologia.pdf](http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_leprologia.pdf)

<sup>192</sup> Pedido de Deferimento de 10 de Maio de 1955. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E: Portaria de 8 de Junho de 1955. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E: Informativo de 3 de Setembro de 1955. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E: Nota de 21 de Outubro de 1955. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E: Nota de 14 de Dezembro de 1955. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E ainda: Depoimento de José Diogo Ventura, ex membro do Grupo Espalha Brasas. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012.

<sup>193</sup> XITU, Uanhenga. *Mungo – Os sobreviventes da máquina colonial depõem...* Luanda: Editorial Nzila, Coleção Letras Angolanas 5, 2002. E: Pedido de Deferimento de 10 de Maio de 1955. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E: Portaria de 8 de Junho de 1955. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E: Informativo de 3 de Setembro de 1955. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E: Nota de 21 de Outubro de 1955. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). Nota de 14 de Dezembro de 1955. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

Em Ngolombe, também atuou, assim como em Bom Jesus, de acordo com a família auxiliado pelos companheiros Mbuambualas, Paulo Vicente, Paulo e Domingos Ventura, mostrando como ele transitava dentro da própria região de icolo e Bengo<sup>194</sup>.

Paralelamente aos acontecimentos em Angola, no exterior figuras como Joaquim Pinto de Andrade e Manuel Lima participavam em Paris do Primeiro congresso Internacional de Escritores e Artistas Negros, na França, epicentro cultural e literário no que concerne às manifestações artísticas do mundo negro. A pauta Pan africana, o movimento da negritude principalmente encabeçado por essas figuras, não se furtou a levantar a temática colonial angolana no congresso. O primeiro congresso Internacional dos escritores e artistas negros teve lugar na Sorbonne de 19 a 22 de setembro de 1956 e o segundo em Roma e contou também com a participação de representantes angolanos<sup>195</sup>.

O surgimento da PIDE na colônia angolana data de 1954 por Decreto nº 40 541 de fevereiro, sendo feito um segundo Decreto nº 41 240 de 23 de agosto de 1957, momento onde se complementou a implementação da PIDE nos territórios coloniais. Não coincidentemente ela é estabelecida em um contexto de necessidade por parte do Estado colonial de, em primeiro lugar, garantir à “ordem” a favor dos portugueses que para lá estavam migrando desde a década passada; segundo, garantir que qualquer suspeita de discurso anticolonial, qualquer formação política visando a perturbação do modelo imposto pelo governo, incentivadas pelas determinações da ONU e pelos processos e lutas de independências em África, fosse automaticamente suprimida, morta no nascimento, garantindo a Portugal a continuação dos domínios e da exploração dos territórios africanos anexados a ele<sup>196</sup>.

Em finais de 1956, o governo colonial português cada vez mais repressivo usava e abusava em Luanda das chamadas rugas, especialmente aos “indígenas” que não pagassem o imposto. Desta forma aqueles que estavam em débito, eram barbaramente espancados, amarrados geralmente por horas e ainda, na maioria das vezes, eram sujeitados a uma segunda

---

<sup>194</sup> Dados coletados através de relatos orais, da Fundação Uanhenga Xitu, em 2018.

<sup>195</sup> NGONDA, Lucas. O Impacto dos Movimentos Clandestinos na Luta de Libertação. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012. E: MATEUS, Dalila Cabrita, A PIDE/DGS na Guerra Colonial 1961-1974, Terramar, Lisboa, 2004. MEDINA, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013. E: BITTENCOURT, Marcelo. A História Contemporânea de Angola: seus achados e suas armadilhas. In: *Construindo o Passado Angolano: as fontes e a sua interpretação*. Actas do II Seminário Internacional sobre a História de Angola (4 a 9 de agosto de 1997), Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999, pp. 161-185.

<sup>196</sup> MATEUS, Dalila Cabrita, A PIDE/DGS na Guerra Colonial 1961-1974, Terramar, Lisboa, 2004. E ainda: MEDINA, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013. p.41

rodada de espancamento. De acordo com o depoimento de Beto Van-Dúnen, no “Colóquio Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional”, realizado em 2012, os jovens da cidade, mesmo não tendo noção de política, revoltavam-se com aquelas situações e assim começou a motivação de muitos para ingressar na ação clandestina<sup>197</sup>.

Com as informações que chegavam de fora, e as mesmas chegavam, apesar das tentativas de censura do governo, pois Angola não estava fechada em si, aliado as relações e trânsitos de ideias e pessoas que aconteciam com bastante frequência, somando-se a isso as notícias oriunda das outras colônias europeias que já iam a esta altura, encaminhando seus processos de independência; e ainda com a implementação da PIDE e com os espaços cada vez mais segregados aumentando e muito um cenário de violência, os jovens de várias partes do território, seja ele interior ou cidade, começaram a se juntar aos homens mais velhos, já relativamente organizados, muitas vezes tios, pais, primos ou irmãos, para construir estratégias de resistência anticolonial e fazer chegar as massas o ideal de autodeterminação, através de atividades clandestinas que se intensificariam ao final da década<sup>198</sup>.

Em Catete, atuando como enfermeiro, buscou exercer sua influência nas comunidades locais atuando com a ajuda de conterrâneos, enfermeiros, além de alguns líderes locais. Ele e seus companheiros estavam destinados a levarem as mensagens clandestinas, os folhetos e convencer as pessoas das sanzalas daquela área, especialmente a noite e, na maioria das vezes lendo os panfletos aos jovens e velhos, que na sua maioria esmagadora eram analfabetos.<sup>199</sup>

Em 1957, atuou em Bom Jesus, área ainda pertencente a Catete, voltado principalmente para o combate à doença do sono da qual eram vítimas muitos indígenas e moradores das sanzalas da região. E apesar de vários relatos de ex companheiros e dados biográficos (FUX) de que participava de várias rusgas contra os chefes coloniais, nada era provado já que em todos os anos até aqui e pela documentação do Serviço de Higiene e Saúde de Angola, até ser preso em 1958, conseguirá todas as certidões de bom comportamento, todos os direitos possíveis e

---

<sup>197</sup> Depoimento de Carlos Alberto Van-Dúnen ex militante do MPLA. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012.

<sup>198</sup> Idem. E: NGONDA, Lucas. O Impacto dos Movimentos Clandestinos na Luta de Libertação. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012. E: Depoimento de José Diogo Ventura, ex membro do Grupo Espalha Brasas. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012. E ainda: E ainda: Entrevista realizada com Amadeu Amorim, 09 de Setembro de 2019. Acervo Pessoal.

<sup>199</sup> Dados coletados através de relatos orais, da Fundação Uanhenga Xitu, em 2018.

todas as férias sendo atestado positivamente pelos médicos superiores dos locais onde atuava profissionalmente<sup>200</sup>.

O contexto de 1957 foi particularmente importante na formação dos comitês responsáveis pelas atividades clandestinas em Luanda. O grupo de Beto Van-Dúnen e Amadeu Amorim, por exemplo, de acordo com depoimento do primeiro, não só produziu diversos panfletos em suas casas através de uma máquina mandada por Lúcio Lara, o que mostra como os membros dos movimentos dialogavam entre si, como conseguiram aumentar o número de jovens dispostos a participarem, expandindo com um certo sucesso o número de comitês e membros da luta clandestina. Muitos ficaram, outros saíram com o andar das coisas, mas é inegável que o momento era dos jovens que buscavam um ideal de liberdade e um cenário mais justo<sup>201</sup>. Acompanhe um trecho do relato de Van-Dúnen:

[...] foram entregar aos coordenadores que eles tinham aliciado em diversos bairros. O Vicente Gomes ficou com o Bairro Operário, O Luis Rafael ficou com uma parte do São Paulo, eu fiquei com uma parte do Rangel, o Amorim fez um trabalho impressionante (via-se que era um dos mais dedicados) naquilo que hoje se chama prenda, antigamente era o Morro da Maianga. Ele conseguiu ter ali uma equipe formidável. Foram elogiados pelo Ilídio Machado, porém o alcance dos panfletos não pode ir a baixa, já que lá os pretos e mestiços não podiam andar a qualquer. A partir de determinada hora eram enquadrados pela polícia e se não convencesse as autoridades ia pra cadeia<sup>202</sup>.

Foram estabelecidos então a eles normas e regras para participar do movimento tais como: não poderiam beber, pois bêbados tentariam ser heróis, com o risco de falarem demais, proibição de ir aos bailes porque nos bailes, desejariam namorar e caso a moça se recusasse estariam tentados a falar da distribuição para impressioná-las e como consequência também estavam proibidos do próprio namoro. Nas palavras de Beto Van-Dúnen: “Desgastou-se assim a juventude de muitos jovens. O primeiro panfleto saiu no dia 30 de novembro de 1957”<sup>203</sup>.

E ainda mais importante para este trabalho, pensar como atuava a clandestinidade sob a tutela dos funcionários públicos, especialmente os enfermeiros. Beto Van-Dúnen, no seu depoimento no mesmo Colóquio de 2012, cita nominalmente Mendes de Carvalho, descrevendo um pouco de como era a sua atuação e a sua colaboração antes mesmo de chegar à Luanda e fundar o Espalha Brasas:

<sup>200</sup> Proposta de 4 de Junho de 1957. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

Informativo/Processo de 26 de Junho de 1957. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

Portaria de 5 de Julho de 1957. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

<sup>201</sup> E ainda: Entrevista realizada com Amadeu Amorim, 09 de Setembro de 2019. Acervo Pessoal. Depoimento de Carlos Alberto Van-Dúnen ex militante do MPLA. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012.

<sup>202</sup> Idem.

<sup>203</sup> Idem.

E Benguela. E depois na clandestinidade em Angola nós tínhamos no interior, nos postos médicos elementos como José Diogo Ventura, Mendes de Carvalho, Fialho da Costa, que eram enfermeiros e que estavam nos postos médicos, a quem nós enviávamos panfletos. Eles iam as sanzalas na calada da noite explicar a população o que estava a se passar, liam os panfletos, falavam da independência e foram mentalizando determinadas pessoas no interior. Era um processo, primeiro, de consciencializar as pessoas<sup>204</sup>.

Observe que o trabalho dos enfermeiros era usar o instrumento político das palavras, aliado ao respeito junto à população, típico da profissão que “cuida” das pessoas, especialmente em cenários onde o médico não chega, para trabalhar a consciência das comunidades e tentar desta forma despertar o desejo pela independência. Fazendo uso desta “vantagem” esta profissão foi muito importante no momento em que começam as distribuições dos panfletos, agudizando assim a luta clandestina<sup>205</sup>.

Suas tarefas concentraram-se, principalmente em distribuir os panfletos que chegavam, nos locais onde atuavam, com ênfase nas zonas mais ao interior. E ir às escondidas nas casas ler para a maioria analfabeta, especialmente nas madrugadas, trabalhando em prol de chamar os jovens para os movimentos, convencer da importância de se ajudar financeiramente a causa clandestina, através do convencimento sobre a necessidade de se levantar diante do julgo colonial<sup>206</sup>.

Dos grupos e movimentos que começaram a surgir no contexto do final da década de 1950 podemos destacar o Movimento para independência Nacional Angolana (MINA), o Movimento para a independência de Angola (MIA), a União dos povos de Angola (UPA) e o Exército de Libertação de Angola (ELA) e muitos outros, já no declinar dos anos 50. O ELA por exemplo, no qual manteve relações, o Uanhenga Xitu, era constituído por um trio dirigente, dele faziam parte o António Pedro Benje, Fernando Pascoal da Costa e Joaquim de Figueiredo. E ao avançar das articulações clandestinas outras pessoas foram aderindo, como o Sebastião Gaspar Domingues, Pascoal Gomes Carvalho, Berlamino Sabugosa Van-Dúnen, Nobre Pereira Dias, Noé da Silva Saúde e André Rodrigues Mingas<sup>207</sup>.

O ano de 1958 foi um ano de grande Mobilização de angolanos, tanto no interior, tanto nas cidades e também no exterior. O principal objetivo, que se apoiou nas redes criadas entre

---

<sup>204</sup> Idem.

<sup>205</sup> Idem.

<sup>206</sup> Depoimento de Carlos Alberto Van-Dúnen ex militante do MPLA. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012. E: Depoimento de José Diogo Ventura, ex membro do Grupo Espalha Brasas. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012. E ainda: Entrevista realizada com Amadeu Amorim, 09 de Setembro de 2019. Acervo Pessoal.

<sup>207</sup> Idem.



os que estavam fora e dentro, era fazer conhecer a posição dos angolanos nesse primeiro grande fórum africano, a Primeira Conferência Pan-Africanista a ser realizada em dezembro em Accra, no Ghana. Outro fator que movimentou a política na colônia foi a campanha eleitoral para presidência da República portuguesa, realizada em junho, que mexeu com as expectativas tanto dos grupos de oposição portugueses, quanto dos líderes dos movimentos anticoloniais. Sendo o resultado, a vitória de Salazar, uma frustração nas expectativas de algum diálogo referente à autodeterminação para Angola<sup>208</sup>.

Holden Roberto, que era a principal figura política no norte angolano e comandava o principal grupo de resistência daquela região, foi designado em Léopoldville, pelo grupo formado União dos Povos do Norte de Angola (UPNA), que depois virou a UPA (União dos Povos de Angola) do qual foi o líder, para participar da conferência em Accra. Este fato e a sua importância especialmente respaldada por algumas forças internacionais, como o Congo Belga, por exemplo, no futuro próximo, contribuirá para projetar a UPA internacionalmente como representante do movimento anticolonial em Angola<sup>209</sup>.

A fase clandestina ganha novos contornos e intensifica-se ainda mais pelo interior com a formação em 1958 da União das populações de Angola, UPA (que dentro da disputa narrativa política foi acusada de ser regionalista). Foi formada em Léopoldville, hoje Kinshasa e procurou enviar comissários a Angola que começassem a formar células. A célula mais importante da UPA, que tinha várias, para o Luís António da Silva da FNLA, em seu depoimento no “Colóquio Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional”, realizado em 2012, situou-se no Lobito, na clandestinidade ainda. Com a independência da República Democrática do Congo, a UPA teve mais ação e desenvolveu-se de tal maneira que segundo ele, os portugueses sentiram-se amedrontados<sup>210</sup>.

Neste ano, ainda trabalhando em Cabiri, pede a transferência recíproca para Luanda, o que já parecia ser uma articulação política na finalidade de ir para um centro importante da luta clandestina. Desta forma ele propõem uma troca de localidade com o seu colega António

---

<sup>208</sup> NGONDA, Lucas. O Impacto dos Movimentos Clandestinos na Luta de Libertação. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012. E: MEDINA, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013. E: BITTENCOURT, Marcelo. A História Contemporânea de Angola: seus achados e suas armadilhas. In: Construindo o Passado Angolano: as fontes e a sua interpretação. *Actas do II Seminário Internacional sobre a História de Angola (4 a 9 de agosto de 1997)*, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1999, pp. 161-185.

<sup>209</sup> REIS, Fidel. *Era uma vez... O Campo Político Angolano [1950-1965]*. Ed. Narrativa Editoras: Lisboa, 2018.

<sup>210</sup> Depoimento de Luís António da Silva ex militante da FNLA. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012. P. 276-279.

Gonçalves Cadete que trabalhava, a esta altura, nos Hospitais Cívicos de Luanda, efetuando o pagamento para este fim, já que a Fazenda só arcava com as transferências que partissem dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola. Pagou então a estampilha fiscal de esc- 100\$, valor contido na tabela geral do imposto da colônia.

Da Constituição e pelo nº 7º do artigo 12º do Estatuto Político-Administrativo da Província, determina:

São os enfermeiros auxiliares de 2ª classe, de nomeação definitiva e contratado, do quadro de enfermagem dos Serviços de Saúde e Higiene, AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO e ANTONIO GONÇALVES CADETE, colocados respectivamente no Pôsto Sanitário de Cabiri e Hospitais Cívicos de Luanda transferidos, reciprocamente, a seu pedido e sem dispêndio para a Fazenda Nacional. CUMPRASE-SE211.

E sendo tudo efetuado dentro da lei, foi deferido ao seu favor a transferência com o enfermeiro Cadete que fazia parte das suas relações de amizade à época e estreitou estas relações pelo resto da vida. Este enfermeiro atualmente vive em Catete e é considerado um mais velho da região, gozando de respeito pela família de Mendes de Carvalho. Em minha primeira viagem a Angola, a Fundação que leva o nome quimbundo de Mendes de Carvalho, me levou a ter com este mais velho, na qual trouxe contribuições importantes a esta pesquisa através de seus atos de memória. Aqui podemos destacar a sua declaração de que foi Mendes de Carvalho que o convenceu a aderir ao movimento colonial, assegurando que era uma prática constante dele, até mesmo por ser um enfermeiro mais velho, o que nos sugere a possibilidade da transferência recíproca ter sido por articulações políticas muito mais do que apenas conveniência geográfica.

Já no contexto de Luanda, Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho entraria de vez na atividade clandestina organizada. Como tirava licença de trabalho, da qual tinha direito todo ano, não foi difícil para o enfermeiro fazer seu traslado até Léopoldville, onde foi não só com intenções de estabelecer contatos políticos, como de projetar medidas de resistência, se articular com líderes no Congo e planejar o envio de textos que denunciariam a violência colonial em Angola<sup>212</sup>.

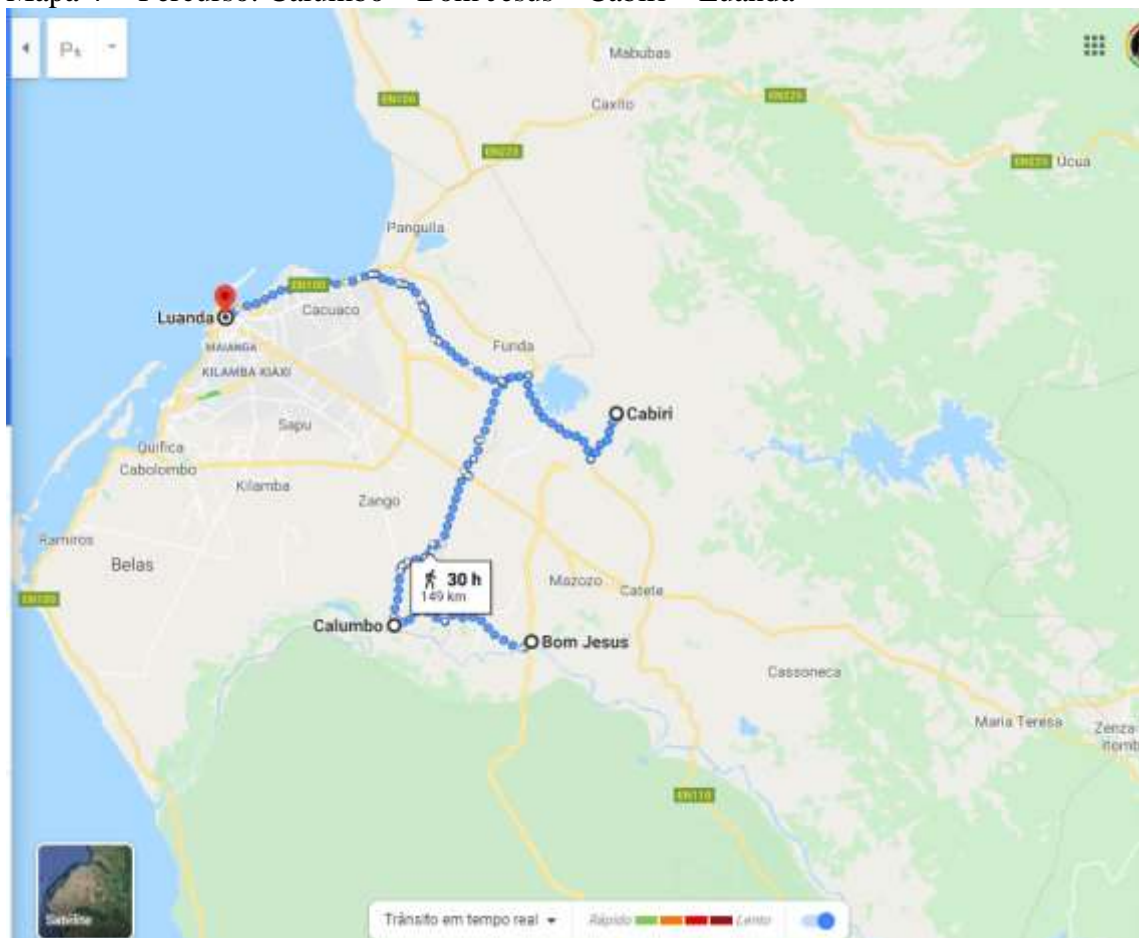
Naquele cenário, é quase certo que já fosse sabido a participação da enfermagem nos grupos anticoloniais e no exercício clandestino e, pela agitação que se passava no Congo, pelas articulações políticas que lá, e na “fronteira” com Angola, se intensificavam, não é difícil supor

<sup>211</sup> Portaria de 6 de Junho de 1958. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

<sup>212</sup> Depoimento de José Diogo Ventura, ex membro do Grupo Espalha Brasas. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012. E: MEDINA, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013. E ainda: MATEUS, Dalila Cabrita. (2006), *Memórias do colonialismo e da guerra*. Porto, Edições ASA, 2006.

que ao se encaminhar naquela direção, já fizesse seu trânsito sobre a desconfiança dos órgão de repressão, o que só vem a corroborar, a entrevista que ele deu a Dalila Mateus no seu livro “Memórias do Colonialismo e da Guerra”, onde contou que ao se comunicar com Amílcar Cabral, foi alertado pelo mesmo de que estava sendo seguido durante toda a viagem<sup>213</sup>.

Mapa 4 - Percurso: Calumbo – Bom Jesus – Cabiri – Luanda



Fonte: Google Maps

### 2.3 Linha temporal dos trânsitos como enfermeiro de Uanhenga-Xitu-Mendes de Carvalho até sua prisão

**1947-** Forma-se no curso de enfermagem, em Luanda e de lá é enviado a Cabinda, depois Lândano para que chegasse na Delegacia de Saúde de Cacongo, onde foi colocado para trabalhar na região do Dinge, na data de 4-6-1947.

**1948-** Foi transferido para o Hospital Regional de Silva Porto, atual Cuíto, em Bié, em 27-10-1948, onde trabalhou até 21-06-1950.

<sup>213</sup> MATEUS, Dalila Cabrita. (2006), *Memórias do colonialismo e da guerra*. Porto, Edições ASA, 2006.

**1950-** Passou a trabalhar no Hospital Regional de Sá da Bandeira, atual Lubango, Huíla, em 21-6-1950. Lá ficou até 13-10-1952.

**1952-** É novamente transferido, desta vez para o Posto Sanitário de Capolo, Porto Amboím, em 13-10-1952. Não chegou a atuar neste posto, sendo colocado transitoriamente para trabalhar na Secretária do Hospital de Benguela.

**1953-** Foi colocado oficialmente no Hospital Regional de Benguela, em 25-4-1953. Alegando não ter condições de financeiras compatíveis para viver em Benguela junto a sua família, pediu transferência para o Mungo. Neste mesmo ano, conseguiu uma transferência recíproca com outro companheiro e foi mandado para o Posto Sanitário do Mungo (a seu pedido), em 5-8-1953. Além disso, conseguiu a nomeação de enfermeiro de segunda classe definitivo.

**1954-** Neste ano, ainda colocado no Mungo, atuou transitoriamente em Luanda.

**1955-** Foi mais uma vez transferido, desta vez para o Posto Sanitário de Calumbo, Catete, em 8-7-1955.

**1957-** Passou a atuar em Bom Jesus, ainda na região de Catete.

**1958-** Ainda na região pertencente a Catete, trabalhou em Cabiri. Neste mesmo ano pediu outra transferência recíproca e veio atuar como enfermeiro em Luanda, até ser preso em 1959.

#### **DE 1947 A 1959**

LUANDA - CACONGO - SILVA PORTO - CAPOLO - BENGUELA - LUANDA - CALUMBO - BOM JESUS - CABIRI - LUANDA.

### 3 O POLÍTICO

Nos centros urbanos o movimento anticolonial usava de clubes desportivos, principalmente de futebol, grupos escolares, além colegas de serviço com afinidades políticas e ideológicas. Já no meio rural, a rede estruturava-se a partir dos membros iniciados na tradição de luta contra os estrangeiros e geralmente contava com certo apoio dos camponeses e de muitos sobas locais, na verdade, este apoio era fundamental para o sucesso das redes. Já no exterior formou-se também uma base de luta com a finalidade da libertação colonial. E mesmo no exterior não estavam livres da perseguição do governo português. Por isso, todas as ações de guerrilha foram clandestinas<sup>214</sup>.

Nosso personagem, de acordo com os dados biográficos da FUX, Tinha grandes contatos com os companheiros Domingos Pedro Francisco, Domingos Manuel, José Manuel Martins, Agostinho, entre outros, em Catete, e na Funda, conhecia o Sátiros, Contreiras (regedor), e o velho Marcelino<sup>215</sup>. Em Luanda, continuou a sua ação política, criando células clandestinas com alguns camaradas tais como: Paiva Domingos da Silva, Neves Bendinha, Virgílio Sotto Mayor, Manuel Bento, Raúl Deão, Miguel Hanji, António Gaspar, entre outros. Ligou-se também à célula clandestina do Cândido da Costa (morto mais tarde pela FNLA).

Além disso, de acordo ainda com estes mesmo dados, Mendes de Carvalho Criou células clandestinas com alguns jovens angolanos no exército português. Fundou com mais oito camaradas o clube “Espalha Brasas” que de recreativo só tinha o nome. Todos os componentes, mais tarde viriam a ser presos e ficaram ligados ao conhecido “Processo dos 50”. Por fim, em função da sua atuação política como enfermeiro e buscando mandar informações para fora de Angola, acabou preso pela polícia salazarista, no ano de 1959<sup>216</sup>.

#### 3.1 Os Espalha Brasas

<sup>214</sup> Depoimento de José Diogo Ventura, ex membro do Grupo Espalha Brasas. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012. E ainda: MEDINA, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013.

<sup>215</sup> Idem. Nota de 17 de Junho de 1959. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E ainda: Nota de 20 de Junho de 1959. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

<sup>216</sup> Depoimento de José Diogo Ventura, ex membro do Grupo Espalha Brasas. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012. MEDINA, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013.

Nota de 20 de Junho de 1959. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E: Proposta Nº 4, datada de 18 de Julho de 1959. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E: Proposta de 19 de Agosto de 1959. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E ainda: Nota 29725/1607/1ª/3ª, datada de 3 de Dezembro de 1959. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

Após sua transferência para Luanda, Uanhenga Xitu, no ano de 1958 estabeleceu com oito companheiros enfermeiros, o clube Espalha Brasas. Este clube sob o disfarce de recreativo, reuniu estes profissionais na tentativa de estruturar uma pequena organização anticolonialista. Teve sua inspiração não só nas ações clandestinas que ocorriam por toda a cidade, mas como destaque, a clara influência exercida pelo clube Bota fogo, que foi criado sob a pele de organização desportiva, porém tinha como principal finalidade promover reuniões e estratégias anticoloniais nos eventos de futebol<sup>217</sup>.

Lopo Nascimento, que depois virou figura importante do MPLA, no cenário do final da década de 1950 era tesoureiro do clube Bota fogo e estabeleceu relações com Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho, que o procurou na tentativa de entender o modelo do Bota Fogo, como inspiração para a organização que estava a fundar<sup>218</sup>. Em depoimento dado no “Colóquio de 95 anos do Nacionalista Mendes de Carvalho” realizado pela Fundação Uanhenga Xitu, em 2019, Nascimento contou que a brincadeira era um grupo botar fogo e o outro espalhar as brasas da luta anticolonial. Além disso o momento na qual se conheceram é explicado por ele da seguinte forma:

Eu como era tesoureiro do Botafogo, ele queria saber como eram geridos os dinheiros e como eram apresentadas as contas para a polícia não duvidasse que aquilo era um clube que acontecia da porta pra fora... Mas da porta pra fora tinha uma atividade(?) [...] Mas não era essa a atividade fundamental, a atividade fundamental na verdade era a que acontecia da porta pra dentro.

Então ele e o mais velho Pascoal da Costa foram a ter comigo, o Capicua disse-me: olha vais conhecer o Mais Velho, mais velho que naquela altura era um jovem... Vais conhecer o camarada Mendes de Carvalho e ele quer saber como que geres os dinheiros aqui... Portanto podes me dizer tudo, como é que a gente faz, como não faz e foi nesta altura que eu o conheci.

A partir daí criou-se uma relação muito estreita entre nós fundamentalmente uma ligação política mais do que cultural, embora ele fosse um homem de cultura, um escritor, mas era a relação política que nós nos unimos<sup>219</sup>.

Como nos mostra acima os usos da memória de Lopo Nascimento, o final da década de 50 sugere uma intensificação das redes anticoloniais e expansão das ideias e dos trânsitos entre pessoas, práticas clandestinas e lugares. Por ser um homem de uma cultura política forjada em

<sup>217</sup> MATEUS, Dalila Cabrita. (2006), *Memórias do colonialismo e da guerra*. Porto, Edições ASA, 2006.

<sup>218</sup> Depoimento de José Diogo Ventura, ex membro do Grupo Espalha Brasas. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012.

<sup>219</sup> Depoimento de Lopo Nascimento realizado no Colóquio de 95 anos do Nacionalista Mendes de Carvalho, 2019. E ainda: Depoimento de José Diogo Ventura, ex membro do Grupo Espalha Brasas. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012. E ainda: MATEUS, Dalila Cabrita. (2006), *Memórias do colonialismo e da guerra*. Porto, Edições ASA, 2006.

uma elite oriunda das relações protestantes, especialmente no eixo simbólico Catete-Luanda, Mendes de Carvalho entendeu a necessidade da construção de um trabalho de base, tentando convencer principalmente os mais jovens à causa da “urgência” pela descolonização. Construiu a sua tomada de consciência e percurso político em um ato contínuo, que exacerbado pelo contato com diversas formas de violência colonial, com destaque para a de origem racial ao atuar como enfermeiro, gerou uma necessidade de atuação mais pró ativa que resultou então na fundação do Espalha Brasas<sup>220</sup>.

Ademais, Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho foi estabelecendo contatos com outras células de resistência, intercambiando informações, entrando onde fosse possível, buscando criar e/ou participar de redes de luta, inteligência e solidariedade, mesmo que naquele momento qualquer forma de organização ainda fosse muito incipiente no contexto geral e assim expandiu significativamente seu capital social. Este percurso baseado nestas aspirações e ancorado por algumas relações como a que travou com o grupo ELA, o fez transitar ao antigo Congo Belga, em dezembro de 1958, com o propósito de ampliar o eixo da clandestinidade estabelecendo contatos e circulando informações principalmente para fora de Angola, buscando estabelecer relações com pessoas influentes e com integrantes da elite política daquela região<sup>221</sup>.

Lá, encontrou-se com Armando Ferreira da Conceição, Van-Dúnen, Antonio Josias de Barros Necaca, então líderes da União dos Povos do Norte de Angola (UPNA), antecessora da União dos Povos de Angola (UPA), que a partir do final desta década e da década seguinte ganhará muita fama na luta anticolonial. Nos documentos referentes ao processo criminal de Uanhenga Xitu, ele foi acusado de integrar a UPA, pelo governo colonial, porém o próprio já disse em diversas entrevistas que àquela altura, não sabia da existência deste movimento. Entretanto chama a atenção para um “mesmo balaio” anticolonial produzido pela PIDE à época. Ainda neste contexto, Holden Roberto, que viria a ser o líder da UPA, estava estabelecendo relações no exterior e seria convidado a participar em Accra, da Conferência dos Povos Africanos.<sup>222</sup>

Assim, Uanhenga Xitu começou a construir para si uma persona política, um capital simbólico, de acordo com a suas experiências, seu capital cultural e social e seus interesses, trazendo a sua prática e seus discursos, já quando funda o Espalha Brasas, para a coletividade. De fato, os nossos discursos são muito mais forjados no coletivo do que no individual, assim como afirma Giovanni Levi, e as redes de sociabilidade vão definir os sujeitos, pois toda a ação

---

<sup>220</sup> Idem.

<sup>221</sup> Idem.

<sup>222</sup> Idem

de um indivíduo está dentro de um sistema, na qual ambos se influenciam mutuamente. Nos contatos, na vivência, nas expectativas, criou um discurso político que longe de ser fixo, pode se transformar ao longo de uma vida inteira, mas também pode se manter fiel. Como afirma Hampaté Bâ no seu texto “A tradição viva”, os povos ao sul do Saara têm uma relação muito forte com a palavra, uma realização da relação com o invisível e com a política.<sup>223</sup>

Por ser, de acordo com o depoimento de Amadeu Amorim, um homem que gostava de circular pelos grupos e saber das coisas, o que se comprova pela sua trajetória, além de ser um dos fundadores do grupo Espalha Brasas, passou a manter relações com o grupo denominado ELA. O grupo ELA era também conhecido como “Grupo dos Mais Velhos” e de acordo com Diogo Ventura, ex membro do Espalha Brasas, era a junção das primeiras iniciais dos pseudónimos de António Pedro Benge (Ernest Guendes), de Fernando Pascoal da Costa (Luzerna Pinto Mendes) e de Joaquim de Figueiredo (Arnaldo Goreva). Uanhenga Xitu procurou sempre estar entre os velhos e os novos, procurou sempre transitar pelo máximo de lugares possíveis, sendo isso um aspecto positivo e por vezes negativo, da sua personalidade<sup>224</sup>.

E assim, o Exército de Libertação de Angola passou a tutelar o Espalha Brasas, que virou um segmento do primeiro por interferência direta de Mendes de Carvalho, estabelecendo então os dois grupos, uma relação recíproca e interdependente no contexto anticolonial a partir de 1958. Do ELA fizeram parte: os “mais velhos”: Sebastião Gaspar Domingos, Fernando Pascoal da Costa, António Pedro Benge, Joaquim de Figueiredo, entre outros e foi “adotando” os mais novos que formavam o grupo dos enfermeiros<sup>225</sup>.

Segundo o próprio Agostinho Mendes de Carvalho, na entrevista que concedeu para o Projeto “Nacionalismo e Luta de Libertação Nacional”, realizado pelo Arquivo Nacional de Angola, o grupo tinha conhecimento do que se passava no exterior por intermédio de correspondências e das transmissões de rádio. Diante disto, unir-se ao grupo dos mais velhos foi uma jogada política interessante e conveniente já que este movimento era mais experiente

<sup>223</sup> BÂ, Hampaté, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (coord.) História Geral da África I. Metodologia e Pré-História da África. Brasília: UNESCO, 2010. (56 PÁGINAS). E ainda: LEVI, Giovanni. “Sobre a micro-história”. In: BURKE, Peter (org.), A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 133-162.

<sup>224</sup> Depoimento de José Diogo Ventura, ex membro do Grupo Espalha Brasas. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012. E ainda: Entrevista realizada com Amadeu Amorim, 09 de Setembro de 2019. Acervo Pessoal.

<sup>225</sup> MATEUS, Dalila Cabrita. *Memórias do colonialismo e da guerra*. Porto, Edições ASA, 2006. Depoimento de Lopo Nascimento realizado no Colóquio de 95 anos do Nacionalista Mendes de Carvalho, 2019. E: Depoimento de José Diogo Ventura, ex membro do Grupo Espalha Brasas. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012. E ainda: Entrevista realizada com Amadeu Amorim, 09 de Setembro de 2019. Acervo Pessoal.



na clandestinidade, com maiores contatos com outras células anticoloniais, além de exercer uma forte influência nas igrejas Católica e Metodista, utilizando os missionários como meios de enviar documentos e cartas para outros países, especialmente os Estados Unidos, denunciando a situação em Angola<sup>226</sup>.

De acordo com os apontamentos historiográficos e dezenas de depoimentos dos participantes da luta anticolonial direta ou indiretamente, é por volta de finais de 1956 que eclode um significativo número de grupos clandestinos com a intenção de opor-se ao sistema colonial. Sobre Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho podemos dizer que atuou bem na tentativa de se articular com várias composições da resistência, sendo normal na época "estar envolvido em mais do que um grupo e nem sempre se conheciam exatamente as ligações de cada grupo a terceiros"<sup>227</sup>.

O contexto da criação dos Espalha Brasas surge no momento no qual Mendes de Carvalho completa seu trânsito laboral, que terá fim ao ser preso, sendo transferido para Luanda regressado do interior para trabalhar na delegacia de saúde popularmente chamada de delegacia dos musseques, conhecida também como a Delegacia de Saúde de São Paulo, onde o hospital de mesmo nome tinha acabado de ser construído para atender aquela região, proporcionando a chamada de enfermeiros para os cargos vagos, no Posto Sanitário do Bengo/Kwanza<sup>228</sup>.

Junto aos seus colegas enfermeiros que também regressaram do interior e se tornaram além de companheiros de trabalho, vizinhos, encontrou uma cidade já agitada pela distribuição de folhetos oriundo das células clandestinas já envolvidas em muitas atividades consideradas subversivas. É preciso atentar que este período data de apenas alguns anos da instalação da PIDE na colônia, o que aumentou o ciclo de violência, especialmente nas regiões periféricas de Luanda. Como Uanhenga Xitu já vinha de um histórico de contestação, de utilizar a profissão como meio de "politizar" e fazer política no seu contato com as populações rurais, o segundo passo da sua práxis, já na cidade, foi adotar uma postura considerada menos passiva e ativar-se frente a luta anticolonial<sup>229</sup>.

Assim ele e seus companheiros de trabalho Florêncio Gamaliel Gaspar, Garcia Lourenço Vaz Contreiras, Manuel Bernardo de Souza, Joao Lopes Teixeira, José Diogo

---

<sup>226</sup> MEDINA, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013. P. 45.

<sup>227</sup> Idem.

<sup>228</sup> MEDINA, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013.

Depoimento de José Diogo Ventura, ex membro do Grupo Espalha Brasas. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012.

<sup>229</sup> Idem.

Ventura, Manuel Baptista de Sousa, se encontravam nos tempos livres para falar dos assuntos referentes a agitação anti Estado Novo, comparar as notícias, falar sobre ações que ocorreram, boatos que chegavam, comparando o que foi noticiado pela imprensa da época, majoritariamente jornal impresso, que pouco ou nada publicava sobre o assunto, numa clara censura ao tema, com o que corria nas bocas miúdas a se propagar por diversos espaços citadinos, inclusive os musseques<sup>230</sup>.

É difícil saber se pelo interior Uanhenga Xitu Mendes de Carvalho já praticava o ato de falar com a população sobre a importância da anticolonização, testemunhos de companheiros e de familiares dizem que sim, a verdade é que de forma concreta o Espalha Brasas acontece em 1958, no qual o trabalho de espalhar e ler os panfletos nas comunidades virou uma prática, além da já habitual tarefa de conversar, o que ele continuava a fazer com jovens e velhos, especialmente dos musseques, na tentativa de apoio das massas à luta de libertação. Se antes de 1958, o enfermeiro já praticava o ato político de conversar com as pessoas na tentativa de convencimento contra o sistema, o fazia de forma quase que individual, estabelecendo redes, mas sem pertencer concretamente a um movimento ou organização política.

Ao se deparar com situações de racismo, violência, falta de necessidades básicas como educação, saúde e abandono das populações rurais, pautou sua contestação em atos de insubordinação, de acordo com relatos de memória que compõem sua biografia, além de construção e/ou participação na formação de redes já a denunciar as relações de trabalho pelos diversos locais onde atuou. Com destaque especial para a região do Mungo, lugar do qual ele irá construir uma narrativa própria<sup>231</sup>.

Nas suas reuniões no clube recém formado, já em contexto luandense, procuraram reger um estatuto que nunca chegou ao fim, faziam a leitura dos panfletos que chegavam até eles, reproduzindo alguns que continham mensagens mais fortes e acabavam por contribuir também na sua distribuição, aproveitando da propaganda diante da confusão eleitoral que estava em curso no ano de 1958<sup>232</sup>. Observe abaixo o que nos fala o próprio Mendes de Carvalho sobre este período:

---

<sup>230</sup> Depoimento de José Diogo Ventura, ex membro do Grupo Espalha Brasas. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012. P. 363-366. E ainda: MATEUS, Dalila Cabrita. *Memórias do colonialismo e da guerra*. Porto, Edições ASA, 2006.

Depoimento de Lopo Nascimento realizado no Colóquio de 95 anos do Nacionalista Mendes de Carvalho, 2019.

<sup>231</sup> XITU, Uanhenga. *Mungo – Os sobreviventes da máquina colonial depõem...* Luanda: Editorial Nzila, Coleção Letras Angolanas 5, 2002.

<sup>232</sup> Depoimento de José Diogo Ventura, ex membro do Grupo Espalha Brasas. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012. P. 363-366.

R— Fazíamos parte de um clube de enfermeiros, a que tínhamos dado o nome de Espalha Brasas. E já havia um outro grupo, do Lopo de Nascimento, com o nome de Bota Fogo. Como estávamos bem perto, nós espalhávamos as brasas, e eles botavam o fogo. Eram clubes recreativos e sociais, para atrair as pessoas. Uma vez lá dentro, cabia-nos doutriná-las. Antes de ser preso, fui a Kinshasa, naquele tempo Leopoldville. Já tínhamos o clube formado, mas queríamos um local, lá fora, para o envio da correspondência. Fui, então, a Kinshasa para encontrar alguns angolanos, pois havia lá alguns, de Cabinda e do Uíje. Queria sondar e encontrar um meio de me encontrar com Kasavubu. Em Dezembro de 1958, fui lá e fiz muitas reuniões com angolanos que lá estavam, a ver se nos ajudavam<sup>233</sup>.

Pelo relato anterior, aliado a outras fontes sobre a trajetória do político, apesar da sua valiosa contribuição à luta anticolonial, ela, na prática, foi breve, o que nos faz pensar que talvez a maior atuação política de Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho, antes da sua liberdade condicional em 1970, foi escrevendo a sua obra literária onde lá reflete seus ideais, sua cultura política, seu imaginário de libertação, suas aspirações ao futuro, seu poder de mediação e defesa em prol da conciliação, construindo, assim para si, uma cultura política do Mais-velho, algo de muita relevância nas relações sociais e culturais em Angola, ainda hoje. Não se pode esquecer que Uanhenga Xitu não pegou em armas, mas integrou o Processo dos 50, processo este que virou um símbolo de resistência e sinônimo de geração dos primeiros “heróis” da luta por independência, geração esta, que de acordo com o próprio autor em seu livro *O Ministro*, foi desrespeitada e muitas vezes esquecidas pelas gerações políticas mais novas do quadro do MPLA.

De um homem de Catete, do grupo fiel a Agostinho Neto e de um “herói nacionalista” garantiu a ele certamente seu nome na história do século XX angolano e guardou para os seus descendentes um lugar social de destaque ao fazer parte da elite política angolana criada pela ascensão ao poder e permanência até os dias de sua morte nos quadros de honra do MPLA de uma Nação jovem na qual não precisava ser rei, mas politicamente era fundamental ser amigo dele. Seja qual fosse a força da relação entre Mendes de Carvalho e Agostinho Neto, o importante era para quem ela deveria parecer forte, este capital político de ser do ciclo de relações do presidente Neto, importantíssimo na Angola da segunda metade do século XX, Uanhenga Xitu soube construir muito bem dentro e fora do MPLA. Sua astúcia política se referenciam muito mais no plano das construções de identidade, no capital político forjado para si, do que propriamente na participação efetiva da luta anticolonial, já que estava preso, mas que não tira o mérito da história de coragem, da inteligência política e da maestria ao usar as

---

<sup>233</sup> MATEUS, Dalila Cabrita. *Memórias do colonialismo e da guerra*. Porto, Edições ASA, 2006. E ainda: MARCUM, J. *The Angolan Revolution*. Massachusetts: Mit Press, 1969-1978, 2v.

palavras, não do ponto de vista literário ou gramatical, mas no sentido que de fato importou: nas práticas das relações sociais, culturais e políticas<sup>234</sup>.

Em 1958, momento de grande efervescência com o cenário político do continente africano, a atuação extremamente repressiva da PIDE, já fundado o Espalha Brasas e trabalhando junto ao grupo ELA, Uanhenga Xitu- Mendes de Carvalho viaja ao antigo Congo Belga, especificamente Léopoldville, atual Kinshasa e lá conheceu o jovem José Manuel Lisboa, que será fundamental para o desenrolar do seu percurso político. E ainda, estabelecerá contato com o Armando Ferreira da Conceição que se encontrava no consulado de Portugal. Lá traçou estratégias políticas onde a intenção era mandar para fora do país, mais especificamente para a Conferencia Pan-Africana que seria realizada dentro em breve, em Acra, Gana, documentos que denunciavam a violência colonial e declaravam o desejo à independência<sup>235</sup>.

Uanhenga Xitu, muito provavelmente foi até lá no seu período de férias, já que era um funcionário Público que recebia todo o ano, garantido pela lei colonial, um mês de férias. Lá estabeleceu contatos e redes, que o mesmo explica um pouco como se deu no seu livro *O Ministro* que ele escreverá anos depois deste incidente, além de narrar os fatos em vários dos depoimentos que concedeu ao longo da vida.. Ele conta que em Léopoldville:

Tinham ido para lá, para conseguirem um meio de sustento e, ao mesmo tempo, para começarem a procurar saídas políticas. Como lhe disse, encontrei-me com o Kasavubu, pois o Lumumba não estava lá. Mas, ao sair de Luanda, num avião da companhia Sabena, notei que viajava com Amílcar Cabral. Escrevi-lhe um bilhete, pois gostava de saber para onde ia. Chamei a hospedeira e entreguei-lhe o bilhete. O Amílcar Cabral não me respondeu. Ao desembarcar no aeroporto de Leopoldville, aproximei-me dele, que me disse: «— *Recebi o seu bilhete. Vou partir num avião da Pan-American, que vem do Quênia. Mas tenha cuidado. Como lhe disse, recebi o seu bilhete. Mas, antes de mo entregar, a hospedeira foi mostrá-lo a outra pessoa. Tenha, pois, cuidado, porque está a ser seguido*<sup>236</sup>.

Assim é possível depreendermos a partir da fala acima a importância de 1958 para o rumo político que sua vida pegaria, influenciando decisivamente toda a sua trajetória. Fez um movimento de trânsito de Luanda ao Congo, lá transitou entre grupos estabeleceu relações, mediou, articulou, voltou a Luanda, montou junto ao seu grupo e redes uma estratégia. E a partir da ida do jovem Lisboa à cidade luandense, onde já em contato com o companheiro Armando Ferreira Conceição, planejou para que o mesmo recebesse o documento e do Congo, já em território internacional, levá-lo através de alguma rede à Conferencia em Gana que pretendia

<sup>234</sup> XITU, Uanhenga. *O Ministro*. 2. ed. Luanda: UEA, 1991.

<sup>235</sup> Idem.

<sup>236</sup> MATEUS, Dalila Cabrita. *Memórias do colonialismo e da guerra*. Porto, Edições ASA, 2006. E ainda: MARTINS, João Pedro de Oliveira. *A emigração portuguesa*. Obras completas. Lisboa: Guimarães & C. Editores, 1956.

discutir a situação da África à época, que tinha como um dos objetivos travar discussões sobre a situação dos países ainda sobre o governo colonial<sup>237</sup>.

Porém por um provável erro estratégico e com a forte vigilância da PIDE, o documento foi interceptado no dia 28 de março de 1959, no momento do embarque de regresso de Manuel Lisboa. Nota-se que ele iria de avião, o que denota uma posição privilegiada e que aventa também como possibilidade, um custeio do próprio movimento clandestino. Fica aberta à hipótese na análise de depoimentos e documentos da PIDE à época de que ao ir ao Congo, lugar de muitos trânsitos políticos e de valor inestimável para as articulações que irão se complexar a partir deste ano e ganhar vários contornos nos anos seguintes no processo da luta armada; foi uma representação e uma tomada de posição das duas células tanto o Espalha Brasas, quanto o ELA, para então entender os possíveis cenários, estabelecer relações e articular uma reivindicação por escrito contra o jugo colonial<sup>238</sup>.

A reivindicação feita, não chegará ao seu destino, pelo fato da PIDE, que já desconfiava e tinha muitos olheiros até dentro dos próprios grupos clandestinos, interceptar Manuel Lisboa no aeroporto de Luanda, hoje conhecido como 4 de Fevereiro.

A partir desta prisão e apreensão da documentação clandestina, uma série de prisões começaram a serem efetuadas e uma verdadeira “caça às bruxas” aos grupos clandestinos que de alguma forma se articulavam com o ELA e o Espalha Brasas. Para piorar a crise política no seio do movimento, a PIDE utilizava-se da ilegalidade nas prisões, da tortura e da compra de informações para causar uma série de delações que rapidamente desarticulou e ruiu a maior parte das células atuantes em Luanda, atingindo integrantes que estavam em outras regiões e acabaram por serem denunciados<sup>239</sup>.

### 3.2 O Momento da Prisão

Em 1959 a UPA, recém formada sobre o comando de Holder Roberto chamava a atenção da PIDE para o norte do País. Como no Congo Belga já se falava em independência, a fronteira entre ele e Angola situava-se como um ambiente de constantes articulações, trânsitos de pessoas, ideias e documentos, influenciando o espírito anticolonial que se formava em muitos grupos sociais. O nacionalismo angolano revelou diversos formatos e perspectivas de luta, ideologia, práticas e discursos políticos, influenciados em maior ou menor escalas por diversos

---

<sup>237</sup> Idem.

<sup>238</sup> Idem.

<sup>239</sup> Idem.

movimentos da década de 1950 e 1960. Em uma análise sobre este tema percebemos a influência do Pan-africanismo, do marxismo, do anticolonialismo americano, dos movimentos de independência em África e Ásia, revoluções de cuba e o declínio da Europa no mundo através do começo do fim do modelo colonial<sup>240</sup>.

Antes disso em 1959 foram presos os políticos, as pessoas que estavam envolvidos nos movimentos de independência de Angola. Inicialmente estava o grupo MIA, onde eu pertencia que era o Movimento para a Independência de Angola, havia o ELA, onde estava o Mendes de Carvalho, não diretamente lá, mas nas cercanias, porque ele conhecia alguns velhotes, aquele era um grupo só de velhotes, pessoas já de muito idade, portanto não aceitavam lá os miúdos e como estava numa fase policial muito forte, não, nem sequer os miúdos podiam saber o que se quer se falava, onde é que estavam e onde é que reuniam. Portanto Mendes de Carvalho andava a volta deles, conversando com este com aquele, que era o feitio dele e foram presos eles em 59 e depois nós também em 59 por erros táticos, erros políticos, no meu caso o grupo que era o MIA, sabíamos que não podíamos andar com panfletos no bolso, mas um dos nossos amigos tinha um panfleto no bolso, o último que tinha saído<sup>241</sup>.

Esta variedade ideológica que ganha muita repercussão no seio da luta a partir de finais da década de 50 do século passado, é perceptível nos panfletos, nas documentações apreendidas pela PIDE, das manifestações artísticas, especialmente as literárias, das preferências por apoios políticos internacionais, da inserção de brancos e mestiços ou não, pelo menos a nível de discurso, nos quadros de liderança. Soma-se a isso o ano de 1959 foi um ano de relações problemáticas, já renunciando a guerra que terá início dois anos depois, com a multiplicação de organizações políticas, seja na cidade, seja no interior, seja no exterior. É quando ocorre o primeiro grande processo de prisão política que será nomeado como Processo dos 50, no qual integrantes de diversos grupos com ideologias distintas e objetivos em comum foram presos, torturados, condenados, julgados e muitos até desterrados, provando a gênese múltipla do nacionalismo angolano, que desembocará tanto em uma tensão entre os movimentos, quanto na luta armada, já no começo da década que se seguirá<sup>242</sup>.

Em depoimento dado a Dalila Cabrita Mateus, no seu livro “Memórias do Colonialismo e da Guerra”, Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho relatou um pouco do seu ponto de vista sobre os acontecimentos que levaram a sua prisão. Segundo ele, ao viajar no final de 1958 para

<sup>240</sup> MEDINA, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013. E: REIS, Fidel. *Era uma vez... O Campo Político Angolano [1950-1965]*. Ed. Narrativa Editoras: Lisboa, 2018. E: MATEUS, Dalila Cabrita e MATEUS, Álvaro. *Angola 61 – Guerra Colonial e consequências*. Alfragide: Texto Editores, 2011. E ainda: Depoimento de Paulo Nkunsevo ex militante da Grupo FNLA. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012. E mais: Entrevista realizada com Amadeu Amorim, 09 de Setembro de 2019. Acervo Pessoal.

<sup>241</sup> Entrevista realizada com Amadeu Amorim, 09 de Setembro de 2019. Acervo Pessoal.

<sup>242</sup> NETO, Maria da Conceição. Breve Introdução Histórica. In. Medina, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013. P. 48 e 49.

Léopoldville, na tentativa de se articular politicamente com líderes daquele país, buscar apoio internacional para a causa angolana, atuando como enviado do ELA e representante do Espalha Brasas, percebeu ao ser alertado por Amílcar Cabral, que já naquele momento estava sendo seguido e observado. Conseguiu escapar, segundo o mesmo, mas é certo que neste momento já era um alvo da polícia internacional<sup>243</sup>. Junta-se a isso o trecho abaixo relativo à perspectiva de Amadeu Amorim:

O ELA aonde estava mais ou menos ligado o Mendes de Carvalho, porque o Mendes de Carvalho estava ligado ao Espalha Brasa. O Mendes Carvalho vai ao norte, vai ao norte... vai ao Congo que era um suicídio. Vai ao Congo e a polícia vai atrás dele, naturalmente. Como é que este vai ao Congo, que que lá vai fazer no Congo? Ele fez alguns contatos, voltou e a polícia não o largou mais, atrás dele a todo lado onde ele fosse e descobriu o Espalha Brasa, que era um grupo de enfermeiros, embora não fosse um grupo absolutamente político [...]<sup>244</sup>.

Pelas informações que a história nos proporciona, fica evidente que tanto Uanhenga Xitu, quanto aqueles articulados com ele, já estavam no radar dos órgãos repressores do regime, o que facilitou a descoberta do seu plano. Outro agravante que se tornou um erro de estratégia, causado segundo depoimentos, por iniciativa do enfermeiro, foi a festa dada em despedida do jovem às vésperas da execução do plano, chamando a atenção da PIDE que contava com informantes infiltrados em vários lugares. Não foi diferente, os acontecimentos da festa, incluindo vivas a Independência e a Angola, surgiram nas querelas daqueles que lá estavam presentes<sup>245</sup>.

Ao chegar no aeroporto de Luanda, o jovem que levava os documentos destinados aos contatos no exterior, escondidos nos casacos, foi apanhado e a partir daí, com tudo exposto, começou uma caçada pelos bairros e musseques da cidade atrás dos agora considerados terroristas<sup>246</sup>. Em depoimento que concedeu a Dalila Mateus, Mendes de Carvalho conta que José Manuel Lisboa, o portador das cartas, já estava a ser vigiado e assim, antes que pudesse embarcar foi preso pela polícia internacional que ao ordenar que o jovem abrisse as malas encontrou os documentos que Uanhenga Xitu havia escondido entre as roupas. Na mesma noite a PIDE começou a efetuar as prisões e logo as informações começaram a correr pelos grupos. Pela manhã ele avisou os colegas do Espalha Brasas e resolveu se entregar as autoridades. —”

<sup>243</sup> Depoimento de José Diogo Ventura, ex membro do Grupo Espalha Brasas. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012. E: MATEUS, Dalila Cabrita. (2006), Memórias do colonialismo e da guerra. Porto, Edições ASA, 2006.

<sup>244</sup> Entrevista realizada com Amadeu Amorim, 09 de Setembro de 2019. Acervo Pessoal.

<sup>245</sup> Idem. E MARCUM, J. *The Angolan Revolution*. Massachusetts: Mit Press, 1969-1978, 2v.

<sup>246</sup> Idem.

*Ouvi dizer que os senhores foram à minha casa e a revolveram toda. E como não tenho medo, aqui estou.»*<sup>247</sup>.

De acordo também com seu relato, foi ele quem se entregou por julgar ser a hora de confrontar a ordem colonial, dando então um telefonema a PIDE para que fossem buscá-lo. Esta decisão foi tomada muito porque ao fugir foi recebendo notícia da caçada pelas redes de informações, inclusive que já teriam ido a sua casa, agindo de forma violenta ao procurá-lo. Na sua descrição ele nos traz algumas informações pessoais e coletivas, como por exemplo quando diz que encontrou lá muitos companheiros já presos, ou seja, a PIDE conseguiu assim desarticular, e conseguiria mais ao longo dos meses, vários grupos clandestinos<sup>248</sup>.

Foi em seguida interrogado, a princípio sem violência, na tentativa de que ele entregasse outros grupos e outros companheiros. No dia seguinte mais interrogatórios, dando entender que eram acareações indiretas entre os presos; rolavam muitas vezes acareações de fato, ele mesmo diz que participou de uma com o companheiro Bengue e a PIDE não obtendo as suas respostas, diante dos métodos de tortura psicológicos, começou a praticar torturas físicas através de surras, longos períodos feridos e em pé, privações de sono e muitas outras condutas que a história nos conta sobre a polícia internacional de Salazar<sup>249</sup>.

O colonialismo como estrutura fascista apertava cada vez mais o cerco nas suas colônias a partir do endurecimento dos órgãos internacionais como a ONU e até de governos politicamente contrários à manutenção das colônias em África como os Estados Unidos. E concomitante a isso, a onda de independências de países asiáticos e africanos chegava com força nas colônias portuguesas e incentivava a criação e fortalecimento de grupos, células que se articulavam e se intercambiavam na tentativa de oferecer resistência à violência física, simbólica e psicológica colonial. À margem das garantias do pertencimento português que insuflou o sentimento de injustiça e de necessidade de independência por aqueles que já eram críticos e se colocavam contra o sistema<sup>250</sup>.

Entramos no cenário de viragem da década. Se a década de 1950 representou o começo efetivo das contestações contra o governo colonial português no século XX, a década que se inicia, 1960, será explosiva no contexto interno angolano. Ela trará o começo de importantes revoltas como a das terras algodoeiras da Baixa do Kasanje, o 4 de Fevereiro que se configurou

<sup>247</sup> MATEUS, Dalila Cabrita. *Memórias do colonialismo e da guerra*. Porto, Edições ASA, 2006.

<sup>248</sup> Idem.

<sup>249</sup> Idem

<sup>250</sup> Idem. E ainda: NETO, Maria da Conceição. Breve Introdução Histórica. In: Medina, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013. E: CASTELO, Claudia. *Novos Brasis" em África: desenvolvimento e colonialismo português tardio. Varia história.*, v.30, n.53, p. 507-532, 2014.



como uma resposta à prisão dos anticolonialistas presos no evento historicamente conhecido com Processo dos 50 e em 1961 na eclosão da luta armada que obrigará o regime colonial após uma resposta extremamente violenta de repressão, a uma revisão da sua resposta política, até o acordo pela independência<sup>251</sup>.

Dando sequência temporal aos acontecimentos ligados aos percursos, contradições e mediações do político e enfermeiro Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho, seguiremos a partir daqui os reflexos dos acontecimentos de 1959, especificamente sua prisão e as consequências da mesma em âmbito individual e coletivo e seguiremos este fio passando pelo Processo dos 50, o desterro à Tarrafal, o surgimento do autor, sua condicional e o cenário de vivência que encontrou até Angola se tornar uma Nação.

### 3.3 O Processo dos 50

O “Processo dos 50” recebeu essa nomeação por intermédio da ação de um dos membros da luta anticolonial, que nesse momento ainda não era armada. O nome ganha vida a partir de um folheto enviado por Joaquim Pinto de Andrade para seu irmão Mário Pinto de Andrade que então residia no exterior e assim estava mais possibilitado a denunciar a política de Salazar nas colônias. Nesse folheto continha uma denúncia sobre a prisão de 50 nacionalista pela polícia colonial, informando sobre os desmandos e a perseguição política imposta aos angolanos pela colônia portuguesa. Esta correspondência ao narrar os fatos políticos vivenciados naquele contexto foi um dos vários responsáveis por ditar os rumos da “revolução”, sendo eles e seus desdobramentos um dos estopins da luta armada que eclode em 1961.

A narrativa pessoal de Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho no “Processo dos 50” teve muitos personagens e se confunde com a história coletiva dos movimentos clandestinos do final da década de 1950. Ao ser descoberto junto ao grupo ELA/Espalha Brasas pela PIDE, foi considerado um dos líderes do grupo e tratado como um dos “terroristas” mais perigosos. É importante também destacar a “fama” do ELA enquanto movimento, já que na documentação aparece o seu nome e não do Espalha Brasas, sabe-se que existiam os dois e que em grande medida se complementavam, porém o primeiro estava muito mais estruturado e articulado<sup>252</sup>.

---

<sup>251</sup> MATEUS, Dalila Cabrita e MATEUS, Álvaro. Angola 61 – Guerra Colonial e consequências. Alfragide: Texto Editores, 2011. E: CASTELO, Cláudia, «O luso-tropicalismo e o colonialismo português tardio» in [www.buala.org](http://www.buala.org), 5 de Março de 2013.

<sup>252</sup> MEDINA, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013.

Ao dialogarmos com Maria do Carmo Medina e com os depoimentos de Diogo Ventura, Beto Van-Dúnem e Amadeu Amorim, percebemos os pontos de concordância que constroem esta narrativa. Como, por exemplo, o fato de Uanhenga Xitu ter sido arrolado no primeiro processo julgado pelo Tribunal Militar que estrategicamente dividiu, inclusive, nos leva a crer, usando como principal critério o racial, o grupo de mais de cinquenta presos em três processos distintos, porém relacionados ao mesmo crime: atividade subversiva, terrorismo, crime de lesa-pátria<sup>253</sup>. Neste sentido, o Serviço de Saúde e Higiene de Angola buscou entender o peso das acusações aos seus funcionários detidos, trocando informações com os órgãos da Polícia e mais tarde, com o Tribunal Militar Territorial. Segue a resposta ao pedido de esclarecimento sobre a situação do enfermeiro, feito junto a PIDE:

Em referência à nota nº 15 227/ 165/ 2ª/ 1ª., de 17 de Junho do corrente ano, informe-se que o enfermeiro auxiliar de 2ª classe, AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO, foi detido pela P.I.D.E., em 29 de Março do ano corrente<sup>254</sup>.

Como nos sugere a leitura acima, aliado aos documentos da época referente à PIDE, no livro da Medina, documentos enviados ao Tribunal Superior Militar, além daqueles relacionados ao enfermeiro, ligados a troca de informações entre os Serviços de Saúde e Higiene, da qual era funcionário, e os órgãos estatais envolvidos no julgamento, o percurso dele, assim como o de todos que foram envolvidos nesta prisão e condenação de cariz político, será repleto de violência física e psicológica, ameaças, tentativas de suborno, injustiças, violações e aberrações jurídicas. Todo este contexto, misturando medidas arbitrárias por parte do Estado e por parte do Tribunal Militar e estratégias de resistência, vão se prolongar durante todo seu cárcere<sup>255</sup>.

As prisões que ocorreram ao longo de 1959, perduraram em caráter preventivo até ser declarada a sentença já no ano seguinte. Enquanto esperavam pelo julgamento os presos, entre ele Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho, tinham um limitadíssimo direito a defesa, estavam constantemente em isolamento e eram interrogados a base de tortura, que em geral dava resultado, possibilitando a PIDE tecer um fio condutor através da comparação dos depoimentos, que a ajudou a dismantelar naquele primeiro momento, alguns dos principais grupos clandestinos, como o ELA e o MIA, por exemplo, e ainda, as famílias dos prisioneiros eram privadas de notícias oficiais<sup>256</sup>.

---

<sup>253</sup> Idem.

<sup>254</sup> Nota de 20 de Junho de 1959. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

<sup>255</sup> Distribuição de Panfletos em Luanda 10-1-1959, de 10 de Janeiro de 1959. Anexo 1, MEDINA, 2013. Informação da PIDE sobre a organização UPA - 24 de Janeiro de 1959. Anexo 2, MEDINA, 2013.

<sup>256</sup> Depoimento de Carlos Alberto Van-Dúnem ex militante do MPLA. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que*

O processo que fora dividido em três teve seu início em março de 1959 com o começo das prisões, sendo o primeiro aquele que o enfermeiro Uanhenga Xitu foi arrolado, no qual a maioria dos presos pertenciam ao grupo Movimento pela Libertação de Angola (MLA), onde compunha-se grupo ELA e o grupo dos Espalha Brasas, na qual a PIDE chamava de Grupo dos enfermeiros. Neste grupo inicial se encontravam: Garcia Lourenço Vaz Contreiras; João Lopes Teixeira; Florêncio Gamaliel Gaspar; Gaspar Domingos; José Diogo Ventura; Adão Domingos Martins; Manuel Bernardo de Sousa; João Fialho da Costa e Agostinho André Mendes de Carvalho<sup>257</sup>.

O segundo começa em maio do mesmo ano com as seguintes prisões, especialmente dos integrantes do grupo conhecido como Movimento para Libertação de Angola (MIA), que reuniu muito dos intelectuais do presente e do futuro residentes principalmente na região de Luanda. Nele passaram figuras como Viriato da Cruz e Amadeu Amorim e teve um total de 21 mandatos, sendo somente 18 presos, aqueles que residiam em Angola. Entre eles: Ilídio Machado; André Franco de Sousa; Higinio Aires de Sousa; Carlos Aniceto Vieira Dias, Gabriel Leitão Pereira; Miguel de Oliveira Fernandes; Amadeu Amorim, Carlos Alberto Van Dunem. Três acusados, entre ele Matias Miguéis, foram julgados à revelia<sup>258</sup>.

O Terceiro desenrolou-se em junho de 1959 e recaiu majoritariamente ao Movimento de Libertação Nacional (MLN) e tinha sete arguidos: o engenheiro Calazans Duarte, o arquiteto António Matos Veloso, a Dr.<sup>a</sup> Julieta Gândara, José Luciano Vieira Meireles, Hélder Neto, António Contreiras da Costa e Manuel dos Santos Junior. Tanto a Dalila Mateus, quanto a Maria do Carmo Medina mostram em seus textos como fica nítido, primeiro o critério racial, depois o lugar de fala, junto ao lugar social de cada grupo de presos, na forma como os julgamentos e a condução do caso vai se desenrolar. Foram ainda julgados à revelia, durante os três processos, também por motivos de ausência: Mário Pinto de Andrade; Viriato da Cruz; Deolinda Rodrigues (MPLA); Holden Roberto, João Eduardo Pinock e Manuel Barros Nekaka (dirigentes da UPA); António Jacinto e um marinheiro norte-americano<sup>259</sup>.

Como o critério racial é um dos pontos de partida na condução destes três processos, mostrando também que ser de pele negra é estar abaixo na hierarquia mesmo entre os “assimilados”. O primeiro, de maioria negra e de profissões subalternizadas como a enfermagem, pegaram as penas mais duras, enquanto que o segundo processo composto por

---

*se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012. E: Entrevista realizada com Amadeu Amorim, 09 de Setembro de 2019. Acervo Pessoal. E ainda: CASTELO, Claudia. Novos Brasis" em África: desenvolvimento e colonialismo português tardio. *Varia história.*, v.30, n.53, p. 507-532, 2014

<sup>257</sup> MEDINA, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013.

<sup>258</sup> Idem.

<sup>259</sup> Idem.

muitos mestiços e “intelectuais” da época, obtiveram penas mais “brandas”, com a justificativa para a atenuação, da confissão e manifestação de arrependimento por três presos, sendo o último processo, de maioria branca e elitizada, muitos, participantes do Partido Comunista Português (PCP), da qual observamos pela a profissão que acompanha alguns dos nomes, pertencentes a uma elite local descontente com o desprestígio a favor dos portugueses que imigravam, os condenados com menor peso punitivo<sup>260</sup>.

Enquanto encontrava-se em prisão preventiva nas cadeias da PIDE, o Serviço de Saúde e Higiene de Angola trocava informações com a polícia e com a Direção Geral da Administração Política e Civil sobre a situação do então funcionário Mendes de Carvalho. A par da situação a instituição empregadora de Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho solicitou via Portaria do dia 8 de Janeiro de 1960, a suspensão do seu exercício profissional e o corte em 50% dos seus vencimentos até o resultado do julgamento final, como nos mostra o documento abaixo<sup>261</sup>.

Foi recebida na Direção dos Serviços de Saúde e Higiene, enviada pela Delegação da Procuradoria da República junto da 2ª. Vara Judicial da Comarca de Luanda, nos termos do § 3º. Do artigo 353º. Do Estatuto do Funcionalismo do Ultramarino, certidão do despacho de pronuncia definitiva, respeitante ao enfermeiro auxiliar de 2ª. classe, de nomeação definitiva, do quadro de enfermagem dos Serviços de Saúde e Higiene, AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO; [...] É o enfermeiro auxiliar de 2ª classe, de nomeação definitiva, do quadro de enfermagem dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO, suspenso de exercício e vencimentos até julgamento final, nos termos do § 2º do artigo 353º do Estatuto do Funcionalismo ultramarino<sup>262</sup>.

Pelo documento acima que foi enviado ao Governador Geral da Província de Angola, pela Administração Política e Civil referente a proposta nº 23 que foi a proposta já aqui exposta, requerendo o corte no seu salário e a suspensão do direito de exercer a profissão, foi deferida positivamente. A perda de uma série de direitos, como a profissão, o exercer político e até mesmo a uma defesa justa, fizeram parte, junto a toda engrenagem burocrática colonial possível, das punições aos acusados de terrorismo pelo Estado Novo Português<sup>263</sup>.

A violência não será restrita a questão física, será ainda moral, psicológica, econômica, punindo antes mesmo da condenação não só o acusado, mas por extensão as suas famílias. O enfermeiro ainda, mesmo da cadeia, tentou correr atrás dos seus direitos trabalhistas que, sem surpresa nenhuma dentro de um contexto, ainda mais no começo da década de 1960, altamente

<sup>260</sup> CASTELO, Claudia. Novos Brasis" em África: desenvolvimento e colonialismo português tardio. *Varia história*, v.30, n.53, 2014. P. 507-532.

MEDINA, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013.

<sup>261</sup> Portaria de 8 de Janeiro de 1960. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

<sup>262</sup> Idem.

<sup>263</sup> Idem.

repressivo, que fazia parte também de uma política de resposta na tentativa de coibir outros levantes, o que veremos mais adiante, não foi bem sucedida<sup>264</sup>.

O contexto de 1960 foi de muita intensidade, por um lado acabará de sair de uma série de prisões que chamaram a atenção não só da sociedade angolana da época como da comunidade política internacional. E por outro, precedia o ano em que se daria início a luta armada. Muitos daqueles que estavam exilados na Europa, depois de fugirem da repressão em Portugal planejavam o regresso a Angola, na intenção do desencadear da luta, no qual o primeiro passo foi restabelecer, ou pelo menos tentar, as relações com aqueles que já estavam de alguma forma organizados politicamente, seja no interior, seja nos países vizinhos<sup>265</sup>.

É neste caldeirão de disputas políticas que o MPLA começa a ganhar corpo como movimento e assim será formado por Mário de Andrade, Viriato da Cruz, Lúcio Lara, Eduardo dos Santos, Hugo de Menezes, Matias Miguéis e Luís de Azevedo Jr., o primeiro Comitê Diretor no exterior. Enquanto isso Agostinho Neto regressará a Luanda na tentativa de organizar um Comitê Diretor no interior. Já nessa época, pela sua atuação nos movimentos estudantis, especialmente em Portugal, possuía já um relevante prestígio político entre o movimento anticolonial especialmente no contexto Luandense. Porém ao ser descoberto o seu regresso ele, assim como o Padre Joaquim Pinto de Andrade, junto a outros companheiros, foi preso em uma nova leva de repressão da PIDE. Este acontecimento ficou conhecido como a prisão dos 36, mesmo sendo 38 o número dos presos, mas não alcançou o mesmo renome histórico do processo dos 50<sup>266</sup>.

O Julgamento de Mendes de Carvalho aconteceu diante de algumas aberrações jurídicas muito, ao que faz crer, premeditadas. A primeira foi, segundo Medina, a extensão de um Decreto-Lei nº 40 550 de 12 de março de 1956 para o Ultramar, justamente em 1959 pela Portaria Ministerial nº 17 335 “coincidentemente” às vésperas da remissão dos processos aos Tribunais. Esta Portaria consistia em um “amontoado de disposições que alteraram o Código Penal e assim deixou possível a aplicação do Decreto, no qual permitiria que os julgamentos saíssem do tribunal comum e fosse ao tribunal militar<sup>267</sup>.

Assim, ao fim das medidas de segurança, o preso podia ainda ficar sujeitos a períodos de 2 a 5 anos de regime condicional que impunha sérias restrições a sua vida como limitação

<sup>264</sup> Nota de 30 de Janeiro de 1960. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

<sup>265</sup> CASTELO, Claudia. Novos Brasis" em África: desenvolvimento e colonialismo português tardio. *Varia história*, v.30, n.53, 2014. P. 507-532. E: MEDINA, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013. E ainda: BITTENCOURT, Marcelo. A criação do MPLA. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, v. 32, n.32, p. 185-208, 1997.

<sup>266</sup> Idem.

<sup>267</sup> MEDINA, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013.

na escolha do local de residência, restrição de convivências no âmbito pessoal, pouco ou nenhum acesso a emprego e apresentação obrigatória a PIDE. Podendo ser prorrogada sempre que as autoridades desconfiassem da conduta do condenado, por sucessivos períodos de dois anos até completar um total de dez<sup>268</sup>.

Apegando-se ao primeiro processo, já que dele fez parte o enfermeiro e político da qual refletimos os trânsitos, mediações e contradições, cabe aqui tentar entender um pouco como ele se desenrolou. Decorrido os meses após as primeiras prisões, mais precisamente em fins de setembro de 1959, os processos seguiram para os Tribunal comum compostos pela 1ª, 2ª, 3ª Varas da Comarca de Luanda, no entanto o governo colonial foi buscar validação em Decretos antigos como os Decretos nº 23 241 de 21 de novembro de 1933, o Decreto nº 36 090 de 3 de janeiro de 1947 e o Decreto nº 39 299 de 30 de julho de 1953 que possibilitaram que os julgamentos fossem feitos pelo Tribunal Militar<sup>269</sup>.

Esta manobra jurídica acarretou em questões como: o encurtamento de todos os prazos processuais atribuídos a defesa; proibição da confiança do processo ao advogado, restrição do envio de cartas precatórias e rogatórias, julgamento processado quase que de forma total na modalidade oral, o que limitava as informações na ata da audiência do julgamento e poderes discricionários muito mais amplos ao juízes<sup>270</sup>.

O advogado de Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho era o Dr. Luís Saias, mas sua contestação ao Tribunal, seguiu o que foi dito pela Dra. Maria do Carmo Medina que em defesa do caso levantou, entre outras coisas, a declaração de direito dos povos a autodeterminação, da ONU. Os métodos fraudulentos e violentos como as confissões eram arrancadas dos acusados, os depoimentos registrados pela PIDE, escrito ao seu modo, sem ser possibilitado a menor contestação por parte dos acusados e da defesa, frente as denúncias da PIDE<sup>271</sup>.

Tentou ela contestar em um ambiente onde qualquer tipo de contestação não tinha valor prático, não só não sendo levado a sério pelo Tribunal como gerando perseguições por parte dos órgãos repressores a estes advogados. É neste clima de perseguição, cerceamento de direitos, repressão e instabilidade jurídica que Mendes de Carvalho junto aos seus companheiros do Processo dos 50 foram julgados, com pouco ou nenhuma chance diante de uma justiça a serviço dois interesses colônias<sup>272</sup>.

---

<sup>268</sup> Idem.

<sup>269</sup> Idem.

<sup>270</sup> Idem.

<sup>271</sup> MEDINA, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013. P. 60.

<sup>272</sup> MEDINA, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013.

O Tribunal Militar Territorial estava à época localizado no edifício da Cidade Alta, em Luanda, e durante os julgamentos criou uma atmosfera de amedrontamento com militares armados e PIDES à paisana a vigiar inclusive os familiares dos presos. Depois de negar provimento a todos os recursos da defesa, o Tribunal condenou Agostinho André Mendes de Carvalho e Uanhenga Xitu junto, claro, no dia 20 de dezembro de 1960, a 10 anos de prisão e perda de direitos políticos por 15 anos que foram cumpridos primeiro nas cadeias de Luanda, depois em Tarrafal, saindo em condicional somente em 1970<sup>273</sup>.

Seu ato após a leitura da sentença pode ser considerado um ato de coragem frente aos desafios impostos pela luta anticolonial que se intensificava e criava narrativas. Junto com mais alguns companheiros e na contramão de outros, proferiu palavras exaltando uma Angola livre disse que “as famílias não chorassem, pois isto até deve interpretar-se como uma festa! O dia chegará em que tudo se resolverá, podem ter a certeza”. Neste momento, usando talvez seu melhor capital político e simbólico, as palavras, criou para si uma narrativa que lhe conferiu o status de nacionalista dentro da história recente de seu país<sup>274</sup>.

Nesse entremeio no qual o Serviço de Saúde e Higiene de Angola acompanhava a situação do seu então funcionário, não só dele, mas de todos os seus funcionários presos, ao saber da sua condenação por intermédio de documentos enviados pelo Tribunal Militar Territorial, abriu requerimento pedindo sua demissão dos quadros de funcionários públicos do Ultramar, o que, diante do percurso político que ele havia seguido, obviamente foi aceito em julho do mesmo ano da sua condenação<sup>275</sup>.

### 3.4 O 4 de Fevereiro

Dois eventos serão decisivos para a eclosão da luta armada, são eles o 4 de Fevereiro e o 15 de Março. Sobre o último, este trabalho pretende comentar de forma breve e sobre o primeiro pretende se debruçar mais um pouco por entender que ele esteve diretamente ligado ao percurso do enfermeiro. Após a condenação dos presos no Processo dos 50, o clima na colônia, especialmente em Luanda, que àquela altura já era de bastante apreensão, gerou uma

---

<sup>273</sup> Idem.

<sup>274</sup> Audiência de Julgamento do 1º Processo do Tribunal Militar de 5 DE Dezembro de 1960. Anexo 9, MEDINA, 2013. E: Relatório do julgamento feito pelo agente da PIDE Polónio Queiroz, de 5/12/1960. Anexo 10, MEDINA, 2013. E: Ofício de 9-12-1960 da PIDE em Luanda para a direção de Lisboa de 9 de Dezembro de 1960. Anexo 13, MEDINA, 2013. E: Relatório do agente da PIDE Polónio Queiroz sobre a audiência de julgamento de 20-12-1960 de 20 de Dezembro de 1960. Anexo 14, MEDINA, 2013.

<sup>275</sup> Relatório do agente da PIDE Polónio Queiroz sobre a audiência de julgamento de 20-12-1960 de 20 de Dezembro de 1960. Anexo 14, MEDINA, 2013. E: Nota de 3 de Julho de 196. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E: Proposta de 6 de Julho de 1961. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E: Portaria de 6 Julho de 1961. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). Nota de 9 de Julho de 1961. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

onda de tensão, revolta e medo que influenciou diretamente nos rumos políticos que se seguiriam até o processo de Independência. Os movimentos anticoloniais entenderam que era o momento de responder ainda com mais força e intensificar a disputa por narrativas políticas a fim de contestar o que impingia o Estado Novo<sup>276</sup>.

Vários movimentos pela libertação, àquela altura já dita como nacional, embora Angola não fosse uma nação, lançaram seus manifestos seja visando a população angolana, seja visando a comunidade internacional, na busca por denunciar e voltar os olhos do mundo para a violência política que tomava conta do cenário colonial. Panfletos do Movimento de Libertação Nacional: “Lutemos pela Liberdade”, “Grito de Guerra” e “Nenhum Preso Político deve sair de Angola”, ambos pelo Movimento de Libertação Nacional e que já reverberavam os resultados das primeiras condenações começaram a circular entre os grupos e as cidades.<sup>277</sup>

O que se viu após os julgamentos dos presos políticos foi um crescente sentimento de revolta nos grupos e movimentos anticoloniais, aliado a sensação de medo gerado à população e que seria agravado e estendido a parcela branca após os acontecimentos do 4 de Fevereiro e do 15 de Março. O que desencadeou um acirramento brutal das tensões sociais, raciais e políticas e fez partir a luta entre Estado Novo e independentistas do contexto puramente narrativo para o contexto prático das ações armadas<sup>278</sup>.

Este evento é referenciado na história oficial e na maioria dos relatos como uma resposta no plano da ação, à condenação dos presos políticos no ano anterior e por extensão, da violência colonial e perseguições policiais que se intensificaram como reflexos do aumento das contestações de cunho político. Como ação prática os grupos anticoloniais resolveram como se dividirem e atentarem contra alguns pontos estratégicos da estrutura colonial em Luanda e assim foi feito. Ficaram sobre ataque, a Casa de Reclusão; a Cadeia da Administração de São Paulo, a Sétima Esquadra da PSP; a Companhia Indígena; os Correios e o Aeroporto. Sendo efetuados por angolanos, na sua maioria jovens com os objetivos de libertar seus companheiros, conseguir armas para futuras lutas e chamar a atenção para a causa, seja ao grosso da população, seja ao exterior<sup>279</sup>.

Sobre o 4 de Fevereiro, Dalila Mateus, nos traz um panorama de disputa por distintas versões. A versão colonialista que pouco ou quase nada se sustenta, parte da ideia de que o

---

<sup>276</sup> MATEUS, Dalila Cabrita e MATEUS, Álvaro. Angola 61 – Guerra Colonial e consequências. Alfragide: Texto Editores, 2011.

<sup>277</sup> Idem.

<sup>278</sup> MATEUS, Dalila Cabrita e MATEUS, Álvaro. Angola 61 – Guerra Colonial e consequências. Alfragide: Texto Editores, 2011.

<sup>279</sup> Idem.



evento foi obra de estrangeiros ou no mínimo influência destes que estariam com planos de derrubar enfraquecer o Governo de Portugal. O que de fato se viu através das declarações do Governador Geral de Angola à época, Silva Tavares, ao declarar no dia seguinte em, um comunicado oficial, que havia “movimento vindo do estrangeiro para executar um plano de agitação em Angola e nas demais colónias”, foi na verdade uma tentativa de legitimar o ato enquanto contestação interna e cisão total na estrutura social projetada pelo governo colonial. De concreto, a história mostrou, principalmente por documentos que retratam a ação da PIDE naquelas circunstâncias, que entre os atacantes do 4 de Fevereiro não havia nenhum estrangeiro. Dos arguidos, mortos e presos, todos eram negros e angolanos<sup>280</sup>.

Outra versão importante é a versão do processo crime 666/61 que será atribuído ao Cónego Manuel das Neves a liderança das tomadas de posição sobre o planejamento do ataque. O processo embora tente dar ao Cónego a paternidade do evento, traz em si próprio, elementos insuficientes para este fim. Isso se dá por quanto alguns presos que participaram dos atos citaram o Manuel das Neves como figura fundamental na elaboração dos planos. A mais interessante delas é a alegação de que o religioso, católico, teria dado todos os comandos para uma preparação mágica dos homens que atuariam nos ataques daquele dia, dando instruções para que um feiticeiro fechasse o corpo dos participantes e assim os protegessem das balas portuguesas<sup>281</sup>.

Ainda diante do exposto temos a versão do Líder da União dos povos de Angola (UPA), na qual ele atribui o levante do dia 4 como obra da sua organização. Ele argumenta que ao saber do envio dos prisioneiros ao Tarrafal, articulou-se ao Cónego Manuel e através dele deu ordem para que o 4 de Fevereiro acontecesse, na tentativa de impedir o desterros dos membros da UPA que encontravam-se presos naquele momento. A versão na qual cabe a UPA o comando dos ataques, nos parece a versão mais aceite, pela fama, que o movimento já tinha entre a PIDE<sup>282</sup>.

Percebe-se que a UPA enquanto grupo parecia mais estruturada do que o MPLA, por exemplo. O próprio Mendes de Carvalho, que nunca foi da UPA, foi referenciado como membro da mesma em alguns documentos da PIDE, isso mostra como naquele momento (final da década de 1950) a resistência anticolonial ainda era muito descentralizada e só com o avançar da década seguinte é que os grupos viraram movimentos e os membros foram se definindo ideologicamente<sup>283</sup>.

---

<sup>280</sup> Idem.

<sup>281</sup> Idem. P. 76

<sup>282</sup> Idem.

<sup>283</sup> Idem.

Há também a versão de Manuel Pedro Pacavira, onde reclama para o MPLA a liderança do 4 de Fevereiro. No seu livro “O 4 de Fevereiro pelos Próprios”, tenta atribuir ao seu movimento a liderança dos ataques, tentando destituir de valor a participação dos outros. Porém, pela falta de fontes, pelo fato dele não participar da ação ativamente, estava preso junto ao Grupo dos 36 encontrando-se na Cadeia de São Paulo e pelo fato de ser uma figura que suscita desconfiança por conta de acusações de cooperação com a PIDE, sua versão talvez seja a mais questionável de todas<sup>284</sup>.

O Livro do Pacavira é mais um dos exemplos onde São Neto vai debater a escrita da história angolana sobre o prisma de seus “mais velhos”, onde a premissa se dá pela disputa no poder de contar. Estivemos lá, por isso nós é que sabemos, dando descrédito as contradições que a historiografia possa levantar. Essa postura, também terá Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho. Mesmo desempenhando na maioria das suas relações políticas um papel mais mediador, revela-se contraditório ao defender o capital político dos Mais Velhos, aqueles que viveram, assim como ele, como fonte mais confiável e respeitável da verdade sobre a luta anticolonial. Os mais velhos falam, os jovens escutam, aprendem, obedecem e a assim, a história do que aconteceu foi contada. Essa premissa nos parece defendida por ele, ao refletir sobre o papel dos “Mais velhos” na cultura africana e como capital simbólico que ele busca para si<sup>285</sup>.

O que se nota é que ambos os movimentos foram importantes na construção desta narrativa, o que nos faz supor que tiveram participação, misturados em, a princípio, no mesmo objetivo. Dentro de um cenário político que foi desde a sua gênese turbulento e sem unidade, construído através de constantes fraturas internas e divergências de interesses entre os principais movimentos, que depois virariam partidos e entrariam em uma guerra civil que duraria mais de dez anos, é natural que por ser um evento marco, fundamental para os rumos da guerra e que trouxe um profundo desgaste ao Regime do Estado Novo, tenha se tornado um alvo constante de disputa narrativa sobre quem foi mais importante pra história da independência<sup>286</sup>.

O objetivo imediato do 4 de Fevereiro era libertar os presos políticos e assim impedir que fossem desterrados, ainda assim, esta ação até aquele momento radical, possuía outros objetivos. Pra começarmos a pontuar temos a escolha da data que não foi gratuita, já que havia

---

<sup>284</sup> Idem.

<sup>285</sup> Idem. E ainda: NETO, Maria da Conceição. Nós é que sabemos da História! Reflexões em Torno da Memória e da História. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012.

<sup>286</sup> MATEUS, Dalila Cabrita e MATEUS, Álvaro. Angola 61 – Guerra Colonial e consequências. Alfragide: Texto Editores, 2011.

a presença de dezenas de jornalistas estrangeiros com o objetivo de cobrir a chegada do navio Santa Maria à Angola Assim, uma possível demonstração de insatisfação com as condições de vida na colônia e o descontentamento com a presença de brancos, se aliou a necessidade da obtenção de armas e munição para dar o pontapé a luta pela independência foram os principais motivadores<sup>287</sup>.

Depois de, segundo relatos de diversos participantes, terem participado de rituais de fechamento de corpo com a ajuda de feiticeiros, para que ficassem impenetráveis as balas portuguesas, durante a madrugada do dia 4, o primeiro grupo saiu em direção a Casa de Reclusão por volta das 2 da manhã, lá houve um intenso tiroteio dispersando então seus membros, voltando com uma baixa e alguns feridos. O segundo grupo que foi primeiro em direção a Cadeia da PIDE e como não foi possível penetrar rumaram para a Cadeia da Administração de São Paulo, tentaram naquele local acesso as celas sem sucesso, assim recuando, sem antes matarem um guarda e ferir gravemente um cipaio<sup>288</sup>.

Já o terceiro grupo, destinado aos Correios e liderado por Virgílio Francisco Sotto Mayor chegou no seu alvo por volta das duas e quarenta e cinco. Lá encontrou forte resistência da polícia, resultando na morte de dois guardas e no ferimento a bala do líder da operação Sotto Mayor. O quarto grupo tinha a missão de recolher armamentos e munição e encaminharam-se para à 7ª Esquadra da PSP, situada na Estrada de Catete, onde havia um depósito de armas. O resultado foi 14 mortos pelo lado dos atacantes e dois feridos com catanas, do lado da Esquadra. A investida, não resultou em sucesso no que concerne aos armamentos e a munição. E por fim, o grupo que se dirigia ao aeroporto, declinou ao ouvir tiros, deixando a missão de incendiar um número máximo possível aviões, abortada<sup>289</sup>.

Analisando o contexto dos ataques, nota-se que foi quase um ataque suicida. Além do componente emocional gerado pelos rituais de crença e a revolta pela situação dos companheiros presos, por estar em menor número, com praticamente nenhuma arma de fogo e um limitado conhecimento de táticas de guerrilha, todos em sua maioria eram jovens angolanos. O plano tinha os componentes perfeitos para fracassar e no primeiro momento fracassou. Ainda assim, seu sucesso foi deflagar um processo de resistência armada anticolonial, chamar a atenção da imprensa estrangeira, mesmo diante de um forte aparato de censura interno, e insuflar a “chama” da luta armada em 1961<sup>290</sup>.

---

<sup>287</sup> Idem.

<sup>288</sup> Idem.

<sup>289</sup> Idem.

<sup>290</sup> Idem.

Apesar dos interesses políticos e diante do fracasso nos primeiros objetivos e da pouca estratégia empregada, é legítimo analisar o 4 de Fevereiro como um ato de coragem, que diante de tantas contestações ao julgo colonial, por sua posição mais radical, beirando ao desespero, iniciou o caminho sem volta à luta armada<sup>291</sup>.

Para este trabalho interessa um dado muito importante dentro de todo este contexto. Será aventado, inclusive por parte dos órgãos colônias, a participação de presos políticos na elaboração e ordem de ataque do 4 de Fevereiro. É aí que destacamos o enfermeiro, que naquela altura já estava demitido, em uma das suas possíveis ações políticas, diante de tantas outras que ele terá ao longo da vida<sup>292</sup>.

É importante esclarecer que o 4 de Fevereiro de 1961 foi preparado em coordenação com elementos do processo dos 50 presos na casa da reclusão. Corriam rumores que os presos seriam atirados ao mar e Uanhenga Xitu foi um dos elementos de ligação dos “insurrectos” Paiva Domingos da Silva, Neves Bendinha, Imperial Santana que se instalaram em sua casa e recebiam mensagens encriptadas via a sua esposa (Dona Maria Jorge de Carvalho) já que esta tinha acesso ao marido<sup>293</sup>. Como podemos observar abaixo:

[...] os elementos que fizeram parte do “Quatro de Fevereiro” não eram mais do que parceiros de alguns daqueles presos que estiveram nas cadeias. Porque entre esses presos e os que prepararam e fizeram o ataque do “Quatro de Fevereiro” havia uma sincronização de ideias e troca de informações diárias por vias subterrâneas. Senão vejamos: em 1974/75, numa das reuniões dos sobreviventes do “Quatro de Fevereiro” e de ex-presos políticos, que teve lugar no bairro Rangel e em que estiveram a maior parte deles, contando com o herói Paiva Domingos da Silva, que presidia a reunião, Imperial Santana, Van-Duném, Adriano Sebastião e outros mais, para acertar e definir posições a tomar no contexto da situação da época e analisar outros problemas inerentes (criação de estruturas etc.), fui eleito presidente do comitê do “Quatro de Fevereiro” por uma grande margem de votos. E por quê? Nem tudo deve ser revelado<sup>294</sup>.

Por ser considerado, e isso é notório nos relatórios do seu julgamento e no tamanho da pena que lhe foi atribuída, como um dos líderes das práticas terroristas anticoloniais e, como observamos no trecho acima, ser um homem de muitos trânsitos e relações, incluindo com muitos dos que participaram das ações do 4 de Fevereiro, a polícia do Estado atribuiu a ele um telefonema que teria dado se não a ordem, os dados necessários para o ataque às cadeias. Ao fazer um mosaico político-social de elementos que ele apontou ao longo da sua vivência política no seu livro “O Ministro”, Uanhenga Xitu traz à tona este fato, não só demonstrando a

<sup>291</sup> Idem. MATEUS, Dalila Cabrita. *Memórias do colonialismo e da guerra*. Porto, Edições ASA, 2006.

<sup>292</sup> Idem. E ainda: XITU, Uanhenga. *O Ministro*. União Nacional dos Escritores Angolanos, 1990, p. 78.

<sup>293</sup> MATEUS, Dalila Cabrita. *Memórias do colonialismo e da guerra*. Porto, Edições ASA, 2006.

<sup>294</sup> Idem.

importância dele, como negando que tenha sido ele a dar a ordem. Porém deixando subjetivo e a margem de interpretação, de fato qual foi sua participação nesta história<sup>295</sup>.

Concluído o 4 de Fevereiro, houve ainda ações no dia 11 do mesmo mês, mas de menor relevância, e o violentíssimo 15 de março, onde um ataque orquestrado pela UPA, historicamente ela ganhou o crédito, resultou em um massacre na região do norte de Angola, gerando uma resposta igualmente violenta, principalmente pelos postos administrativos, fazendeiros, envolvendo até as tropas militares portuguesas. Como resultado, além de uma brutalidade de ambos os lados, a formação de milícias compostas pelos cidadãos brancos, inclusive no espaço das cidades, que foi validado e de certa forma bancado pelas forças colônias acirrando ainda mais a violência, as tensões raciais e os conflitos nos espaços de convivência que naturalmente foram se encurtando<sup>296</sup>.

Sobre este evento, este trabalho não pretende se debruçar pelo simples fato de não ter uma ligação direta com os trânsitos e a formação do capital simbólico de Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho, que sobre este ocorrido, até onde se sabe, não teve nenhuma ingerência. O apontamento aqui fica, para mostrar a importância destes eventos para o desenrolar da guerra e os contextos sociais que se formaram a partir daí, na qual como homem angolano e ao voltar à Angola após o desterro, ele precisará se inserir.

### 3.5 Hoji ya Henda: o uso das imagens dos heróis do MPLA como capital social

Um dos personagens mais importantes da história das fileiras de combate do MPLA foi o comandante Hoji ya Henda, cujo nome em português era José Mendes de Carvalho. Hoji ya Henda, um nome no quimbundo local que significa “o leão do amor” e que se tornou a alcunha de guerra e o nome instrumentalizado do ponto de vista histórico e político pelo MPLA que disputava a narrativa com a FNLA e a UNITA de quem de fato combatia na guerra contra o exército português. Ao ser acusado pelos os outros grupos de ser um movimento urbano, branco e elitista, o MPLA buscou ao longo da sua história referendar seu papel na luta de guerrilha

<sup>295</sup> Na data de 4 de Fevereiro de 1961, patriotas angolanos desencadearam um ataque à Cadeia de São Paulo e à Casa de Reclusão, em Luanda, dando início à Luta Armada pela independência de Angola. Sobre esta data, ver: Mateus, Dalila Cabrita; Álvaro Mateus, *Angola 61: Guerra Colonial: Causas e Consequências*. O 4 de Fevereiro e o 15 de Março, Alfragide: Texto Editores, 2011. Melo, João de (1988). *Os Anos da guerra, 1961-1975: os portugueses em África – crónica, ficção e história*. Lisboa: Publicações D. Quixote. ISBN 972-20-1481-1. Lara, Lúcio (1997-1991). *Um amplo moviment: Itinerário do MPLA através de documentos de Lúcio Lara*. Luanda: Lúcio e Ruth Lara. 2013. Nunes, António L. P. *Angola 1961. Da Baixa do Cassange a Nambuangongo*. [S.l.]: Prefácio. ISBN 978-9-728-81636-0 / Associação Tchiweka de Documentação. 1961 – Memória de um ano decisivo. 2. ed. Luanda: EAL – Edições de Angola, Lda.: 2015.

<sup>296</sup> MATEUS, Dalila Cabrita e MATEUS, Álvaro. *Angola 61 – Guerra Colonial e consequências*. Alfragide: Texto Editores, 2011.

pela independência e se colocar como movimento herói na memória nacional. Neste sentido Hoji ya Henda ao morrer em combate, ao estar ligado de forma direta ao Agostinho Neto até pela sua ligação com a igreja metodista, se tornou um dos rostos e nomes ideais para monumentalizar personagens e transformá-los em símbolos. E ao se tornar o partido que ascende ao poder, essa construção de uma memória nacional através da “produção” e valorização de seus heróis foi facilitado pelo discurso institucionalizado<sup>297</sup>.

Hoji ya Henda / José Mendes de Carvalho foi um comandante do MPLA. Morto em combate, se tornou a partir do discurso oficial Mplaista um herói nacional angolano e foi transformado em patrono de juventude angolana, até porque era um comandante bem jovem à época. Seu pai foi Agostinho Domingos de Carvalho e sua mãe foi Florinda de Carvalho. É importante citarmos suas relações de parentesco, pois ele era primo de Uanhenga Xitu, nota-se inclusive o mesmo sobrenome. Seu pai teve a mesma profissão que o intelectual exposto neste trabalho e ambos eram atuantes na igreja metodista levada pelos americanos à Angola. José Mendes de Carvalho nasceu em 1941 e partiu para Luanda em 1954, ano que com a chegada da PIDE no Ultramar, intensificaria a repressão na colônia. Ao chegar na cidade, vai morar no bairro operário, bairro que à época começava a acolher muitos intelectuais, mestiços e assimilados que perdiam seus espaços geográficos para os imigrantes portugueses, e foi morar com os pais de Agostinho Neto, sendo custeado pela igreja Metodista<sup>298</sup>.

Esta minibiografia de Hoji ya Henda só mostra a sua relação com Uanhenga Xitu, Agostinho Neto e a Igreja Metodista, o que reitera a força das missões em Angola como uma das principais construtora de capital cultural, social e até econômico. Os assimilados ligados à igreja, apesar de toda a repressão em Angola faziam parte sim de uma elite letrada com condições mínimas de se organizar e articular politicamente. As igrejas financiaram muitos dos intelectuais e políticos angolanos que à época eram apenas sujeitos, na sua maioria jovens, em redes clandestinas ou na formação de guerrilha<sup>299</sup>.

Outro fator biográfico importante a se destacar foi o fato de Hoji ya Henda desistir de ir para Nova York e para Tchekolovskia com o objetivo de permanecer em Angola e se preparar para a luta armada. Conviveu entre nomes como José Eduardo dos Santos, ex presidente de Angola e sucessor de A. Neto, Gilberto de Almeida, João Filipe Martins, Rodolfo Bernardo e outros, além do próprio Uanhenga Xitu. Todos estes mantiveram relação com A. Neto e

---

<sup>297</sup> MARCUM, John A. *The Angolan Revolution: vol.2, Exile Politics and Guerrilha Warfare (1962-1976)*, Cambirdge, Massachusetts, and London: MIT Press, 1978, p. 473. E ainda: JUNIOR, Paulo Miguel. *José Mendes de Carvalho (Comandante Hoji Ya Henda) – Um testemunho a sua memória*, 2001.

<sup>298</sup> Idem. E ainda: CORREIA, Roberto. *Angola – Datas e Factos – (5º volume – 1961/1975)*, 2002.

<sup>299</sup> Idem.

participaram das redes, inclusive de acolhimento e estudo, da missão Metodista angolana. Ao conviver com essa rede e com figuras como A. Neto e Amílcar Cabral foi influenciado por estes e em 1957/58 entra de vez para a política das redes ligadas ao MPLA. Já em entre 1958 e 1960 atuou no desenvolvimento de estratégias de mobilização de novos integrantes para as células que atuavam de forma clandestina com distribuição de panfletos nos bairros suburbanos de Luanda. Por ser um integrante jovem coube a ele assim como aconteceu com um jovem Amadeu Amorim e era comum entre os mais novos, atuar na formação de novas células clandestinas através do convencimento da juventude frente à repressão colonial, sendo a igreja na qual frequentava o local onde os panfletos que ele distribuía eram produzidos<sup>300</sup>.

Além da ligação sanguínea com Uanhenga Xitu, Hoji-ya-Henda mantinha relações políticas com o primo. Em 1960 participou dos preparativos para a tentativa de fuga de Uanhenga Xitu da casa de reclusão. As instruções foram passadas diretamente pelo mais velho à esposa na intenção de instruir o jovem primo a como prosseguir, já que Uanhenga Xitu sabia da fuga do mesmo para Leopoldville. Informação esta que corrobora com a crença dessa pesquisa de que Agostinho Mendes de Carvalho foi se não o, um dos principais articuladores do 4 de Fevereiro angolano, que na direção da construção de uma memória histórica é demarcada pelo MPLA como o início da guerra anticolonial. Uanhenga Xitu articulava algumas ações e influenciava os anticolonialistas ao lado de fora, mesmo dentro da cadeia. Tinha informações, dava ordem, articulava estratégias tudo isso graças ao acúmulo de capital social que foi construindo junto as redes aos quais foi se ligando, ao capital cultural adquirido como enfermeiro e o respeito e reconhecimento como alguém que estava preso por enfrentar “Portugal”. Começa aí a construção do seu capital simbólico que começa com o reconhecimento dele entre os seus pares como um “Nacionalista”, mas é resultado de anos de acúmulo de outros capitais<sup>301</sup>.

Voltando a Hoji-ya-Henda ou José Mendes de Carvalho, se destacou como comandante quando levou o grupo no qual A. Neto estava para atravessar a fronteira junto ao Congo. Morreu jovem aos 27 anos em combate durante um assalto ao quartel de Karipande, do exército colonial português localizado no Moxico, em 14 de abril de 1968. Nesse período, seu primo Uanhenga Xitu encontrava-se cumprindo pena em Tarrafal e já tinha acumulado um simbolismo de “Nacionalista” para as novas gerações. Mas de certo que Hoji-ya-Henda acabou por se tornar

---

<sup>300</sup> Idem. E ainda: *Etu Mwêlê Sul – EMS TV. Conheça a Vida e a Obra do Patrono da Juventude Angolana “HOJI YA HENDA”*. Youtube, Disponível em: <https://youtu.be/6JYxFbSvBpI>, Acesso em: 27 de outubro de 2020.

<sup>301</sup> Idem.

um capital social de Uanhenga Xitu, capital esse que ajudou na conquista de privilégios no partido e na nova estrutura de governo na Angola independente<sup>302</sup>.

O MPLA tornou o jovem comandante em herói, um símbolo da luta anticolonial e um grande “rosto” do partido que tomaria as rédeas da história oficial do país. Em agosto do ano de sua morte, o MPLA conferiu a ele o título de “Filho querido do povo angolano e combatente heroico do povo angolano”. Já em 1969, ano seguinte a sua morte, a I Assembleia da III Região Militar do MPLA realizada no dia 23 de março declarou que em sua memória o dia 14 de abril passaria a ser comemorado como dia da juventude angolana. Fica claro aqui o modus operandi do partido ao buscar tornar a batalha de Karipande um marco na luta do MPLA na região em um nítido objetivo de produzir memória “vencedora e legitimadora” sobre as guerrilhas<sup>303</sup>.

Ao receber um título póstumo atribuído pelo MPLA passou a ser um símbolo de heroísmo e de heroicidade de um lado que se queria creditado como os líderes da luta anticolonial. Consoante a isso, se tornou um importante capital social na sociedade e política pré e principalmente pós independência e desta forma Uanhenga Xitu soube articular, usar e preservar este capital social conseguido junto ao simbolismo do primo e juntá-los aos outros capitais que lhe cabiam e assim criar para si um capital simbólico. Ele cobrava a manutenção dessa memória junto aos mais novos, as gerações posteriores e ao ciclo no qual atuava. Desta forma ele ampliou seu capital simbólico conferindo capital social, econômico, cultural e político aos seus descendentes e aqueles que participarão e ainda participam do seu círculo e do legado que ele deixou.

### 3.6 **Tarrafal: o percurso político entre o enfermeiro e o escritor**

A prisão de Tarrafal começa a funcionar a partir do Decreto 26:539 de 23 de abril de 1936. Sua finalidade, a partir de uma estrutura aos moldes dos campos de concentração nazistas, era encarcerar os presos políticos contrários ao Regime ditatorial do Estado Novo. Os principais objetivos, além de integrar uma reorganização dos serviços prisionais, buscava aniquilar física e psicologicamente os opositores ao governo de Salazar, ganhando a alcunha de “campo da morte lenta”. Da maneira como os inimigos políticos do começo do século XX eram subjugados à subjugação sofrida pelos presos políticos oriundos das colônias, na metade do século passado, pouco ou nada mudou, sendo a morte e a violência, a cultura política empregada por Portugal aos seus opositores, obrigando-os a condições de isolamento do mundo em condições sub-

---

<sup>302</sup> Idem.

<sup>303</sup> Idem.



humanas desde a infraestrutura, passando pelas condições climáticas, maus tratos e insalubridade<sup>304</sup>.

A prisão de Tarrafal, como ficará também conhecida, devido à pressão internacional, especialmente dos Estados Unidos, pós o evento traumático da Segunda Guerra Mundial, além da pressão de grupos internos antifascistas terá seu uso encerrado em janeiro de 1954. Entretanto, com as ações políticas contestatórias que cada vez mais se intensificavam e se estruturavam nas suas colônias, o governo português que desejava unir o sistema prisional do Ultramar e necessitava alocar os presos políticos que julgava mais perigosos a fim de isolá-los dos olhares da pressão internacional e minar os movimentos independentistas, decidiu por Portaria nº 18539 de 14 de abril de 1961, reabrir com o nome de “Campo de Trabalho de Chão Bom”, a sua antiga prisão<sup>305</sup>.

Pautando-nos no Dossier do Tarrafal de Editorial Avante de 2006, é possível tecer algumas considerações sobre o sistema de segurança e o cotidiano sub-humano dos presos que para lá eram mandados a cumprirem pena. É importante deixar claro, que o Campo de Chão Bom, foi uma Colônia prisional política. Neste sentido, a maneira como a estrutura foi formada, restruturada e os objetivos pelos quais ela foi pensada, não foram gratuitos. Já foi destacado que sua estrutura fora inspirada nos campos de concentração nazista, estrutura ideológica que o governo salazarista via com simpatia<sup>306</sup>.

Além disso somava-se situações muito adversas como o clima tropical exacerbado, formação de pântanos pelas fortes chuvas típicas da região, que por fim, se tornavam grandes repositórios de mosquitos, tornando o paludismo uma doença frequente, no ambiente da prisão. Além disso, claro, as péssimas condições de higiene, de alimentação, as violências psicológicas, físicas e até jurídicas, os trabalhos forçados... iam minando as esperanças, a moral, a saúde e em muitos casos, a vida da sua população carcerária<sup>307</sup>.

Um dos exemplos mais famosos, desde da década de 1930, de método de tortura, é a chamada “Frigideira”: tinha uma forma retangular e era dividida ao meio por uma parede que formava duas celas. Era uma pequena construção sem abertura, onde o chão, a parede e o teto

---

<sup>304</sup> SILVA, Celestino Domingos Tavares. *O antigo Campo de Concentração do Tarrafal Da opressão à valorização cultural*. Dissertação, Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias, 2018.

<sup>305</sup> Idem.

<sup>306</sup> Idem.

<sup>307</sup> Idem. E: SOARES, P. (1975). *Tarrafal. Campo da Morte Lenta(2a)*. Lisboa: Avante. E: RODRIGUES, M. F. (1974). *Tarrafal. Aldeia da morte (104th ed.)*. Portugal: Brasília Editora. E ainda: SOUSA, F. de (1978). *Tarrafal. Testemunhos*. Lisboa: Editorial Caminho, SARL. Oliveira, C. de (1974). *Tarrafal. O Pântano da Morte*. Lisboa-Portugal: Editorial “República.” Oliveira, G. de (1987). *Memória viva do Tarrafal*. Lisboa: Editorial Avante. E ainda: BARROS, V. (2009). *Campos de Concentração em Cabo Verde*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

eram construídos de betão armado. Era exposta à permanente ação do sol, tinha uma única porta em ferro e a renovação do ar só era feita quando a mesma fosse aberta. O objetivo, mais do que claro, era o de punir os prisioneiros que se mostrassem resistentes ou cometessem delitos e se assemelhava muito aos fornos usados nos campos de concentração nazistas<sup>308</sup>.

Sobre a sua estrutura arquitetônica, possui uma demarcação em uma área de dez mil metros quadrados, dois postes em cimento armado foram construídos em frente às oito barracas e neles foram colocadas metralhadoras, ainda na década de 1930. O complexo era todo circundado por arame farpado de mais ou menos dois metros de altura, além de grandes varandas construídas acima do arame farpado, então ali ficavam dispostas as guaritas para os soldados fazerem a vigia<sup>309</sup>.

Neste cenário, os prisioneiros quando iam ao poço buscar água ou trabalharem na extração de pedras eram sempre vigiados por guardas armados e/ou policiais. Segundo dados da Fundação Mário Soares, datado de 2009, havia uma configuração mista no sistema de segurança de Tarrafal, envolvendo nas suas duas fases guardas prisionais, agentes da polícia política, forças de segurança e forças militares da metrópole e das colónias, com o objetivo principal de controlar os encarcerados, impedir fugas, isolar o que acontecia ao resto do mundo e evitar a todo custo qualquer tipo de motim ou tentativa externa de ações na intenção de libertar os presos<sup>310</sup>.

Alguns presos políticos importantes foram enviados para as prisões na metrópole, é o caso de Agostinho Neto e de Joaquim Pinto de Andrade, em 1960, por exemplo. Ainda assim, os condenados políticos considerados mais perigosos, pelo menos em um primeiro momento, parecem ter sido mandados a cumprirem suas sentenças nos Campos de trabalho e em especial o Campo de Chão Bom. Em contraponto, condenados menos identificados com um maior índice de periculosidade, cumpria pena nas cadeias existentes nas suas próprias áreas, mesmo sobre o risco de lotação, evitando os custos referente ao deslocamento<sup>311</sup>.

Em 1961 Pela Portaria n.º 18.539, o ministro do Ultramar, Adriano Moreira, aprova a reabertura do agora denominado Campo de Trabalho de Chão Bom. E para lá são levadas as primeiras remessas de prisioneiros. O corpo prisional era formado por condenados políticos de todas as colónias africanas de Portugal que ousaram se levantar contra o Regime, abrigando

---

<sup>308</sup> Idem.

<sup>309</sup> Idem.

<sup>310</sup> SILVA, Celestino Domingos Tavares. *O antigo Campo de Concentração do Tarrafal Da opressão à valorização cultural*. Dissertação, Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias, 2018.

<sup>311</sup> MEDINA, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013.

além de muitos condenados do Processo dos 50, indivíduos de Moçambique, de Cabo-Verde e todos as outras colônias, mas especialmente de Guineenses. A verdade é que com eles a violência parecia ainda mais brutal, especialmente do ponto de vista jurídico, onde muitos pra lá eram enviados sem qualquer documento ou processo que revelasse o tamanho das penas, em uma total demonstração de abusos e ilegalidades<sup>312</sup>.

Sobre o contexto específico dos presos angolanos valem alguns apontamentos. Os preparativos para o início da deportação dos condenados políticos data de 24 de Fevereiro de 1962. Já no dia seguinte, chegou ao Campo do Chão Bom constituído por um grupo de 18 pessoas, a primeira leva de prisioneiros angolanos. No dia 26 chegaram mais 15 presos e no dia 2 de março mais uma remessa de 35 condenados políticos. Estando lá, os desterrados foram submetidos a interrogatórios e foram fotocopiados, e em seguida passaram por um registro biográfico cuja as informações constam como: altura, residência nacionalidade, profissão, cor, naturalidade, data de nascimento, filiação, estado civil, sinais particulares, o número do processo, biografia prisional e claro, nome e/ou alcunha pelo qual eram conhecidos<sup>313</sup>.

As condições como já foram ditas eram as piores possíveis, com uma alimentação precária pobre em proteínas e rica em carboidrato onde a dieta constava em sua maioria de feijão, batata, toucinho, sebo, carapau, bacalhau, além do uso de frituras a base de óleo já muito saturado. Encarcerados em cela apertadas, em um ambiente de excessivo calor (35° na média), as constantes epidemias de paludismo aliado a toda violência prisional, os angolanos tinham diante de si um clima “infernai”, na qual eram constantemente vilipendiados, subornados e encontravam-se a mercê da análise do diretor da Colônia prisional. De forma que mesmo o preso que já tivesse cumprido sua pena, ficava sujeito a medidas de internamento e segurança que podiam encarcerá-los por mais vários anos a depender do relatório mandado a PIDE<sup>314</sup>.

O comportamento do preso era analisado e se levava em consideração questões como conversas, castigos, conteúdo das cartas enviadas, imposição para que o recluso assinasse um termo no qual abdicava dos seus ideais políticos. Só então depois que o relatório fosse positivo e o agente da Polícia internacional entendesse que o condenado estava reabilitado, informava

---

<sup>312</sup> SILVA, Celestino Domingos Tavares. O antigo Campo de Concentração do Tarrafal Da opressão à valorização cultural. Dissertação, Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias, 2018. E: SOARES, P. (1975). Tarrafal. Campo da Morte Lenta(2a). Lisboa: Avante. E: RODRIGUES, M. F. (1974). Tarrafal. Aldeia da morte (104th ed.). Portugal: Brasília Editora. E: SOUSA, F. de (1978). Tarrafal. Testemunhos. Lisboa: Editorial Caminho, SARL. E: OLIVEIRA, C. de (1974). Tarrafal. O Pântano da Morte. Lisboa-Portugal: Editorial “República.” E: OLIVEIRA, G. de (1987). Memória viva do Tarrafal. Lisboa: Editorial Avante. E ainda: BARROS, V. (2009). Campos de Concentração em Cabo Verde. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

<sup>313</sup> Idem.

<sup>314</sup> Idem.

ao diretor da prisão e este, por sua vez tecia uma proposta ao Tribunal de Execução de Penas de Cabo Verde, para que só então fosse permitido a libertação<sup>315</sup>.

É neste cenário punitivo, cruel e violento, com características sub-humanas na forma de tratamento das pessoas que o enfermeiro e político Uanhenga Xitu Mendes de Carvalho, cumpriu pena de 1962 até 1970, quando consegue sua liberdade condicional. Tarrafal se tornou uma questão sensível ao político, de forma que, de acordo com os relatos do seu neto Jurelmo, ele pouco tocava no assunto e tinham alguns sintomas de estresse traumático como a relação de “amor e ódio” com o peixe carapau. De acordo com entrevista concedida por Jurelmo Lopes, o peixe, que fazia parte da dieta do sistema carcerário, despertava no avô, um gosto por comer e ao mesmo tempo uma repulsa, transformando-se em uma “crise” culinária na rotina da família. O certo é que o objetivo do complexo prisional construído em Cabo Verde tinha propósitos bem específicos à imagem e semelhança dos ideais fascistas que pautavam o Regime<sup>316</sup>. Observe abaixo a declaração de Amadeu Amorim:

Não se podia ler, não se podia escrever, não se podia cantar, não podia assobiar, nem tinha luz. A noite ascendia uma lâmpada lá em cima em um teto muito alto, só para ver onde é que é a cama e ficar (?) não, a luz era uma coisa muito pequenina. Então a gente vivia ali dentro só, andar de um lado para o outro, senta na cama, ali, arranjávamos jogos pra nós e tal, um papelãozinho fazíamos umas coisas e tal com o dado, pois se encontrou para jogar ali, por que tirou cinco vai para ali, tirou sete vai para ali, arranjamos uma forma qualquer de viver, viver. A ideia era perturbar o máximo possível a mentalidade, o estado psíquico do preso<sup>317</sup>.

Assim podemos, a partir do relato acima, entender que a intenção era minar a dignidade dos “revolucionários”, que estavam sempre a viver em um ambiente ameaçador, sendo o destino da maioria, especialmente aqueles que não se dobravam a morte ou a loucura. Havia constantes tentativas de dividir os presos, de subornos em troca de “regalias” ou atenuação de penas, a todo tempo tentando corromper a moral dos reclusos, tentando remoldar o eu ao eu prisional. A tática era liquidar os prisioneiros mais pelo desespero, do que pela violência física, embora esta fosse bem presente. A morte era uma ameaça real pela vida na qual eram submetidos, porém a morte simbólica fosse o maior trunfo, onde o objetivo maior era “quebrar” o indivíduo enquanto ser político pela tática da humilhação, desespero e desesperança<sup>318</sup>.

Cândido de Oliveira defende que mesmo sob uma capa de pretensa neutralidade, Portugal era um país aliado da Alemanha nazista, mesmo que de forma dissimulada e por essa ligação e simpatia foram seguidas atividades similares e criados “Campos de Concentração,

---

<sup>315</sup> Idem.

<sup>316</sup> Idem.

<sup>317</sup> Entrevista realizada com Amadeu Amorim, 09 de Setembro de 2019. Acervo Pessoal.

<sup>318</sup> OLIVEIRA, C. de (1974). Tarrafal. *O Pântano da Morte*. Lisboa-Portugal: Editorial “República.”

envolvidos pela típica teia de arame farpado, e neles os antifascistas expostos às mesmas torturas: fome, falta de assistência médica, trabalho-forçado – e a câmara de eliminação” É neste contexto e ambiente que Uanhenga Xitu nasce enquanto escritor, fazendo uso da política, da memória e do seu capital cultural, nas suas narrativa. Que não gratuitamente alinharam-se com o político que se tornara e fez uso de ferramentas como a ironia, o risível, a relação entre “tradição” e “modernidade”, os conflitos geracionais e a reivindicação de pertencimento identitário para fazer política ao escrever literatura, o que durante a sua trajetória, foi fundamental para a formação do seu capital simbólico de “Mais-Velho”, “Mestre” das palavras e “Nacionalista” angolano<sup>319</sup>.

---

<sup>319</sup> Idem.

#### 4 O ESCRITOR E A QUIJINGA

Neste ambiente desesperador criado para “quebrar” e matar os homens antes de tudo na subjetividade, o enfermeiro dá luz ao autor literário. Como uma tática de sobrevivência, o político fez um movimento de retorno ao passado como forma de aliviar a pressão diária, deixar a mente lúcida e tentar matar as saudades de casa. A remissão ao passado e sua vivência no cenário da infância, através dos sonhos, disse ele que sonhava muito com a sua terra, e através da escrita, impediram a morte simbólica do sujeito, que se encontrava em Tarrafal. A reafirmação de si como Uanhenga Xitu, aliado ao surgimento de um autor literário talentoso, o escritor foi reconhecido entre as gerações de intelectuais que através da narrativa buscavam contar suas histórias, reivindicando seus lugares de fala como angolanos e projetando um ideário nacional<sup>320</sup>.

As literaturas africanas e no que concerne para este trabalho, a angolana, são relativamente jovens, possuem, de forma prática, um pouco mais de um século. Todavia a literatura é um dos caminhos e talvez o primeiro a ser melhor explorado do lado de cá do atlântico, para conhecermos os jovens países de língua portuguesa em África como já afirmou em diversas oportunidades a professora Laura Padilha. Habitual na maioria dos países de formação colonial, o contexto de surgimento das literaturas ocorre em paralelo com o surgimento de ferramentas como a imprensa escrita que, no caso não só de Angola, mas da maioria das colônias portuguesas no continente africano, surgem em finais do século XIX com sua consolidação especialmente no contexto pós segunda guerra mundial, evento que influenciou diretamente na relação das metrópoles com a suas colônias, principalmente o eixo Europa-África<sup>321</sup>.

Metrópoles como França e Inglaterra, por exemplo, negociaram de forma “menos violenta” sua descolonização, a Argélia foi um caso muito particular, no caso francês. Porém, Portugal adotou desde sempre uma postura mais intransigente em relação aos anseios de autodeterminação de suas colônias e mesmo frente à pressão internacional pós segunda guerra. Moçambique e Angola, para ficarmos nos principais exemplos, lembrando que ainda temos o caso da Guiné-Bissau, acabaram por estabelecer uma relação de conflito com a metrópole que acabou por surtir em uma guerra que durará mais de uma década e no que diz respeito a

---

<sup>320</sup> Idem.

<sup>321</sup> FERREIRA, Manuel. *Literatura Africana de Expressão Portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Vol. I e II, 1986. E ainda SECCO, Carmem Lúcia Tindó. *A magia das letras africanas: ensaio sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos*. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

literatura, sua consolidação surge frente a uma luta anticolonial que acabaria como já foi exposto aqui em um confronto armado até a conquista da independência oficial no ano de 1975.

A literatura surge então não só como forma de arte e expressão do homem no mundo que o cerca, mas como ferramenta política e social no campo das disputas de imagens, narrativas, ideias e representações. Os escritores angolanos executaram o processo de reverter os quadros pintados pela literatura colonial e a conceber protagonismo aos atores colonizados inseridos em temporalidades e espaços diversos sendo dotadas de humanidade, complexidade e a protagonizarem as ações no espaço/tempo da narrativa<sup>322</sup>.

Por isso muitas obras no interior ou nas periferias de Luanda, por exemplo, lá estavam o “coração pulsante” do que esses autores entendiam como povo/identidade, além do fato destes espaços serem os espaços de vivências de muitos deles como Luandino Vieira e claro, Uanhenga Xitu que pertenceu ao espaço da sanzala, percorreu os interiores de Angola e vivenciou a experiência dos musseques de Luanda. Desta forma, ao dotarem esses atores sociais renegados, animalizados e pouco ou nada representados pela literatura colonial, se tornaram agentes anticoloniais, no qual suas obras muitas vezes tinham o objetivo claro de ir contra a censura, repressão e julgo colonial.

Inegavelmente o escritor que Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho se tornou, foi forjado e moldado nas suas vivências, práxis e nos seus ideais políticos, trazendo para dentro da literatura seus trânsitos, suas mediações e contradições, aliando obras políticas com temáticas de fronteiras, trazendo para o leitor análises de contextos sociais, críticas políticas, projeção e afirmação de identidade, reivindicações culturais, impondo desta forma, o seu direito de contar sua história frente a versão do colonizador<sup>323</sup>.

Sua obra experimentada no contexto da prisão, assumiu diferentes formas até virar uma narrativa, já que muitas vezes o autor tinha que se desfazer dos poucos papéis que conseguia ao notar a presença dos guardas. Assim incentivado por vários companheiros no desterro a persistir no ofício de escritor, fez nascer, apesar de alguns abortos forçados, algumas de suas obras mais famosas e relevantes. O conjunto da sua obra é político na gênese, não só pelas temáticas e pelas reflexões que suscitam, mas também pelo próprio ato de escrever para se ter voz, dentro de um contexto que buscava silenciar. O silenciamento é uma morte simbólica, contar virou a

---

<sup>322</sup> MATA Inocência. *Literatura Angolana: silêncios e Falas de Uma Voz Inquieta*. Lisboa: Mara Além, 2001.

<sup>323</sup> CHAVES, Rita. *O projeto literário angolano: a identidade a contrapelo*. IN CHAVES, Rita. *A Formação do Romance Angolano – entre intenções e gestos*. São Paulo: FBLP, Via Atlântica, 1999. p.70. E ainda: PINTO, João Paulo Henrique. *O movimento dos Novos Intelectuais de Angola e a construção da identidade nacional angolana*. Anais da XI JORNADA de Estudos Históricos Professor Manuel Salgado. PPGHIS/UFRJ. Vol.2. Rio de Janeiro, 2016.

principal forma de sobreviver e, talvez o principal ato de resistência política durante toda a sua trajetória<sup>324</sup>.

Há entre lugares na escrita de vários escritores africanos e suas escolhas semânticas e sintáticas trazem essa ideia. Há, por exemplo, tensões entre a dita tradição e a dita modernidade nos espaços e tempos nos quais as narrativas destes literatos transcorrem. Até que ponto a escrita em Tarrafal, por exemplo, local onde Uanhenga Xitu escreveu a maioria de suas obras, foi uma escrita revolucionária tanto na aceção da escrita que rompe e traz mudanças morfossintáticas e semânticas, quanto na escrita que grita pela revolução? O que é certo é que foi um escrever de sobrevivência em um contexto de morte real e simbólica. Se a literatura por si só destes sujeitos não puder ser considerada revolucionária do ponto de vista temático, gramático ou político, o ato de escrever, este pode. O ato de escrever criou, manteve e reproduziu a vida em um contexto de morte. Não há nada mais revolucionário.

#### 4.1 **O Eu que Visita seu Passado: a escrita literária enquanto ferramenta política de estar no mundo**

Uanhenga Xitu começa a escrever suas primeiras obras em Tarrafal e publica a partir de 1970 quando sai em regime condicional. Porém ele é enquadrado pelo crítico literário Luis Kandjimbo, na geração de 1948, marcada pelo movimento intelectual “vamos descobrir Angola” que buscava uma “reação” à despersonalização do negro, seja pelo processo de assimilação, seja pelas inúmeras e violentas tentativas de silenciamento cultural, racial e político. Onde o branco que vinha de Portugal passava a ocupar os lugares de destaque social, político e nas relações de trabalho relegando cada vez mais à margem por ordem de depreciação os indígenas/negros, negros assimilados, mestiços e brancos naturais de Angola. Entretanto, como percebemos ao dialogar com Ana Sá, é literariamente complicado enquadrar o autor em algum contexto específico. Suas obras passeiam por várias temáticas e diversos gêneros, tornando a vida do crítico literário difícil, no objetivo de enquadrar uma obra tão singular e tão universal<sup>325</sup>.

Foi em Tarrafal que o escritor produziu quase toda as suas obras, lá escreveu: ““Mestre” Tamoda”, “Bola com Feitiço” e “Manana”, seguindo-se “Vozes na Sanzala (Kahitu)”, ambos publicados em 1976, “Mestre Tamoda e outros contos” publicado em 1977, “Maka na Sanzala (Mafuta)”, publicado em 1979, “Mungo — Os Sobreviventes da Máquina Colonial Depõem”,

---

<sup>324</sup> Idem.

<sup>325</sup> MATA, Inocência. A Literatura africana e a crítica pós-colonial. Reconversões. Luanda: Editora Nzila, 2007.



publicado em 1980. Mas só viria a publicá-las a partir da década seguinte, já se encaminhando para o final. É de fato na colônia prisional que a veia literária, que já existia, porém pouco explorada pelo autor, salta, impulsionada pela necessidade de sobrevivência em meio ao horror do cárcere.

É através da sua produção literária que o escritor inicia um processo de fuga da realidade e de retorno ao espaço da infância feliz, por intermédio da lembrança e também do sonho, o sonho como um momento mágico de fuga do encarceramento político. Uanhenga Xitu, através da sua obra procurou legitimar o quimbundo e outras línguas nativas, bem como o português criolizado – ou como dizia o próprio autor: o português que não se aprende na escola. O quimbundo em suas obras tinha como finalidade, entre outras coisas, elevar essas línguas ao nível expressão literária esteticamente apreciada<sup>326</sup>.

Há um resgate em sua obra dos sabores da terra, do espaço lírico da infância, da relação com a natureza e a sua significação como espaço de identidade e de liberdade por intermédio da memória coletiva despertada pelas lembranças de sua sanzala. Além da extrema relação com a natureza no espaço físico, lírico e mítico, a natureza ganha ainda o forte significado de espaço vital, espaço da liberdade e modelo para uma visão de mundo que contempla a magia, o encantamento e o pertencimento frente a um mundo desestruturado<sup>327</sup>.

O contexto do final dos anos 1950 e ao longo dos anos 1960 foi o ponto de partida no qual Uanhenga Xitu de forma talvez mais veemente ou voluptuosamente transformou-se em um híbrido, com muitas facetas, claro, entre político e literato no sentido da sua práxis. Na natureza simbólica da literatura produzida por ele a de se destacar a dimensão política. No seu devir político produzia literatura e ao produzir literatura fazia política. Como muitos dos seus pares intelectualizados envolvidos na luta anticolonial o autor vai usar da ficção para imaginar a nação angolana e em especial, fará uso de um passado ficcionalizado como um signo de construção nacional. O passado sim, neste contexto, será usado como centro de entendimento para uma escrita do futuro não mais na literatura, mas sim na práxis política a partir de uma “nação” que se sonhava independente<sup>328</sup>.

---

<sup>326</sup> XITU, Uanhenga. Entrevista in: LABAN, Michel. Angola: *Encontro com Escritores*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1991. E: VENÂNCIO, José Carlos. Uanhenga Xitu: *O Homem, O Político, e o Escritor. Uma Referência Obrigatória para a Construção da Nação Angolana*. Revista Crítica de Ciências Sociais. Número 33, 1981. E: SÁ, Ana Lúcia Lopes de. *A construção de identidade de fronteira na Obra de Uanhenga Xitu*. Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. 2004. E ainda: MATEUS, Dalila Cabrita. *Memórias do colonialismo e da guerra*. Porto, Edições ASA, 2006.

<sup>327</sup> Idem.

<sup>328</sup> Idem.

O movimento de regresso aos períodos narrados nas obras e não só, também o período de sua escrita, nos traz indícios e aspectos sobre os contextos sociais e políticos da época. É aí que a literatura e a história, dos afluentes do mesmo rio desaguam no mesmo local: a compreensão humana das coisas sobre o passado presente e futuro na construção individual e coletiva das nossas identidades, pertencimentos e representações.

Neste sentido, história e literatura se coadunam na tentativa de conferir significado ao passado e assim alimentarmos nossas necessidades do presente.

Os contextos históricos das narrativas de meados do século passado em Angola por se tratarem na sua maioria de uma grande necessidade de existir literal e simbolicamente e resistir diante da exploração e violência humana são tão específicos como universais, representando uma aldeia ou musseque que podemos chamar de mundo. É onde a estória, como diria Luandino Vieira, grande incentivador do escritor Uanhenga Xitu, se encontra com a história na tentativa de ser e estar. É preciso estar atento para o “mundo real” dentro das estórias e da ficção dentro da história.

A maioria das obras de Uanhenga Xitu e em especial as obras construídas em Tarrafal possuem, de acordo com as palavras do próprio autor, a intenção e a preocupação em trazer uma leitura do pretérito para as gerações mais novas. Retratando um passado da década de 1940 e 1950 e partindo de espaços rurais e urbanos ligados a sua trajetória, Uanhenga Xitu não só reafirma politicamente a sua identidade, o que é fundamental no contexto de disputas narrativas com o colonizador, como busca nas gerações seguintes incutir um sentimento de pertença, de busca às tradições para entender e produzir um sentimento nacional visando a construção de um futuro<sup>329</sup>.

#### 4.2 As Tensões Raciais em Destaque

O primeiro aspecto político que pretendo destacar nas obras do escritor é a constante denúncia de um sistema colonial racista, opressor, seja no plano físico, seja no plano psicológico. Neste sistema, os atores sociais produzem uma tensão, em primeiro lugar, pela cor da pele. A máquina colonial usou e abusou do racismo e da violência das autoridades, seja na zona rural, seja na zona urbana, de diversas formas diferentes. Em algumas de suas histórias e aqui uso como exemplo a obra, “O Mungo: os sobreviventes da máquina colonial depõem”, temos a leitura da “dicotomia” ou aparente dicotomia entre os brancos portugueses, aqueles que

---

<sup>329</sup> XITU, Uanhenga. Entrevista in: LABAN, Michel. Angola: *Encontro com Escritores*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1991.

sustentam e são sustentados pela máquina colonial e os “outros”, especialmente os negros, como aqueles que sofrem o peso dela e por isso a contestam<sup>330</sup>.

José Venâncio ao tratar das obras do autor vai dizer que na literatura de Uanhenga Xitu, a utopia encontra-se na denúncia de um racismo que caracteriza a ideologia do colonialismo e inclusive esta posição será vista nos seus discursos políticos. O texto literário no contexto político de meados do século XX se torna um meio para uma parcela de angolanos privilegiados dar-se a conhecer pela própria voz, vos que se apropriará do texto escrito como instrumento de denúncia, resistência às violências físicas e simbólicas e à luta pela independência. O literato pensa em uma construção nacional que não se paute pela raça, nem por questões étnicas o que vai ao encontro com a sua práxis política conciliatória vista de forma clara ou não na sua produção textual<sup>331</sup>.

Por ser ele um homem negro e mais do que isso, um enfermeiro negro dentro de uma engrenagem de trabalho extremamente racista, tem no racismo um dos motivos, talvez o primeiro, que o levou a se debater pelo fim do sistema colonial especialmente nas relações de trabalho. Nestas relações a pretensa dicotomia “branco” e “outros” com ênfase no preto, mostravam uma face muito da realidade, especialmente a partir das décadas de 1940 e 1950 em um período de forte acirramento racial por conta de uma onda migratória de portugueses as suas colônias, especialmente Angola, na busca das “maravilhas do novo mundo”<sup>332</sup>.

Nem tudo são rosas. Podes ser um bom profissional mas se não cumprires com as medidas traçadas pelo governo, isto é, saber lidar-se com os pretos, com as autoridades gentílicas, não poderás vencer. Sem racismo, sem distinção de cor, preto e branco andam juntos e com a mesma igualdade, mas, aos nativos, saber mantê-los a distância; o negro pode saber mais do que tu mas tu és tu... Por exemplo: cá na cidade há pretos e mestiços que ocupam lugares de destaque e têm como subordinados funcionários brancos. Mas não penses que sejam superiores, é difícil compreenderes tudo hoje, mas, com o hábito de ver e sentir, aprenderás que acima de tudo está Portugal e sua soberania, que devem ser defendidos custe o que custar<sup>333</sup>.

No fragmento acima trago a este trabalho um trecho da obra *Mungo* escrita enquanto estava na Alemanha, pelo autor. Nela ele faz o que já é marca da sua produção literária: um retorno ao passado para ficcionalizar narrativas construídas através de possíveis vivências. Nesta obra ele subverte a assimilação (aqui no caso não como categoria jurídica, mas sim como

<sup>330</sup> Idem. XITU, Uanhenga. *Mungo – Os sobreviventes da máquina colonial depõem...* Luanda: Editorial Nzila, Coleção Letras Angolanas 5, 2002

<sup>331</sup> VENÂNCIO, José Carlos. Uanhenga Xitu: *O Homem, O Político, e o Escritor. Uma Referência Obrigatória para a Construção da Nação Angolana*. Revista Crítica de Ciências Sociais. Número 33, 1981.

<sup>332</sup> CHAVES, Rita. *A Formação do Romance Angolano – entre intenções e gestos*. São Paulo: FBLP, Via Atlântica, 1999. E VAINFAS, Ronaldo, «As mil faces do racismo», Revista Tempo, vol. 20, 2014. E: XITU, Uanhenga. *Mungo – Os sobreviventes da máquina colonial depõem...* Luanda: Editorial Nzila, Coleção Letras Angolanas 5, 2002.

<sup>333</sup> Idem. P.65-67.

categoria conceitual) ao contar a história de um enfermeiro branco e português vivenciando o racismo de perto no entorno onde atua, sendo a sua inserção de forma tão violenta no contexto, que acabou ele por se assimilar subvertendo um movimento que normalmente se faz crer, caberia aos “outros”, na vida da comunidade na qual servia. Há de se destacar também que este texto data de 1980 quando o autor se encontrava no serviço de embaixador angolano na Europa já no período pós-colonial evidenciando as marcas do racismo como algo difícil de se superar<sup>334</sup>.

Esta obra serve não só como uma fonte rica para analisarmos o racismo nas conjunturas sociais com foco nas relações de trabalho, na qual Mendes de Carvalho-Uanhenga Xitu como homem e enfermeiro negro sofreu, mas todavia para analisar como processos de resistência e como as fronteiras dão para vários caminhos em uma estrutura colonial, muito longe da falsa dualidade cristalizada de colonizador-colonizado em contexto de separação. O literato, que nos faz crer pela trajetória da sua vida, descreve muito de suas vivências como enfermeiro negro no Mungo (local onde trabalhou), sofrendo de um racismo estrutural e estruturante nas relações sociais. Cercado de violência física e simbólica, espelha no seu “oposto” o personagem José das Quintas um reflexo de si próprio trazendo para obra um forte poder de reflexão.<sup>335</sup>

#### 4.3 A Assimilação como Jogo Colonial

Um segundo aspecto que é importante aqui em concordância com o que foi lido sobre Uanhenga Xitu nas obras especialmente de Ana Lúcia Lopes de Sá e José Carlos Venâncio que dialogará por toda esta pesquisa, mas efetivamente nos capítulos um e três, é a concepção na sua obra de africanos fora da ideia comum de passividade e à temática em torno da assimilação. Assim como o próprio autor vivenciou aspectos como mobilidade social através da igreja metodista e da categoria jurídica da assimilação, mostrou através de muitas das suas histórias vários mecanismos de defesa, contorno e apropriação de elementos coloniais, mesmo este fazendo parte de um sistema violento. A ambiguidade das relações político-sociais dentro da engrenagem colonial, mesmo sendo um processo de grande violação foi moldada em grande

<sup>334</sup> XITU, Uanhenga. *Mungo – Os sobreviventes da máquina colonial depõem...* Luanda: Editorial Nzila, Coleção Letras Angolanas 5, 2002.

<sup>335</sup> SÁ, Ana Lúcia Lopes de. *A construção de identidade de fronteira na Obra de Uanhenga Xitu*. Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. 2004. E ainda: VENÂNCIO, José Carlos. Uanhenga Xitu: *O Homem, O Político, e o Escritor. Uma Referência Obrigatória para a Construção da Nação Angolana*. Revista Crítica de Ciências Sociais. Número 33, 1981.

parte por uma lógica de tentar se alocar e usar destes mecanismos subvertendo-os, na medida do possível, ao seu favor<sup>336</sup>.

A obra “Mestre Tamoda” é um exemplo desta relação. Na narrativa do caricato assimilado, a escola tem este papel, ou seja, em comunhão com a igreja, talvez tenha sido o principal mecanismo de defesa, ascensão social e intelectualização dos indivíduos que viriam depois a integrar vários grupos de libertação em Angola. Em contrapartida, a língua portuguesa foi imposta aos colonizados, representou um processo hegemônico de apagamento de traços culturais, de violência escolar, de preconceito racial e social e de segregação através da imposição de costumes e modos de vida exógenos. Toda via, a língua portuguesa mesmo como um dos pilares do projeto colonial tornou-se um ato de resistência. O oprimido não só se apropria da língua do colonizador para denunciar sua opressão, mas subverte-a política e semanticamente<sup>337</sup>.

A reafricanização da língua do colonizador proposta por Uanhenga Xitu e Luandino Vieira, por exemplo, isso para falarmos apenas de um contexto específico angolano, é uma forma de resistência ao colonialismo pela “arma” do colonizador. As culturas autóctones souberam resistir e se apropriar da violência simbólica que a educação colonial sustentou como tentativa de domesticação dos sujeitos, utilizando-se do idioma ressignificado pelos usos e costumes da oralidade e os escritores fizeram da escrita literária o contra discurso ao colonialismo. De fato, a escrita da língua portuguesa em contexto africano começa como um ato de repressão, porém foi muitas vezes reapropriada como ferramenta decolonial, de subversão como declara o professor Nazir Ahmed Can. Na prática, Uanhenga Xitu, sinalizavam com a importância de romper com a estrutura mental de como escrever o mundo dentro da lógica do colonizador, mesmo que para isso tenham usado uma escrita colonial subvertida, reconfigurada, mas ainda sim colonial.

Desta forma Uanhenga Xitu continua a apresentar neste conto um mundo colonial com extensas marcas de bipolaridade, porém longe de ser dicotômico nestas relações. O autor no seu fazer literário e também político tem sabido jogar de forma inteligente com os aspectos positivos e assimétricos das fronteiras culturais por onde transita. Como nos diz o professor José Venâncio, o escritor confirma o homem político exercendo uma forte articulação nas práticas deixando claro, inclusive, a colagem de elementos autobiográficos em muitas de suas obras<sup>338</sup>.

---

<sup>336</sup> Idem.

<sup>337</sup> Idem.

<sup>338</sup> Idem.

Atendendo assim nas suas narrativas às dinâmicas dialéticas entre assimilados e indígenas, brancos e negros, civilizados e contratados; e no seu discurso político a relação entre angolanos e portugueses, negros e os “outros”, MPLA, UNITA, FNLA... neste processo toma pra si o compromisso político e literário de fortalecer sua identidade quimbundo frente a um complexo projeto de nação, além de ser um conciliador, um sujeito de fronteira onde marcar posições dentro de um todo, mesmo estando com o todo, em um cenário em que isso foi fundamental e ainda é<sup>339</sup>.

Ele como projeto político usa a tradição junto a modernidade como forma de projetar identidades “angolanas” valorizando a sanzala como espaço de memória coletiva, onde de forma geral nem o colonizador é puramente repressão, nem o colonizado é vítima inerte da violência que sofre. Tamoda é assim um exemplo claro de um exercício político no qual o indivíduo que mesmo vítima não é inoperante e sim uma personalidade cheia de ação e que busca resistir, mesmo sem a consciência total disto, subvertendo elementos de exploração como a língua, por exemplo, que acabou por se tornar uma simbologia de resistência. Em “Mestre Tamoda” a crítica da assimilação é uma constatação consciente do jogo que precisou ser jogado<sup>340</sup>. Observe:

Tamoda, muito novo, dirigiu-se à cidade de Luanda, onde viveu muitos anos. Nesta, trabalhava e estudava nas horas vagas, com os filhos dos patrões e com os criados do vizinho do patrão. Assim, conseguiu aprender a fazer um bilhete e uma carteirinha que se compreendia.

No último emprego, na casa de um doutor que vivia solteiro, quando o patrão se ausentava para o serviço passava o tempo a decorar e a copiar os vocábulos do dicionário. Aqueles vocábulos que lhe soavam bem.

Já homem e na idade de casa abandonou a cidade e o emprego e voltou à sanzala que o viu nascer<sup>341</sup>.

E ainda:

Negro como era e passar assim com sapatos a chiarem e de capacete na cabeça! Não... este não era um gajo qualquer. Ou é engenheiro ou é doutor ou é estrangeiro – murmuravam os outros pretos que aguardavam pela hora da entrada dos funcionários.  
- Mona ngan’ ô, bom dia – cumprimentou uma velha.  
- Bom dia – respondeu Tamoda sem olhar para quem o saudou e continuou nos seus passeios: “ié-ié, ié-ié” – faziam os seus sapatos<sup>342</sup>.

Tamoda transgredi a língua subvertendo-a para torná-la uma forma de resistência ao regime projetando de forma caricata o ofício do autor. Em um contexto macro, reafrikanizar o português foi um forte posicionamento político, fruto do seu tempo, na qual transgredir a língua

<sup>339</sup> SIQUEIRA, Nathalia Rocha. Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho: o sujeito literário em contexto político. II Seminário Internacional Áfricas. 2019.

<sup>340</sup> SÁ, Ana Lúcia Lopes de. *A construção de identidade de fronteira na Obra de Uanhenga Xitu*. Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. 2004.

<sup>341</sup> XITU, Uanhenga, *Mestre Tamoda e outros contos*. Luanda: UEA, 1977. P.6.

<sup>342</sup> Idem. p. 15.

era transgredir de alguma forma o sistema opressor ou uma parte dele, pois apesar das resistências, não se era branco, nem português e acabava-se por ser muito pouco dentro da estratificação colonial. Estas reflexões encontramos em Ana Sá e mais ainda, a escola, instituição com bastante destaque na maioria das obras do autor e que acaba por denunciar em uma análise mais profunda uma relação com este mal resolvida, possuía em suas narrativas e também no regime colonial uma dupla função, pois da mesma forma que alienava e desmerecia o autóctone frente a sua cultura, forneceu ferramentas e instrumentalizou boa parte dos líderes que surgirão frente a uma geração que se levantará contra o regime Salazarista<sup>343</sup>.

#### 4.4 O Capital Político do “Mestre” e do “Mais Velho”

A escolha de se pautar como mais velho, aquele que narrar aos mais novos, ou que discursa as novas gerações de uma nação, aquele em que “tradicionalmente não se questiona” é algo que ele constrói para si como marca de uma autoridade, longe de ser gratuita é uma cultura política que pautou e pauta a imagem de figura pública que ele foi, as alianças políticas que montou, as decisões que tomou, os lados escolhidos, resguardando para si, para sua memória e para as suas gerações futuras o respaldo e a importância necessárias dentro da máquina partidária e de forma muito inteligente, na máquina do Estado, em Angola. Ao ser visto como o Homem sempre fiel a Agostinho Neto, ao MPLA, mas ainda sim um conciliador, um mais velho pronto a ouvir, um homem de extensas relações, guardou para si a imagética do camarada Mendes de Carvalho, do político conciliador, do mais velho sábio e “sabedoria não se questiona” e de um autor que refletiu de forma mais clara ou mais dissimulada nas suas obras desde aquelas escritas em Tarrafal até o Ministro e cultos especiais, na qual a política é o fio condutor propriamente dito dessas duas últimas obras pós coloniais, as relações socioculturais do seu contexto angolano<sup>344</sup>.

Em confluência com o que nos diz Venâncio, a trajetória de Uanhenga Xitu, na opinião deste trabalho, não se difere de Mendes de Carvalho, imbricam-se, complementam-se, expiram-se, e assim, já que é possível a percepção de que as suas narrativas tem profunda ligação com

<sup>343</sup> SÁ, Ana Lúcia Lopes de. *A construção de identidade de fronteira na Obra de Uanhenga Xitu*. Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. 2004.

<sup>344</sup> SIQUEIRA, Nathalia Rocha. Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho: o sujeito literário em contexto político. II Seminário Internacional Áfricas. 2019. E ainda: VENÂNCIO, José Carlos. Uanhenga Xitu: *O Homem, O Político, e o Escritor. Uma Referência Obrigatória para a Construção da Nação Angolana*. Revista Crítica de Ciências Sociais. Número 33, 1981.

sua trajetória de luta política, percebe-se como faceta dos seus textos a preocupação de “contar” a sua história com a clara preocupação de qual versão da história será contada<sup>345</sup>.

Sendo a sua arena política a retórica do mais velho e da conciliação, Uanhenga Xitu destaca-se por uma escrita em que a sólida construção de personagens se alia a uma forma muito própria de narração, impulsionada por um sentido político aliado ao capital de “tradicionalista”, homem do povo, quimbundo e assimilado. Pautou-se politicamente em contatos com as camadas populares, as sanzalas, os musseques, as comunidades rurais tendo obviamente um lastro populista, porém que fez parte de uma ferramenta, de um construto de memória tanto como escritor tanto como “nacionalista”. Ou seja, buscou alinhar as atitudes e a imagem que construiu dentro do cenário político angolano, junto a sua escrita, a sua narrativa e a sua postura no meio político, social e cultural por onde transitou<sup>346</sup>.

É a filosofia do mais velho que está por dentro de ambas as vertentes da sua personalidade e práxis, aquele que reivindica pra si o direito e a sabedoria de contar histórias, “exigindo” os créditos, pois ele viveu a história, a sua história é com Agá, ainda que repleta de elementos ficcionais. E é nesta afirmação que encontramos a sabedoria do literato e a “esperteza” do político, pois cabe aos jovens da aldeia ou da nação ouvir e aprender os caminhos com quem já os percorreu. Ser o Mestre, figura de destaque em muitas comunidades africanas é um símbolo político de poder<sup>347</sup>.

Cada um de nós, “os mais velhos” que na nossa terra existem, resume em si a memória de centenas de anos. Cada dia mais rica, porque vivemos hoje mais tempo do que viviam os nossos avós. Cada dia mais rica, porque vivemos tempos mais movimentados e de maior experiência. Cada dia mais rica, porque temos ao nosso dispôr as técnicas que nos enriquecem com a experiência sem fronteiras de outros povos. (...)

Porque, verdadeiramente, eu só escrevo histórias com Agá. Quando eu estava lá nas minhas cadeias, naquelas noites e dias que pareciam ter comprimento de anos, eu começava a pensar nos tempos da minha terra. Naquilo que eu tinha vivido e naquilo que eu tinha escutado da boca dos meus “mais velhos”. Às vezes, conversando com os meus companheiros, contava as minhas histórias. Todas verdadeiras e com Agá, mas acrescentada de uma coisinha aqui, acrescentadas de qualquer fato que tinha acontecido noutra história, misturadas com esta ou aquela figura que não vivera nela, mas valia a pena recuperar.

Assim, eu contava aos meus colegas de cativo, porque contar aos outros é um dever que a tradição obriga a qualquer “mais velho”. (...)

Foi então que resolvi, animado por alguns dos meus companheiros, escrever. Escrever é de certo modo uma forma de estar só comigo mesmo. Quando o desespero te aperta, foge dos outros e escreve para todos. Foi assim que do Mendes de Carvalho que eu

---

<sup>345</sup> Idem.

<sup>346</sup> Idem.

<sup>347</sup> Idem E: NETO, Akiz. (2009), Poeticidade no discurso prosaico de Wanyenga Xitu. Luanda, UEA (União dos Escritores Angolanos). E: MELO, D.; Santos, J. (org.). *O Homem da Quijinga*. Luanda: Chá de Caxinde, 2007. E ainda: Depoimento do escritor ao JL- Jornal de Letras Artes e Ideias em Lisboa aos 12 de agosto de 1998, sob o título: História de mais velho.



sou, nasceu o escritor Uanhenga Xitu que vos fala agora. É por isso que eu vos digo e afirmo que todas as minhas histórias se escreveram todas com Agá. (...)  
 Falta, enfim, contar à boa maneira africana, com o adorno de tudo quanto atrás ficou dito e o calor e o sentimento e o interesse de uma comunidade inteira.  
 Falta, minha senhoras e meus senhores, contar (tal como escrevo) a minha história com Agá para que cada um a ouça e nela se reconheça, para que cada um a escute e nela ganhe e encontre o desejo de a contar um dia quando a idade se adiantar, os cabelos se embranquecerem e o coração vier impor o dever de contar aos mais novos os passos passados de uma outra vida<sup>348</sup>.

A partir destas sequências de trechos acima do depoimento de Uanhenga Xitu ao jornal das Letras Artes e Ideias, sob o título: *Histórias de mais velho*, fica mais claro como o discurso de “autoridade tradicional”, pois um contador de história em África possui autoridade de quem detém a sabedoria e o conhecimento, faz parte da construção da sua cultura política. Aliando seu poder de mais velho, seu tom conciliador, seu capital cultural como escritor, que é algo de valor nas novas relações de mundo, sua fidelidade política, seus trânsitos e suas relações com diversos extratos das sociedade angolana, lhe é conferido ao longo de sua trajetória, perante os seus pares, diante do ideário nacionalista criado pelo lado que está no poder e no tocante à história recente de Angola, um capital político sólido para si e para os seus descendentes, um status de intelectual angolano e um reconhecimento dentro do seu contexto político cultural e social como um “mais velho” angolano, que entre as aspas quer dizer muita coisa<sup>349</sup>.

O encontro entre o oral e o escrito permeiam a obra deste autor que possui uma linguagem subversiva. Seu interesse pela palavra vem de seu conhecimento da importância da mesma na sociedade “tradicional” e na dita moderna. Foi na cultura “tradicional” onde obteve os primeiros ensinamentos sobre a vida antes de ir para Luanda. Diante das suas vivências sempre esteve entre estes dois lados da fronteira: entender o poder da língua do dominador e a jogar com ela, trazer para seu capital simbólico, usar como mediação e resistir as violências impostas. Seguindo o percurso deste rio, o conjunto da obra de UX nos permite por sua universalidade passear por vários meandros e temáticas, desde observações no campo da história, cultura, conceito de tradição e modernidade, mas possui algo que é transversal a sua obra: os conflitos geracionais. Manana, Kahitu, O Ministro, Mestre Tamoda, são exemplos expoentes de como o autor trabalha estes conflitos, mas a temática aparecerá em maior ou menor grau em toda a sua produção literária, já que a relação entre novos e velhos será uma das matérias primas para a formação do capital simbólico deste intelectual.

---

<sup>348</sup> Depoimento do escritor ao JL- Jornal de Letras Artes e Ideias em Lisboa aos 12 de agosto de 1998, sob o título: História de mais velho.

<sup>349</sup> Idem.

Tanto em Manana quanto em Kahitu o escritor traz ao leitor as relações dentro deste mundo operandi onde doença e castigo, maldição ou feitiço entrelaçam-se no imaginário sociocultural. Kahitu nascera parálítico, é provável que tenha sido acometido pela poliomielite e seria essa a explicação científica/ médica (no sentido ocidental) para a condição da personagem<sup>350</sup>. Já Manana é acometida em termos médicos, pela tuberculose e recusou-se a procurar os médicos dos brancos ao entregar-se a cultura tradicional e acreditar que somente esta teria forças para eliminar a maldição ou o feitiço pelo qual ela passava. Mesmo com as suplicas de seu namorado, a menina recusa-se a quebrar com os seus ritos familiares, a questionar seu sacerdote e a ir de contra à tradição. Morreu Manana, sucumbira à doença ou ao feitiço, quem sabe? Na literatura encantada de Uanhenga Xitu, onde a realidade vira ficção, onde o realismo mágico é a literaturalização das memórias de sua terra, em quem tem e transmite a memória é o Mais Velho, a resposta é o que menos interessa<sup>351</sup>.

Em diálogo com Melo é importante estabelecer a “Quijinga” como o símbolo do seu capital político de Mais Velho e de Mestre. Ela é um adereço de cabeça que possui valor cultural e religioso. Uanhenga Xitu foi apresentado com uma quijinga por um dos presos da Guiné-Bissau no Tarrafal. É hábito dos guineenses usarem esse adereço que representa uma posição de respeito, de sabedoria e de hierarquia para algumas comunidades em Guiné Bissau. Mas o uso de “chapéus” que indicam posição hierárquica superior é relativamente comum em muitos povos da África e até mesmo do candomblé, uma religião brasileira, mas construída em uma mistura de matrizes africanas e ameríndias, como por exemplo o filá, usado por Obas e Babalaôs<sup>352</sup>.

Depois que o recebeu sua quijinga de um companheiro de prisão, nunca mais deixou de usar. De acordo com seu neto e membro da Fundação Uanhenga Xitu, ele só o tirava nas refeições e para dormir e a esse adorno muitas pessoas juravam possuir algum feitiço que dava força e coragem a quem usava (Até os Presidentes Agostinho Neto e José Eduardo dos Santos não se importavam que ele usasse durante as sessões formais de trabalho), ela se tornou um

<sup>350</sup> NETO, Akiz. (2009), Poeticidade no discurso prosaico de Wanyenga Xitu. Luanda, UEA (União dos Escritores Angolanos).

<sup>351</sup> Idem

<sup>352</sup> Oba é um cargo masculino de um afluente do candomblé conhecido como nação Ketu, na qual o “iniciado” ganha o estatuto de ministro de Xango, orixá entre outras acepções, da justiça. Não confundir com o orixá feminino de mesmo nome. Babalaô é um cargo de comando do candomblé, onde os iniciados são escolhidos pelos orixás para a função de comando. É o equivalente a um Sacerdote. Ele é capaz de fazer rituais e interpretar oráculos. Além disso um babalaô é também um líder espiritual e aconselhador das pessoas que ele iniciou na religião. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Babala%C3%B4>

símbolo fundamental e mais ainda, visual do seu poder político como um sujeito escolhido e hierarquicamente superior<sup>353</sup>.

Ele tinha pelo menos duas malas com o mesmo estilo, quijingas que em sua maioria eram pretas e brancas, porém algumas eram de um verde escuro e também uma mistura de branco com azul escuro, porém aos olhos do mundo era apenas uma preta e branca, onde cobria sua cabeça de força e coragem. De acordo com seu neto e seus familiares, nos anos 2000, em consultas na Europa usava um diferente para não ser facilmente reconhecido. Enquanto que em Angola o nome é quijinga, na Guiné-Bissau, origem do primeiro presente, o nome é Sumbia<sup>354</sup>. Uanhenga Xitu era considerado um mais-velho entre os seus e um mestre onde sua oficina é o universo literário no qual ele forja uma linguagem hibridizada que possa dar conta da dialética dos trânsitos e contradições que ele ficcionaliza. É importante pensar a cultura como uma ferramenta para romper com os processos de repressão. A literatura neste contexto atua como ferramenta política para uma “tomada de consciência” e para uma pretensa “reafricanização dos sujeitos. A arte é um produto do seu complexo social que vai alterar o artista e ser alterada por ele. Seja o cientista social, seja o artista, ambos percebem o mundo social, suas tensões e complexidades. E por isso enxergamos muitas vezes nas representações culturais as tensões entre o homem e a sociedade. Esta tensão, este trânsito essa dialética, encontramos na escrita de Uanhenga Xitu. Na política, as suas palavras também foram instrumentos catalizadores da causa independentista e posteriormente da causa partidária e das necessidades da Nação<sup>355</sup>.

Uanhenga Xitu se destaca pela engenhosidade da sua linguagem e de sua criticidade ao captar e traduzir os aspectos sociais do meio com o qual se comunica. O seu conhecimento de várias línguas locais mais o português colonial possibilitaram a partir deste capital cultural uma inventividade linguística conferindo sabor a sua literatura e poder ao seu discurso político tornando também essa característica um capital político do autor. Colocar a citação que está no texto onde está o capítulo. A obra do autor tem um importante viés político construído pela sua vivência e o materialismo histórico de sua época repassando a sua produção literária sua vida política. Através da memorização da infância, UX projeta, pelo menos literariamente uma Angola livre. O autor trabalhava muito bem os seus arquétipos mais comuns além da ironia

---

<sup>353</sup> Dados e relatos biográficos cedidos pela Fundação Uanhenga Xitu, entre 2018 e 2019. E ainda: MELO, D.; Santos, J. (org.). *O Homem da Quijinga*. Luanda: Chá de Caxinde, 2007.

<sup>354</sup> Idem.

<sup>355</sup> Idem.

refinada, senso crítico ou de humor refinado marcando seu nome na literatura moderna e na literatura nação<sup>356</sup>.

Um dia escrevi um artigo para publicar, assinei: Uanhenga Xitu... Rejeitado. Tinha de assinar: Agostinho A. Mendes de Carvalho. Acabou-se, ou se publica o trabalho como Uanhenga Xitu... ou se espera que um dia haja quem aceite o nome por que sou conhecido lá na minha sanzala, onde nasci em 1924. (XITU, 1977, contracapa)

Nas leituras das obras uanhengianas temos uma ideia de alguns quadros sociais de angola, especialmente Luanda e arredores no período em questão. Mesmo o autor em certa medida dando as costas à cidade e ao mar e voltando-se para o mato, para o espaço rural, mas ainda sim um rural perto da cidade, buscando um retrato das realidades daqueles contextos. Neto em seu discurso intitulado “sobre a literatura”, enfatiza o papel dos escritores angolanos na conquista da independência, ressaltando a necessidade de um compromisso destes com o futuro. Ambos, Neto e Uanhenga Xitu tinham uma relação relativamente próxima e de alinhamento ideológico. E de fato a literatura esteve intimamente ligada ao projeto de nação e a ideia de revolução em Angola, já que apenas um ano depois da independência foi criada a Associação dos escritores angolanos, instituição dentro do ideário de Nação à época pensado por Agostinho Neto, como bem nos diz o professor Nazir Cam. Literatura e política foram inseparáveis na luta pela independência e na criação do Estado Nação angolano. A literatura, e mais do que isso, ser um literato no contexto angolano de luta pela independência e no pós independência era possuir sim um lugar de destaque na recém criada nação e ter nesta relação político cultural um capital político, social e cultural que se converterá para muitos em capital simbólico.

#### 4.5 A Liberdade Condicional e a Volta à Profissão

Em 1970 Uanhenga Xitu conseguiu sua liberdade condicional. Regressando a Luanda naquele mesmo ano, teve que lidar com as auguras de ser um condenado político em um contexto, na qual a guerra colonial ainda acontecia, mesma que fragmentada e minguando as forças junto as grandes dificuldades das guerrilhas angolanas. Ao voltar ao cenário luandenses, encontrou diversas dificuldades a começar pela reintegração ao convívio da família com filho que mal lembravam do seu rosto. Mas para além de alguns aspectos biográficos, a intensão aqui é analisar, a partir do nosso corpus documental, a sua dificuldade de inserção na vida social,

---

<sup>356</sup> RAMOS, Marilúcia Mendes. Assimilação e Subversão nos Discursos de Tamoda, de Uanhenga Xitu. África & Brasil: letras em laços, volume 2 / organizadoras Carmen Tindó Secco. Maria do Carmo Sepúlveda, Maria Teresa Salgado. – São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2010.

limitada pela constante vigilância da PIDE e principalmente a dificuldade de se colocar no mercado de trabalho e retomar a sua profissão de enfermeiro.

Junte-se a isso, o fato de que ele retoma seus contatos políticos, passa a integrar oficialmente o MPLA e passou a agir na prática política do movimento, se tornando ativo nas reuniões, nas assembleias e na estruturação do movimento que já ia tomando a cara de partido. Nesta fase da vida, ele passou a ser um político de fato e direito, com funções políticas determinadas, organizadas e assim ampliando suas redes de relacionamento<sup>357</sup>.

Logo que foi libertado, produziu um requerimento ao Serviço de Saúde e Higiene de Angola, que a esta altura também era chamado de Serviço de Saúde e Assistência de Angola, da qual foi funcionário público antes da condenação. Nele buscou uma admissão e o direito de exercer novamente sua profissão. Este pedido é feito logo após voltar a morar em Luanda e ao se deparar com as dificuldades financeiras que a família, extensa, se encontrava. Seus familiares, assim como o da maioria dos presos, contavam na maior parte do tempo com a ajuda dos círculos de solidariedade entre os companheiros de movimento e/ou apoiadores, mas principalmente, se mantiveram muito por conta do trabalho das mulheres. Sua esposa, por exemplo, tinha a profissão de empregada doméstica, sua filha mais velha também ajudava no sustento da família, além dos jovens que rapidamente tinham a necessidade de se integrar ao mercado de trabalho<sup>358</sup>.

Nesse período, ele já em liberdade buscava novamente seu espaço e sua reintegração como Enfermeiro, já que tinha sido demitido por ser considerado um terrorista contra o Estado português. Eram consideradas terroristas todas as pessoas que se manifestassem a favor de uma intervenção política e armada para libertar o país. De acordo com depoimento dado por seu neto e membro da fundação Uanhenga Xitu, seus filhos tiveram muitas dificuldades no período da sua prisão por serem considerados filhos de terrorista. Dessa forma, muitos deles não concluíram os estudos além de outras dificuldades por conta da intervenção da ditadura salazarista<sup>359</sup>.

Ao ser liberto em regime condicional da colônia penal de Tarrafal, em Cabo-Verde, após cumprir somente lá, uma pena de mais de oito anos, no ano de 1970, Uanhenga Xitu encontrou uma enorme dificuldade de se reintegrar na sociedade especialmente no que concerne ao trabalho. Quem sustentou sua família na época em que esteve preso, de acordo com o próprio

---

<sup>357</sup> Pedido de readmissão, de 21 de Setembro de 1970. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E ainda: Parecer de 25 de Setembro de 1970. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

<sup>358</sup> SIQUEIRA, Nathalia Rocha. Entrevista com Jurelmo Lopes, neto de Uanhenga Xitu. Bairro dos Ingombotas, Luanda. 4 de julho de 2018.

<sup>359</sup> Idem.

autor, foram amigos próximos, portugueses progressistas, as igrejas católicas e protestantes, alguns médicos, a mulher do Diógenes Boavida e nomeadamente Abílio Pais, a Arminda e a Cecília Pais. E disse ainda, “eram as mulheres que tratavam das ajudas”. Nota-se, portanto, uma importante rede de solidariedade em volta da família de muitos presos políticos, formada especialmente por mulheres que não só participaram diretamente na luta anticolonial como foram fundamentais para manter aqueles que lutaram e seus familiares<sup>360</sup>.

Em 1970 no seu retorno do desterro, não tinha emprego, não era aceito como enfermeiro pelo governo, era estigmatizado como terrorista. Conta que começou a procurar emprego nas empresas particulares, sem sucesso, pediu ajuda a um médico que conhecia, o Dr. Andrade, não foi aceito e ainda foi aconselhado a pedir desculpas ao governo. Uns amigos arranjaram-lhe um lugar em um posto pequeno, no Rangel e foi então que começou a trabalhar, recebendo lá apoio de alguns médicos progressistas brancos. Por fim foi trabalhar em um sindicato e só em 1974 veio a indicação na qual poderia voltar para o Estado. Neste momento, é claro, já temos o governo colonial bem perto do fim e a guerra que durava desde 1961 perto de acabar, o que facilitou certamente um afrouxamento das imposições coloniais à época<sup>361</sup>. Observe o pedido de readmissão:

AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO, residente em Luanda, no Bairro Popular nº 4 Bloco 25 casa 10, tendo sido reintegrado à sociedade sob uma liberdade condicional, depois de onze anos de cumprimento de pena nas cadeias de Luanda e do Campo de Trabalho de Chão Bom, em Cabo Verde, encontra-se desempregado e pretende assegurar-se de uma ocupação pela qual aufera remuneração para a sua manutenção e a da sua família (pai, mãe, mulher e onze filhos) com um mínimo de decência, e porque conta principalmente com a sua profissão, respeitosamente requer à S. Excia. a admissão no lugar que anteriormente exercia nos Serviços de Saúde e Assistência de Angola, do qual foi demitido<sup>362</sup>.

Ao seu pedido de readmissão, ele recebeu um parecer contrário, o que não foi surpreendente dentro da estrutura colonial. Além de, depois de solto, ser constantemente vigiado pelos agentes da PIDE, sendo obrigado a se apresentar à polícia de forma regular, ter o seu deslocamento limitado, além de uma censura a quem ele poderia conviver, pesava sobre ele e aqueles que retornavam do sistema penitenciário, o estigma de terrorista, inimigo da nação portuguesa, desordeiro e mais uma série de denominações pejorativas, dificultando um ingresso no mercado de trabalho, seja por via da sua profissão, seja por outros ofícios. Na maioria dos relatos, os sobreviventes dos Campos punitivos, tiveram muita dificuldade de inserção no mercado de trabalho, agravado pela dificuldade em buscar ajuda com determinadas relações

<sup>360</sup> MATEUS, Dalila Cabrita. (2006), Memórias do colonialismo e da guerra. Porto, Edições ASA, 2006.

<sup>361</sup> Idem.

<sup>362</sup> Pedido de readmissão, de 21 de Setembro de 1970. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

peçoais das quais tiveram de se afastar por conta das ordens dadas pela PIDE, sob pena de voltarem à prisão<sup>363</sup>.

Dona Maria, no período em que o marido esteve preso, trabalhava como doméstica e por receber algum subsídio do governo português pela prisão do seu cônjuge, acolheu os filhos que Uanhenga Xitu teve com mais duas mulheres, pois só assim essas crianças passariam a ter alguns direitos. Ela exercia a profissão, segundo informações cedidas pelo seu neto em entrevista a mim concedida em 2018, de arrumadeira e lavadeira. Os filhos mais velhos precisaram cedo trabalhar, principalmente sua primeira filha que durante a prisão do pai foi fundamental no sustento da família. Em acordo com a vó Gloria, segundo seu neto, Dona Maria cuidava dos seus filhos e dos filhos das outras duas mulheres. Todos eles cresceram com a esposa de Mendes de carvalho e na altura da sua prisão já eram onze filhos<sup>364</sup>.

A prática da poligamia, embora proibida pelo regime colonial, era praticada em caráter não oficial em uma forma de negociação entre as práticas tradicionais e as imposições do mundo cristão. Porém, apesar desta relação ser diferente do conceito na qual nós ocidentais pensamos esta prática, era normal em Angola, assim como em várias partes da África, principalmente os homens, possuírem mais de uma mulher, onde a convivência delas faz parte da organização do sistema familiar. Entretanto, é importante salientar que como homem assimilado, este intelectual do ponto de vista legal era cônjuge de apenas Dona Maria que foi sua companheira até a sua morte em 2014<sup>365</sup>.

Minha filha Luísa (?) Fernandes de Carvalho que neste mês acabou o estágio do curso de ajudante técnico de radiologia, estar a juntar a documentação para uma nomeação interina, aos seus Serviços.

Rogo ao sub diretor o favor de, no caso de sua nomeação, colocá-la nesta unidade, se for possível. Pois esta tem sido o braço direito da casa, o chefe da família composta por cinco irmãos menores e uma mãe que vivem do subsídio [...]

A sua ausência ou separação criará grande transtorno no seio da família, ao ter que dividir em duas partes o que ela há de ganhar.

Há duas semanas cheguei do desterro onde passei 11 anos. Encontro-me desempregado e sem qualquer lugar em vista para diminuir o peso à minha filha<sup>366</sup>.

Em depoimento dado a Dalila Mateus e através desta documentação dá pra entender as necessidades financeiras, o papel das mulheres em um contexto de prisões políticas e guerra, do estigma de inimigo do Estado, e as dificuldades de se depender deste mesmo Estado. Isso fica claro no trecho destacado acima. Foi sobrevivendo então, como ele mesmo relata, com

<sup>363</sup> Idem.

<sup>364</sup> SIQUEIRA, Nathalia Rocha. Entrevista com Jurelmo Lopes, neto de Uanhenga Xitu. Bairro dos Ingombotas, Luanda. 4 de julho de 2018. Parecer de 25 de Setembro de 1070. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). Nota, de 1 de Outubro de 1970. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado)

<sup>365</sup> Idem.

<sup>366</sup> Carta ao sub diretor dos Serviços de Saúde e Assistência de Angola, de 28 de Agosto de 1970. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

alguns subsídios do governo, ajuda de companheiros, especialmente médicos com quem trabalhou, a inserção em sindicatos que o ajudaram e a sua participação ativa do MPLA que já estava consolidado como movimento naquela época. o enfermeiro e político esclarece um pouco de como ele conseguiu no trecho a seguir quando diz que: “E para transferir os presos dali, foi necessária a ação de alguns médicos nossos amigos, médicos portugueses, que nos visitavam na cadeia e que também... [o entrevistado está perturbado]”<sup>367</sup>.

Logo que saiu da cadeia, em situação condicional, e regressou a Luanda, passou a chefiar o Departamento de Organização Municipal (DOM), ao que tudo indica, já sob o comando do MPLA demonstrando um certo prestígio, em maior ou menor grau, pois não era um cargo de liderança do movimento, mas era sim alguém prestigiado. Chefiou tarefas que contaram com o Amadeu Amorim, por exemplo, também recém chegado de Lisboa onde foi mandado logo assim que saiu em condicional, visando a organização de grupos anticoloniais, especialmente nas áreas dos musseques. Passava instruções para criar grupos de ação, estender as redes de amizades, estabelecer conversas, fazer palestras, no intuito de convencer as pessoas que era preciso lutar. “Fazer emboscadas, entrar nos bares e deixar as torneiras abertas, por exemplo, aquele grupo fazia isso. E deixavam os panfletos também.”<sup>368</sup>.

Já em 1974, atuava ativamente nas questões políticas desenvolvidas pelo MPLA, sendo um dos representantes mais ativos do ainda movimento, mas já com toda a característica de partido, dentro de Angola. O seu livreto *O Meu discurso* foi proferido na reunião magna do congresso angolano realizado na noite de 24-5-1974 no Campo de jogos da Liga Nacional Africana. E Como já foi dito aqui neste percurso, este intelectual sabia usar as palavras e entendia a importância delas para traduzir a relação entre tradição e modernidade, local e colonial, rural e urbano, político e social. Em suma para fazer política. Era um mediador e como tal utilizava as palavras como instrumentos, assim como o mestre tradicional trabalha o ferro. Mesmo sendo um político com as suas contradições, defendeu para si o papel de mediador por onde transitou, o que lhe trouxe um respeito de “Mais Velho” que permeou e deu forma a todo o seu capital político<sup>369</sup>.

O livro “*O Meu Discurso*” resultado do discurso proferido pelo político às vésperas da independência, virou um marco para o intelectual no que concerne a sua relação com a política. Nele temos um discurso corajoso em tom conciliatório que mais uma vez nos traz a face mediadora de Uanhenga Xitu. Abaixo, faço uma análise-resumo do conteúdo do discurso que

---

<sup>367</sup> Idem.

<sup>368</sup> Entrevista realizada com Amadeu Amorim, 09 de Setembro de 2019. Acervo Pessoal.

<sup>369</sup> XITU, Uanhenga. *O meu discurso*. Luanda: UEA, 1974.



virou livro, no qual o valor da primeira edição foi revertido em favor dos ex presos políticos necessitados<sup>370</sup>.

No discurso nota-se a preocupação em defender a independência e a tentativa de argumentar contra as principais justificativas daqueles que questionavam a independência. Entre elas temos a suposta falta de quadros profissionais em Angola, pois em sua maioria era composto por colonizadores que saíram ou fugiram do país; a capacidade do país de se sustentar sozinho ou lidar com questões como tribalismos, racismos e etc. Ele argumenta que estes problemas existem até nos países mais desenvolvidos e que uma Angola livre e unida saberá lidar e ultrapassar estas questões difíceis que aparecerem logo nos primeiros anos da independência e ainda sim, sendo necessário, receberiam ajuda dos irmãos internacionais<sup>371</sup>.

Outro ponto do discurso diz respeito a relação entre negros e brancos angolanos. Mendes de Carvalho defende veementemente uma união multirracial em Angola, algo também visto em o Ministro. Diz ser importante o governo recolher as armas de ambos, tanto negros quanto brancos e tentar estabelecer a paz. Diz que os negros precisam estar dispostos a aceitarem os brancos que optaram por Angola, pois aqui também reside suas raízes. Prega uma Angola unida e assume que os privilégios brancos oriundos da colonização precisam acabar e por mais que os brancos sintam, com paciência e consciência as coisas se ajeitam e ao se unirem, os negros ressentidos por 500 anos transformarão este recalque em bons sentimentos rumo a uma Angola multirracial e igualitária<sup>372</sup>.

Por fim, Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho dirige-se aqueles a quem ele chama de Meus Irmãos agradecendo a ajuda do Movimento da Junta de Salvação Nacional por terem restituído mais cedo a liberdade de muitos filhos e irmãos que se encontravam presos e questiona se todos os presos já estariam soltos. Termina expressando a sua admiração a todos aqueles que de alguma forma lutaram pela libertação de Angola afirmando que as horas amargas na cadeia alimentaram sua moral já que a causa era mais do que justa e permitiram que ele estivesse ali junto com os irmãos, naquele recinto podendo gritar: VIVA A INDEPENDÊNCIA! VIVA ANGOLA INDEPENDENTE!<sup>373</sup>.

#### 4.6 A Independência.

Aliada as contestações sociais, cresce uma forte cobrança por parte da ONU e da opinião pública internacional que já há muito repercutia as denúncias que vinham dos movimentos de

---

<sup>370</sup> Idem.

<sup>371</sup> Idem.

<sup>372</sup> Idem.

<sup>373</sup> Idem.

resistência dentro de Angola, como a denúncia de Mário Pinto de Andrade sobre a prisão dos 50 nacionalistas pela PIDE em 1959. Neste cenário a pressão internacional sobre a condução da Guerra Colonial portuguesa vai crescendo e a forte influência do partido comunista português já era perceptível entre uma parte significativa dos militares daquele país. O fim da guerra em Angola culminará com um golpe de Estado militar em Portugal, Militares estes que já não suportavam mais o desgaste com as guerras no ultramar, que se chamará Revolução dos Cravos, à 25 de Abril de 1974 que destituiu o Estado Novo e com ele o fascismo português de herança salazarista<sup>374</sup>.

No seu papel de mediador, Uanhnega Xitu em Alvor aconselhou o futuro presidente a esquecer-se de um passado para facilitar a uma função de comando e ganhar adeptos e a confiança do povo e até de seus inimigos. Acreditou convencer e inspirar Neto que, segundo o autor, já tinha esta ideia com alguns companheiros no maqui, mas encontrava a relutância de outros. Algo que corrobora com a possibilidade de que o líder do MPLA não conseguia governar sem determinadas influências<sup>375</sup>. Observe a fala de Amadeu Amorim, amigo pessoal de Mendes de Carvalho:

Mas Mendes de Carvalho estava muito ligado ao Agostinho Neto porque eram da missão protestante e aqueles homens do grupo ELA, eram quase todos da igreja, quase todos protestantes e através do protestantismo Mendes de Carvalho entrou, porque ele era um furão de primeira categoria (risos) furou e chegou ao Agostinho Neto. Estava próximo ao Agostinho Neto e influenciou inclusive o Agostinho Neto para a tomada de algumas posições, o Mendes de Carvalho<sup>376</sup>.

A fala acima corrobora com a ideia na qual os “filhos” de Catete tinham predileção a determinados lugares de poder. Mendes de Carvalho em seu livro *O Ministro* questiona o tal “grupo de Catete”. O grupo de catete foi um termo pejorativo dado por integrantes do MPLA e do governo ao questionar uma espécie de predileção aos políticos dessa região a ocuparem os cargos mais altos. E de fato, isso é um dado histórico. A importância de Catete surge por seu número significativo de “filhos” que tiveram importância e destaque na luta pela independência e tem na sua personalidade máxima a figura do líder do MPLA e primeiro presidente de Angola: Agostinho Neto. Agostinho Neto era natural de Catete, assim como Mendes de Carvalho e com ele possuiu uma relação de grande amizade. Para além da amizade a relação entre os dois se estendeu na luta pela independência e no projeto e execução de governo do MPLA<sup>377</sup>.

<sup>374</sup> MATEUS, Dalila Cabrita. *A luta pela independência: a formação das elites fundadoras da FRELIMO, MPLA E PAIGC*. Mem Martins: Inquérito, 1999.

XITU, Uanhenga. *O Ministro*. 2. ed. Luanda: UEA, 1991.

<sup>375</sup> Idem.

<sup>376</sup> Entrevista realizada com Amadeu Amorim, 09 de Setembro de 2019. Acervo Pessoal.

<sup>377</sup> MATEUS, Dalila Cabrita. *A luta pela independência: a formação das elites fundadoras da FRELIMO, MPLA E PAIGC*. Mem Martins: Inquérito, 1999.

De Catete nasceram e descenderam figuras como: Agostinho Neto (primeiro presidente de Angola) já aqui mencionado, Paiva Domingos da Silva (Comandante das operações do 4 de Fevereiro), Deolinda Rodrigues de Almeida (símbolo da organização da mulher angolana – OMA), José Mendes de Carvalho (Comandante das FAPLA) e tantos outros de menor prestígio, o que politicamente transformara Catete em uma área de grande fama<sup>378</sup>.

A Independência de Angola oficialmente ocorreu no dia 11 de novembro de 1975, antes passando por um governo de transição que durou de janeiro de 1975 a novembro daquele mesmo ano. O Estado Português em conjunto com a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), reuniram-se em Alvor, no Algarve, na data de 10 a 15 de Janeiro de 1975, para neste encontro discutir e firmar o acesso de Angola à independência. No acordo, que ficou conhecido na história como acordo de Alvor, formaram-se a base que possibilitou a transição do governo colonial português à uma Angola autônoma e independente politicamente. Acordaram as quatro lideranças no seguinte: Artigo 1.º — O Estado Português reconhece os Movimentos de Libertação Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) como os únicos e legítimos representantes do povo angolano<sup>379</sup>.

Em 31 de Janeiro de 1975 tomava posse o governo de transição sendo composto por um Colégio Presidencial formado por representantes dos três movimentos de libertação, nomeadamente o já falecido Johnny Pinnock Eduardo, pela FNLA, Lopo do Nascimento, pelo MPLA, e o também já falecido José Ndele, pela UNITA, todos com a categoria de Primeiro-Ministro, que rotativamente em cada mês, segundo Lucas Ngonda, exerceriam o cargo de Chefe do Governo, constituído por doze ministros e nove secretários de Estado<sup>380</sup>.

O MPLA que controlava principalmente a capital, Luanda, proclamou a Independência da República Popular de Angola às 23h de 11 de novembro de 1975, pela voz de Agostinho Neto dizendo, "*diante de África e do mundo proclamo a Independência de Angola*". Holden Roberto, líder da FNLA, proclamava a Independência da República Popular e Democrática de Angola à meia-noite do dia 11 de novembro, no Ambriz. Nesse mesmo dia, a independência foi

<sup>378</sup> XITU, Uanhenga. O Ministro. 2. ed. Luanda: UEA, 1991.

<sup>379</sup> CARDOSO, General Silva, *Angola, anatomia de uma tragédia*, Lisboa: Oficina do Livro, 2000, 695 p, ISBN 972-8579-20-9. E ainda: PIMENTA, F. T. Portugal e o Século XX. Estado-Império e Descolonização, 1890-1975. Porto: Afrontamento, 2010.

<sup>380</sup> Jornal de Angola. Governo de Transição foi a 44 anos. Publicado em 31 de Janeiro de 2019.

também proclamada em Nova Lisboa (Huambo), por Jonas Savimbi, líder da UNITA<sup>381</sup>. Não houve eleições e a disputa política pelo comando de Angola continuou e se intensificou gerando uma guerra civil que devastou mais de dez anos de uma recém nação Angola. De todas as forças em disputa, o MPLA, na figura máxima de Agostinho Neto, foi quem deu o golpe vencedor na direção de assumir o então criado país.

No ano da independência Mendes de Carvalho já a quatro anos em liberdade tinha somente a um ano atrás conseguido reaver seu direito de voltar a trabalhar no Estado, conseguindo então voltar a exercer sua profissão de enfermeiro. Foi preciso pedir na justiça o direito de ser promovido a enfermeiro de primeira classe, cargo ao qual teria já em 1961 se não tivesse sido preso e condenado no processo dos 50. Em 1975 por ocasião dos Acordos de Alvor acompanha a delegação do MPLA chefiada por Agostinho Neto à Penina, nas negociações com o governo português. Com a ascensão do MPLA como um dos três braços do poder no período de transição e com a ascensão do partido ao poder, este político passou a integrar o governo vigente angolano<sup>382</sup>.

É enviado então um despacho para execução imediata ao seu favor, logo depois é feita a proposta de reintegração ao quadro de enfermagem de Angola, já sobre o governo de transição. Junto a isso uma nota sobre seu tempo de serviço para efeito de antiguidade que veio a lhe dar o direito a ser reintegrado como enfermeiro não mais de segunda classe, mas sim de primeira, cargo que ele ocuparia caso não tivesse se tornado um preso político. Observe abaixo, o Diploma de provimento de Mendes de Carvalho:

Nome: AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO- auxiliar de enfermagem de 1ª classe.  
 Bilhete de Identidade nº. 64073 Arquivo de Identificação de Luanda  
 Data 23 de AGOSTO de 1970 Habilitações literárias CURSO DE AUXILIAR DE ENFERMAGEM  
 Cargo ou lugar AUXILIAR DE ENFERMAGEM DE 1ª classe  
 Origem de vaga resultante do falecimento ocorrido em 4- 6- 74 do auxiliar de enfermagem de 1ª classe, ESTEVÃO GUNGUI SOMAVIE  
 Data da vacatura 4 de Dezembro de 1974.  
 Forma de provimento (c) REINTEGRAÇÃO NO LUGAR  
 Data do despacho e entidade que o subscreveu 23 de JANEIRO de 1975.  
 O SECRETÁRIO DE ESTADO DE SAÚDE E BEMESTAR SOCIAL DE ANGOLA

<sup>381</sup> Sobre o tema ver: CARDOSO, General Silva, *Angola, anatomia de uma tragédia*, Lisboa: Oficina do Livro, 2000, 695p, ISBN 972-8579-20-9. E também: *Jornal de Angola*. Governo de Transição foi a 44 anos. Publicado em 31 de Janeiro de 2019.

<sup>382</sup> Despacho de 5 de Novembro de 1974. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E: Proposta de 22 de Janeiro de 1975. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E: Requerimento de 20 de Janeiro de 1975. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E: Certificado de 6 de Maio de 1975. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado). E ainda: Diploma de 23 de Janeiro de 1975. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

Disposições legais que autorizam o provimento ao abrigo do disposto no artº. 2º.- 1 – 2 do Decreto Lei nº. 173/74 de 26 – 4 – 74, tornando extensivo ao Ultramar por Portaria nº. 331/74 de 6 – 5 – 74<sup>383</sup>.

Como fica claro no trecho acima exposto, seu pedido foi deferido de forma favorável, já que neste momento ele integrava as instâncias de poder capitaneado pelo MPLA que integrava junto a FNLA, UNITA e os representantes portugueses, o governo vigente. Ele então pôde voltar a exercer a sua profissão, gozando dos privilégios de pertencer a uma elite econômica, como sua história nos conta, e mais ainda, passou a fazer parte da nova elite política e literária, respaldado pelo capital simbólico de Mais Velho, daquele que tem sabedoria e a autoridade de contar, do homem da quijinga. Usando dos relacionamentos que travou, das redes que construiu, dos trânsitos que percorreu e, principalmente, das palavras, talvez seu maior poder político, garantiu para si um valioso capital social e assim uma posição de destaque na sociedade angolana do século XX, garantindo também, aos seus descendentes, a acumulação do capital político, econômico, cultural e social convertido em um lugar de destaque na Angola de hoje, como foi possível comprovar por ter estado em contato com sua família nos últimos dois anos<sup>384</sup>. Pois quem é amigo do Rei, reinando está. Fica notável, portanto, que a acumulação dos capitais social, cultural, político e econômico de Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho, inclusive através de seus dois nomes e da sua origem pátria e do seu ciclo de parentesco, ao longo dos seus trânsitos, mediações e contradições construíram para ele um importante capital simbólico dentro de uma jovem noção angolana, formando para si e para seus descendentes um sólido ambiente de manutenção de poder.

---

<sup>383</sup> Diploma de 23 de Janeiro de 1975. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

<sup>384</sup> Idem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das análises, reflexões e coleta de informações empregadas neste trabalho, é importante ponderarmos algumas questões. Primeiro, como é natural em uma pesquisa em curso, esta apresenta um resultado inacabado, um recorte dentro de um assunto que suscita tantas questões por lidar, no fim das contas, com as lutas individuais e coletivas dentro de um cenário de exploração de um povo sobre outro. Ao olhar pelo prisma da tríade enfermeiro – político - escritor para compormos uma representação da trajetória e da cultura política, o mais próximo do real que a análise histórica nos permite, sobre Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho, foi preciso ter em mente, que não se trata, aqui, de um trabalho biográfico, embora muitas vezes transite por este terreno, mas sim, reflexões depreendidas a partir da figura de uma personagem real que oferece substratos para uma volta ao passado na tentativa de não só tentar entender, mas a partir de algum tipo de entendimento, refletir sobre questões que nunca deixaram de estar presente ao se pensar a jovem nação Angolana.

Outro ponto no tocante à figura do enfermeiro, político e escritor, é a leitura, empregada nesta dissertação, na qual não o separamos em duas personalidades: a do “nacionalista” Mendes de Carvalho, como assim ele foi conhecido politicamente e a do escritor Uanhenga Xitu, nome pelo qual ele era chamado no universo literário. Entende-se aqui que a trajetória deste intelectual foi uma mistura de vivências, trânsitos, mediações e contradições experienciadas por Uanhenga Xitu e Mendes de Carvalho e vice-versa, sendo impossível pensar nele como um homem dividido. Esta persona da história angolana que viveu nos entre-lugares, na fronteira entre o quimbundo e o “assimilado”, entre o político e o escritor, entre o moderno e o tradicional, soube aproveitar de forma muito inteligente o seu complexo capital cultural para jogar o jogo colonial. Mais ainda, usou de forma muito competente, seu lugar de fala, suas relações pessoais e sua autoridade, adquirida devido a toda uma construção que ele próprio buscou, para integrar o lado dos vencedores, as hierarquias de poder e então resguardar para si e para os seus, um lugar social de destaque dentro da elite política que se formou no pós independência de seu país.

Por isso, neste trabalho não fazemos distinção de um nome ou do outro, usando-os de forma igual e na maioria das vezes juntos e hifenizados, mostrando nossa intenção de sinalizar a leitura de um homem de fronteira, na qual o nome reflete a não definição das suas margens simbólicas. Isto posto, o capítulo um é um resumo dos principais aspectos que o formaram no período da infância e da juventude e o levaram até a profissão de enfermeiro. Tem-se o intuito de situar o leitor em como a primeira parte da sua vida, os trânsitos que lá fez, as contradições

em que viveu e vivenciou e, as mediações culturais a qual sua personalidade experimentou, serão fundamentais para o percurso político que irá fazer tanto no exercício da profissão, tanto no exercício da escrita.

No segundo capítulo, esta pesquisa pretendeu-se mostrar como na sua atuação de enfermeiro ele, e não só o contexto, plantaram o terreno onde nascerá o político no sentido da sua práxis. Nos percursos da sua profissão fez uso da política na sua interpretação mais abrangente, utilizando-se de forma especial, do seu capital cultural, do seu poder de fala, do seu poder de penetração, por saber mediar a relação tradição e modernidade ao seu favor. A partir do poder de falar, de convencer o outro, de se fazer ouvir, facilitado pela confiança conquistada pela enfermagem, como um “quilamba” da modernidade, pavimentou a estrada, primeiro da sua atuação no seio do movimento clandestino e a posteriori, nos lugares de poder do governo de Angola. Desta forma, ao refletirmos alguns elementos desta caminhada, nos vem ao entendimento: aprendeu a fazer política. E sua gênese foi junto ao povo, situação que ele soube aproveitar, muitas vezes de forma que nos parece populista, outras não, mas sempre, é isto uma das coisas que as análises nos sugerem, sabendo onde queria chegar.

No terceiro capítulo damos especial atenção ao político que nasceu na década de 1950. Primeiro, de forma pouco estruturada, como um, entre tantos jovens que questionavam a engrenagem colonial violenta, segregalista e racista. Aos passar dos anos é possível perceber o como sua tomada de consciência perfila-se junto a uma forma de atuação anticolonial, mais estruturada, mais ousada e mais ampla, no sentido de redes e trocas e ações. Aqui, entendemos os acontecimentos que levaram a sua prisão e desterro como preso político, nos fica algumas hipóteses sobre sua verdadeira ingerência no 4 de Fevereiro e de que forma, ao ser arrolado como um dos líderes do anticolonialismo, reforçou aos olhos sociais e dos seus pares, um lugar de prestígio simbólico que depois refletirá no prestígio advindo do seu construto como “nacionalista” e mais Velho. Em Tarrafal, apesar de todo sofrimento, essa simbologia ganhou contorno, matiz e formato de quijjinga.

No último capítulo da trajetória aqui analisada, o capítulo quatro, temos o nascer, ou melhor, o florescer do escritor. Desta forma nosso objetivo principal foi o de pensar como sua literatura usou a política de instrumento de manifestação no mundo, trazendo elementos que traduziam a busca por identidade, o direito à liberdade, a contestação frente às mazelas que atingem os humanos, seja no aspecto individual, seja no grupo da qual ele pertença. Transformando sua literatura e sua coragem de desafiar um cenário, onde Homens usam da violência para dominar a si próprios, em material de fazer arte, que só existe como necessidade de auto manifestação do eu. Tornando sua luta política e sua literatura tão incrivelmente

particular, muitas vezes intimista, quanto igualmente universal e complexa do ponto de vista humano.

Buscando pensar, como um contexto de exploração vai gerando possibilidades no próprio cotidiano e nas práticas mais comuns da sociedade, de formar resistência, estes questionamentos em marcha, procuram amarrar o contexto histórico aos trânsitos, mediações e contradições do enfermeiro, que virou político, que virou escritor e que utilizou destas três facetas para construir e fazer valer seu capital simbólico. É entender o uso de profissões de caráter muito singulares e universais como a enfermagem, o ferreiro, o carpinteiro, o motorista, o professor, o carteiro, em suma, o trabalhador comum, para a prática da política, em um contexto como o angolano do século XX. E, além, depreender a literatura como algo que possibilita dar voz ao individual, ao coletivo, indo do particular para o geral e funcionando como instrumentação de um povo.

Nos despertou o interesse, ao analisar a documentação referente a atuação do Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho nos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, em entender como a profissão possibilitou seu amadurecimento, práxis e trânsitos políticos, através das mediações e das contradições que este caminho apresentou, passando inclusive pelo vácuo profissional, na qual encontrava-se preso, mas que continuou a buscar um tratamento como um enfermeiro de si mesmo, dentro de um contexto não menos que desesperador, onde a literatura foi o principal remédio a lhe manter a vida. Para Uanhenga Xitu, escrever foi um ato político e de resistência, a enfermagem foi uma profissão política, e tudo acabou por misturar-se.

Foi enfermeiro de si mesmo quando escrevia em Tarrafal, foi um homem que usou as palavras, o discurso e a narrativa para falar sobre o sentimento anticolonial nas comunidades pelo interior... nos musseques... nas tribunas... Foi, portanto, na maior parte da sua vida adulta um político *scritus sensu*, usando do seu poder de oratória e dos seu capital cultural como instrumentos políticos aliados ao seu poder de trânsito entre lugares, culturas e pessoas. Seu poder mediador dentro um contexto extremamente cingido, na qual foi o cenário também das suas maiores contradições.

Havia contradições dentro das suas continuidades e continuidades dentro das suas contradições. Como enfermeiro, político e escritor, durante toda a sua vida profissional política e literária foi um homem que soube trabalhar as palavras, seja para contornar seus superiores, politizar as pessoas, contar histórias, falar ao palanque, se infiltrar nos meios e estabelecer relações com as sua comunidade e fora dela. Uma das suas contradições mais relevantes foi o uso que ele, como um homem da elite rural angolana e depois política, fez de um discurso que se pretendia popular. É provável, e este trabalho acredita nisto, que saber manipular as palavras,



aqui não no sentido pejorativo, assim como o mestre ferreiro malha o ferro, seja sua mais importante faceta política, sempre presente na sua literatura e na sua profissão, enquanto as exerceram.

Ainda nesta reflexão, temos a relação com o MPLA, da qual ele será fiel até a morte, um dos seus aspectos de maior contradição. Com a governança pós colonial, foi dotado de um grande populismo e práticas não muito condizentes com o seu discurso mediador e, claro, ocupava não mais o lugar de colonizado oprimido para ocupar o lugar em uma elite política no contexto da pós independência, na qual ficou do lado do vencedor contra o adversário externo e contra o adversário dentro do próprio partido. Além de ser alguém que desejava dialogar com os jovens, mas não abria mão de impor a história sob a palavra dos mais velhos.

O político/enfermeiro/escritor, escritor/político/enfermeiro abordou e denunciou a violência racial, jogou com a assimilação no cenário colonial e construí para si uma postura baseada no discurso conciliatório, integralista e “tradicionalista” sendo a ele conquistado o capital político e social de “mais velho” e intelectual angolano. Demonstrando assim que o fazer político sempre foi matéria presente nos seus textos, seja a política no sentido restrito, seja no sentido amplo. Por ser um homem que pautou boa parte da sua vida neste tipo de práxis, sua obra não se furtou a refletir o seu tempo, seu contexto histórico, seu ideário e seus interesses, aliando crítica, sátira, humor, denúncia, drama, pertencimento, jogo de interesses, saudade... em um fazer literário de forte dimensão artística e política pela sua gênese, contexto e autor.

Refletir sobre Mendes de Carvalho é entender Uanhenga Xitu, sendo a recíproca verdadeira, já que o seu processo literário pertence ao seu processo político, sendo uma literatura de fronteiras entre o escritor, enfermeiro, “subversivo” e o homem do MPLA. Como um sujeito quimbundo, porém assimilado, viveu entre mundos que se interpenetram, hora se aproximam, hora se afastam e possuem fronteiras muito difíceis de serem traçadas. Onde não só ele, mas suas personagens transitam e a Tradição e modernidade, com todas as aspas que esses conceitos exigem, fazem parte da personalidade do criador e das suas criaturas. Essa relação se faz presente na sua vida, nas suas crenças, na sua literatura, na sua profissão, na política e na sua história. Ou seja, literatura, política e o percurso profissional formaram diretamente seu capital simbólico, imbuído de valores políticos, artísticos e culturais lhe conferindo o “poder” de Mais Velho, “Nacionalista” e um Mestre das palavras, em um contexto no qual ter estes “poderes” garantiu-lhe privilégios, um lugar de memória e um lugar de coragem na história recente de Angola.

Ao refletirmos em como os capitais estão entrelaçados e em como são ferramentas conceituais fundamentais para entendermos a própria lógica social de um grupo ou de um

indivíduo, pois eles dançam ciranda entre si e uma acumulação impulsiona outra, o fato de Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho estar ligado às missões Metodistas e a uma elite letrada de Catete lhe conferiram capital cultural, econômico e social que lhe permitiram estar em uma posição de privilégio frente a maioria esmagadora da população da colônia. A profissão de enfermeiro possível pelas relações com a igreja Metodista formou boa parte do seu capital econômico e cultural, que resultou em capital social pelas redes que formou e como consequência do contexto angolano à época e a importância da profissão de enfermagem na lida com o povo e com as transmissões das ideias anticoloniais, gerou a ele também capital político e determinou muito dos trânsitos, mediações e contradições do seu percurso, no qual ao acumular estes capitais que foram se intensificando e se complexando resultaram no capital simbólico desta persona de fronteira, pois o capital simbólico é um amálgama de todos os outros capitais acumulados no percurso social dos indivíduos.

Ser um “nacionalista”, um Mais velho detentor de determinadas práticas consideradas “tradição” por um ou mais grupos sociais, ter sido um dos “amigos do rei”, primo de um “herói nacional”, político fiel ao MPLA, um intelectual, negro e de Catete, foram elementos de muita força para a construção do seu capital simbólico, onde se perpetua a imagem do Mais Velho da Nação e a memória daqueles que saíram vencedores e ocuparam os lugares de poder na nova ordem social vigente em Angola. Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho obtém para si, entre seus pares e diante da história oficial de seu recente país, o simbolismo de um grande Angolano, um herói da primeira geração de nacionalistas, um Mais Velho sábio e defensor das tradições junto as novas gerações, cujo a imagem da Quijinga, especialmente em África, será a insígnia deste poder.

## REFERÊNCIAS

- ACHEBE, Chinua. *O mundo se despedaça*. Tradução: Verra Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2009 [1958].
- ALEXANDRE, Manuel; CARAPINHA, Rogério; NEVES, Dias (coord.). *PIDE, a história da repressão*. 3. ed. Fundão: Jornal do Fundão, 1974.
- ALEXANDRE, Valentim. “Portugal em África (1825-1974) - Uma perspectiva global”. *Pénelope: fazer e desfazer a história*. Lisboa, n. 11, 1993.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*; tradução Denise Bottman. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDERSON, Perry, *Portugal e o Fim do Ultracolonialismo*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1966.
- ANDERSON, Perry. *Portugal e o ultracolonialismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- ANTUNES, José Freire, *O Império com Pés de Barro. Colonização e Descolonização: as ideologias em Portugal*, Dom Quixote, Lisboa, 1980.
- ARAÚJO, Adriano. “Angola no período das independências”, Luanda 1999.
- ARENDT, Hannah. *O sistema totalitário*. Lisboa: Dom Quixote, 1978.
- ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. Tradução Roberto Raposo. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- Associação Tchiveka de Documentação. 1961 – Memória de um ano decisivo. 2. ed. Luanda: EAL – Edições de Angola, Lda.: 2015.
- BAILEY, N. A. *Local and community power in Angola*. The Western Political Quarterly, 21, n.3, 1968.
- BARROS, V. (2009). *Campos de Concentração em Cabo Verde*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- BASTOS, Susana P., *O Estado Novo e os seus Vadios*. Contribuição para o Estudo das Identidades Marginais e a sua Repressão, Dom Quixote, Lisboa, 1997.
- BENDER, Gerald, *Angola sob o Domínio Português*. O Mito e a Realidade, Sá da Costa, Lisboa, 1980.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BIRMINGHAM, David, *Empire in Africa. Angola and its Neighbours*, Ohio University Press, Ohio, 2006.

BITTENCOURT, Marcelo. *A criação do MPLA*. Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, v. 32, n.32, p. 185-208, 1997.

BITTENCOURT, Marcelo. *A História Contemporânea de Angola: seus achados e suas armadilhas*. In: *Construindo o Passado Angolano: as fontes e a sua interpretação*. Actas do II Seminário Internacional sobre a História de Angola (4 a 9 de agosto de 1997), Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999, pp. 161-185.

BITTENCOURT, Marcelo. *Dos Jornais às armas. Trajectórias da Contestação Angolana*, Lisboa: Vega.

BOAVIDA, Américo. *Angola: cinco séculos de exploração portuguesa*. Civilização Brasileira. 1967.

BOURDIEU, Pierre. Ed. bras.: *O poder simbólico*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1992.

CAMPOS, J. M. e GIL, L. P., *Opressão (Fascismo) e Repressão (PIDE). Subsídios para a História da PIDE*, Amigos do Livro Ed., Lisboa, s/data.

CARDOSO, General Silva, *Angola, anatomia de uma tragédia*, Lisboa: Oficina do Livro, 2000, p. 695.

CARREIRA, Iko. *O pensamento político de Agostinho Neto*. Lisboa: D. Quixote, 1996.

CASTANHEIRA, José Pedro, «*Tarrafal: Verdades e Mentiras do Campo de Trabalho de Chão Bom*», in [www.expresso.pt](http://www.expresso.pt), Acessado em 10-06-2019.

CASTELO, Cláudia. «*O luso-tropicalismo e o colonialismo português tardio*» in [www.buala.org](http://www.buala.org), 8 - 9 - 2019.

CASTELO, Cláudia. *A Casa dos Estudantes do Império: lugar de memória anticolonial*. In *Memories of Colonialism: remembrance, resistance and transference in anticolonial African narratives*. Disponível em <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/2244>.

CASTELO, Cláudia. *Novos Brasis" em África: desenvolvimento e colonialismo português tardio*. *Varia história.*, v.30, n.53, 2014. p. 507-532.

CASTELO, Cláudia. *O modo português de estar no mundo. O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1944-1961)*, Afrontamento, Porto, 1998.

CASTELO, Cláudia. *Passagens para África: o povoamento de Angola e Moçambique com Naturais da Metrópole*. Porto: Edições Afrontamento, 2007.

CASTRO, Armando, *O Sistema Colonial Português em África*, Caminho, Lisboa, 1978.

CASTRO, Isabel Henriques. *Território e identidade: O desmantelamento da terra africana e a construção da Angola colonial (c. 1872 – c. 1926)*. Lisboa, 2003. Sumário pormenorizado da lição de síntese apresentada a provas para obtenção do título de Professor Agregado do 4º Grupo (História) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

CHAVES, Rita. *A Formação do Romance Angolano – entre intenções e gestos*. São Paulo: FBLP, Via Atlântica, 1999.

CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique – experiência colonial e territórios literários*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

CHAVES, Rita. MACÊDO, Tania. (organizadoras) *Marcas da Diferença – as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006.

CHAVES, Rita. *O projeto literário angolano: a identidade a contrapelo*. IN CHAVES, Rita. *A Formação do Romance Angolano – entre intenções e gestos*. São Paulo: FBLP, Via Atlântica, 1999.

CHIWALE, Samuel. *Cruzei-me com a história*. Lisboa: Sextante, 2008.

COLÓNIAS, M. *Carta Orgânica do Império Colonial Português, promulgada por decreto-lei n.23.228, 15 nov. 1933*. Lisboa: AGC, 1933.

CORREIA, Roberto. *Angola – Datas e Factos – (5º volume – 1961/1975)*, 2002.

COSME, Leonel. *Agostinho Neto e seu tempo*. Porto: Campo das Letras, 2004.

CRUZ, Elizabeth Ceita Vera. *O Estatuto do indigenato e a legalização da discriminação na colonização portuguesa: o caso de Angola*. Lisboa: Novo Imbondeiro. 2005.

Depoimento de Carlos Alberto Van-Dúnen ex militante do MPLA. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012. P. 292-297.

Depoimento de José Diogo Ventura, ex membro do Grupo Espalha Brasas. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012. P. 363-366.

Depoimento de José Maria Pereira Nunes. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012. P. 391-396.

Depoimento de Lopo Nascimento realizado no Colóquio de 95 anos do Nacionalista Mendes de Carvalho, 2019.

Depoimento de Paulo Nkunsevo ex militante da Grupo FNLA. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012. P. 324-328.

DESLANDES, V. *Angola: programa de governo*. Estudos Ultramarinos, n. 4, p. 199-249, 1961a.

DESLANDES, V. *No Conselho Legislativo de Angola. Boletim Geral do Ultramar*, n. 434-435, p. 253-276, 1961b.

Documentos do Ministério da Saúde de Angola, não catalogados, do Arquivo da Fundação Uanhenga Xitu.

DULLEY, Iracema. *Os nomes dos outros: etnografia e diferença em Roy Wagner*. 1. ed. São Paulo: Humanitas, 2015. v. 1.

EDMUNDO, Rocha. *Angola: Contribuição ao estudo do nacionalismo moderno angolano*. Testemunho e estudo documental. Período de 1950-1964, 2 volumes, Luanda: Nzila e Lisboa: Edição do autor, 2002 e 2003.

Etu Mwêlê Sul – EMS TV. *Conheça a Vida e a Obra do Patrono da Juventude Angolana “HOJI YA HENDA”*. Youtube, Disponível em: <https://youtu.be/6JYxFbSvBpI>, Acesso em: 27 de outubro de 2020.

FENTRESS, James; WICKMAN, Chris. *Memória social*. Lisboa: Portugal: Teorema. 1994.

FERREIRA, Edson Dias *Gentes do Mato: os “novos assimilados” em Luanda. Tese (Doutorado em História Social)* – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2013.

FERREIRA, Edson Dias Representações do colonialismo português no conto 'Mestre Tamoda' de Uanhenga Xitu. *Revista de Educação, Gestão e Sociedade*, v. 1, p. 1, 2011.

FERREIRA, Edson Dias. Colonialismo português e resistências angolanas nas memórias de Adriano João Sebastião (1923-1960). *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 283 - 306. set./dez. 2016.

FERREIRA, Edson Dias. *Memórias Crioulas sobre as Políticas de Assimilação Colonial em Angola (1926-1975)*. Revista RBBA. ISSN 23161205. Vitória da Conquista, V. 4 nº 1, p. 101 a 115, Julho 2015.

FERREIRA, Edson Dias. Os assimilados na legislação colonial portuguesa em Angola (1926-1961). In: FERREIRA, Edson Dias et al (orgs.). *Áfricas: política, sociedade e cultura*. 1. ed. Rio de Janeiro: Edições Áfricas, 2016, v. 1, p. 97-118.

FERREIRA, Edson Dias. *Políticas coloniais e sociedade angolana nas memórias e discursos do escritor Raul David*. Anos 90, Porto Alegre, v. 23, n. 44, p. 265-289, dez. 2016.

FERREIRA, Edson Dias; CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. *Transversos: revista de história. Dossiê: 'Áfricas: história, literatura e pensamento social'*. 6. ed. Rio de Janeiro: Leddes, 2016. v. 1. 221p. Rio de Janeiro: Laboratório dos Estudos das Diferenças e Desigualdades, 2016.

FERREIRA, Edson Dias; DE AGUIAR, Itamar Pereira; SIQUEIRA, Nathalia Rocha. Vozes da Sanzala: Simbologias Kimbundu e trânsitos religiosos em Angola e no Brasil. *Revista Transversos*, v. 6, p. 103-124, 2016.

FERREIRA, Edson Dias; Flores, Marilda das. Luanda e suas Segregações: Uma Análise a partir das Salas de Cinema (1940–1960). *Revista Mulemba*, 9(17), 2017, p. 80-89.

FERREIRA, Eduardo de Souza, *O Fim de uma Era – O Colonialismo Português em África*, Sá da Costa, Lisboa, 1977.

FERREIRA, Manuel. *Literatura Africana de Expressão Portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Vol. I e II, 1986.

FILHO, Silvio de Almeida Carvalho; NASCIMENTO, Washington Santos. Intelectuais das Áfricas: aproximações. In: Carvalho Filho, Silvio de Almeida; \_\_\_\_\_NASCIMENTO, Washington Santos. (Org.). *Intelectuais das Áfricas*. 1. ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2018, p. 273-302.

FILHO, Silvio de Almeida Carvalho; NASCIMENTO, Washington Santos. (Orgs.) *Intelectuais das Áfricas / Silvio de Almeida Carvalho Filho / Washington Santos Nascimento* (Orgs.) Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

FREIXO, Adriano de, «*As Pressões Internacionais e a Crise do Último Império: A Política Colonial Portuguesa nas Décadas de 1950 e 1960*», Associação Nacional de História – ANPUH, XXIV Simpósio Nacional de História, São Leopoldo, 2007.

GOLÇALVES, A. C. *Tradição e Modernidade na Reconstrução de Angola*. Ed. Afrontamento, Porto, 2003.

GUERRA, João Paulo. *Descolonização Portuguesa – O regresso das caravelas*. Lisboa: Oficina do Livro, 2009.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO (Coord.). *História geral da África I: Metodologia e pré-história da África*. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 2012, p.181-218.

HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1740 – programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

HOUTONDJI, Paulin J. *Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: Duas perspectivas sobre os Estudos Africanos*. Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 80, Março de 2008, pg. 149-160.

JILL DIAS, «Uma questão de identidade: Respostas intelectuais às transformações económicas no seio da elite crioula da Angola portuguesa entre 1870 e 1930», *Revista Internacional de Estudos Africanos*, 1, 1984.

JORNAL DE ANGOLA. Governo de Transição foi a 44 anos. Publicado em 31 de Janeiro de 2019.

JUNIOR, Paulo Miguel. *José Mendes de Carvalho (Comandante Hoji Ya Henda) – Um testemunho a sua memória*, 2001.

LABAN, Michel; et al. *Luandino José Luandino Vieira e a sua obra* (estudos, testemunhos, entrevistas). Lisboa: Edições 70, 1980.

LARA, Lúcio (1997–1991). *Um amplo movimento: Itinerário do MPLA através de documentos de Lúcio Lara*. Luanda: Lúcio e Ruth Lara, 2013.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LEVI, Giovanni. “Sobre a micro-história”. In: BURKE, Peter (org.), *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 133-162.

LOURENÇO, Vitor Alexandre. *Do Conceito de Campo Político em África: contornos teóricos e exercícios empíricos*. Cadernos de Estudos Africanos, n. 13/14, 2007, p. 51-80.

LOURENÇO, Vitor Alexandre. *O Campo Político em África: as relações de (inter) dependência entre Estado e Autoridades Tradicionais, Occasional Papers Series*, Lisboa, CEA-ISCTE, 16. 2006.

MADEIRA, João e FARINHA, Luís e PIMENTEL, Irene, *Vítimas de Salazar: Estado Novo e Violência Política*, Esfera dos Livros, Lisboa, 2007.

MADEIRA, João, *História do PCP. Das Origens ao 25 de Abril (1921-1974)*, Tinta-da China, Lisboa, 2013.

MAGALHÃES, José Calvet, *Portugal e as Nações Unidas. A Questão Colonial: 1955-1974*, Cadernos do Lumiar, Lisboa, 1996.

MAGALHÃES, Teresa Furtado Peixoto, *O enredo prisional em Angola: soberanias duais na disciplina do corpo colonial*, Dissertação de Mestrado em Ciência Política, FCSH-UNL, Lisboa, 2014.

MARCUM, J. *The Angolan Revolution*. Massachusetts: Mit Press, 1969-1978, 2v.

MARCUM, John A. MARCUM, J. *The Angolan Revolution*. Massachusetts: Mit Press, 1969-1978, 2v.

MARCUM, John A. *The Angolan Revolution: vol.2, Exile Politics and Guerrilha Warfare (1962-1976)*, Cambirdge, Massachusetts, and London: MIT Press, 1978.

MARGARIDO, A. Portugais des provinces d’outre-mer d’Afrique. *Le Mois en Afrique*, n. 12, p. 62-84, 1966.

MARQUES, Tiago Pires, *Crime e Castigo no Liberalismo em Portugal*, Livros Horizonte, Lisboa, 2005.

MARQUES, Tiago Pires, *Crime e Castigo no Liberalismo em Portugal*, Livros Horizonte, Lisboa, 2005.

MARTINS, João Pedro de Oliveira. *A emigração portuguesa*. Obras completas. Lisboa: Guimarães & C. Editores, 1956.

MARTINS, João Pedro de Oliveira. *A emigração portuguesa*. Obras completas. Lisboa: Guimarães & C. Editores, 1956.



MASCARENHAS, Filipe Martins Barbosa de. *Memórias de Icolo e Bengo: figuras e famílias*. Editora Arte Viva. Luanda, 2008.

MATA, Inocência. PADILHA, Laura (organizadoras). *Mário Pinto de Andrade – um intelectual na política*. Lisboa: Edições Colibri, 1997.

MATA, Inocência. A Literatura africana e a crítica pós-colonial. *Reconversões*. Luanda: Editora Nzila, 2007.

MATEUS, Dalila Cabrita. *A luta pela independência: a formação das elites fundadoras da FRELIMO, MPLA E PAIGC*. Mem Martins: Inquérito, 1999.

MATEUS, Dalila Cabrita. *A PIDE/DGS na Guerra Colonial (1961-1974)*. Lisboa: Terranar, 2004.

MATEUS, Dalila Cabrita. *Memória do Colonialismo e da Guerra*. Lisboa: ASA, 2006.

MATEUS, Dalila Cabrita; MATEUS, Álvaro. *Angola 61 – Guerra Colonial: Causas e Consequências. O 4 de Fevereiro e o 15 de Março*. Editora Texto, Leya, 2011.

MBEMBE, A. *As Formas Africanas de Auto-Inscrição*. Revista Estudos Afro Asiáticos, Ano 23, nº1, jun. de 2001, pg.171-209.

MBEMBE, A. *Necropolítica*. Madrid: Melusina, 2011.

MBEMBE, A. *Sair da Grande Noite: Ensaio sobre a África descolonizada*. Edição/reimpressão, 2014. Editora Pedagogo, abril de 2014, pg. 200, Coleção: Reler África.

MCQUEEN, Norrie. *A descolonização da África Portuguesa – a revolução metropolitana e a dissolução do Império*. Mem Martins: Inquérito, 1998.

MEDINA, Maria do Carmo. *Angola: processos políticos da luta pela independência*. Almedina: ed. Coimbra: Almedina, 2013.

MEDINA, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013.

MELO, Dario de; SANTOS, Jacques Arlindo dos (orgs.). *O Homem da Quijinga*. Luanda: Chá de Caxinde, 2007.

MELO, João de (1988). *Os Anos da guerra, 1961-1975: os portugueses em África – crónica, ficção e história*. Lisboa: Publicações D. Quixote. ISBN 972-20-1481-1.

MENESES, Maria Paula, «O “indígena” africano e o colono “europeu”: a construção da diferença por processos legais», CES, Coimbra, 2010.

MENEZES, Solival. *Mamma Angola: sociedade e economia de um país nascente*. Prefácio de Paul Singer. São Paulo: Edusp; FAPESP, 2000, p. 139.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/Projetos globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MILLER, Joseph C., Njinga of Matamba in a New Perspective, in: *Journal of African History*, 16/2, 1975, pp. 201–16.

MOREIRA, Adriano, *Problemas Sociais do Ultramar*, Agência Geral do Ultramar, Lisboa, 1960.

MOURAO, Fernando Augusto Albuquerque. *Agostinho Neto. Leituras múltiplas. JL. Jornal de Letras, Artes e Idéias*, Lisboa, v. 364.

NASCIMENTO, Washington Santos. *O casamento do preto Marajá com a branca Arlete: relações amorosas e racismo em Os discursos do Mestre Tamoda de Uanhenga Xitu. Outros Tempos* (Online), v. 16, p. 26-41, 2019.

NASCIMENTO, Washington Santos. Pretos, do mato e elite letrada: os novos assimilados em Luanda (1940 – 1960). In: SANTANA, Marise de; NASCIMENTO, Washington Santos; FERREIRA, Edson Dias (org.). *Etnicidades e trânsitos: estudos sobre Bahia e Luanda*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jequié, 2017, p. 145-242.

NASCIMENTO, Washington Santos. Uanhenga Xitu: entre descolonizações literárias, ancestralidade e trânsitos. In: CARVALHO FILHO, Silvío de Almeida; NASCIMENTO, Washington Santos (org.). *Intelectuais das Áfricas*. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2018, p. 273-302.

NASCIMENTO, Washington Santos. Universo mítico-religioso Kimbundu e trânsitos culturais em Uanhenga Xitu. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, p. 1-14, 2017.

NETO, Akiz. (2009), Poeticidade no discurso prosaico de Wanyenga Xitu. Luanda, UEA (União dos Escritores Angolanos).

NETO, Maria da Conceição. “Ideologias, contradições e mistificações da colonização de Angola no século XX”. *Lusotopie: Lusotropicalisme: Ideologie coloniale ET identités nationales dans lês mondes lusophones*. Paris: Karthala, 1997.

NETO, Maria da Conceição. Breve Introdução Histórica. In. Medina, Maria do Carmo. *Angola: Processos Políticos na Luta pela Independência*. Coimbra: Ed. Almedina, 2013.

NETO, Maria da Conceição. Nós é que sabemos. Reflexões em torno da Memória e da História In: In: Actas do II Encontro Internacional de História de Angola. Luanda: Arquivo Nacional de Angola, 2012, p. 187-194.

NGONDA, Lucas. O Impacto dos Movimentos Clandestinos na Luta de Libertação. In: Arquivo Nacional de Angola. *Actas do Colóquio: Da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um Passado que se faz Presente*. Ed. Arquivo Nacional de Angola, Ministério da Cultura, 2012.

NOGUEIRA, Franco, *As Nações Unidas e Portugal*, Ática, Lisboa, 1961.

NUNES, António L. P. *Angola 1961. Da Baixa do Cassange a Nambuango*. [S.l.]

OLIVEIRA, C. de (1974). *Tarrafal. O Pântano da Morte*. Lisboa-Portugal: Editorial “República.” Oliveira, G. de (1987). *Memória viva do Tarrafal*. Lisboa: Editorial Avante.

PAÇO, António Simões do (Editor-Coord.), *Os Anos de Salazar*, Planeta de Agostini, Lisboa, 2008: Vol. 9 - 1951 Extingue-se o «Império Colonial», nascem as «Províncias Ultramarinas»; vol. 10 - 1952-1953 «Uma Desordem Perfumada»; vol. 18 - 1961. O ano de todos os perigos.

PANTOJA, Selma. *Inquisição, degredo e mestiçagem em Angola no século XVIII*. Revista Lusófona de Ciência das Religiões. Ano III, 2004, n.º 5/6, pg. 117-136.

PAPAROTO, Tércio de Abreu. *Poesia de Angola nas décadas de 1960 e 1970: História e Política na obra de Agostinho Neto, António Cardoso e Fernando da Costa Andrade*. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

PAREDES, Margarida Paredes. *Deolinda Rodrigues, da Família Metodista à Família MPLA, o Papel da Cultura na Política*. Cadernos de Estudos Africanos [Online], n. 20, 2010, Disponível em: <<http://cea.revues.org/135>; DOI: 10.4000/cea.135>

PÉLISSIER, R. *La colonie du minotaure. Nationalismes et révoltes en Angola (1926-1961)*. Orgeval: Éditions Péliissier, 1978.

PEREIRA, Miriam Halpern. *Das Revoluções Liberais ao Estado Novo*. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

PEREIRA, Susana Patrícia, *Dispositivos Espaciais de Punição. As Cadeias do Estado Novo*, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, FCTUC, 2016.

PIMENTA, Carlos; KAJINBANGA, Victor. *Epistemologia dos Estudos Africanos*. Porto, s.d. Disponível em: [http://www.fep.up.pt/docentes/cpimenta/textos/pdf/EEA\\_V2.pdf](http://www.fep.up.pt/docentes/cpimenta/textos/pdf/EEA_V2.pdf). Acesso em: 25 de jul. de 2019.

PIMENTA, F. T. *Angola. Os Brancos e a Independência*. Porto: Afrontamento, 2008.

PIMENTA, F. T. *Branços de Angola. Autonomismo e Nacionalismo (1900-1961)*. Coimbra: Minerva, 2005.

PIMENTA, F. T. *O Estado Novo português e a reforma do Estado colonial em Angola: o comportamento político das elites brancas (1961-1962)*. História (São Paulo) v.33, n.2, p. 250-272, jul./dez. 2014 ISSN 1980-4369.

PIMENTA, F. T. *Portugal e o Século XX. Estado-Império e Descolonização, 1890-1975*. Porto: Afrontamento, 2010.

PIMENTEL, Irene Flunser. *A história da PIDE*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2007.

PINTO, João Paulo Henrique. *O movimento dos Novos Intelectuais de Angola e a construção da identidade nacional angolana*. Anais da XI JORNADA de Estudos Históricos Professor Manuel Salgado. PPGHIS/UFRJ. Vol.2. Rio de Janeiro, 2016.

PINTO, João Paulo Henrique. *O movimento dos Novos Intelectuais de Angola e a construção da identidade nacional angolana*. Anais da XI JORNADA de Estudos Históricos Professor Manuel Salgado. PPGHIS/UFRJ. Vol.2. Rio de Janeiro, 2016.

POLLAK, Michel. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In Estudos Históricos, Rio de Janeiro, volume 2, número 3, 1989. p. 3-15

PORTUGUESA, A. I. C. *Revisão da Lei Orgânica do Ultramar*. Reunião Extraordinária do Conselho Ultramarino. Lisboa: AICP, 1988.

RAMOS, Marilúcia Mendes. Assimilação e Subversão nos Discursos de Tamoda, de Uanhenga Xitu. *África & Brasil: letras em laços*, volume 2 / organizadoras Carmen Tindó Secco. Maria do Carmo Sepúlveda, Maria Teresa Salgado. – São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2010.

REIS, Costa. *Acção psicossocial no conflito ultramarino 1961/74. Lições e ensinamentos retirados, passíveis de utilização em operações de paz*. Editora IUM, 2000.

REIS, Fidel. *Era uma vez... O Campo Político Angolano [1950-1965]*. Ed. Narrativa Editoras: Lisboa, 2018.

RELATÓRIOS *sobre a campanha eleitoral na Guiné e em Angola*. Arquivo António Oliveira Salazar, AOS/CO/PC – 51A, Pasta 8, Portugal, Torre do Tombo, 1958.

RIBEIRO, Marcelo Rodrigues Souza. *Da Economia Política do Nome de África: A Filmografia de Tarzan*. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis.

RIBEIRO, Maria da Conceição, *A Polícia Política no Estado Novo (1926-1945)*, Editorial Estampa, Lisboa, 1995.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROCHA, Edmundo, *Angola. Contribuição ao Estudo do Nacionalismo Moderno Angolano (período de 1950-1964)*. Testemunho e Estudo Documental, vol. I, Kilombelombe, Luanda, 2001.

ROCHA, Francisco Canais. *O Campo de Concentração do Tarrafal (1936-1954)*, 1991.

RODRIGUES, M. F. (1974). *Tarrafal. Aldeia da morte* (104th ed.). Portugal: Brasília Editora.

ROSANVALLON, Pierre. Por uma História Conceitual do Político. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 15, n. 30, pp. 9-12, 1995.

ROSAS, Fernando (Coord.), *Tribunais Políticos. Tribunais Militares Especiais e Tribunais Plenários durante a Ditadura e o Estado Novo*, Círculo de Leitores e Temas e Debates, Lisboa, 2009.

SÁ, Ana Lúcia Lopes de. *A construção de identidade de fronteira na Obra de Uanhenga Xitu*. Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. 2004.

SÁ, Ana Lúcia Lopes de. *A Ruralidade na Narrativa Angolana do século XX*. Elemento de Construção da Nação. Editora: Kilombelombe, Luanda, 2012.

SÁ, Ana Lúcia Lopes de. *O Tradicional e o Moderno na Obra de Uanhenga Xitu*. Luanda: UEA, 2009.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Aurora Almada e, *A Organização das Nações Unidas e a Questão Colonial Portuguesa: 1961-1970*, Tese apresentada para a obtenção do grau de Doutora em História Contemporânea, FCSH-UNL, Lisboa, 2014.

SANTOS, Beleza dos, «*O Degredo e a sua execução em Angola*», Boletim da Faculdade de Direito de Coimbra, nº 12, pp. 161-201, 1930.

SANTOS, Bruno Oliveira, *Histórias Secretas da PIDE/DGS*, Nova Arrancada, Lisboa, 2000.

SANTOS, Daniel dos. *Sociedade política e formação social angolana (1975-1985)* Estudos Afro-Asiáticos. Rio de Janeiro: Editora Universidade Cândido Mendes, nº 32, Dez. 1997.

SANTOS, Jacques dos; MELLO, Dario (org.). *O homem da quijinga*. Luanda: Chá de Caxinde. Prefácio, 2007, v. 1.

SANTOS, Maria Emília Madeira dos. *Nos caminhos de África: serventia e posse*. ICT-Lisboa: Século XIX, 1998.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SEBASTIAO, Adriano. *Dos campos de algodão aos dias de hoje*. Edição do Autor, 1993.

SEBASTIÃO, Adriano. *Mérito do processo 50 foi a consciencialização do povo angolano*. Agência Angola Press. Disponível em <<http://www.angop.ao/angola/pt/pt/noticias/politica/2006/1/7/Merito-processo-foiconsciencializacao-povo-angolano,c361f1ae-fb29-4dc0-a27f-cfba1ad66261.html>> Acessado em 13-08- 2019.

SECCO, Carmem Lúcia Tindó. *A magia das letras africanas: ensaio sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos*. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

SERRANO, Carlos. Angola: a *Geração dos 50, os jovens intelectuais e a raiz das coisas*. Disponível no site da União dos Escritores Angolanos: <http://www.ueangola.com/criticas-eensaios/item/157>

SILVA, Celestino Domingos Tavares. *O antigo Campo de Concentração do Tarrafal Da opressão à valorização cultural*. Dissertação, Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias, 2018.

SILVA, Isabel Alarcão e, *O Movimento de Unidade Democrática e o Estado Novo: 1945-1948*, Tese de Mestrado em História dos Séculos XIX e XX, FCSH-UNL, Lisboa, 1994.

SIQUEIRA, Nathalia Rocha Siqueira. Entrevista com Guida, sobrinha neta de Uanhenga Xitu. Bairro dos Ingombotas, Luanda. 5 de julho de 2018.

SIQUEIRA, Nathalia Rocha Siqueira. Entrevista com Jurelmo Lopes, neto de Uanhenga Xitu. Bairro dos Ingombotas, Luanda. 4 de julho de 2018.

SIQUEIRA, Nathalia Rocha Siqueira. Entrevista realizada com Amadeu Amorim, 09 de Setembro de 2019. Acervo Pessoal.

SIQUEIRA, Nathalia Rocha. *A construção do invisível no espaço literário angolano em vozes na sanzala e sua relação com a herança cultural e religiosa brasileira e, principalmente, afrodescendente*. Semana de História Política. ISSN 2175-831X. UERJ, 2015.

SIQUEIRA, Nathalia Rocha. *Uanhenga Xitu-Mendes de Carvalho: o sujeito literário em contexto político*. II Seminário Internacional Áfricas. 2019.

SOARES, P. (1975). *Tarrafal. Campo da Morte Lenta (2a)*. Lisboa: Avante.

SOUSA, F. de (1978). *Tarrafal. Testemunhos*. Lisboa: Editorial Caminho, SARL.

TAVARES, José Manuel Soares, *O Campo de Concentração do Tarrafal (1936-1954): A Origem e o Quotidiano*, Colibri, Lisboa, 2007.

TEIXEIRA, Vanessa Ribeiro. *O drama de não ser-se: diálogos possíveis entre a velha negra, o deus-morto e António Agostinho Neto*. In: Gilda Santos (Org.). Jorge de Sena: Ressonâncias e Cinquenta Poemas. Rio de Janeiro: 7letras, 2006, v. 1, p. 157-160.

TERRORISMO em Angola. *Arquivo António Oliveira Salazar*, AOS/CO/UL – 30D: Pasta 1, Portugal, Torre do Tombo, [s/d].

THOMPSON, Edward. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TORGAL, Luís Reis e ANDRADE, Luís Oliveira, «*Colonialismo, Anticolonialismo e Identidades Nacionais*», Estudos do século XX, nº 3, CEIS20, Coimbra, 2003.

ULTRAMAR, M. *Lei Orgânica do Ultramar*. Lisboa: AGU, 1963.

ULTRAMAR, M. *Nova Legislação Ultramarina*. Lisboa: AGU, 1953.

ULTRAMAR, M. *Revogação do decreto-lei n. 39666, que promulga o Estatuto dos Indígenas Portugueses das Províncias da Guiné, Angola e Moçambique*. Decreto-lei n. 43893, 6 set. 1961. Lisboa: AGU, 1961.

VAINFAS, Ronaldo, «*As mil faces do racismo*», Revista Tempo, vol. 20, 2014

VENÂNCIO, José Carlos. *Uanhenga Xitu: O Homem, O Político, e o Escritor. Uma Referência Obrigatória para a Construção da Nação Angolana*. Revista Crítica de Ciências Sociais. Número 33, 1981.

VIEGAS, Fátima. *A gestão da doença e o espaço sócio cultural urbano de Luanda, os curandeiros tradicionais e os neotradicionais*. Faculdade de economia da Universidade De Coimbra, 2005.

VIEGAS, Fátima. Saberes e Práticas terapêuticas tradicionais à margem do sistema nacional de saúde. *O caso dos curandeiros tradicionais em Angola*. Revista Angolana de Sociologia, n.5 e 6, jun./dez. de 2010, pg. 117-130.

VIEIRA, José Luandino, *Papéis da Prisão*. Apontamentos, Diário, Correspondência (1962-1971), Caminho, Alfragide, 2015.

XITU, Uanhenga. O que me preocupa é a situação social do povo. Entrevista de Ana Lopes

de Sá. In: CRISTÓVÃO, Agnaldo; CORI, Israel. *Pessoas com quem falar*. Luanda: UEA, 2004, p. 209-227.

XITU, Uanhenga. A literatura angolana caiu. *Jornal de Angola*. Luanda, 07 maios 1995, p. 8.

XITU, Uanhenga. *Bola com feitiço*. Colecção: Livros de Bolso. Cotovia, 2008.

XITU, Uanhenga. *Cultos especiais*. Luanda: Ponto Um/Intergráfica, 1997.

XITU, Uanhenga. Depoimento do escritor ao JL – Jornal de Letras Artes e Ideias em Lisboa aos 12 de Agosto de 1998, sob o título: Histórias de mais velho republicado em *Jornal O chá*, n. 9, 2ª série | ano 2, p. 21, 1998.

XITU, Uanhenga. Depoimento. In: Colóquio internacional sobre a vida e obra do dr. António Agostinho Neto. *Luanda, Arquivo Nacional de Angola/Ministério da Cultura, Actas*. 2009.

XITU, Uanhenga. Entrevista. In: CORI, Isaquiel. “Sinto que podia ter feito mais”. Entrevista com Uanhenga Xitu. *Cultura: jornal angolano de artes e letras*. 26 de Junho de 2012. Disponível em: <<http://bit.ly/2EUB5cC>>. Acesso em: dez. 2012.

XITU, Uanhenga. Entrevista. In: LABAN, Michel. *Angola: Encontro com escritores*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1991.

XITU, Uanhenga. Entrevista. MATEUS, Dalila Cabrita. *Memórias do Colonialismo e da Guerra*. Porto: Edições ASA, 2006.

XITU, Uanhenga. *Maka na sanzala: Mafuta / Uanhenga Xitu*. Luanda: UEA; Lisboa: Edições 70, 1979. 152 p.

XITU, Uanhenga. *Manana*. Luanda: UEA, 1988.

XITU, Uanhenga. *Mestre Tamoda e Kahitu: contos*. São Paulo: Ática, 1984. (Coleção de autores africanos; 22).

XITU, Uanhenga. *Mestre Tamoda e outros contos*. 4. ed. Luanda: UEA, 1989.

XITU, Uanhenga. *Mestre Tamoda e outros contos*. Luanda: UEA, 1977.

XITU, Uanhenga. *Mestre Tamoda*. In: SANTILLI, Maria Aparecida. *Estórias africanas: história e antologia*. São Paulo: Ática, 1985.

XITU, Uanhenga. *Mestre Tamoda*. Luanda: Edições Maianga, 2004.

XITU, Uanhenga. *Mungo – Os sobreviventes da máquina colonial depõem...* Luanda: Editorial Nzila, Coleção Letras Angolanas 5, 2002.

XITU, Uanhenga. *O meu discurso*. Luanda: UEA, 1974.

XITU, Uanhenga. *O Ministro*. 2. ed. Luanda: UEA, 1991.

XITU, Uanhenga. *Os discursos do “mestre” tamoda*. Luanda: UEA, INALD, 1984.

XITU, Uanhenga. *Os sobreviventes da máquina colonial depõem...* / Uanhenga Xitu. Luanda: UEA; Lisboa: Edições 70, 1980.

XITU, Uanhenga. Palestra proferida pelo autor em 25 de Agosto de 1983. In: XITU, Uanhenga. *Os discursos do “mestre” tamoda*. Luanda: UEA, INALD. 1984.

XITU, Uanhenga. Respostas do autor a um inquérito aos escritores angolanos. In: XITU, Uanhenga. *Os sobreviventes da máquina colonial depõem...* Lisboa: Edições 79, 1980.

XITU, Uanhenga. Se não houver nada escrito os contadores de estórias morrem. *Jornal de Angola*. Luanda, p. 11-12, 1988.

XITU, Uanhenga. *The World of Mestre Tamoda*. Translated by Annella McDermott. London: Readers International, 1988

XITU, Uanhenga. *Vozes na sanzala (Kahitu)* / Uanhenga Xitu. 3. ed. Luanda: UEA, 1980.

ZAMPARONI, Valdemir. *Sobre doenças, terras e gentes de Angola: um olhar setecentista*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, jul. de 2011.



**APÊNDICE** – Lista de documentos do Arquivo pessoal da Fundação Uanhenga Xitu**1947**

1. Certidão de 14 de Fevereiro de 1947. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).
2. Guia da Direcção dos Serviços de Saúde e Higiene em 13 de Outubro de 1947. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).
3. Visto do dia 27 de Outubro de 1947. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).
4. Requerimento de 6 de Dezembro de 1947. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).
5. Requerimento de 13 de Dezembro de 1947. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).
6. Declaração de integração na ordem social de 16 Dezembro de 1947. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

**1948**

7. Ofício mandado para o Governo Geral de Angola, em 24 de Janeiro de 1948. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).
8. Certificado de Registro Criminal em 3 de Outubro de 1948. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

**1949**

9. Informativo 28 de Dezembro de 1949. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

**1950**

10. Declaração emitida pela Direcção dos Serviços de Saúde e Higiene, em Luanda, datado do dia 21 de Junho de 1950. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).
11. Requerimento enviado Médico-Chefe Eduardo Gonçalves Ferreira ao Chefe da repartição do gabinete do Governo Geral, em 16 de Setembro de 1950. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).
12. Ofício enviado pelo Círculo Sanitário de Bié, em Silva Porto ao Governador da província do Bié, em 25 de Setembro de 1950. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).
13. Portaria enviado pela Residência do Governo Geral de Angola ao Tribunal Administrativo, em 11 de Outubro de 1950. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).
14. Comunicado enviado pelo inspector Armando José de Oliveira Madeira ao Director de Serviços de Saúde e Higiene de Angola, datado do dia 16 de Outubro de 1950. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

**1951**

15. Certidão da Inspeção do Círculo Sanitário do Bié, em 27 de Fevereiro de 1951. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

16. Certidão da Inspeção do Círculo Sanitário do Bié, em 27 de Fevereiro de 1951. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu, P. 2. (Não Catalogado).

17. Ofício enviado ao Director dos Serviços de Saúde e Higiene, em 8 de Outubro de 1951. Acervo Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

**1952**

18. Proposta de transferência, em 11 de Outubro de 1952. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

19. Portaria da Residência do Governo Geral de Angola, de 13 de Outubro de 1952. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

20. Declaração da Direcção dos Serviços de Saude e Higiene de Angola, de 13 de Outubro de 1952. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

21 Nota enviada ao Director dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, de 28 de Novembro de 1952. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

22 Guia de Liberação enviado ao Director dos Serviços de Saúde e Higiene, de 4 de Dezembro de 1952. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

**1953**

23. Certidão emitida pela Secretaria do Hospital Regional do Lubango, em Sá da Bandeira, datada de 25 de Fevereiro de 1953. Acervo Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

24. Proposta de transferência à direcção dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, de 11 de Abril de 1953. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

25. Carta-Requerimento enviado pela Associação dos Naturais de Angola ao diretor dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, de 17 de Abril de 1953. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

26. Informativo- Resposta enviado pela Direcção de Serviços de Saúde e Higiene de Angola à Direcção da Associação Dos Naturais de Angola, de 25 de Abril de 1953. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

27. Portaria autorizando a transferência do Capolo para Benguela, de 25 de Abril de 1953. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

28. Atestado, de 30 de Maio de 1953. Acervo Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

29. Pedido de transferência recíproca de 19 de Junho de 1953. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

30. Nota informativa de 22 de Julho de 1953. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

31. Processo feito pela Direcção dos Serviços de Saúde e Higiene, de 4 de Agosto de 1953. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

32. Portaria de 5 de Agosto de 1953. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

33. Requerimento de 31 de Agosto de 1953. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

34. Declaração de 31 de Agosto de 1953. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

35. Portaria de 3 de Dezembro de 1953. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

#### **1954**

36. Declaração feita pela Direcção dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, de 2 de Setembro de 1954. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

#### **1955**

37. Despacho de 17 de Janeiro de 1955. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

38. Pedido de Deferimento de 10 de Maio de 1955. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

39. Portaria de 8 de Junho de 1955. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado)

40. Informativo de 3 de Setembro de 1955. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

41. Nota de 21 de Outubro de 1955. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

42. Nota de 14 de Dezembro de 1955. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

#### **1956**

43. Pedido de transferência de 3 de Março de 1956. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

44. Tabela sem data, feita pelos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, mas infere-se que seja do ano de 1956. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

#### **1957**

45. Proposta de 4 de Junho de 1957. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

46. Informativo/Processo de 26 de Junho de 1957. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

47. Portaria de 5 de Julho de 1957. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

#### **1958**

48. Requerimento de 26 de Abril de 1958. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

49. Portaria de 6 de Junho de 1958. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

#### **1959**

50. Nota de 17 de Junho de 1959. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

51. Nota de 20 de Junho de 1959. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

52. Proposta Nº 4, datada de 18 de Julho de 1959. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

53. Proposta de 19 de Agosto de 1959. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

54. Nota 29725/1607/1ª/3ª, datada de 3 de Dezembro de 1959. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

#### **1960**

55. Portaria de 8 de Janeiro de 1960. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

56. Nota de 30 de Janeiro de 1960. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

57. Requerimento de 21 de Outubro de 1960. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

#### **1961**

58. Portaria de 6 Julho de 1961. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado)

59. Nota de 9 de Julho de 1961. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

#### **1970**

60. Carta ao sub diretor dos Serviços de Saude e Assistência de Angola, de 28 de Agosto de 1970. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

61. Carta ao sub diretor dos Serviços de Saude e Assistência de Angola, de 28 de Agosto de 1970. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu P. 2. (Não Catalogado).

62. Pedido de readmissão, de 21 de Setembro de 1970. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

63. Parecer de 25 de Setembro de 1970. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

64. Nota, de 1 de Outubro de 1970. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

**1974**

65 Despacho de 5 de Novembro de 1974. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

**1975**

66. Requerimento de 20 de Janeiro de 1975. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

67. Proposta de 22 de Janeiro de 1975. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

68. Diploma de 23 de Janeiro de 1975. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

69. Certificado de 6 de Maio de 1975. Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

## ANEXOS A - Entrevistas

## ENTREVISTA I

**Entrevista à tia Guida, sobrinha neta de Agostinho André Mendes de Carvalho.**

**Dia: 5/7/2018**

**Por: Nathalia Rocha Siqueira, mestranda em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.**

**Local: Província de Ícolo e Bengo, Catete, Luanda, Angola.**

**Eu:** Qual era seu grau de parentesco? A senhora era sobrinha dele, filha de quem?

**Tia Guida:** Neta, neta! Meu avô, o Mendes Carvalho foi irmão do pai da minha mãe, a minha mãe sobrinha do Mendes de Carvalho. Eu me recordo, pequena na família, ele na altura, ele vivia já no bairro popular, naquela altura e ele ia sempre visitar o meu avô, que era o irmão dele. Naquele tempo as coisas eram diferentes, eu sinto saudade. E nós quando ele visse, ele andava com aquele, ele naquela altura tinha uns carros que ele andava com ele, Volkswagen. Naquela altura chamávamos, ele se chamava... Nós víamos o nosso avô, nós já sabíamos o carro, o nosso avô vai chegar, e as crianças a correr, “ah! Avô Mendes, avô Mendes, avô Mendes...” não podia falar Mendes de Carvalho, era só avô Mendes. Avô Mendes e ele nos recebia, ele tinha, eu me recordo, ele tinha um fato safari, castanho, eu me recordo como se fosse hoje, todas as vezes que meu avô fosse pra casa, lá do irmão na comissão do Prenda, ele ia com aquele carro dele, com o fato castanho, éee... usando aquela roupa que se chama safari porque, eu sempre pergunto como é que se chamava aquela roupa, e diziam que era safari, castanho e o chapéu dele. Boas nossa, família, ele não... ele dizia porque era muito fino, não dava porque ele já era alguém na sociedade que deixava... Não, não! Como eu vejo muitos dirigentes aqui, já ex chefes já não ligam mais ao que tão aqui, não... Eu estava sempre: “avô, me dá cinco tostões?” Naquela altura, cinco tostões para comprar gelado, ele estava ali a nos dar gelado, a nos pegar, nos apertar... Eu sinceramente, eu as vezes sinto saudade. Boa gente, meu avô verdadeiro, ia nos visitar no Prenda que era um bairro popular, ele vinha no Prenda, muitas vezes íamos na casa dele, eu lá com meus primos, ficavam e depois regressavam... de família, ele ia procurava as famílias, juntava as famílias, eu não sei, eu estou a falar de mim, eu não quero falar de todos, não sei, mas ali, desde pequenos, seis ou sete anos que eu conheci o meu avô, a característica nunca esqueci: gente, família, verdadeiro, ele fala a verdade e direto na cara. Ele... Quer dizer é um avô que você olhava, avô mesmo, avô, quando você tem dificuldade, meu avô... eu já sou sempre muito bem, mas eu choro atoa, eu quando chegava assim, porque eu olhava pra ele como uma pessoa muito boa, ele todo cansado mesmo, ele dizia: minha filha me leva ali na tua casa para ver o que é que tens, eu pegava ele no braço, atravessava, tá ali o zelador dele, o Russo, ele quando chegasse aqui, ele não podia ir para Luanda sem me ver, é mentira Russo? O avô quando viesse, ele podia sair daqui sem me ver? Russo: não, é verdade! Ele é que vinha me buscar, ver a tia Guida, o avô tá te chamando. Ah! O avô tá me chamando e ele trouxe aqui. Ele me disse: não vai sair daqui sem te ver porque ele dizia que ele olhava pra mim e se recordava da sobrinha que é minha mãe porque ele dizia que eu tenho muito a ver com a minha mãe, e sempre me chamou pelo nome da minha mãe: Maria Zê. “Maria Zê”, poxa avô eu sou a Guida, não, você é Maria Zê, você tem cara da tua mãe. Portanto eu tinha que ir lá, ele comprava milho, ele ia com o Russo, esse moço que tá ali, até a barraca comprar milho assado e nesse milho assado tem milho pra mim... “Ó minha neta tem milho aqui comigo”, ele já cansado, debilitado, mas eu lhe pegava, eles as vezes me abraçava... Eu dizia assim “o avô quando isso tiver pronto você que vai inaugurar, tá bem minha neta”. Oh! Meu Deus! Quando viu que meu avô... Ele foi a primeira vez, voltou, eu dizia vô você vai, vai

voltar, não... “vou voltar minha neta”, ele estava buscando vir a segunda vez, meu avô, já torcendo, meu avô vai vim, quando ouvimos a notícia que meu avô faleceu. Eu sofri, eu sofri muito, muito e todo mundo aqui começou a dizer agora a banca acabou, o avô dela, que quando o avô dela vem aqui ela fica toda vaidosa, mais vaidosa... Olha, nós temos uma pessoa que nos ama, que nos dá o carinho, e se dissessem que o avô... A pessoa quando morre, no óbito dela assim tem muita gente, ele volta, ele havia de voltar, porque o óbito estava mesmo aqui, o funeral do meu avô, se recorda o funeral do Nelson Mandela? Que viu na televisão? Parecia dele, a banda saiu daqui todo mundo acompanhando, já foram lá na capa onde lhe enterraram?

**Eu:** Não!

**Tia Guida:** Ainda não foram?! Vai vão ver a diferença daqui a pé com a banda atrás, a caixa preta e a banda atrás. Luanda parou naquele dia, Luanda, um engarrafamento, e nós estávamos aqui à espera dele. Essa casa ficou cheia por todos os lados, os camaradas ficaram aqui, eu que estava vendendo meu filo deixei de vender, que eu tinha porque eu tinha que dar as pessoas que... era gente..., eu dizia esses são minhas famílias, eu vou vender, eu não consigo vender (risos), então todo mundo falando tudo: “Ô Guida, mas tu deixasses Luanda?” Porque eu deixei Luanda porque eu estava aqui a pouco tempo, eu vivia em Luanda, eu quis viver aqui, preferência mesmo, depois casei, me divorciei, depois voltei a casar, marido morreu depois de um mês de casamento, depois de um ano a minha mãe faleceu, então fiquei meia assim... Frustrada. Então vim ver a casa da minha mãe, esta casa é a casa da minha mãe porque eu vivo nesta casa, a casa da minha falecida mãe, eu fui arranjando e vinha e ia pra Luanda, depois acabei por ficar, não tinha água canalizada, a puseram água canalizada, depois energia, com a ajuda do meu avô também, incentivando, “não aqui tá tudo bem, não se preocupa”! Em relação ao meu avô: gente, gente boa!

**Eu:** E aquela época que ele ia visitar vocês, que década mais ou menos era essa?

**Tia Guida:** Era em que ano...? Era nos anos setenta, setenta e cinco, setenta e seis. Eu acho que é setenta e seis, sim senhora, setenta e seis, setenta e sete.

**Eu:** Você tinha quantos anos mais ou menos?

**Tia Guida:** Eu tinha quantos anos? Eu devia ter aqui assim uns doze anos. Entre onze e doze anos. Porque até agora eu não me esqueço (risos), daquele fato castanho, safari, aquele chapéu dele, eu não esqueço porque eu me recordo sempre de meu avô. Com aquele carro que hoje se chama, annnn... Volkswagen, né? Ajudem-me!

**Membros da Fundação:** Dudu faz tudo.

**Tia Guida:** Dudu faz tudo! Já, já..., eu me recordo.

**Eu:** e ele incentivava vocês a estudar, como é que era a escola?

**Tia Guida:** Não, incentivava. Eu sempre fui muito espevitada, mas ele incentivava, não lógico, dizemos em Luanda todo mundo tinha que estudar, não, tem que estudar, eu estudava, meu avô também, o irmão dele e nós em casa naquela altura éramos muita gente, porque os outros que iam nascendo aqui, os irmãos, meu avô... A minha mãe, todos já tão grandinhos, todos já vão pra casa, na nossa casa eram doze pessoas, mas vou lhe dizer que naquele tempo, éramos doze pessoas e não dávamos conta que era muita gente e todo mundo comia, só dava conta na hora dos pratos, na hora de lavar os pratos quando dizia-se que era meu dia de lavar a louça, (risos), eu estava sempre a chorar e darem-me sempre escoco na cabeça porque eu estava sempre a resmungar, eram muitos pratos (risos), eu lavava muitos pratos. Uns iam na escola de manhã, outros a tarde, outros a noite, então, era assim.

**Eu:** muito obrigada,

**Tia Guida:** De nada,

**Eu:** Eu agradeço muito!

**Tia Guida:** Nossa! Está falando do meu avô, Mendes de Carvalho (risos). Isso é uma festa, eu fico feliz porque é uma boa pessoa, e eu sinto saudades sabes por quê? Porque assim, meus primos, esses meus sobrinhos, não nos procuram, chegam mesmo ali não vem, e eu as vezes eu

digo, eu digo já família era meu avô, alguns dos meus primos, meus sobrinhos não vem passear, eu estou feliz, nossa, meu sobrinho (risos), nossa!

**Eu:** Obrigada! Muito obrigada!

**Tia Guida:** Obrigada eu, tens que levar lá no cemitério, para ver aonde o avô foi enterrado. (Dirigindo-se aos representantes da Fundação Uanhenga Xitu).

## ENTREVISTA II

**Entrevista com Jurelmo Lopes, Neto de Uanhenga Xitu e membro da Fundação Uanhenga Xitu**

**Data:** 4/7/2018

**Por:** Nathalia Rocha Siqueira, mestranda em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

**Local:** Bairro dos Ingombotas, Luanda, Angola.

**Eu:** Boa tarde! Primeira pergunta que eu gostaria de fazer a você Jurelmo é como você chamava o seu avô, chamava ele de Uanhenga Xitu ou Agostinho Mendes Carvalho?

**JURELMO:** Avô Carvalho.

**EU:** Avô Carvalho. Então você se referia a ele pelo nome português e não o nome Quimbundo?

**JURELMO:** Sim, sim, sim.

**EU:** Você é filho de quem, quem são seus pais?

**JURELMO:** Ok, a minha mãe é a quarta filha de Uanhenga Xitu e meu pai é de Cabinda. João Maria de Fátima Lopes, de Cabinda.

**EU:** E o nome da sua mãe?

**JURELMO:** Margarida Jorge de Carvalho.

**EU:** Você sempre teve dimensão da importância política do seu avô, tanto na luta pela independência quanto na construção do pós independência? Em que momento você teve noção da importância dele?

**JURELMO:** Bom, enquanto criança, nós... Eu notava, sabia que ele era muito importante pelo número de pessoas que apareciam na televisão e que iriam... Que apareciam lá na casa dele. Na maioria das vezes quando vinham assim algumas figuras, as crianças em particular e as senhoras iam para um outro departamento e as visitas ficavam numa conversa mais fechada e em boa parte nós tínhamos noção que tinha alguma a ver com o Estado, mas não sabíamos o que que era, portanto aí por volta dos sete, oito anos eu já sabia que ele era importante. Mas, noção da presença dele na luta armada foi com o tempo, aí aos dez, doze anos, porque nós éramos... Ele fazia questão de levarmo-nos sempre a zona, a terra dele natal para conhecer outras pessoas, principalmente nas datas comemorativas: 4 de Fevereiro, 11 de Novembro, eram as datas que normalmente nunca falhava, então nós íamos para as outras zonas e era sempre a comemorar qualquer coisa, então deu pra perceber que ele tinha alguma coisa a ver com a luta armada, mas não sabia detalhes, portanto detalhes só descobri muito mais tarde. Uma outra data que era muito comum eu passar com ele um mucadinho mais tarde, principalmente depois de começar a conduzir, ele fazia questão que eu o levasse, era no dia 1 de janeiro, portanto no dia 1 de janeiro ele visitava todos os hospitais de Luanda, sem avisar sem nada, chegava de manhã cedo, ninguém sabia se ele ia aparecer ou não, as pessoas não tinham consciência, mas era engraçado que eles tentam... os funcionários tentavam cobrir pra fazer parecer que estava tudo bem, mas ele chegava e via algumas situações, então essa é uma das memória que eu tenho, foi aí que eu descobri também que ele tinha um grande... Uma grande preocupação com a questão da saúde



**EU:** Inclusive no livro *O Ministro*, ele fala isso, né? Ele fala que ele ia aos hospitais, olhar a situação dos hospitais, é algo que ele menciona. E seu avô como literato, intelectual, o que você tem a dizer sobre ele?

**JURELMO:** Bom, só... Eu acho que eu estava na Inglaterra aí uns vinte anos atrás que eu vim de férias e um dos livros, as marcas do governo... Como é que é? A máquina que o governo colonial depõe... (refere-se ao livro: os sobreviventes da máquina colonial depõem), mas é o Mungo, eu chamo o Mungo. O Mungo, eu levei para Inglaterra e li e gostei muito, gostei muito da história e fiquei muito intrigado com o fim porque acho que não acabou bem, porque ela morre no fim, é uma espécie de romance, tem outras coisas no meio. E então foi aí que eu comecei a admirá-lo como um intelectual, como um escritor, várias vezes perguntei quando que sairia a segunda parte daquele livro, mas ele sempre foi muito claro em dizer que não tinha a segunda parte, é melhor assim, era mesmo para acabar como acabou e eu até hoje... acho que um dia vou tentar sentar e ver se eu consigo fazer a segunda parte (risos).

**EU:** Você vai tentar fazer a segunda parte?! (Risos). Você lia quando jovem e já leu todas as obras do seu avô?

**JURELMO:** Não, lia, mas não era tanto... Eu não tinha tanto interesse na literatura nacional, como tal e... Acho que eu li todas as obras. Já comecei quase todas, mas acho que nem sempre acabo, *Contos especiais*, *O Ministro*, já foi há muito tempo, bola com feitiço, o Mungo, que é o melhor, o do Felito... o *Manana*, acho que sim, falta o *Kahitu*, falta mais alguns.

**EU:** Que ideias de política seu avô deixou para você?

**JURELMO:** Ufff... O meu avô era o meu Mestre da vida e não era só política. Uma das grandes coisas que ele deixou pra mim foi que durante um tempo, quando eu tive na Inglaterra, a minha tendência era de ser muito pró inglês, porque eu consumia muito das notícias e do material lá da Inglaterra. Então era muito tendencioso e defendia a ferro e fogo a Inglaterra. Então a dada altura ele deu conta desse fenômeno, que ele passava lá muitas vezes, para consultas e perguntava, mas... falávamos muitas coisas, interagíamos sempre, mesmo ante de sair já interagíamos muito, ele foi notando uma certa tendência em defender a Inglaterra, ele passou uma seguinte mensagem, ele disse: “ó...” Eu defendia sempre a Inglaterra ou Estados Unidos e criticava sempre a posição da Rússia e outras. Ele dizia que “não, não é assim!” O que se deve fazer e eu até hoje tento fazer é consumir de tudo um pouco e tirar uma conclusão própria, minha. Ele dizia: “todo ser tem a capacidade de construir o seu próprio pensamento, então é preciso ter cuidado para não ser empurrado com as ideias dos outros” e é muito mais fácil quando se está em um certo sítio, local, eu estava na Inglaterra e eu era muito pró inglês e ele dizia: “não! Tem cuidado! Não vê só o *skynews*, e esses canais, vê também os outros e dá a ti mesmo uma chance de tomar uma decisão mais informada”. Portanto de todas as outras coisas que ele me passou essa era uma das coisas. Uma outra coisa que ele passou e que acho que passou a mais pessoas, não sei, era que... Um grande sentido de nacionalismo, de nação. A tendência é quando nós somos jovens e vamos estudar lá fora, as condições sociais são melhora do outro lado, a tendência é ficar do outro lado, principalmente quando temos sucesso acadêmico ou profissional. Mas umas das coisas que ele passou também foi que a nação precisava de nós. “Então estuda faz o que tens a fazer, diverte, mas nunca esqueces que há um país que precisa de ti” e até hoje portanto eu guardei comigo isso. Enquanto na Inglaterra, na altura eu estudava engenharia da informática, eu seria só mais um programador, em Angola eu seria um dos poucos programadores e a minha presença faria diferença, portanto isso é uma das outras coisas que ele me ensinou. Ensinou... Não faz sentido, dizia ele, ter uma oportunidade de aprender tanto e depois ficar com aquilo guardado e usar em um sítio onde havia abundância, pois aqui deste lado havia deficiência, fazia mais sentido, eu que sou daqui, vir trazer isso, porque é a maneira que eu encontro de passar e como tenho passado e vou passar, jamais se compara a forma como um estrangeiro passaria, portanto um estrangeiro passaria por interesse

comercial ou de outro tipo, já eu na qualidade de nacional estaria a passar para um irmão, um conterrâneo, alguma coisa do gênero, então essa foi uma das coisas que ele também me passou.

**EU:** Você acha que a Angola pensada por seu avô está perto ou longe e você acredita que um dia ela vai existir?

**JURELMO:** Anhh!! Não! Tá muito longe, tá muito longe! A Angola pensada pelo meu avô é... Há duas questões que ele pensava muito, que eu o ouvia muito comentar e que hoje vejo alguns vídeos, ouço cassetes... Eu depois da morte dele tornei-me um especialista de muitas coisas sobre o meu avô, principalmente porque abracei esse projeto sobre a Fundação. E então eu vou notando alguma consistência em duas coisas, duas vertentes, até três: um, nacionalismo, dois, educação, três, saúde. Ele reclamava muito sobre o nível elevado de crianças que estavam fora do sistema de ensino, portanto estamos a falar de 87%, 88%, 89%, ele reclamava muito isso, reclamava muito, fazia muita confusão porque via muitas crianças fora do sistema de ensino, havia petróleo, haviam outras coisas, eram coisas que ele não conseguia perceber, como é que haviam recursos para fazer certas coisas, mas não havia recursos para por crianças no sistema de ensino? Esse era uma das grandes preocupações dele. A outra preocupação dele, portanto essa era visível porque eu ia com ele muitas vezes, era a saúde, a saúde era uma coisa que ele fazia confusão na cabeça, portanto o estado dos hospitais, a forma como as pessoas eram atendidas, portanto esse era o segundo ponto. O outro ponto era o nacionalismo, portanto para dentro, as questões sociais e tentar resolver. Angola tá muito longe! Ele por exemplo tinha um ritual, não sei se chama ritual, as pessoas e não eram só pessoas de família, acho que era por ser deputado, hoje tento entender e acho que era por isso, mas todos os dias em casa dele a partir das cinco ou seis da manhã haviam pessoas lá em casa, pessoas estranhas que vinham de todos os sítios, de Luanda até mesmo do Bengo, de outras províncias para falar com ele e algumas vezes já presenciei essas conversas, onde as pessoas faziam uma espécie de relatório daquilo que estava a acontecer nas suas zonas, não eram todos os dias as mesmas pessoas, variavam, as pessoas explicavam “olha passavam-se isso na minha zona, passou-se isso...” e dias depois nós víamos na televisão, no parlamento, ele a reclamar, “olha, na zona X falta água, na zona X falta luz, na zona X o problema é esse” e então era uma das coisas que... Eu acho também marcou-me muito, ele tentava fazer era passar as verdadeiras preocupações para os tomadores das decisões, portanto, essa Angola sem saúde, essa Angola sem educação, essa Angola sem atenção para as questões básicas sociais tá muito longe daquilo que ele... Da Angola que ele sonhava ou sonhou ou idealizou, tá muito longe.

**EU:** Que legados artísticos seu avô deixou para você?

**JURELMO:** Bom, eu não sei como, como é que vocês... Como é que está a categorizar artísticos, mas eu quando muito tempo, o meu avô, na altura, acho que era embaixador na Polónia, sempre que vieste de viagem trazia-me uma gaita, não sei como é que vocês chamam?

**Eu:** Sim, é gaita.

**JURELMO:** É gaita, né?! Então, artes pra mim começou ali. Essa era uma das coisas. Eu durante o tempo em que tive na creche, eu sai da creche com quatro, quase cinco anos, eu dizia alguns versos que na altura a gente chamava poesia e então ninguém me levava a sério, eu recitava as poesias nos aniversários, nas ocasiões comemorativas de família pequenas, mas a única pessoa que levava aquilo tão a sério ou eu pensava, não sei, mas quem me dava muita força era o meu avô, portanto depois de um tempo começou a chamar-me poeta, me chamava “poeta, poeta, poeta”, e acho que a partir daí eu comecei a ter um mucadinho mais de atenção a poesia. Não sei se foi, começou de um lado ou de outro, mas sei que me chamava poeta, essa é a referência, quando ele não conseguia dizer meu nome me chamava poeta, todo mundo sabia que era eu, então deixou, acho que ele semeou essa minha vontade de... E portanto dessa minha vontade de estar com a poesia. Acho que começou por aí. Mas depois, pronto, cresceu outras coisas, eu tinha uma grande influência do meu padrasto que é artista plástico, acho que é uma mistura de várias coisas, influência do meu avô, influência do meu padrasto, eu sou muito ligado

a arte, mais visual do que literária, mas com toda humildade posso dizer que se aprecio uma boa poesia, uma boa... Um bom texto em português, mesmo em inglês é graças a essa semente que meu avô colocou em mim, me intitulando como poeta.

**EU:** Você pode falar um pouquinho como era a relação dele com a família, com os filhos, com a esposa, com os netos?

**JURELMO:** Nós somos muitos netos, nós fizemos uma contagem em 1997, éramos 47 netos, hoje já tem bisnetos, a volta dos 15, 20 ou mais, não sei. A relação era muito boa, ele era o patriarca da família, portanto nós íamos todos, portanto lá em casa, estávamos sempre todos juntos... O que eu posso dizer? Com os filhos são mais meninas do que rapazes, portanto as meninas eram se calhar mais próximas, se calhar só um dos filhos é que pode dizer sobre a relação com os filhos, mas era boa. Personalidades diferentes, eu sempre notei que ele tinha muito cuidado em não misturar as coisas, portanto ele era do tipo que conseguia separar cada pessoa, porque eu vejo cá muita gente que ao lado de várias pessoas mistura um mucadinho as relações, trata um como se fosse o outro a enganar os nomes, não sei se ele enganava nos nomes, não lembro muito, mas ele tratava a cada pessoa duma certa forma. Portanto essa era umas das coisas que eu posso descrever e apoiava muito tudo aquilo que as pessoas estavam a fazer em particular, se fosse arte, era muito focado nas coisas acadêmicas, portanto apoiavam muito que as pessoas estudassem e fizessem... Era uma pessoa muito... Apoiava muito as outras pessoas. Uma das coisas que eu posso dizer, eu só posso contar muito da minha experiência. Aqui nós tínhamos muitos problemas administrativos para tratar documentos, outras coisas, então a tendência era todo mundo ir ter com ele pra resolver e normalmente com o nível de influência que ele tinha pra resolver todos os assuntos ele só precisava fazer uma ou duas chamadas, mas é importante, ele fazia questão antes de se envolver, forçar de alguma forma que a própria pessoa fizesse um esforço para evitar com que as pessoas viessem pelo caminho mais fácil, então perguntava: “já foi lá, já resolveu?” “Sim, já fui.” “E o que disseram?” “Disseram isso...” “E já foi lá uma segunda vez?” “Já.” E então ele deixava esgotar todas as opções, só depois de alguma forma é que ele tentava a se envolver, mas também nunca para se envolver, era para facilitar, se o problema era uma porta que estava fechada, então ele abria somente aquela porta, depois ele deixava o processo correr normal. Portanto acho que isso era uma característica, as pessoas reclamavam muito, que as pessoas gostavam do caminho mais fácil, esperavam que ele fizesse, mas ele tinha o cuidado de nunca fazer tudo, mesmo quando ele pudesse fazer ele não fazia, acho que ele fazia de propósito para que as pessoas não levassem um... Não fizessem as coisas a contar muito com a ajuda dele, não que ele não quisesse ajudar, mas ele dizia que nós tínhamos que nos tornar portanto sólidos para o futuro, depois ele um dia poderia não estar e na maioria das vezes não iria mesmo estar, então era importante que nós tivéssemos essa independência, essa é uma das coisas que eu lembro. Eu lembro também de uma outra situação que eu estive fora e voltei e vim com documento de salvo conduto e então quando vinha aqui ia ter problemas, normalmente as pessoas quando estão sem passaporte o documento de salvo conduto é importante, então eu pedi a ajuda dele e ele disse: “não, não, não... Não te preocupes que não vai acontecer nada. Vem só a vontade, que nada vai acontecer.” É... Mas a lição importante foi, não menciona nenhum tipo de relação com alguma pessoa, vem normalmente. Eu vim, cheguei aqui tive muitos problemas, mas problemas de nada, era só até eles aportarem e tinham que aportar se não entrava muita gente por essa via. E sei fiquei quatro, cinco horas no aeroporto, foi muito chato, mas eu era jovem, portanto também não tinha muita pressa e quando sai, eu disse: “olha vi e tal, sai...” “E ele disse “Portanto, estais aqui, tu és angolano, tu estás em Angola, não vai acontecer nada e sempre que tiveres oportunidade, não menciona ninguém, não faz nada, tenta sozinho resolver a situação. “O que mais? ... É.

**EU:** Seu avô antes de ser escritor, imagino ele era um contador de histórias? Ele contava muitas histórias para você e em que espaço isso acontecia?

**JURELMO:** Normalmente era uma pessoa muito ocupada, ele não tinha... Eu até acho estranho que ele fazia muitas coisas que ele fazia, antes de eu sair de Angola nós tínhamos oportunidade de ele contar histórias quando nós saíssemos para visitar os familiares, portanto, no mato. Era onde ele apresentava as pessoas, muitas vezes ele dizia: “Esse é o tio” e raramente ele explicava a origem da relação, nós gostávamos muito de entender, “mas tio como?” “Não, isso não interessa! Quando eu disser que é tio, é tio!” Mas entretanto, aproveitava para contar as histórias a volta desse tio, do parentesco... Não parentesco, mas histórias a volta da relação, então esses eram os momentos que se nós saíssemos para o mato, onde ele aproveitava para contar as histórias que nos contava, não eram poucas, eram muitas.

**EU:** Qual era a relação do seu avô com o mato?

**JURELMO:** Ah! ... O meu avô nasceu e cresceu no mato, portanto até onde eu sei ele contava muitas histórias sobre por exemplo a família dele. Porque... Ele falava do pai que tinha acho que eram três ou quatro esposas. Ele já nos levou-me uma vez, foi com a Ana Lúcia (Ana Lúcia de Sá) eu, ele, um terreno grande, que era o terreno onde eles viviam, tinha um imbondeiro que dá embaixo, que havia uma casa, por exemplo para eu te explicar, havia uma casa que era a casa principal, mas no terreno todo havia mais casas, então na casa principal cada esposa tinha que ficar não sei quanto tempo, vamos dizer uma semana ou alguns dias, essa semana era a semana dessa esposa e a mãe dele então também ficava lá uma semana, depois descia para a casa dela e subia uma outra para aquela casa principal. Essa era uma das histórias que ele contava, normalmente ele contava histórias quando nós estivéssemos naquele ambiente do mato, acho que era quando ele se lembrava ou quando tinha mais tempo porque não estava a fazer política, né, estava conosco, então ele aproveitava o tempo para explicar um mucadinho porque vinha normalmente as memórias.

**EU:** E ainda seguindo nesta linha, qual a importância de Catete, de Calamboloca, para ele?

**JURELMO:** Ah!! Aquilo foi... A zona do Bengo tem, eu posso estar a falar com alguma influência do meio em que eu cresci. Mas até onde sei, gozamos com isso, mas diz que as pessoas mais relevantes na luta contra o colonialismo nasceram nessa zona. Pode não ser verdade, mas eu cresci assim. Então, um dos motivos que faz com o que estas pessoas tenham tido tanto sucesso foi o fato de que elas tinham uma capacidade de aprender com muita facilidade. Goza-se por aí na família e nos meios do pessoal do Bengo que nós começamos a escrever desde mil oitocentos e qualquer coisa. Fomos a família dos primeiros que escreviam, naquela região, fala-se muita da história, não sei se já ouvi do posto de Cassoneca. Cassoneca era em uma zona, mas em quimundo não sei a linguagem certa a um termo que “Kussoneca”: onde as pessoas escrevem. Qualquer coisa a ver com escrever. Então, todos os negros quando quisessem fazer um documento, um requerimento oficial para entregar ao Estado português, iam naquela zona, porque era naquela zona que tinham os negros iguais que escreviam, então a pessoa ia lá dizia aquilo que quer fazer, dizia o seu nome e a outra pessoa, o negro escrevia no papel e depois entregava então para demonstrar ao português. Isso aconteceu então em Cassuneca, depois ficou Kussoneca, depois o Português transformou aquela zona em Cassoneca, depois vais ter que investigar a verdadeira conversa a volta disso, eu até posso convidar o Luís para falar contigo, que ele conta muito esta história. E então as pessoas daquela zona tem esta, esta fama. Aprendemos a escrever muito cedo... Havia mais famílias que também escreviam, a fama dos Fortunatos, aliás as famílias são todas cruzadas, né. Então, somos intelectuais já há muito tempo, daí se calhar o sucesso que tivemos fora do mato, mas a raiz é do mato. Outra coisa que eu acho que ele sempre tentou fazer é nunca perder essa ligação, sempre nos forçou a manter essa ligação. Vocês, por exemplo, tiveram no Bengo, tiveram com o Aguinaldo, o Catana. O Catana é uma pessoa jovem e, portanto, não tem... Não há como, eu que sou daqui da cidade, cresci na cidade, vivi muito tempo no exterior, uns dez anos, não tem como eu ter uma relação como o Catana que é do mato. Portanto, esse hábito de semear uma relação sempre com o mato veio dele, sempre que nós fôssemos ao mato havia uma... Um ponto

de referência, passava por algum sítio e disso... Chama-se bater à porta, não pode entrar na casa do outro sem bater à porta. Portanto estamos a ir para o mato, embora fosse terra dele, passava pela casa de alguém para dizer “olha estou aqui, vou passar, vou fazer umas coisas e depois vou sair. ”. Na saída não era tão relevante, mas na entrada era muito relevante. Então o que você sabe? Que sempre que nós fossemos íamos bater à porta na casa de alguém. Enfim, havia um número de pessoas que nós íamos só para bater à porta e dizer: “estamos a entrar”, embora ele fosse da terra. Então ao longo dos anos por volta da Anabengo e outras associações, nós também semeamos essas raízes enquanto jovens e uma das coisas que nós fizemos, quando vamos para lá, embora até temos relações de sangue, temos o tio Pacas, mas aqueles jovens da terra nós fazemos questão sempre de comunicar, de fazer com que eles também se sintam parte desse nosso meio aqui na cidade e que a haja esta relação porque tem que existir, nós fomos educados assim, sempre um canal entre eles e nós. Nós vamos ter uma boa relação com o pessoal aqui da cidade, mas raramente vamos conseguir transformar ou passar aquilo que são os desafios deles para o nosso pessoal daqui, se nós não tivermos uma relação com eles. Então, o Aguinaldo, o Catana é uma das pessoas que quando nós vamos a ele, batemos a porta, quando precisamos de alguma coisa, ele guia, porque ele percebe daquilo melhor do que nós, quando vamos passear, fazer uma filmagem, uma entrevista, se não estiver alguém que não... Se formos entrevistar falar com alguém que fala quimbundo, vamos falar com ele para nos arranjar alguém que vá fazer a tradução. Portanto, esse nosso hábito de nos ligarmos com o mato veio dele, Portanto ele é que nos educou assim, porque aquelas pessoas nasceram naquele meio, mas são angolanas e provavelmente são todas famílias, no fim de alguma forma nós somos, estamos todos ligados, por isso, se nós não preservamos essa relação, se nós não protegemos aqueles, no fundo não estamos a proteger ninguém, podemos acabar isolados.

**EU:** O que seu avô pensava sobre as tradições quimbundo, o que ele passou para vocês de ensinamentos quimbundo que você possa falar?

**JURELMO:** Não é só quimbundo. Há uma coisa que eu percebi durante a minha relação com meu avô e mesmo quando eu tive fora, aí uns oito anos que eu vivi na Inglaterra que quando ele fazia questão e já estávamos lá a estudar, acho que ele fazia de propósito, pelo menos uma vez por ano passava por lá. Normalmente combinava com as nossas férias, por isso que eu sei que ele fazia de propósito. Então ele recebia pessoas lá, colegas do parlamento, amigos, antigos combatentes, e uma coisa que eu reparei é que ele não falava só quimbundo, mesmo aqui nas relações de Angola o vô falava umbundu, sabias algumas palavras de fiote, tinha noções de cuanhama, portanto dos vários amigos que ele tinha ele conversava em várias línguas, podia não falar fluentemente, mas quimbundo e umbundu, eu tenho a certeza que ele falava. Então, não... Eu não sei se posso lhe reduzir-se só ao quimbundo, porque ele tinha um conhecimento muito amplo sobre Angola, acho que tem muito a ver com a formação dele que ele era enfermeiro e tinha que viajar muito pelo país. Então reduzi-lo ao quimbundo é... É natural que ele tenha mais conhecimento do povo quimbundo, mas eu vi ele com uma outra dimensão completamente, eu já acompanhei ele a conversar em cuanhama, a conversar em umbundu, em quimbundo era prato do dia, então portanto para não falar de outras línguas internacionais, ele falava francês, falava um cado de alemão, mas não sei se consegui... se consigo lhe reduzir só ao quimbundo. Vou dar um exemplo, na altura ainda não era casado com a minha esposa, mas já namorávamos. Ele passeava todos os sábados e domingos, em particular todos os domingos, eu o levava a igreja, depois sai da igreja ia visitar um parente no mato e depois de uma certa idade começou a ficar difícil para mim porque eu tinha que namorar né, então ele começou a notar essa minha resistência e dizia... Porque eu era uma das pessoas quase sempre mais disponíveis para fazer esse trabalho, acho que ele também gostava de conversar comigo, então pronto, havia essa boa relação, sempre eu também gostava de estar com ele e chegou uma altura que eu comecei a resistir um mucado e acho que ele reparou que se passava qualquer coisa. E um dia ele perguntou: “Mas então estais a resistir, o que é que se passa? Tens alguma coisa a

fazer?” Um dia ele perguntou e eu disse “ahnn, sim, ia passear com uma amiga e tal” “Ahnn, mas você convida a amiga para passear também.” (Risos). Então foi a primeira vez que eu fui passear com ele e na altura minha namorada e reparei mais uma vez o seguinte: ele perguntou o nome dela e pelo nome ele identificou a zona em Angola, portanto, eles são... Ela é do norte de Angola do Cuanza Norte, o pai é do Cuanza Norte a mãe é do Cuanza Sul. Lunda Norte, desculpa! O pai é da Lunda Norte a mãe é da Lunda Sul. Só com nome dela ele conseguiu dizer, você é da zona X e continuou a fazer perguntas e disse você pertence à família X e disse a ela inclusive que o avô dela, ela tinha relações com a família real daquela zona, portanto esse é um sinal da profundidade do conhecimento dele, só com nomes, nomes e perguntas básicas. Ela nunca me tinha dito, eu não sabia, mas ela ficou admirada como é que com duas, três perguntas ele conseguiu chegar na Lunda Norte e dizer que você tinha... Você é da linhagem X, da família X ou Y e na tua família tem sobas. Ele conseguia fazer isso. Ele para todo os pais, a maioria das pessoas que encontrava ele perguntava sempre o nome, como é que chama o pai, não, o avô? Depois, ahn, ahn, ahn... Você... e o pai da minha esposa é regedor, portanto é, vamos dizer a pessoa coordenadora dos sobas, portanto eu não sabia, eu descobri naquele momento, foi um dos momentos que me fez despertar mais uma vez o quão profundo conhecimento dele sobre Angola era, a partir de nomes ele conseguia ir muito longe, isso para minha era uma coisa fantástica, portanto não era só quimbundo, era mesmo nacional.

**EU:** E qual era a relação dele com as questões tradicionais, religiosas?

**JURELMO:** Bom, em termos tradicionais, aqui na cidade nós já não seguíamos, seguíamos muito pouco, mas ele era muito... Notava-se por exemplo uma das coisas até onde eu podia notar era na forma como ele nos forçava o respeito a hierarquia dentro da família. Há casos, há vários casos em que a pessoa... Numa família por exemplo tem primos, tios, etc. Mas há tios que são mais novos que os sobrinhos, acontece muito e normalmente no comportamento ocidental, entre aspas, o mais velho tem uma opinião mais válida. Aqui em África ou pelo menos no meio em que eu cresci, provem dele, o papel do tio não é diminuído pela idade, o tio pode ter menos de dez anos, mas tem hierarquia, é tio, então tios, netos... Havia muito isso porque isso é uma das coisas que quem pertence à família, isto está bem esclarecido, não se pode confundir as ideias, como algumas vezes agora faz quer por poder financeiro não sobrepõe a hierarquia familiar, isso é uma coisa muito tradicional. Essa é uma das coisas. Mas havia outras coisas, havia outras coisas que... Ele escrevia, ele escreveu muito sobre... Ele tem um texto sobre o alambamento, não sei se você sabe o que é o alambamento? Alambamento é um... No Brasil deve ter também, uma vez que há uma ligação muito forte entre Brasil e África, mas em África, em África do Sul chamam de lobola, mas é basicamente o processo de compensação a família da esposa pelo pedido da mão. Ele escreveu muito sobre isso, é um texto que se procurar a gente encontra, ele também, isso eu já vi nos vídeos, que ele falava sobre a poligamia ou a bigamia, bigamia e poligamia e eu sei que ele não teve muito sucesso porque nós vivemos em um mundo muito ocidental, mas ele tentava explicar no ponto de vista tradicional que hoje já consigo fazer um paralelo com a história da vida da família dele, portanto ele também falava disso. Essas são só algumas das questões tradicionais que eu posso lembrar, nós por exemplo éramos todos, não sei se isso é tradicional, portanto como parece, mas a história da circuncisão, portanto eu passei por esse processo a sangue frio, processo supostamente tradicional, tradicional já na cidade, não cabiam mais coisas, mas nós passamos por isso, hoje em dia já se diz que cientificamente no ocidente já é higiênico ou não é, naquele tempo para nós já era normal, nem era assunto, sobre de modo que aqui pelo menos em Angola só se começou a fazer uma ligação da circuncisão com a medicina científica, isso para nós antigamente era tradicional. Portanto havia uma grande ligação com a tradição, a vida dele toda era tradicional, uma das formas mais visíveis de ver isso no meio dele era como ele se rodeava de peças tradicionais, tem muitas peças de madeira, muitas... Muitas... Eu chamo de relíquias, aquilo eram peças que levavam a tradição, tudo aquilo tinha uma história por trás, quadros, arte, notava-se que ele

tinha uma relação muito forte com a tradição, isso todo mundo sabe e a vantagem é que quando as pessoas do mato vinha falar com ele ninguém tinha que explicar muito, ele estava sempre dentro dos assuntos, então era tradicional.

**EU:** Em relação aos mitos da terra dele, os seres fantásticos, ele falava alguma coisa para vocês?

**JURELMO:** Os mitos?

**EU:** Os mitos, por exemplo na obra dele Kahitu tem a Kituta, seria um ser fantástico que aparece, ele falava algumas dessas histórias para vocês, alguma coisa nesse sentido?

**JURELMO:** Ele não falava, mas os nossos tios, nossas mães falavam, por exemplo, já ouvi várias histórias que o pai dele, não, um dos tios dele era místico, portanto era feiticeiro, fazia magia que transformava-se em um pneu. Uma vez os portugueses foram prendê-lo e olharam para trás, quando voltaram a olhar só viram um pneu a pegar fogo e a rolar. Há muita história, o que não falha são histórias tradicionais, várias vezes, eu gozo, ainda hoje eu gozo com isso, quando eu vou a rua e compro alguma coisa eu digo olha meu bisavô... Meu bisavô era feiticeiro, se me acontecer alguma coisa vai ficar duas semanas sem ir para casa de banho, eu gozo. Outra forma que eu gozo principalmente com meus pais é quando a noite, eu tenho muito sono a noite, a partir de 20hs, 21hs não consigo conduzir, eu conduzo com muito sono e quando é mais tarde que isso as pessoas ficam preocupadas e várias vezes quando chego do outro lado de lá digo: “Opa, já cheguei, o Kinguxi me acompanhou.” O Kinguxi é uma figura tradicional da família que olha por todos nós.

**EU:** Teu antepassado, ancestral, algo do tipo?

**JURELMO:** É... Olha por todos nós, então havia vezes que eu chegava a casa, eu só me lembro de metade do caminho, a outra metade não lembro, então ele telefona: “Como é que chegaste?” “Opa, o Kinguxi me levou.”

**EU:** O Kinguxi foi alguém que existiu ou é uma figura mítica?

**JURELMO:** Existiu mesmo, ele existiu, agora, se foi ele que me fechou os olhos e conduziu o carro não sei. Eu durmo algumas vezes e chego bem do outro lado (Risos), a pessoa fecha o olho acorda e tal, tem várias situações que podem dar em acidente, tem coisas muito perigosas, mas o gozo entre aspas, é dizer que eu estou protegido, Kinguxi estar a olhar. Havia alguém que estava a ir pela estrada e ele ia em direção a uma árvore, olha, ia em direção ao precipício e não foi paro o precipício, bateu contra a árvore, pessoas gozam que o Kinguxi pôs lá a árvore, ele saiu dali ileso, podia ser pior, o Kinguxi pôs a árvore, portanto isso é... (Risos).

**EU:** Então seu avô tinha essa relação com esses mitos, com esses seres, e as pessoas em torno também e isso passava para vocês?

**JURELMO:** Sim, sim, sim.

**EU:** Como ele vivia essa tradição em relação as tradições trazidas pela colonização como por exemplo a igreja, a língua? Quer dizer, como é que ele conseguiu aliar essa questão tradicional com a questão da igreja, esse processo?

**JURELMO:** Como consegui, eu não sei (risos), mas que consegui, consegui porque ele era muito religioso, acho que a igreja teve um grande papel, isso eu sei pela história, no processo de... Vamos lá: educação dos povos locais. E eles, o pessoal daquela zona pelo menos, perceberam isso muito cedo. Então, acho que usavam a igreja para poderem entrar em um sistema que lhes dessem mais oportunidade, para ter uma melhor condição de vida, então eles tiveram essa visão e foram por aí, agora eu acho que era praticamente impossível tá na igreja e não acreditar em metade daquilo que se dizia, querendo ou não, eu acho que eles depois acreditavam, isso é, é um ponto. Mas agora, que ele várias vezes também mencionava no sentido que não desvalorizava os feiticeiros e coisas, isso é bem claro portanto. Mas uma vez isso eu até posso ver para você, numa das entrevistas em que ele falava o nome dele enfim, ele conta várias vezes que o nome dele tem muito a ver com isso, mas uma das entrevistas que ele falava da saída ou não do presidente Eduardo Santos enquanto presidente nos anos oitenta, ele diz, há uma passagem que ele diz que é muito difícil alguém ficar no lugar de liderança por

muito tempo e resistir aos olhares dos feiticeiros. Portanto isso é um testemunho que mostra que ele acreditava então que isso existia e embora também fosse crente, ele era metodista, na sua maioria frequentava a igreja metodista, mas também visitava todas as outras seitas religiosas sem qualquer receio, era muito convidado, frequentava, respeitava a religião de cada um sem problemas. Era uma figura que as pessoas aceitavam que ele fizesse essa transição de um lugar para o outro de uma igreja para outra, essa semana tá aqui, essa semana tá ali, normalmente o pessoal religioso é muito exclusivista, exclui um mucado, mas eles aceitavam esse papel dele, que eles já não, já se calhar não viam mais no mesmo nível, viam-no um mucadinho mais acima e então facilitava muito a relação dele com todo mundo, que não tivesse, ele ia para ver o que que estava a ser passar ou vinha as vezes para resolver os problemas e as pessoas davam-lhe esse espaço, então não era hostilizado por hoje está em um sítio e amanhã era em outro sítio, ele era metodista, sim senhora, mas mesmo assim as pessoas não sentiam-se mal em saber que hoje ele foi ao tocoísmo e foi depois não sei aonde, não havia nada disso.

**EU:** Ele contava histórias da luta anticolonial para vocês, ele chegou a comentar alguma história, alguma coisa que aconteceu ou era um processo difícil para ele contar?

**JURELMO:** Não! Contava, contava! Várias vezes contou, uma das histórias que eu lembro e que nunca me esqueço, ele contava que havia um primo dele Miguel Hangi e que ele tinha dois nomes, que já não lembro agora o segundo nome, mas ele dizia assim: estava ele e o primo dele na cadeia e os portugueses sempre que passassem pela cela “Hoo! Mendes de Carvalho apanhamos-te, apanhamos-te, agora falta o teu outro, o teu primo, o Miguel Hangi.” O Miguel Hangi já estava preso com ele, portanto lá na cadeia e ele dizia: “vocês nunca vão apanhar” e pronto, “vamos apanhar, vamos apanhar” e gozavam daquilo depois que os portugueses iam embora, eles lá dentro riam-se porque eles nem se quer sabiam que ele já estava preso, portanto essa era uma história que marcou a memória, esse Miguel Hangi ainda conheci. Portanto riam-se muito, riam-se muito por causa disso. As pessoas estavam a procurar e não era o único caso, eram vários casos que eles tinham dois três nomes e os portugueses agarravam um nome e continuavam a procura de outros nomes, portanto essa era uma das histórias muito frequentes. Contava várias histórias de Cabo-Verde, da cadeia, contava já quando mais velho, já não estava muito, muitas vezes ele fazia... Ele comia tudo, comia peixe, comia carne, sem problema, mas havia mesmo que ele pedia: “hoje quero comer carapau!” E em Cabo-Verde havia muito, havia muito carapau, não sei. Então havia dias que ele queria comer carne e havia um grande problema porque a minha vó trazia carne e ele dizia “não, quero peixe”, era uma maka. E faz peixe... Então chegou uma altura que a minha vó fazia peixe e fazia carne, mas punha em um prato, então ele via: “Ehhh! Não! Isto é carne. Eu quero peixe. ”. Ela trazia rapidamente, o peixe já estava pronto e uma das impressões que ficou comigo é que ele dizia carapau... Ele dizia: “Este é peixe de preso, pá! Eu não como mais peixe, não como isso, não quero mais comer.”, mas era estranho porque um dia antes ou dois dias antes ele pedia o carapau. Então eu notava que várias vezes até a comida lhe fazia lembrar, não que ele não quisesse o peixe porque ele gostava do peixe, mas acho que no momento a forma como o peixe vinha, fazia uma confusão na cabeça dele, “Não! Epa! Carapau é comida de preso!” Mas na verdade Carapau, ele gostava de carapau. Esse é um dos outros momentos em que eu notava que vinha na cabeça memórias, portanto do tempo em que ele passou em Cabo-Verde.

**EU:** Como foi o período para a família que ele ficou preso? Não sei se você já era nascido?

**JURELMO:** Não, não! Não era nascido, mas falou-se muito, portanto muitos dos filhos, a minha mãe conta que eram chamados de filhos de terrorista, nem todos os filhos dele conseguiram atingir nível acadêmico muito alto por conta da situação dele como terrorista. Os filhos eram claramente hostilizados. Portanto eles tinham essa conotação como filhos de terrorista e então sofriam muito *bulling*, nem todos acabaram de estudar e nem todos conseguiram a ter sucesso, eram muito, muito excluídos. Não foi uma fase fácil, muito difícil principalmente para minha vó porque ele tinha filhos com duas mulheres, meu avô era casado



mas entretanto a minha vó fez um acordo com a vó Glória quando ela cuidava também das outras crianças porque apesar de todas as maldades do governo português parece que havia alguns subsídios ou alguma coisa que ainda facilitava para as esposas dos presos ou alguma coisa, se eles estivessem com as suas mães então não recebiam esses subsídios porque não eram mulheres casadas, mas já a minha vó tinha e todos eles cresceram com a minha avó, na altura acho que eram onze pessoas.

**EU:** Sua avó teve que trabalhar nesse período?

**JURELMO:** A minha avó trabalhava como arrumadeira e lavadeira.

**EU:** E seus tios mais velhos também foram trabalhar?

**JURELMO:** É.... Sim, Tio Miau com quem vocês vão estar na sexta-feira, eu sei que a minha mãe também começou a trabalhar muito cedo, a minha mãe não acabou de estudar, precisou trabalhar muito cedo por conta da... Da vida, né.

**EU:** Todos os seus tios ainda estão vivos ou já teve algum falecido?

**JURELMO:** Dois tios, dois tios já faleceram. O tio Miguel teve muito sucesso no tempo colonial, ele pertencia a polícia, ele já trabalhou nos arquivos de qualquer coisa depois foi para a polícia, já faleceu. Faleceu em 2008, foi o único dia que eu vi meu avô chorar, chorou toda a noite que eu dormi com ele. E a minha tia, tia Nica, portanto ela faleceu em 2010, 2010, não, não foi em 2010, o avô morreu em 2014, então foi 2015, ela morreu perto do avô.

**EU:** Ele passou alguma coisa tradicional para vocês, algum ensinamento, alguma prática que vocês deveriam levar para a vida? Essa questão tradicional, além da questão da circuncisão que você comentou, passou alguma outra coisa?

**JURELMO:** É muita coisa, se calhar mais tarde posso tentar fazer uma lista e mandar, mas... É muita coisa... Eu vou tentar ver, mas é muita coisa. Passou muitas coisas.

**EU:** O Uanhenga Xitu, ele usa muito o termo mestre nas obras dele. O que significava ser mestre para ele, você tem essa dimensão?

**JURELMO:** Ahn? ...

**EU:** Inclusive ele usa muito mestre entre aspas, então o que significaria isso?

**JURELMO:** Bom, aspas se calhar posso lhe explicar por que ele era muito, ele era cômico, muito cômico. Ele transformava tudo em comédia, brincava, uma das coisas que já no fim ele fazia as vezes para gozar conosco, ele misturava comidas, mas era mesmo só gozo, ele comia peixe frito com arroz doce, não fazia sentido, mas aquilo acho que era comédia, então... (risos) Qual foi a pergunta?

**EU:** A dimensão de mestre para ele?

**JURELMO:** As aspas podem ser gozo, porque, porque há muitos, há muita gente que se auto intitula profissional, então é uma habilidade que principalmente os kaluandas têm, conseguem atingir um certo nível de sabedoria em alguma coisa e já dizem que são mestres. São muito profissionais e muitas vezes não são mestres, podem ser, podem conhecer muito sobre a matéria, mas não são, não são certificados, ninguém praticamente conseguia ter certificações nenhuma. Mas intitulavam-se como mestre e as pessoas levavam a sério aquilo como mestre, então as aspas querem dizer, mestre, mas não é bem mestre, não é? Por um lado. Por outro lado, o mestre era, é, acho que agora é muito usado, não é um professor, um mestre está acima do professor, o mestre é alguém que se deve muito respeito, eu acho que ele entendia mais por aí. Agora, o que significa para ele, eu já várias vezes tentei enquanto ele estava em vida ajudá-lo a concluir algumas palavras, mas eu já tive... Já falhei, então uma das coisas que eu não faço nos dias de hoje é tentar concluir o pensamento dele porque ele tinha uma forma de pensar muito independente, devias pensar que era isso, mas ele tinha sempre uma coisa a mais, então já tenho mais cuidado porque eu sabia que ele iria corrigir, “não é bem isso”. Pouca gente fazia isso, não sei se sabe, as pessoas dizem sim, sim, sim, ele dizia “uhn... Não é bem isso!” Então eu não posso ter essa ousadia de tentar concluir o que que ele pensava como o mestre, mas sei que tem comédia, as aspas é comédia com certeza e também vejo o respeito porque é um profissional

acima do normal, senão pela sabedoria da profissão, mas pelo respeito que as pessoas atribuem a essa pessoa.

**EU:** O Uanhenga Xitu era um “Mestre” das palavras, inclusive ele usava muito bem o bilinguismo entre o quimbundo e o português. E eu percebo nas obras dele um português que em determinados sentidos é um português mais formal e um português também do povo, que há uma diferença, né? Ele foi um “Mestre” nacionalista, um mestre na política. Que legados políticos práticos ele deixou para Angola? De fato, que legado você pode apontar que ele deixou para Angola como político?

**JURELMO:** Uma das coisas, uma das grandes coisas eu já falei, mas isso ficou claro, era a disponibilidade dele de fazer uma ligação entre as diferentes opiniões, entre as diferentes alas políticas. Muito cedo, eu reparei enquanto ele ainda era embaixador, havia uma grande separação entre... Forte, entre UNITA e MPLA, mas nas nossas festas de casa, nos nossos ambientes, não havia isso. As pessoas da UNITA iam lá para casa, eram convidadas, conversavam e enquanto estivessem lá eram os nossos convidados. Não sei se falavam de política ou não, mas eram tratados como qualquer outra pessoa dentro da festa, com muito respeito, bem recebidos, com muita satisfação. Eu sei que esse não era o comportamento em outros sítios, portanto em outras famílias e aliás, algumas pessoas que vinham em nossas festas ainda ficavam um mucadinho receosas. Então uma das coisas que ficou claro no processo da passagem dele política em Angola foi a disponibilidade para manter um diálogo saudável entre as diferentes alas políticas. Isso aí, tá claro! Outra coisa, que vais ver a falar com outras pessoas da família que isso é muito consistente, mas se calhar é por vivermos nesse meio, outra coisa é a luta, e ele já disse isso em outras palavras, em defesa dos desfavorecidos, portanto esse problema da exclusão na educação das crianças, a questão da saúde são questões que ele levou muito a pedir e deixou claro, portanto é uma das coisas que quem o acompanhou sabe que ele era muito forte nisso. Eu também sei que ele teve uma grande influência, ele e o deputado Mac Mahon na relação política e depois se desenvolveu para relação comercial entre Angola e o Reino Unido, nos anos noventa. Sei que ele teve um grande papel nisso aí, portanto assim de cabeça são essas coisas, mas ele fazia... Não tinha limites, ele não era limitado pela política do seu partido. Atravessava barreiras com alguma frequência e sem nenhum receio.

**EU:** Era um homem em trânsito, né?

**JURELMO:** É!

**EU:** E em relação ao processo dos 50, que importância ele atribuía a isso para a independência de Angola, o que ele falava, ele falava um pouco sobre o processo dos 50?

**JURELMO:** Bom, umas das coisas que hoje eu lembro, que acompanhei é que embora o processo dos 50 fosse... Tornou-se num ícone, uma marca, não eram só 50. Portanto a luta continuava por... A luta era de Angola, a luta era dos angolanos. Houve esse processo dos 50 que eu já li em vários sítios que também não são só cinquenta, era cinquenta, mas não era cinquenta, mas isso teve uma grande influência, mas não foi aí que começou, portanto isto está claro, começou não sei quando, mas... Eu por exemplo posso... foi o ponto, o ponto mais importante no processo, porque foi a partir daí que as pessoas disseram que não, “perai, que é uma situação maior do que nós, vamos fazer qualquer coisa sobre isso.”. Mas a luta não começou aí. Angola, e os colegas dele, todos vão valorizar muito isso, foi a partir daí que as pessoas, os outros angolanos que nem sequer estavam envolvidos em política decidiram que não, nós temos que estar mais unidos. Portanto acho que essa é a importância do processo dos 50 para Angola, mas havia, havia outros processos, havia outros movimentos, mas eu não sei, não sei se ele ia gostar de... Que ficasse, que ficasse o foco apenas no processo dos 50.

**EU:** O que ele pensava em relação a guerra civil que houve depois do processo de independência, isso era uma lamentação para ele, o que ele falava sobre isso? O que ele sentiu quando de fato houve a paz?

**JURELMO:** Eu não sei se eu vi ou se é coisa da minha cabeça, mas ele dizia que paz não houve, calaram-se as armas, ele dizia: “calaram-se as armas.” Mas a paz de fato com as crianças a viverem naquelas condições, para ele não era paz. Para ele não era paz. Eu já não vou conseguir dizer onde é que eu li, onde é que eu ouvi porque é muita coisa, mas eu sei que era esta forma dele pensar. As armas se calaram, mas tinham pessoas a morrer de fome, tinham pessoas sem educação, portanto estas pessoas não tinham paz, isso não é paz! Portanto não havia tiros, não morriam pessoas por via das armas, mas paz como tal, não.

**EU:** Então ele era um grande crítico da guerra civil?

**JURELMO:** Sim!

**EU:** E para a gente terminar, qual era o ideal de nação para ele? Ele chegou a falar como ele queria Angola? Ele chegou a traçar um ideal de nação para uma Angola livre, uma Angola independente, como ele pensou lá no começo para os seus filhos e seus netos?

**JURELMO:** Eu tenho certeza que sim, mas eu aí vou deixar para que os filhos digam mesmo qualquer coisa, principalmente os mais velhos. Vocês vão estar com o Míau, o Pacas vocês vão estar amanhã. Ele deu os seus filhos a luta, portanto nunca escondeu ninguém, ele nunca foi... Na maioria os pais protegem os seus filhos, os tios vão poder dizer um mucado. Nós estudamos fora já em um tempo pós-guerra, onde estava tudo bem e tivemos a opção de escolher entre ficar lá e voltar, ele sempre batalhando “não tens que voltar, tens que ser fiel a nação. Não façam isso, tem que servir a nação.” O Mário teve... O Mário cresceu quase todo tempo lá fora, esteve na Alemanha, esteve nos Estados Unidos, esteve na Inglaterra, e no fim ele estava a trabalhar em uma grande... Acho que era a Texaco. Ele era assistente do vice-presidente da Texaco nos anos noventa, mas o avô disse “volta para servir a nação”. Não fazia... Para mim até hoje isso não faz sentido, né, mas sei que ele fez uma grande confusão para que o Mário voltasse para servir a nação. Portanto, não sei que maior exemplo do que esse poderá existir? É que para ele nem era conversa, portanto a nação estava acima de tudo. Nossa tarefa, ele dizia: “Nós estamos aqui é para servir.” Portanto, não sei se respondi à questão, mas é isso que me vem à mente quando vejo essa pergunta.

**EU:** Muito Obrigada, Jurelmo Lopes!

### ENTREVITAS III

#### ENTREVISTA DO AMADEU AMORIM 3-9-2019, LUANDA. ARQUIVO PESSOAL

**Amadeu Amorim (AA):** Eu chamo Amadeu Amorim, nasci aqui em Luanda, portanto eu sou um Caluanda, sou ali da zona da Ingombota, e que que é Ingombota, Ingombota é uma parte da cidade baixa, depois da zona do... do... como é que se chama aquilo? Ahn... Largo da Ingombota... não... coqueiros?... Coqueiros! A zona dos coqueiros, portanto, fica logo a seguir a... a... a... a Fortaleza de São Miguel, portanto. Os portugueses quando chegaram ficaram naquela fortaleza, onde houve a batalha com aquele brasileiro que veio cá, como é que é nome dele? O Pedro Alvares... não... não... aquela escola que... era um vigiante, um guerreiro também brasileiro que veio lutar aqui para afastar os irlandeses.

**Washington Nascimento (WN):** É o Henrique Dias?

**AA:** Quem?

**WN:** Henrique Dias.

**AA:** Não.

**WN:** Não?

**AA:** Não. Pelo menos eu o conheço com outro nome.

**WN:** Não é aquele lá do...

**AA:** Salvador Correia.

**WN:** Ah! Sim. Sim, também, também...

**AA:** Portanto, eles ocuparam aquela zona e a cidade começa logo abaixo, que é a tal coisa que eu disse que é dá... dá... esqueço sempre o nome, falei agora, os Coqueiros.

**WN:** Sim.

**AA:** Porque o mar entrava um mucado mais pra dentro e havia muitos coqueiros por ali naquela zona e aquela zona ficou a chamar-se zona dos Coqueiros. Bom, mas com a evolução e com o aumento dos combatentes portugueses aquela zona ali era uma zona onde estava muitos escravos. Ali onde está o campo de futebol, não sei se você conhece? Que chama meia laranja, está o campo de futebol, era um quintal grande de vários compartimentos onde ficavam os escravos para depois saírem para o mar para serem vendidos. Então a cidade ficou por ali de início e depois os portugueses afastaram os angolanos que viviam naquela zona e os angolanos foram pra tal zona onde eu nasci que é a Ingombota. Que depois também saíram da Ingombota e foram afastados mais pra cima, mais pra cima até chegarem aqui, aí que se chama o Bairro Operário.

**WN:** Ah! A gente está no Bairro Operário?

**AA:** A gente está no Bairro Operário. No Bairro Operário que é na zona de São Paulo. São Paulo de Assunção de Luanda começa aqui praticamente. Mas esta zona aqui toda até lá no fundo é o Bairro Operário.

**WN:** Mas o senhor nasceu lá depois veio pra cá?...

**AA:** Sim, eu nasci lá na Ingombota, mas depois meu pai morreu e ficamos em dificuldades financeiras e fomos sendo empurrados cada vez mais pros musseques já porque a cidade baixa acabava mais ou menos na Ingombota. E assim de repente vocês não sabem o que que é o mercado do Kinaxixe.

**WN:** Eu sei onde é...

**AA:** Kinaxixe, ali acabava a cidade. Pra cima começava os musseques. Então nós fomos andando, andando, andando... até que chegamos aqui ao Bairro Operário. E minha mãe estava aqui e eu também e ela morre (?) aqui quando eu tinha mais ou menos uns 14, 15 anos, mas ficamos por aqui no Bairro Operário porque, porque a zona, os portugueses tinham um, tinham afastado aquela gente e acabaram por se manter aqui no Bairro operário. Ficaram aqui uma espécie de gueto onde estavam os intelectuais todos angolanos, os serralheiros, mecânicos, tinham um certo nível (?) ficaram aqui nesta zona. E foi aqui onde começou a luta pela independência praticamente mais evoluída já. Por que? Porque os intelectuais ficaram aqui nesta área misturaram-se com as pessoas que viviam por aqui e fomos ouvindo, fomos conversando, fomos sabendo, fomos aprendendo outras situações, de tal maneira que no Bairro Operário foi onde fizeram os primeiros panfletos e também onde nasceu o conjunto Ngola Ritmos. Eu sou co-fundador do Conjunto Ngola Ritmos. O Ngola Ritmos também fez bem este trabalho, né... cantava canções em quimbundo que era proibido. Proibido... não é bem proibido, mas como se dizia na época: parecia mal falar quimbundo. Ah esta é a língua de indígena e tal e quem quisesse ser funcionário porque... o emprego bom era ser funcionário, não devia falar quimbundo, nem falar com estas gentes dos musseques. Então, foi por aqui que as coisas começaram a crescer, se fizeram os primeiros panfletos e as primeiras prisões também vieram quase todas nesta época, 1950 em diante, até 1959, eu fui preso em 1959. Portanto este é o tal Amadeu Amorim que aqui está e que fez este percurso.

**WN:** O senhor estava falando que quando saiu lá dos Ingombotas para vir pra cá, os portugueses lá nos anos 40, os aluguéis aumentaram, o que que foi que houve? Como é que se deu esta expulsão? A cidade estava mais cara e as pessoas vieram pra cá ou foi...

**AA:** Não, foi depois que os portugueses ficaram nesta zona da cidade de Luanda, né e até começarem a subir pra tomar estas zonas todas, saiu de Luanda e foram pra cima, pra Funda, para Malange, Kwanza Norte, pra tomar aquelas zonas todas, aí começaram a encontrar resistência da aqueles povoados que estavam por ali foram resistindo, resistindo, resistindo a

ocupação. Depois que eles conseguiram ocupar a zona quimbundo entraram mais pra sul e foram pra zona Umbundo onde estão a zona sul já. E então foram por aí seguindo e com várias, com várias batalhas seguidas em todos os lados já que há diga, o historiador francês disse que não, que os angolanos lutaram até 1941 e que ele próprio não aceita que se diga que estiveram colonizados quinhentos anos, para ele não é verdade porque estes eram vencidos, aqueles levantavam porque isto ainda antes de ser Angola havia vários reinados como vocês sabem melhor quase do que eu, né e cada reino lutava, eles ganhavam aqui, mas aquele levantavam, quando eles atacavam estes, depois levantavam quando eles atacavam, depois levantavam... e dava nisso quase o tempo todo até 1942 quem diz que para, para em 1959 então surgiu o processo dos 50 com a sensação de luta pela independência que vai dar no 4 de Fevereiro logo a seguir e nos levantamentos que foram surgindo e pronto, deu-se a guerra, deu-se a luta armada, aconteceu a luta armada até 1975 foi já a independência. Antes disso em 1959 foram presos os políticos, as pessoas que estavam envolvidos nos movimentos de independência de Angola. Inicialmente estava o grupo MIA, onde eu pertencia que era o Movimento para a Independência de Angola, havia o ELA, onde estava o Mendes de Carvalho, não diretamente lá, mas nas cercanias, porque ele conhecia alguns velhotes, aquele era um grupo só de velhotes, pessoas já de muito idade, portanto não aceitavam lá os miúdos e como estava numa fase policial muito forte, não, nem sequer os miúdos podiam saber o que se quer se falava, onde é que estavam e onde é que reuniam. Portanto Mendes de Carvalho andava a volta deles, conversando com este com aquele, que era o feitio dele e foram presos eles em 59 e depois nós também em 59 por erros táticos, erros políticos, no meu caso o grupo que era o MIA, sabíamos que não podíamos andar com panfletos no bolso, mas um dos nossos amigos tinha um panfleto no bolso, o último que tinha saído. É pena está escuro se não ia dar aqui uma volta com vocês para mostrar as zonas onde foi, o bar que se abriu e ele foi agarrado aí porque esta zona toda tinha bares portugueses, não diziam: você não pode entrar, mas você sentava-se lá, pedia uma cerveja e ficava duas horas a espera, cansava e ia embora ou então se ficasse teimoso e ficava a espera da cerveja trazia uma cerveja quente, normal, né, essa cerveja não se bebe assim..., então, se você quiser aí, se não quiser vá se embora vá beber pro outro lado. Era uma forma de ir afastando e as pessoas conviviam muito nestas zonas aqui porque o bairro Operário era a coqueluche, onde estava toda a gente assim mais ou menos assimilada e preparada para isso, os outros bairros eram menos... é... com menos gente preparada. Então a vida passava-se aqui, nesta zona e as pessoas vinham conviver aqui depois iam dormir nos seus bairros. E foi assim que numa dessas zonas pra nossa prisão aqui nesta zona do Bairro Operário ao pé do Magestic que era um bar, pronto, abriu se lar um botecozinho, coisita pequeninita pra mostrar que nós também podíamos ter um bar e como se abriu aquele ali, o mundo todo caiu ali... os copos passavam de mão em mão para dar a lá trás e acabamos por chegar naquele dia da abertura logo por azar o... o nosso pombo correio que era Francisco Xavier Hernandes...

**WN:** O cubano.

**AA:** O cubano.

Foi, mas a casa estava cheia de informadores, nós tínhamos muitos informadores angolanos que a polícia chamava e dizia: amigo, você é contra a Mãe-Pátria? Eu não, pelo amor de Deus, eu sou funcionário e tal... É! Pode perder o emprego, então... Podia ajudar, você vai ali no Magestic e ver o que é que falam por ali, e tal... Se ele não dissesse nada, chamavam a parte, mandavam uma nota para a repartição dele e ele era chamado atenção ou até transferido ou posto... passavam para uma categoria abaixo. Então muita gente ficava atrapalhada e alguns iam dando informações, né.

Bom, neste dia chegou o cubano estava com o Higino Aires e falou em espanhol, toda gente se virou e olhou, quem é este? O Higino percebeu, o Higino Aires era um dos chefes do grupo, saiu com ele, foi pra casa dele buscar os documentos, entregou porque ele era marinheiro, deixou ficar no porto e encontravam-se no dia seguinte, mas a polícia soube, logo daquele

encontro e quando eles foram, quando ele foi buscar o cubano, a polícia estava lá já e prendeu todos. Higino trazia o... panfletos no bolso, pronto! Dali por diante, começaram as prisões. O Higino pensou em termos estratégicos: vou falar de duas pessoas, ficamos em três, deixamos a coisa aqui, mas não contou com a esperteza da polícia, a polícia sabia muito mais que aquilo. Torturou e meteu rasteiras, nem todos estavam preparados, não eram políticos, naturalmente eram revolucionários, patriotas, nacionalistas, mas não sabiam nada de política e muito menos de estratégia da GESTAP, então foram sendo apanhados um por um e fomos sendo todos nós presos, acabou aquele grupo. O ELA aonde estava mais ou menos ligado o Mendes de Carvalho, porque o Mendes de Carvalho estava ligado ao Espalha Brasa. O Mendes Carvalho vai ao norte, vai ao norte... vai ao Congo que era um suicídio. Vai ao Congo e a polícia vai atrás dele, naturalmente. Como é que este vai ao Congo, que que lá vai fazer no Congo? Ele fez alguns contatos, voltou e a polícia não o largou mais, atrás dele a todo lado onde ele fosse e descobriu o Espalha Brasa, que era um grupo de enfermeiros, embora não fosse um grupo absolutamente político, mas falavam de... iam ver futebol, coisa assim e falavam. Pronto! Aquela gente foi toda presa e os velhotes também porque integraram um documento pro ELA, tá ELA que aquela historiadora falou, entregaram o documento ao Mendes de Carvalho porque ele disse que tinha uma pessoa que podia levar ou o homem que levava a documentação pra fora, levava para o Congo e dali punha no correio, porque aqui não se podia. E assim que o Mendes de Carvalho conheceu o tal Lisboa. Cá um miúdo que veio para um enterro, um óbito ou passar férias, antes conseguiu obter... falou lá com ele e conseguiu meter lá no bolso do casaco, o miúdo foi embora, mas ele foi ao aeroporto despedir-se e no dia que eles... o menino estava para ir embora no dia seguinte, fizeram um jantar na casa de um dos rapazes do Bota fogo, do Espalha Brasa! E levaram duas pessoas, dois enfermeiros que não pertenciam ao grupo deles de contato de vivência política e tal. Não sei se foram eles que avisaram a polícia, um deles ou não, não sei, mas a verdade é que o Mendes de Carvalho vai ao aeroporto despedir-se do miúdo, a polícia está lá e vê que é o miúdo, agarraram-lhe, revistaram, pancada, não sei que... não sei que... o menino também nem sabia o que estava a ver... estava no forro do casaco, apanharam, dali seguiram-se as outras prisões.

O Bota Fogo, o Bota Fogo era outro grupo assim do tipo Espalha Brasa...

**WN:** Era um clube de futebol, né?

**AA:** Não bem!

**WN:** Mas fingia ser?!

**AA:** Fingia ser!

**WN:** Mas jogavam, alguma bolinha, jogavam? (risos)

**AA:** Alguma bolinha... (risos) e faziam muitas festas, bailes, porque era no baile onde eles contactavam este aquele, tal, tomava umas bebidas já sabiam que aquele era bom, aquele era contra, aquele era a favor e tal, e ficavam ali o Lopo Nascimento, tanto era o Lopo Nascimento, o homem daquela área, o Capicua, era um homem também do Bota Fogo, era um grupo que estava num grupo chamado o Bairro Indígena. Era uma zona de casas que fizeram para localizarem alguns funcionários ali. Estais a ver onde é o campo de futebol aqui...

**WN:** Sim, sim.

**AA:** É exatamente ali.

**NATHALIA SIQUEIRA (NS):** Mas o Bota Fogo era um grupo de enfermeiros?

**AA:** Não, não! Era mais, mais intelectualizados: Lopo Nascimento, Contreiras da Costa e todos aqueles rapazes dali, mas de, nada de enfermeiros nem nada. Os enfermeiros eram só estes daqui que são mais ou menos os homens do Mendes de Carvalho. O Mendes de Carvalho quando chega a Luanda já o Espalha Brasas estava formado, não tinha ainda o nome de Espalha Brasas, né e depois é que se transformou e criaram, acertaram em chamar de Espalha Brasas. De tal maneira que eles foram presos, mas depois a polícia viu que não havia politicamente nada para segurar assim bem, mas o Mendes de Carvalho era a pessoa que eles precisavam para

segurar e seguraram mesmo e o miúdo, né. Agora, estamos a falar do Bota fogo, o Bota Fogo eram estes jovens intelectuais, quase todos, que viviam naquela zona e criaram este grupo, faziam festa, faziam... organizavam torneio de futebol, mas os principais homens do Bota Fogo não jogavam futebol...

**WN:** É.

**AA:** Não... o Lopo não jogava futebol, mas, eles criavam condições para isso.

**WN:** Sim.

**AA:** No fundo era preciso fazer qualquer coisa para poder juntar as pessoas, porque se a polícia via um aglomerado de gente normalmente ou soubesse que na casa de fulano, beltrano, juntavam-se. Ela estava lá pra ver o que que era, né e como a policia não precisava dar explicação a ninguém, podia bater, matar, aquela era só prender. Então este era o Bota Fogo e aquele era o Espalha Brasa.

**WN:** Os grupos de Carnaval, se davam a esse, com essa mesma ideia ou não?

**AA:** Não, os grupos de carnaval eram gente dos musseques, daqui pra cima e estes dançavam carnaval. Nós íamos ver o carnaval, não dançávamos o carnaval porque parecia mal. O fulano de certo nível ele dançava o carnaval.

**WN:** O carnaval era coisa do musseque?

**AA:** Era coisa do musseque!

Vocês tinham lá um caso, ouvi dizer, não sei se é verdade, do Zeca Pagodinho tocava...

**WN:** (dúvida) Ah! Aquela história que dizia que...

**AA:** Aquela história que dizia que não tocava, era musica assim de ralé...

**WN:** Sim, sim.

**AA:** Como é que é o grupo? Como é que é aquela música, o ritmo dele? Pagode!

**WN:** Pagode, pagode!

**AA:** Pagode! Ele disse não era aceito e tal, depois e que as pessoas... Aqui também o carnaval... não, o carnaval era para as pessoas dos musseques tá e vê e passavam por aqui, aqui era a zona principal, estas danças que nós chamamos danças, vinham passear por aqui e cada um chamava uma dança para dançar, por exemplo aqui em frente a minha porta e dava-se um dinheirinho pra eles e iam de casas... e andavam por aí assim... Então era o carnaval.

**WN:** Mas, porque que o carnaval ficou tão assim se ele foi trazido pelos portugueses?

**AA:** Ahn?

**WN:** Por que que o carnaval ficou tão mal visto se ele foi trazido pelos portugueses?

**AA:** Não, os portugueses não achavam interessante isso. Para os portugueses importava é que nós fossemos cantar fado, dançar as canções daquilo, a música deles, era preciso afastar todo o resto, né. Por isso é que aparece o Ngola Ritmos para manter esta cultura, manter as nossas canções, deixavam a passar o carnaval, deixavam, mas estavam a ver quem é que estava ali no carnal. Por isso fica só a ver. Ninguém se metia a dançar. Depois que ganhou já um mucado maior, mais estatuto e (?) política é que se criou a zona carnavalesca para nós também. Eu fui dançar o carnaval já mais tarde, em plena marginal já, mas era mais uma atitude política do que propriamente dança.

**WN:** Por que de qualquer maneira o carnaval era uma afirmação talvez das pessoas dos musseques?

**AA:** Sim!

**WN:** Uma forma de...

**AA:** Sempre foi e vai continuar a ser, simplesmente pena que agora etilizaram o carnaval e passa na baixa, só. Ali na marginal...

**WN:** Sim.

**AA:** Mas já nem tem bateria, gravam as canções e passa as pessoas a dançar, mas o alto falante tá ali, e é bonito, mas no Brasil eles tocam e dançam ali com bateria. Hoje nós tiramos a bateria,

aí uma luta para repor isso, porque carnaval sem bateria não presta. Perde, perde o interesse. Mas pronto.

**WN:** Mas há algum recuo, elas andam e vão para um lugar separado para tocar enquanto o restante passa.

**AA:** Mas quando passam pela baixa, agora passam pela marginal, as pessoas não ouvem, por que? Porque é uma pessoa, é o puxador de samba, lá, né?

**WN:** Sim.

**AA:** Que não tem microfone, canta e o povo responde, mas a voz dele não chegava as bancadas, então utilizaram um microfone, mas o microfone o fio não dava para todo o percurso. Gravaram as canções e a dança entrava e tocava pelo radiofalante e a dança passava pela marginal, as pessoas ouviam o batuque, mas estava gravado e os outros estavam lá só para fingir. Perdeu o interesse, perdeu a graça, né. O carnaval pra mim é isso. Mas então o carnaval servia para manter também a nós que estávamos contra, com outras ideias, a necessidade de que se mantivesse a nossa cultura desde que o português permitisse o máximo possível. O carnaval ficava aqui, não ia para a baixa, a polícia não, dizia que não, mas para onde vocês vão, não... deve ser aqui nesta zona... os carros alegóricos, os carro que atiravam confetes, atiravam fubá, atiravam arroz, não sei o que... isso sim passava pela baixa, para brincar o carnaval, mas era um carnaval aporuguesado.

**WN:** Sim.

**AA:** Não era esse carnaval nosso de dança que acabou ficar no Brasil um carnaval lindérrimo que eu tenho dito a muita gente. Ninguém morre sem ir ao carnaval, opa! Não pode! E o carnaval ficou nesta zona assim.

**WN:** Que era um carnaval que dançava a maputa, a massemba...

**AA:** Tudo isso. Não, a massemba não!

**WN:** Massemba não?

**AA:** Massemba não!

Porque é uma discussão que apareceu por aí, porque apareceram uns jovens que agora já sabem tudo.

**WN:** Sim.

**AA:** E então em relação a mim não é bem assim. Porque não há massemba, há rebita.

**WN:** Unh!

**AA:** A rebita é que é a dança de elite daquela altura.

**WN:** Sim.

**AA:** Que as senhoras vinham cheias de brincos, ouro, a melhor roupa que tivessem. Os cavalheiros tinham todos de smookin, fato, para dançar a rebita. Rebita. O governador vinha a assistir, a rebita era algo chique, bonito. N rebita tem o passe que se chama umbigada. E eles dão uma volta, a senhora da uma volta, ele vira e tal, aí chega o cavalheiro mais perto, era em francês... Porque me parece que esta ainda é uma dança francesa que eu não... lembro-me o nome.

**WN:** Sim

**AA:** Mas lá o comandante daqui da rebita, ele que dava as ordens e chamavam: cavalheiros pra esquerda, damas pra direita, cavaleiros deem a volta, faz e acontece... vira, ele vira a dama e depois (barulho de estalo indicando o corpos se juntando no repente), isso chama semba. Massemba é plural de semba. Que depois esta moda mais nova, pensa que sabe... quer dizer que a massemba e a rebita... e eu pergunto o que é massemba, como que... o que é massemba? Não existe! Existe a rebita e a massemba é o plural de semba, porque a umbigada. Rodar e virar e (várias palmas indicando o encontro do cavalheiro e da dama em sequência) Massemba, várias vezes faz a semba. Bom, mas isso é uma discussão que teremos que fazer aqui depois porque os mais jovens não querem ouvir os mais velhos, já fizemos aí uma conversazinha... Não, não, não, não... não concordo, tudo bem. Não concorda tudo bem.



**NS:** E o carnaval aqui é em qual época do ano?

**AA:** Fevereiro. É fevereiro. Depois fizemos o carnaval da vitória. Agostinho Neto quando ganha a luta, quando ganha a independência, no dia em março, que foi a última batalha praticamente, ele instituiu o carnaval da vitória. Então o carnaval da vitória foi em março, naquele dia que foi o carnaval da vitória. Era mais pra chamar a atenção, chamar a angolanidade, a noção de pátria e de tudo. Mas o carnaval da vitória, mas agora voltou a fevereiro, acho que é fevereiro, fevereiro e março, uma coisa assim, bem próxima. Por aí, né

**WN:** Sim.

**AA:** É a gente segue sempre mais ou menos o brasil, porque o Brasil ele é a estampa daqui, não é... O samba por exemplo era a canção que se dançava aqui, ninguém dançava vira ou... era tango, samba, swing, aquele norte americano, aquela música, como é... do Fred Aster e não sei quem... barabai pipipi... pirirababambam bambampam... Isto é o swing, chamando aqui swing e que se dançava muito. Outra canção era, o som, o som cubano que não é rumba, som, som mesmo cubano. Dançava-se aqui muito, sobretudo aqui nesta zona, a sexta feira a partir de cinco seis da tarde, a música estava alta, todo mundo vinha dançar, mas dançando rumba, não, som, rumba, conga e samba. E as vezes tango, tango era mais dançado aqui nesta zona porque era mais de elite, saber dançar um tango... No musseque também se dançava, mas não era a música que eles chamavam, música para eles era samba e sobretudo o som cubano. Então faziam-se estas brincadeiras todas por aqui, nesta zona, sobretudo no bairro Operário pra cima.

**WN:** O senhor conheceu o Mendes de Carvalho quando? Qual foi a primeira vez?

**AA:** Depois. Mendes de Carvalho, como é que acontece, é, quando o Mendes de Carvalho... Bom, eu conheci o Mendes de Carvalho mal, não éramos da mesma região, não éramos da mesma, da mesma... situação social, mas conhecia porque ele era um furão, né, ele estava em todas. Conhecia toda a gente e furava, via tudo para estar presente. Este era o grande Mendes de Carvalho. E até servia algumas vezes de recado, porque estes bairros dos musseques tinham polícia angolana que eram os cipaios, trabalhavam nestas zonas administrativas e faziam este trabalho sujo: de prender as pessoas, de cortar o cabelo e tal, mas as vezes era preciso mandar um recado para lá e eu mestiço passava, porque ninguém ia pensar que aquele está metido nisso, era mestiço, né, estava em uma parte separada, eu era um assimilado e todos os outros negros assimilados eram quase que proibidos de falar ou de sentar com aqueles, mas ele lá e eu cá, pois se fosse visto a comer ou beber ou ir lá não sei que, o patrão podia saber, afinal de contas no musseque... estragava tudo, mas eu podia passar, então muitas vezes levei alguns recados. E aí conheci por sorte, por alto mais ou menos o Mendes de Carvalho, mas principalmente foi quando ele foi preso e eu também, e eu também. Encontramos no fim dos interrogatórios, a polícia juntou-nos em uma área só, numa cela grande comprida, todos os presos ficaram ali, retidos porque já tinham decidido o lugar, já tinham os processos feitos, pra depois serem transferidos para outra prisão. Então foi aí que eu conheci o Mendes de Carvalho. Nesta aí, já aqui na polícia, mesmo, foi aí que eu conheci o Mendes de Carvalho melhor, convivemos e falamos muitas vezes sobre os futuros das nossas luta, o que que te parece, vamos fazer isso, Angola como é que vai ser e tal, Angola vai ser melhor da África inteira, isso aquilo... Aquelas conversas de fulano que não tem mais o que fazer e ficava ali a falar horas e horas e este, o cubano também estava lá, também foi preso e foi levado para lá e depois mataram-no, levaram-no para a zona de Cabinda, disseram que ele ia embora, disseram que depois foi morto, mas eu não vi, não soube e foi aí que eu o conheci bem e melhor, o Mendes de Carvalho, depois fomos transferidos para outra zona que era pra casa de reclusão, todos fomos para ali, também convivi ali com Mendes de Carvalho, mas nós estávamos fechados, né. Aqui era uma zona, uma prisão onde estavam misturados com delito comum, mas a polícia evitava que a gente falasse com eles, estávamos fechados numa cela saímos para almoçar e para jantar e ir pra cela, para evitar contato com os outros presos, podíamos transmitir situações que não queriam e realmente faziam bem porque nas vezes que a gente contactou o pouco, muito saiam de lá politicamente

formados e com vontade de fazer, alguns até fizeram, criaram situações, distribuíram panfletos, vinham trazer recados, olha nós fizemos isso, queremos isso, fizemos ali... Mas era bom. E foi assim que a gente conviveu aqui na casa de Reclusão. Da casa de reclusão fomos para, fomos escolhidos para, para, para... Cabo-Verde, para a prisão do Tarrafal, onde estivemos então mais anos ali a conviver juntos e praticamente ali não fazíamos nada, ali era, era prisão, era prisão da morte lenta, era para nós irmos acabando ali aos mucados, não havia médico, não havia medicamento, alimentação era sempre a mesma, é não sei se vocês lá conhecem o feijão macundo?

**WN:** Sim, eu conheço.

**AA:** É um feijãozinho pequeno, muito aqui no Sul, mas vocês têm, não?

**WN:** Depende da região. Lá na Bahia a gente vai chamar este feijão de andum.

**AA:** Andu...

**WN:** Andum!

**AA:** Andum. Eu já ouvi falar numa música do, ouvi falar uma música do, aí, como é que é? Do chapéu grande?

**WN:** Luís Gonzaga?

**WN:** Luís Gonzaga. Tá cheio de feijão e de andu, ainda tinha cinco pobre lá no fundo do baú... (cantarola) Esse é dos velhos tempos, aqui só se dançava, só se falava música brasileira porque ir ao Brasil era um sonho, ir ao Brasil era um sonho, todo mundo ih! Eu não vou morrer sem ir ao Brasil. Porque a identidade era muito próxima, a canção, a maneira de falar, a linguagem tudo isso era muito próximo. E então era um sonho, era um... uma vontade terrível de amanhã conhecer o Brasil. Do jeito que se viesse um brasileiro para cá todo mundo estava ih! Vem almoçar na minha casa, vem para aqui, para ali, o brasileiro, coitado, girava por todo lado, por e todo mundo queria falar com o brasileiro e imitávamos a maneira de falar do brasileiro. Não sei se vocês viram que aqui os miúdos e os jovens falam mais parecido com o brasileiro do que comigo, eu falo português diferente, mas é falam em cantando, quase a cantar a imitar os brasileiros. (risos). Enfim...

**WN:** O senhor tinha falado que tinha uma condição diferente do Mendes de Carvalho, como assim, já era um pouco mais rico?...

**AA:** Ele tinha vindo de Catete, não era uma pessoa da cidade, de Luanda, era uma pessoa de Catete. Vivia uma vida diferente, né. Nós não nos conhecíamos e ele veio para aqui como enfermeiro, ficou num hospital, mas vivia fora da cidade. Quando ele tinha sido transferido não tinha ainda possibilidade de viver na cidade, de arranjar uma casa, só depois de estar enquadrado é que passou para outra zona, de maneira que nós tínhamos socialmente situação diferentes, cumprimentava olá, como está e tal, mas não havia grande ligação, não havia grande ligação. Mais tarde sim, os homens quase todos do Espalha Brasas, depois viramos amigos e por pertencer também ao processo dos 50. É e foi assim que a gente se conheceu e conviveu com o Mendes de Carvalho.

**NS:** Vocês conseguiam se articular lá dentro do Tarrafal, politicamente? Chegavam informações sobre a luta lá dentro ou vocês não sabiam de nada?

**AA:** Não, nem pensar. Aquela era uma prisão... maior. Não se podia ler, não se podia escrever, não se podia cantar, não podia assobiar, nem tinha luz. A noite ascendia uma lâmpada lá em cima em um teto muito alto, só para ver onde é que é a cama e ficar... não, a luz era uma coisa muito pequenina. Então a gente vivia ali dentro só, andar de um lado para o outro, senta na cama, ali, arranjavamos jogos pra nós e tal, um papelãozinho fazíamos umas coisas e tal com o dado, pois se encontrou para jogar ali, por que tirou cinco vai para ali, tirou sete vai para ali, arranjam uma forma qualquer de viver, viver. A ideia era perturbar o máximo possível a mentalidade, o estado psíquico do preso. O preso saía para fazer xixi ou qualquer outra necessidade tinha um barril, mas depois, que ninguém podia ficar a noite toda com aquele cheiro, ninguém utilizava o barril e de manhã tirávamos o barril de xixi para fora, mas só podiam

fazer os jovens, os velhotes não podiam trepar para cima daquele barril, como é que iriam chegar lá em cima? Não tínhamos cadeiras, não tínhamos nada, então pois tiraram o barril e mundo todo arranjou hemorroidas, é, eu também tive. Todo mundo trava noite e dia então para esperar de manhã, para se aliviar quando abrisse a porta para ir para o pequeno almoço, que aqui se chama mata bicho, para ir para o mata bicho, dava um pulinho a correr lá no fundo onde estava duas latrinas, dois buracos que tinha no chão, sentávamos ali e íamos ali... chegava lá já não tinha mais vontade. Estava seco tudo e aqueles que forçavam, acabavam por rasgar o ânus e criar hemorroidas. Quase toda gente tinha hemorroidas, eu também tive, acabamos tendo que ir para o hospital, mas depois fiquei com medo de ser operado por que diziam que matavam o preso, que era angolano e que veio para cá e tal e que era terrorista, podiam matar. Mas eu fui, eu fui, era miúdo e tal, fui. Por sorte encontrei um caboverdiano que tinha recebido uma bolsa, foi estudar e voltou para pagar a bolsa e tinha que trabalhar para os caboverdianos ou para Cabo-Verde, dois ou três anos ou quatro anos e só depois ele ficava livre. E foi ele que me operou. Eu passei a palavra lá para dentro e todo mundo já queria ir falar com o caboverdiano, mas por favor.

**NS:** E em quanto tempo o Senhor ficou preso?

**AA:** Olha, eu fui preso em 1959, junho e sai cerca de dez anos depois. Andei de prisão em prisão, daqui para ali, depois fiquei... sai, sai do Tarrafal fui para Lisboa, eles não me mandaram para Luanda, mandaram para Lisboa e eu fiquei com prisão domiciliar em Lisboa durante um tempozinho, já que vinha embora, mas tive só pra vir embora mais rápido aconteceu uma situação inesperada, nós não tínhamos onde viver, onde morar, onde dormir e dormimos mesmo no banco do jardim. Havia lá uma zona onde os pobres iam com a sua gamelazinha para servir uma sopa, nós também íamos tomávamos umas sopas e íamos embora. Apareceu um rapaz que vivia lá, era marujo e que foi ter conosco avisando, olha cuidado está aí dos polícias atrás e tal escondidos, mas estão aí a ver. Eu, tá não me interessa, não me interessa... Eu fico aqui mesmo com vocês. Os estudantes é que souberam que eu estava lá e quiseram me levar para a casa deles, a casa dos Estudantes do Império, de Angola, onde estavam os estudantes todos angolanos, do Moçambique, da Guiné, São Tomé... Estavam todos nesta casa e chamavam a casa dos estudantes do império português, para eu ir lá, mas quando chego a porta, estava aquele mundo todo de estudantes cá fora e queriam que eu fizesse uma palestra para falar aos jovens. E nosso Amadeu está aqui e temos que seguir o exemplo dele... Epá! A polícia vai prender esta gente toda (risos). Desci então e dei a volta, nem entrei sequer na casa dos estudantes do império. Claro que a polícia soube e achou preferível, eu sair dali (risos) e vim para aqui também preso, tinha que me apresentar toda a semana a polícia e como condição não podia sair de casa, ir para os musseques ou ir para aqui, para ali, não podia. (?) por quinze dias, depois a polícia cansou de mim, até por que já estava a luta muito mais avançada e com isso aí, fiquei fora. Mas no Tarrafal tinha essas situações todas, né, a gente vivia ali sobre pressão, a comer este feijão macumbu, comemos três anos seguidos almoço e jantar a mesma coisa, eles tinham uma barrica de salmoura. Vocês também chamam salmoura né?

**NS:** Sim.

**AA:** Salmoura, então cortava assim, as postas de porco com pelos e tudo, metia ali na salmoura e ficava ali e nós tínhamos que comer aquilo com bicho e tudo, quem quisesse afastava assim na borda do prato, tinha ali os bichos tirava e come se quiser, se não quiser morre. O Helder Neto, o mingas, o pai do Mingas, não comiam, mas duraram o que, uma semana? Depois tiveram que comer se não morriam de fome. Então faziam ficar assim. Depois levaram umas latas de sardinha comemos aí uns seis meses, oito meses, sardinha, almoço e jantar. Já não podia nem com o cheiro da sardinha, então andavam aos refeitórios de narizes tapados, como se quiser se não quiser morre, íamos pois para o posto médico, não tinha nada, só tinha a tintura do benjoim, então aquela era a vida, pois a polícia resolveu que a gente fosse apanhar as pedras do chão que era uma zona vulcânica, então catávamos as pedras do chão para apanhar e jogar no

muro... tira daqui põe ali, tira dali põe aqui... arrebentávamos os dedos todos tínhamos feridas, a poeira que a gente apanhava e tal, mas era próprio para ir acabando com aquilo, aqueles presos portugueses que foram para lá, do partido comunista, acabaram assim, com a poeira, arranjavam tuberculose, alimentação deficiente e acabavam morrendo por ali e nós também, íamos para aquela situação. Mas alguns safaram, o velhote Bengé não. O velhote Bengé que era chefe do ELA tinha problemas estomacais, mandaram para Portugal, quando chegou lá no Hospital estava o povo inteiro na porta a espera dos chefes dos terrorista e em vez de operarem o estomago, operaram-lhe a cabeça e o velhote ficou por ali, morreu ali também, mas é, era assim que a polícia fazia e acredito que os outros povos também faziam assim, os hitlerianos também faziam assim, era preciso acabar com eles, acabar com (?). E acredito que amanhã se houver uma guerra com outro país, o preso que apanharem também vai passar mal, né. Prisão não é para receber (?) nem bolos.

**NS:** E quando é que o senhor reestabeleceu contato com o Mendes de Carvalho, depois da soltura?

**AA:** Não, depois viemos para cá, quando Mendes de Carvalho chegou ele foi para o DOM que era o Departamento de organização municipal? Organização qualquer coisa, era DOM. Ele foi para esta área aqui e eu também fui mais dois ou três nossos do grupo fomos ajudar, mas pronto! Estávamos mais na zona musseque do que propriamente lá na sede e o Mendes de Carvalho é quem estava a chefiar aquilo, íamos passando instruções para criar grupos de ação no musseque, arranjar amizades, criar grupos de ação, eu criei uns três aí na zona e ia lá fazer minhas conversas, minhas palestras, dizer para eles que era preciso lutar que era preciso fazer isso, fazer aquilo, emboscadas, entrar nos bares e deixar as torneiras abertas, por exemplo, aquele grupo fazia isso. E deixavam os panfletos também. Eu sabia dos panfletos e onde é que estavam a fazer eu é que os deixava, levava para lá para eles também deixarem e também ganharem consciência, esse era o grande trabalho. Então Mendes de Carvalho estava quase sempre comigo e íamos conversando e falando, mas ele chefiava o DOM e só dava instruções, só dizia, vamos fazer isso, vamos... precisamos ir para aqui para fazermos isso, aquilo... E nós militantes corremos para fazer o máximo possível de trabalhos para que conseguíssemos a independência de Angola que não tinha chegado. E foi assim que eu conheci mais de perto o Mendes de Carvalho. Mas não tinha assim uma ligação, uma presença com ele normal, não, não tínhamos. Íamos lá no DOM, mas não frequentava a casa dele, por exemplo, de início, mas mais tarde sim, mais tarde, comecei a frequentar a casa dele ele a minha, eu não morava aqui, eu morava no Avalar e começamos a nos encontrar e conversar mais de perto e de ver outras situações. Mas Mendes de Carvalho estava muito ligado ao Agostinho Neto porque eram da missão protestante e aqueles homens do grupo ELA, eram quase todos da igreja, quase todos protestantes e através do protestantismo Mendes de Carvalho entrou, porque ele era um furão de primeira categoria (risos) furou e chegou ao Agostinho Neto. Estava próximo ao Agostinho Neto e influenciou inclusive o Agostinho Neto para a tomada de algumas posições Mendes de Carvalho. Fomos falando, fomos falando, fomos falando... fomos conversando e foi por aí que eu fui para a direção do comércio. O Agostinho Neto mandou me chamar e disse para ir para ali, para o ministério do comércio... se eu nunca dirigi uma loja se quer... era proibido, nós não podíamos fazer nada, nem ser coveiro, os coveiros eram portugueses, portanto nós não tínhamos noção nenhuma do que possa a ser comércio. Bem ele, vai para lá. Fui, como é que eu, eu nunca fui comerciante, nunca trabalhei numa loja e tal... eu também sou médico e estou aqui, vai lá aprende. Temos que salvar Angola, temos que continuar, quem é que vamos mandar, não temos ninguém, porque os portugueses todos tinham ido embora, mas com razão né, tinham que fugir daqui. Muita gente acabava por ver neles o inimigo e batiam, eles acabaram por ir embora. A tropa portuguesa depois disse que ia embora então, todo mundo abandonou casas e não sei o que e foram embora e ficou por lá. Mas foi possível fazer esse trabalho e então esta ligação com Mendes de Carvalho praticamente resumiu-se assim. Só mais tarde já depois da independência,

pronto, nós que já nos conhecíamos melhor, convivíamos mais, festa, bailes, clube isso tudo, estávamos juntos, quase sempre e aí conheci muito melhor o Mendes de Carvalho, mas o Mendes de Carvalho era aquele homem: resoluto, estava sempre a procura de uma situação. Ele não se importava, ia lá a porta cumprimentar e tal, eu sou fulano, eee... Conversa. Ele furava, o Mingas ficou padrinho dele (risos) porque ele foi lá a porta dele falar e dizer que era assim, que era assado, que era preciso e... este tipo de homem assim, furão, estava em todos os lados, todos os lados.

**NS:** Qual era a diferença de fato do ELA para o Espalha Brasas?

**AA:** Sim! O ELA era o movimento para a independência de Angola. O ELA: exército de libertação de Angola. Mas era só de pessoas idosas, todos só mais velhos, não tinha lá garotos nenhum.

**WN:** Quem eram essas pessoas?

**AA:** Anh?

**WN:** Quem eram essas pessoas?

**AA:** Pedro Benge, o Mingas, o velhote Mingas, que era o pai do Mingas, você viu ali o Desidério da Costa o Engenheiro Desidério, o pai dele, eram todas pessoas de 60, 70, 80 anos e não queriam por lá um jovem, porque eles nem se quer aceitavam.

**NS:** Mas não necessariamente eram enfermeiros, né?

**AA:** Não! Não! Nem havia lá algum enfermeiro, não. Que eu me lembre não, não havia lá enfermeiros, não. O Espalha Brasas sim, o Espalha Brasas era um grupo de jovens, enfermeiros, se encontravam, começaram por se encontrar para falar de futebol, futebol português, sobretudo, nós ainda não tínhamos aqui clubes de futebol e o Sporting jogava, o Benfica jogava, então... vamos a casa do António, casa do Pedro, a casa do Joaquim ouvir futebol e aproveitavam ali, conversavam. E tomavam umas cervejas e a língua soltava-se mais e foram também conhecendo entre eles quem é que era bom, quem é que achava que sim, que tinha alguma opinião sobre... sobre... sobre a independência de Angola e os Espalha Brasa ficou ali. Quando o Mendes de Carvalho chegou de Benguela, transferido para Luanda entrou para o Espalha Brasas... Entrou para o Espalha Brasas, mas ele praticamente montou aquilo, porque deu uma estatura política e acho que o nome passou a... o primeiro nome já nem me lembro, como é que era?... Uhn... Ele é que montou praticamente o Espalha Brasa.

**WN:** Tinha um nome antes?

**AA:** Tinha, tinha. Eu... Tinha um nomezinho qualquer, um... agora não me vem, e que depois passou para Espalha Brasas. Mas eram estes moços que ficavam ali e também não podiam sair a rua e dizer: aí... que eu sou isso, que eu sou aquilo. Nem pensar! Juntavam-se na casa deste ou daquele e conversavam, mas não tinham uma atividade política direta, né como o ELA, o ELA era um movimento para a Independência, o MIA era outro movimento para a independência, então tinham objetivos concreto. Mas era um grupo de jovens que eram pró independência e como este Espalha Brasas havia outros como é o caso de este que a gente falou o Bota Fogo então, então... era assim, não eram um grupo idealizado, formado, constituído para, não, eram simpatizantes, achavam que, sim senhora, apoiamos... era preciso fazer, mas não aquilo, estes homens do... desse grupo do Lopo...

**WN:** Bota Fogo.

**AA:** O Bota Fogo, dois deles, o Capicua e o outro, o... Contreiras da Costa, depois filiaram-se ao MLNA, que era um grupo de portugueses, mas era também um movimento, era o Movimento pra a Independência Nacional de Angola. E eles foram para lá, os dois, ficaram lá que eram todos portugueses, todos brancos, mas pertencentes ao grupo, ao grupo... ao Partido Comunista Português. O chefe deste grupo era também um português o Engenheiro Calazans. Que ainda esteve preso conosco também, e lhe davam, né, mas naquela altura todos tinham idade e ninguém sabia de ninguém, ninguém ia lá falar com eles, só alguns velhotes, o caso do Ilídio Machado que era o chefe do MIA, estes é que tinham uns contatos com aqueles senhores do

ELA e com o MLNA, então mais com fulano de tal, não ia lá as reuniões, com fulano, que eles conheciam, sendo funcionários dos correios os dois, o velhote Figueiredo, que eram funcionários daquilo, então encontravam, conversavam e acabavam por descobrir que este estava no MIA e aquele estava no ELA. E o Calazans Duarte também era através do... o Capicua que foram sabendo que quem estava a frente era o Calazans Duarte. O Ngola Ritmos também ia para as reuniões escondidas, tocar e tal para dispersar a polícia. A polícia pensava que era uma festazinha, mas não, depois daquilo tudo, por baixo do pano tínhamos lá em um quarto, estavam a li a começar, porque era tudo clandestino, era tudo com segredo, era tudo escondido. E era assim que a vida se fazia naquele tempo.

**WN:** O Mendes de Carvalho então participava do ELA e do Espalha Brasas?

**AA:** O Mendes de Carvalho era o homem que estava próximo do ELA. Que não sei se ele acabou depois por entrar pro ELA. Penso que sim, que o Espalha Brasas depois foi chamado para o ELA, para ser uma continuação do ELA, mas não faziam parte d reunião dos mais velhos. Não, isso não. Estavam lá, juraram sim senhor que também eram pró independência, mas os velhos não aceitavam ligações, não conheciam aqueles mais novos, né... e nós ficamos aqui, achando que esses miúdos são bons e assim Mendes Carvalho recebe o documento para ser datilografado, foi datilografado e entregaram ao homem aqui, porque havia o homem que fazia a distribuição, levava e que disse entregue-me a mim, Mas o Mendes de Carvalho entregou ao miúdo, que esteve aqui, para levar. E foram, acabou por serem presos todos eles.

**WN:** O, eu esqueci o nome dele agora, ele escreveu um livro, chamado o MPLA perante si próprio. Ele tem um nome meu árabe, eu esqueci, ele foi filho adotado também, não sei se do Lúcio Lara... Não lembro agora, mas ele...

**AA:** Alguma coisa de Menezes?

**WN:** Oi?

**AA:** Menezes?

**WN:** Não! Esqueci agora o nome dele, mas ele fala, ele coloca o Mendes de Carvalho como um dos fundadores do ELA Então você acha que...?

**AA:** Não! Nem pensar, nem pensar.

**WN:** Que tinha uma mais velho de primeira...

**AA:** (?) destes mais novos que não viveram e começam a criar suposições que vira verdade. Não! Os fundadores do ELA eram António Pedro Benge, Pascoal de Carvalho, que é o pai do Desidério, o... aquele embaixador dos Estados Unidos (?) falou, aquele baixinho?

**WN:** Ismael...

**AA:** Ismael Melo, o pai dele, o pai dele... estes daí que são os fundadores do ELA. Não é Mendes de Carvalho. Nem pensar. Mendes de Carvalho nem podia lá entrar, garoto.

**WN:** Por que ele era jovem ainda?

**AA:** Era jovem...

**WN:** Aí depois que o Espalha Brasas foi incorporado? incorporado assim: foi chamado...

**AA:** Foi chamado sim, para aquilo (?) Noé, sabia inglês, a... como é que ela se chama? Aquela guerrilheira que foi morta também...

**WN:** A Deolinda?

**AA:** A Deolinda sabia. traduziam as vezes algumas cartas, alguns documentos, mas pertencer ao ELA, assistir as reuniões com os mais velhos. Eles sabiam que aquilo, questão de segurança, são simpáticos, não sei o que, mas não faziam parte do ELA, nem Mendes de Carvalho, nem pensar, Mendes de Carvalho não podia entrar ali como membro do ELA, não! Ali era só velhote só velhote de setenta, oitenta para cima. O Mendes de Carvalho, não!

**WN:** Agora, gostaria que você falasse como é que é ser enfermeiro neste período? Que é um período também... Você não tem médico, né, quer dizer, você tem médico, óbvio, mas médico era difícil. E ele foi enfermeiro, então assim, o enfermeiro é quase um médico? Qual é o papel do enfermeiro, porque que ser enfermeiro ajudou a ele a articular isso?

**AA:** Bom, o enfermeiro, o enfermeiro era o médico das populações do interior. Não havia médicos, os portugueses tinham o médico que ia lá, mas ia de quinze em quinze dias, de trinta em trinta dias, mas quem estava lá no local era o enfermeiro. Ainda hoje! Ainda hoje. Se você for para as zonas longínquas tá lá o enfermeiro, o enfermeiro é o médico daqui, dá consultas também. Porque não há médicos ainda, agora não há médicos. A gente tá a arranjar médicos a martelo, juizes a martelo porque não tem juizes, lá no fundo. Antigamente quem fazia o juiz era o soba, era o chefe tribal que fazia o juiz. Então hoje já vão para o tribunal, mas vão para o tribunal (?) do juiz, o juiz está a serem formados agora a correr. E então o enfermeiro era a pessoa que vivia ali no povo e fazia as consultas, fazia os curativos... quem tem dor de barriga quem é que vai é o enfermeiro. Isso ainda hoje, a minha empregada não vai ao médico, vai ao enfermeiro. No interior, não vai ao enfermeiro, vai ao quimbandeiro. Vai ao quimbandeiro porque ele sabe. Só quando as coisas estão muito mal é que ele passa para o médico.

**WN:** O Uanhenga Xitu, o Mendes de Carvalho tinha um posto...

**AA:** Sim!

**WN:** Tinha um posto, não lembro agora em que região era.

**AA:** Também não sei. Não me lembro onde era, mas sei que ele tinha um posto médico e nem sei se só tinha um. Ele, furão como era tinha, era capaz de arranjar...

**WN:** (?) tirar foto, disse que tinha se consultado no posto dele:

**NS:** Sim.

**WN:** Não lembro!

**NS:** Não lembra a região, não?

**WN:** Luanda, a região era Luanda.

**AA:** É capaz! Ele aqui tinha, ele arranjava nos musseques, não sei o que, na zona dele, seguramente, ele devia ter lá um posto médico, Catete, lá para dar consultas para ajudar e tal. Mendes Carvalho era homem para isso, cinco horas da manhã, ele já estava ao telefone: fulano vamos fazer isso, vamos fazer aquilo. Por tanto era muito provável que ele tivesse lá um posto médico que ele ia ajudar.

**WN:** Então assim, o fato dele ter sido enfermeiro pode ter ajudado ele a articular também e andar ao país também?

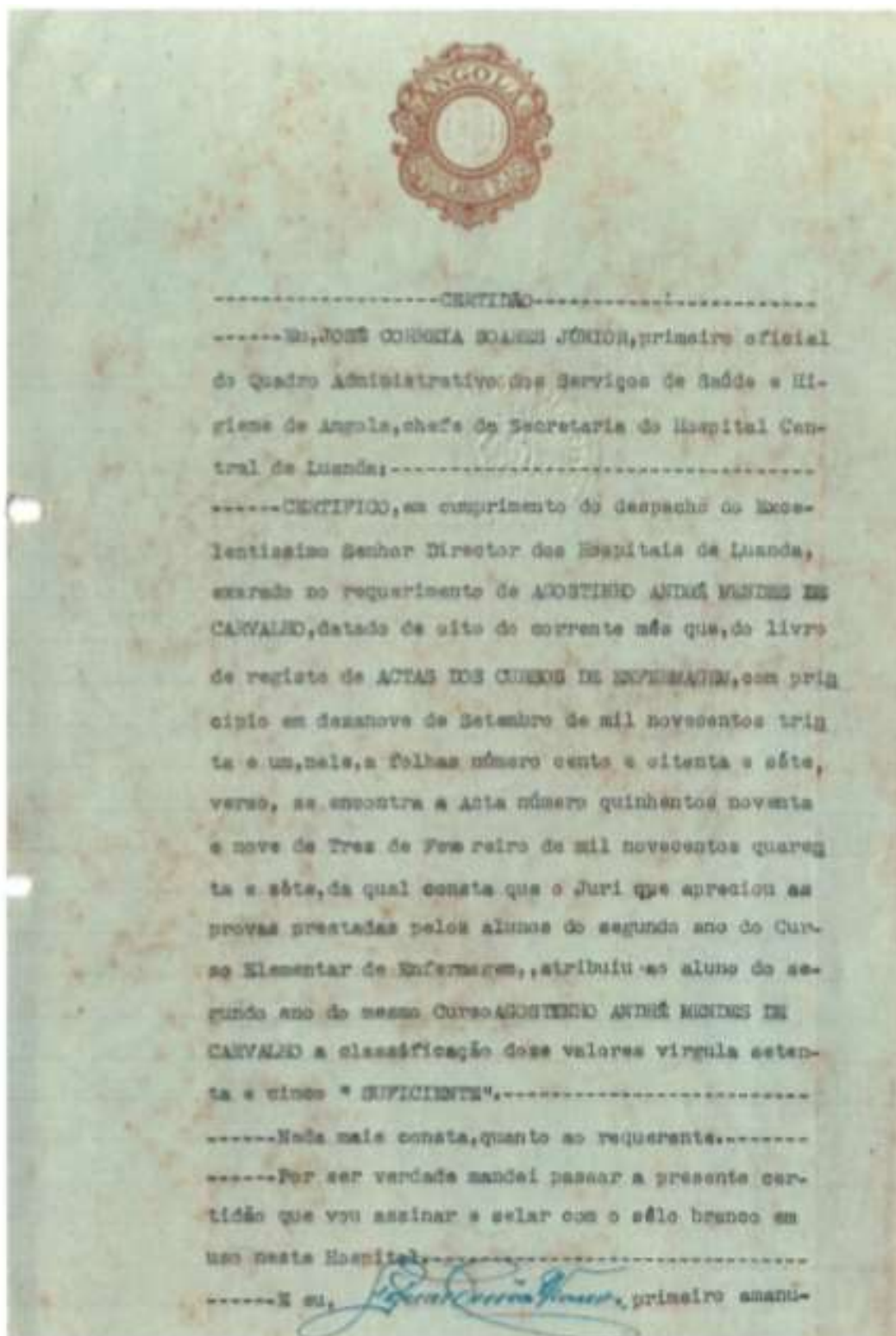
**AA:** Não, o enfermeiro fez um grande trabalho! O enfermeiro é que estava ligado à população. E na hora que estava a fazer curativo passava-lhe uma mensagem: - Ah! Então como estás, trabalha? Então as coisas como é que estão? Temos que fazer, o país tal já está independente, também precisamos. - E então como és que eu faço? Pera aí, quem eu procuro? Era o enfermeiro que fazia essas grandes ligações, estava muito mais próximo das populações, né. O panfleto não chegava lá porque ninguém sabia ler e escrever, aquela altura noventa e tal por cento da população era analfabeta. Então a canção fazia este trabalho. Ngola Ritmos fazia este trabalho através da canção. Cantando canções que eles percebiam e ficavam no assobio do pedreiro, da quitandeira, a canção. O jornal, o panfleto não serviam para nada! O panfleto servia aqui para esta zona, porque eles já sabiam ler e escrever. E mesmo quem tivesse um rádio precisava de dinheiro para comprar pilhas, né. E as pilhas vendiam aqui na cidade, ele tinha que vim praticamente a cidade para comprar pilha e voltar. (Risos) Então, era assim um mucado difícil! O enfermeiro fazia esse grande trabalho, né... quem está doente o enfermeiro ou a enfermeira vai lá... mas para saber o que a menina tem, tem febre, comeu o que?... Toma isso, toma aquilo. O enfermeiro fazia este trabalho e aproveitava para fazer propaganda política e criar a angolanização, a angolanidade, nestas populações, muitas destas pessoas aprenderam assim. Pensaram que já estava perdido. “Não, nós podemos fazer e tal?...” E lá foi... na baixa do Kssanje foi o levantamento porque foi gente política do FNLA e do MPLA que entrou naquelas zonas a fazer grupos de ação ali e incitou já a lutar contra o patrão: porque vocês trabalham tantas horas, não tem descanso, não tem dinheiro pagam-nos com comida... Não vocês tem que reclamar... E houve aquele levantamento que acabou por uma... mataram-se quase todos. Mas

esse trabalho era feito por esse enfermeiro, essas pessoas mais preparadas que podiam chegar ao interior do país, eram feitos assim.



## ANEXOS B - Documentos

## Certidão de 14 de Fevereiro de 1947.



Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado)

Guia da Direção dos Serviços de Saúde e Higiene em 13 de Outubro de 1947.



Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado)

## Visto do dia 27 de Outubro de 1947.

VISTO.-foi-lhe fornecido transporte para si e sua bagagem de Cabinda até Lândana, seguindo viagem apertada.

Repartição da Fazenda do Concelho de Cabinda, 27 Outubro de 1947.-

O Secretario da Fazenda,

*[Signature]*  
Luiz A. Silva  
2º official

Nº 15 - Apresentado.-

Delegacia de Saude de Ocuongo, Lândana, 29 de Outubro de 1947.

O Delegado de Saude,  
*[Signature]*  
Francisco Ferreira da Costa  
Médico de 2ª classe.-

Nº 16 Segue para o Dingo onde fica a prestar serviço o cargo de Posto Sanitário áquella localidade. Transite pela Repartição da Fazenda para effecto de transporte.

Delegacia de Saude de Ocuongo, em Lândana, 30 de Outubro de 1947.

O Delegado de Saude,  
*[Signature]*  
Francisco Ferreira da Costa  
Médico de 2ª classe

Nº 30 Autorizado pelo Sr. Secretario Geral, para a viagem para a Fazenda Nacional, (Nota nº 1161/11-III-1947, da Direcção dos Servicos de Saude) a Delegacia de Saude de Ocuongo, em Lândana, 10 de Janeiro de 1948.

O Delegado de Saude,  
*[Signature]*  
Francisco Ferreira da Costa  
Médico de 2ª classe

Nº 1 Visto segue ao seu destino.

Delegacia de Saude Cabinda, 10 de Janeiro de 1948

O Delegado de Saude,  
*[Signature]*  
João Antonio  
Médico de 1ª classe

2535

REPARTIÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAUDE

1948

10 de Janeiro de 1948

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado)

## Requerimento de 6 de Dezembro de 1947.

SERVIÇO DA REPÚBLICA

**SERVÍÇOS DE SAÚDE E HIGIENE**

**DELEGACIA DE SAÚDE**  
— DE —  
**CACONGO**

Ref.º à nota n.º \_\_\_\_\_  
de \_\_\_\_\_

Londano, 6 de Dezembro de 1947  
N.º 126

Junto tenho a honra de enviar a V. Ex.ª um requerimento em que o enfermeiro auxiliar de 2.ª classe, Agostinho André Mendes de Carvalho, pede a Sua Ex.ª o Governador Geral que lhe seja restituída a importância de 399,00 que dispensei com o êxito das suas bagagens e as de mais 7 colegas, transportadas a bordo do vapor "Sava" de Luanda para Cabinda.

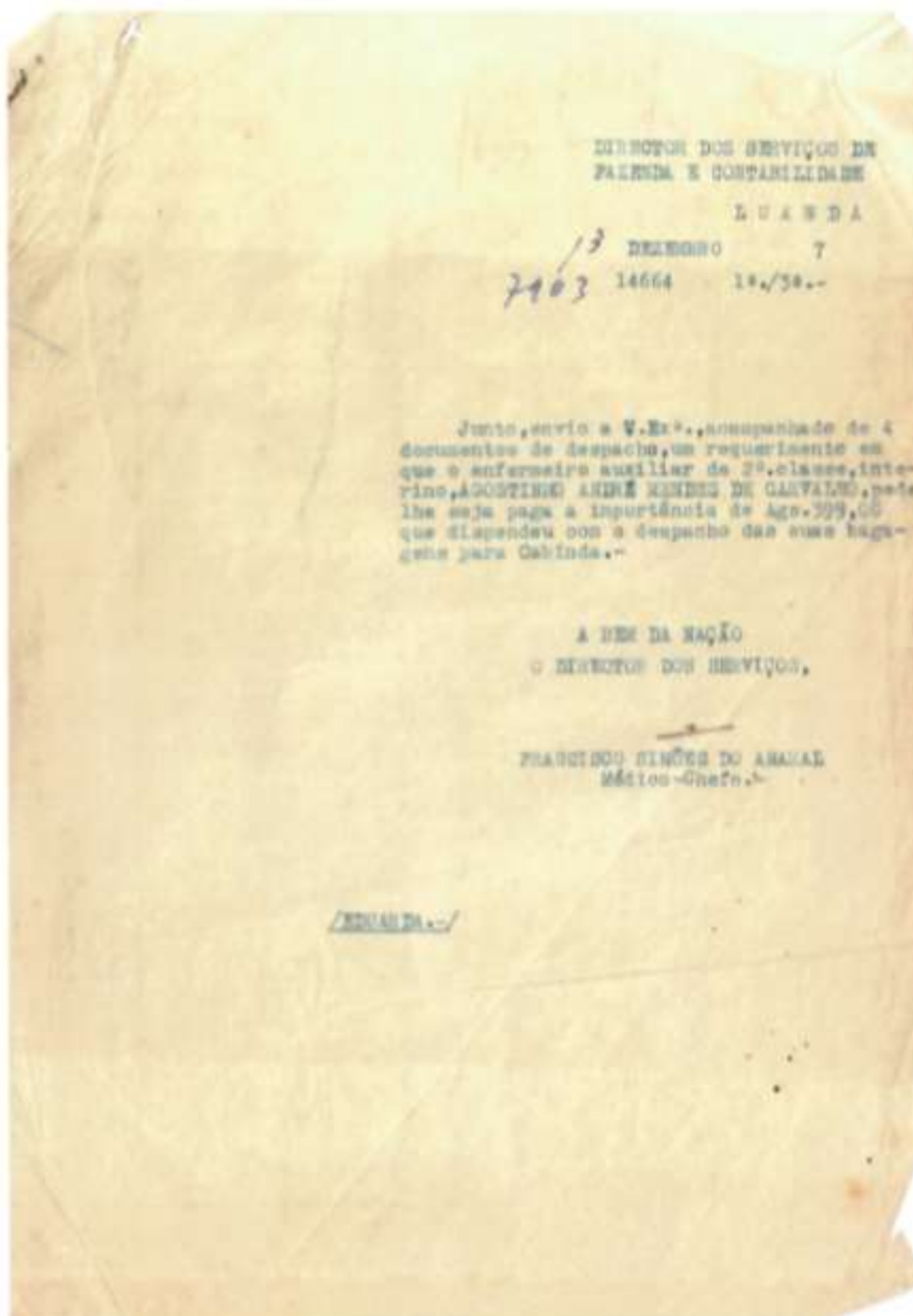
A bem da Saúde  
O Delegado de Saúde  
Rafaelino Ferreira da Costa  
Médico de 2.ª classe

*14684*  
*309*  
*849 14684/5*  
*213 42*

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado)



Requerimento de 13 de Dezembro de 1947.



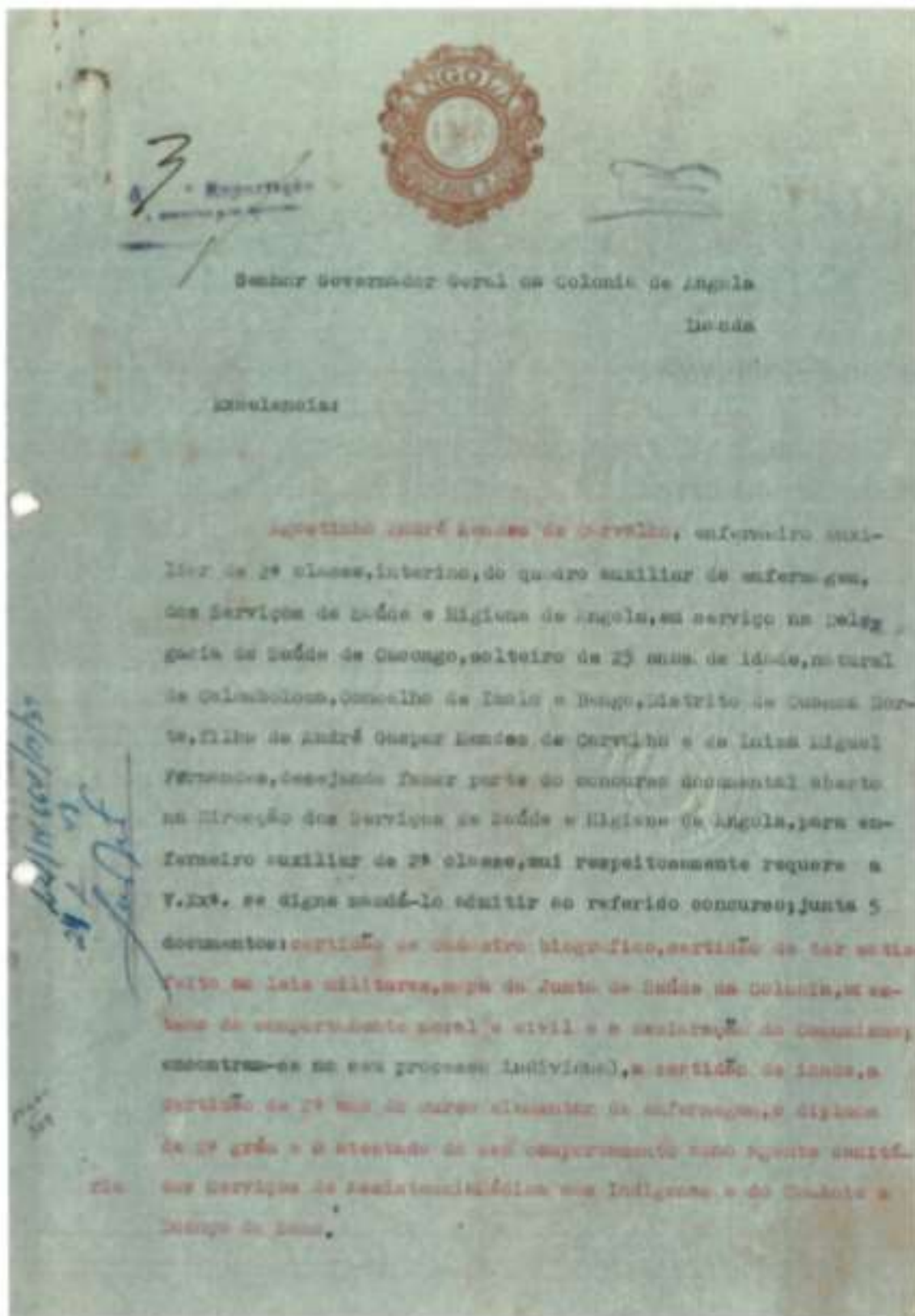
Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado)

**Declaração de integração na ordem social de 16 Dezembro de 1947.**



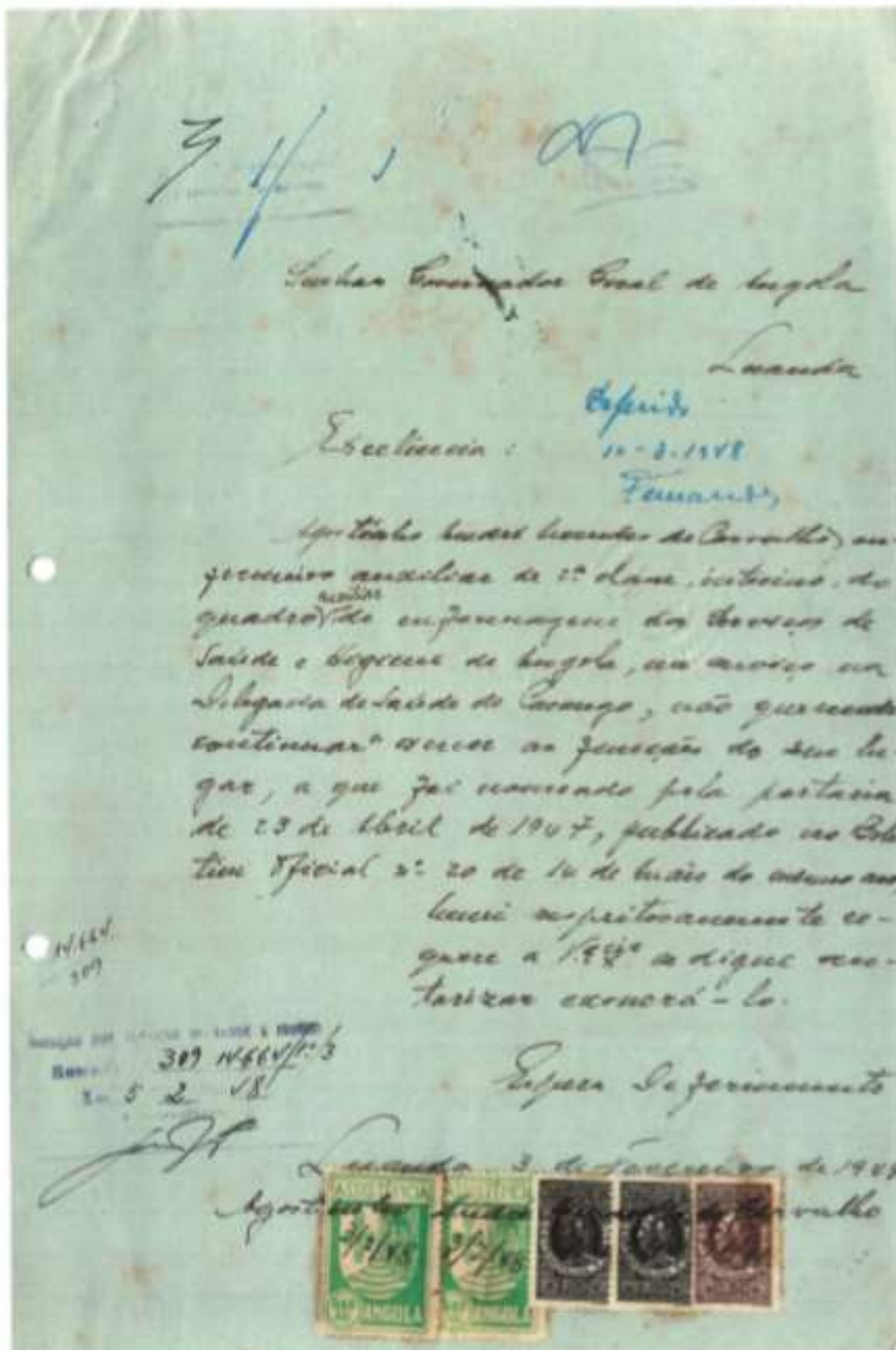
**Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).**

Ofício mandado para o Governo Geral de Angola, em 24 de Janeiro de 1948.



Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

Ofício enviado por Mendes de Carvalho ao governador geral de Angola, em 3 de Fevereiro de 1948.



Acervo da Fundação Unhenga Xitu (Não Catalogado).



Certificado de Registro Criminal em 3 de Outubro de 1948.

N.º 2125/1948

SERVIÇO DA  REPÚBLICA  
 PROCURADORIA DA REPÚBLICA

Arquivo Geral do Registo Criminal da Colónia de Angola

CERTIFICADO DO REGISTO CRIMINAL

Certifico que dos boletins arquivados neste arquivo Geral, **NADA CONSTA** contra **AGOSTINHO ANTÓNIO MENEZES DE CARVALHO**,  
 filho de José Carlos Mendes de Carvalho,  
 e de Inês Miguel Fernandes,  
 natural de Calanhalena, Prov. de S. Paul. Inv., de 24 anos de idade  
 estado solteiro, profissão Informático,  
 e residente em Vila de Duda.

Este certificado destina-se a FUNÇÃO PÚBLICA.

Por ser verdade, passu o presente que assinu e vai firmado com o selo  
 branco da Procuradoria da República.

Luanda, 3 de Outubro de 1948.

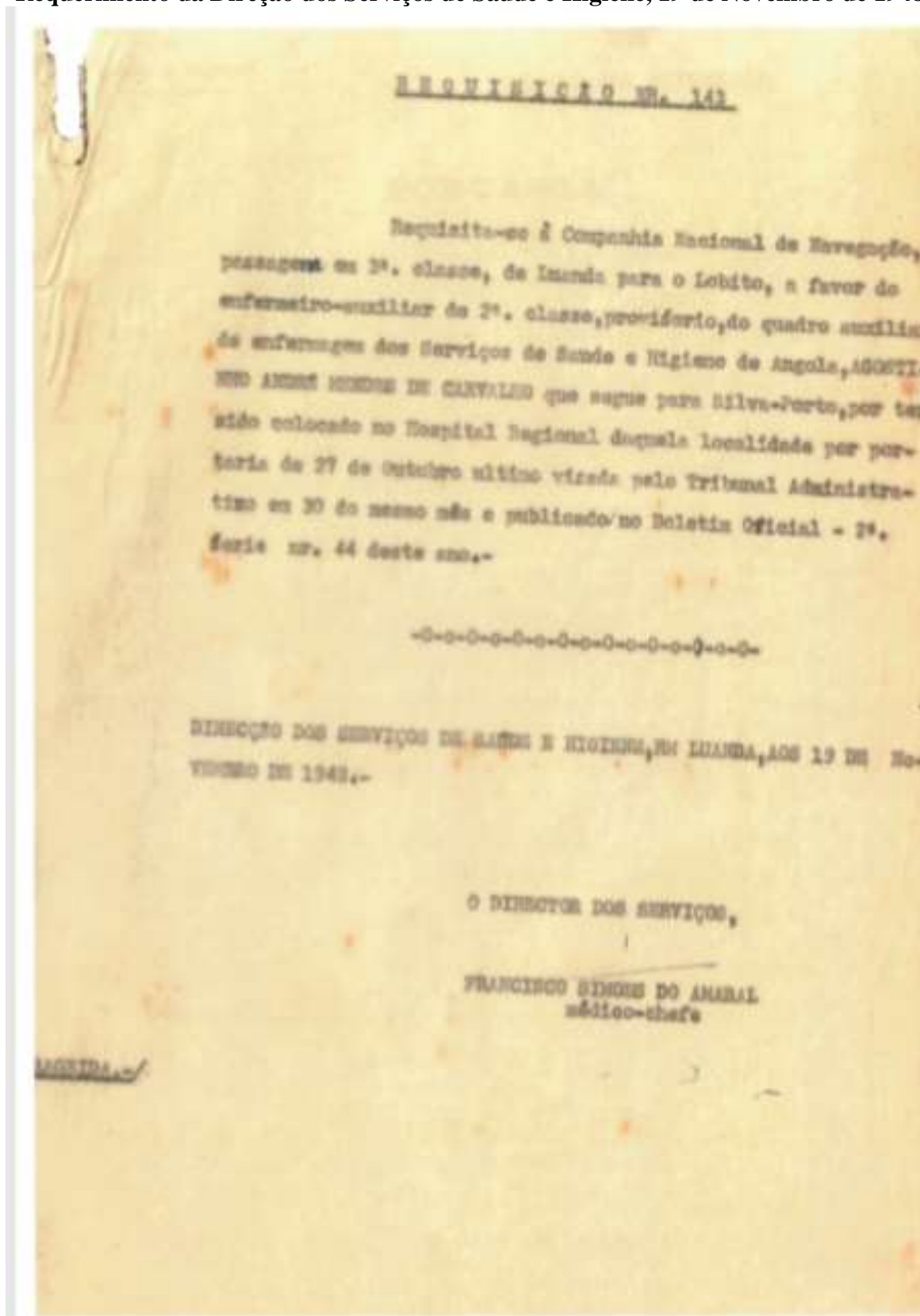
O Encarregado Geral do Arquivo,  
  
 Joaquim de Mendonça Toste

<b>CONTA:</b>	
Emolumento base . . . . .	20,00
Selo . . . . .	10,00
Total . . . . .	30,00

115—Imprensa Nacional—1947

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

**Requerimento da Direção dos Serviços de Saúde e Higiene, 19 de Novembro de 1948.**

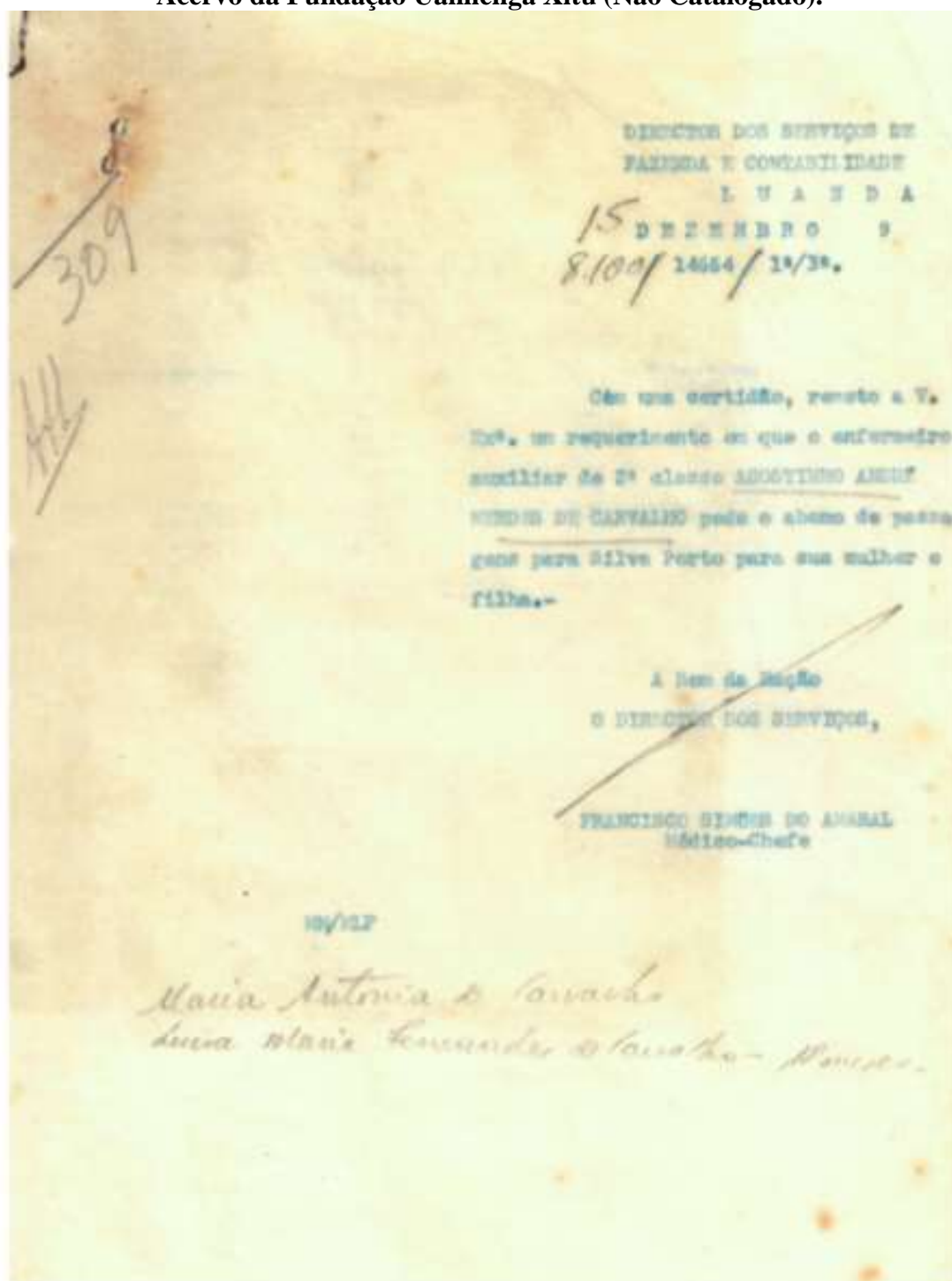


**Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).**

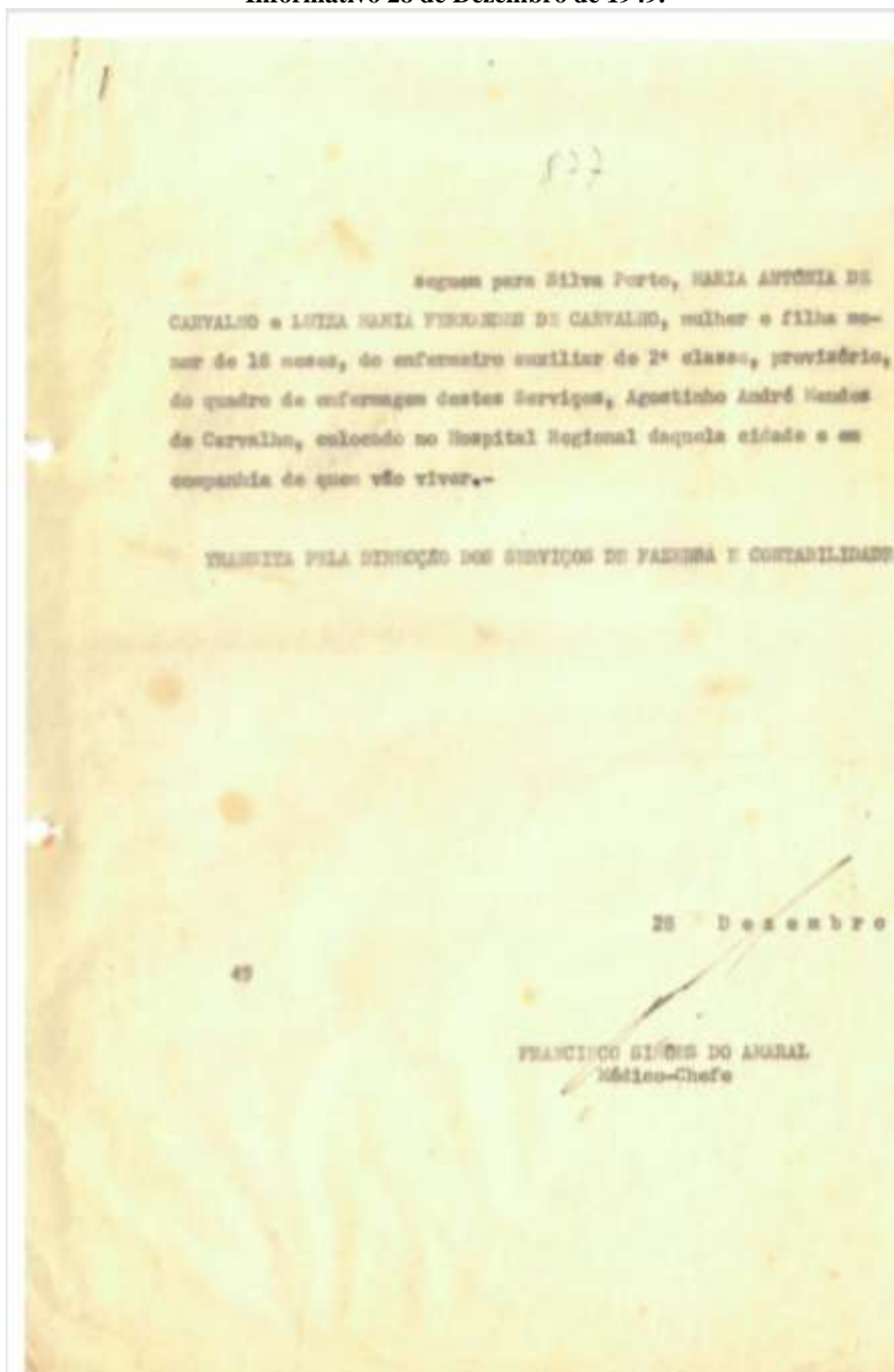


Certidão emitida pelo Diretor dos Serviços Francisco Simões do Amaral ao Diretor dos Serviços de Fazenda e Contabilidade, em 15 de Dezembro de 1949.

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).




Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

**Informativo 28 de Dezembro de 1949.****Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).**



**Declaração emitida pela Direcção dos Serviços de Saúde e Higiene, em Luanda, datado do dia 21 de Junho de 1950.**

COLÓNIA DE ANGOLA  
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS  
DE  
SAÚDE E HIGIENE


  
SERVIÇO DA REPÚBLICA

DECLARAÇÃO

EDUARDO GONÇALVES FERREIRA, médico-chefe, designado, do quadro médico comum do Império Colonial, Director dos Serviços de Saúde e Higiene desta Colónia:-----

DECLARA que os enfermeiros auxiliares de 2ª classe, de nomeação definitiva e provisória, do quadro de enfermagem dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, CRISTOVÃO DE OLIVEIRA FORTUNATO e AOSTENHO ALVES MENDES DE CARVALHO, colocados respectivamente nos Hospitais Regionais do Sá da Bandeira e Silva Porto, reúnem as condições legais para serem transferidos reciprocamente e que se cumpriram todas as formalidades que as leis exigem neste sentido.-----

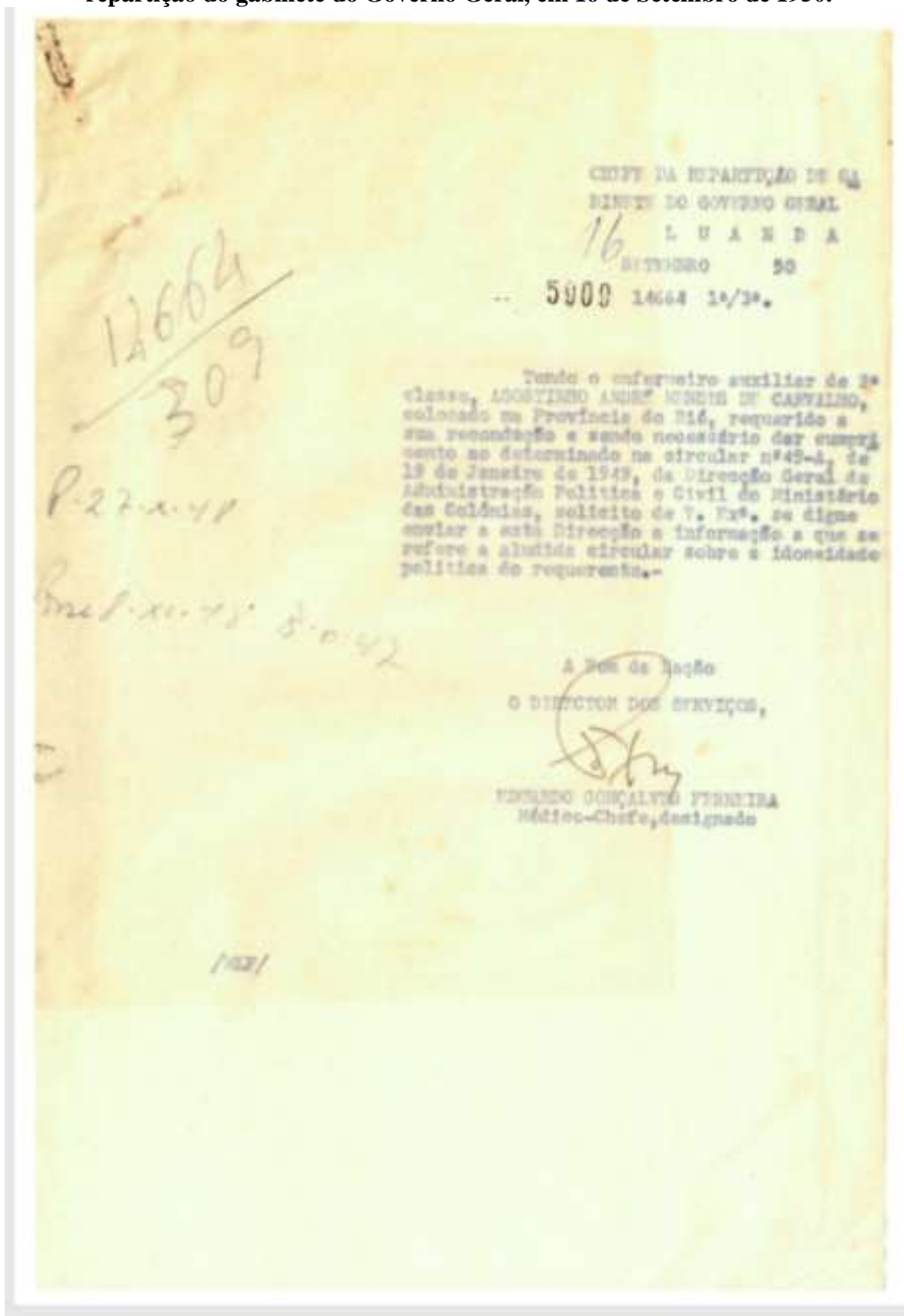
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE E HIGIENE, EM LUANDA, 21 DE JUNHO DE 1950.-

O DIRECTOR DOS SERVIÇOS,  
  
EDUARDO GONÇALVES FERREIRA  
Médico-Chefe, designado

122/

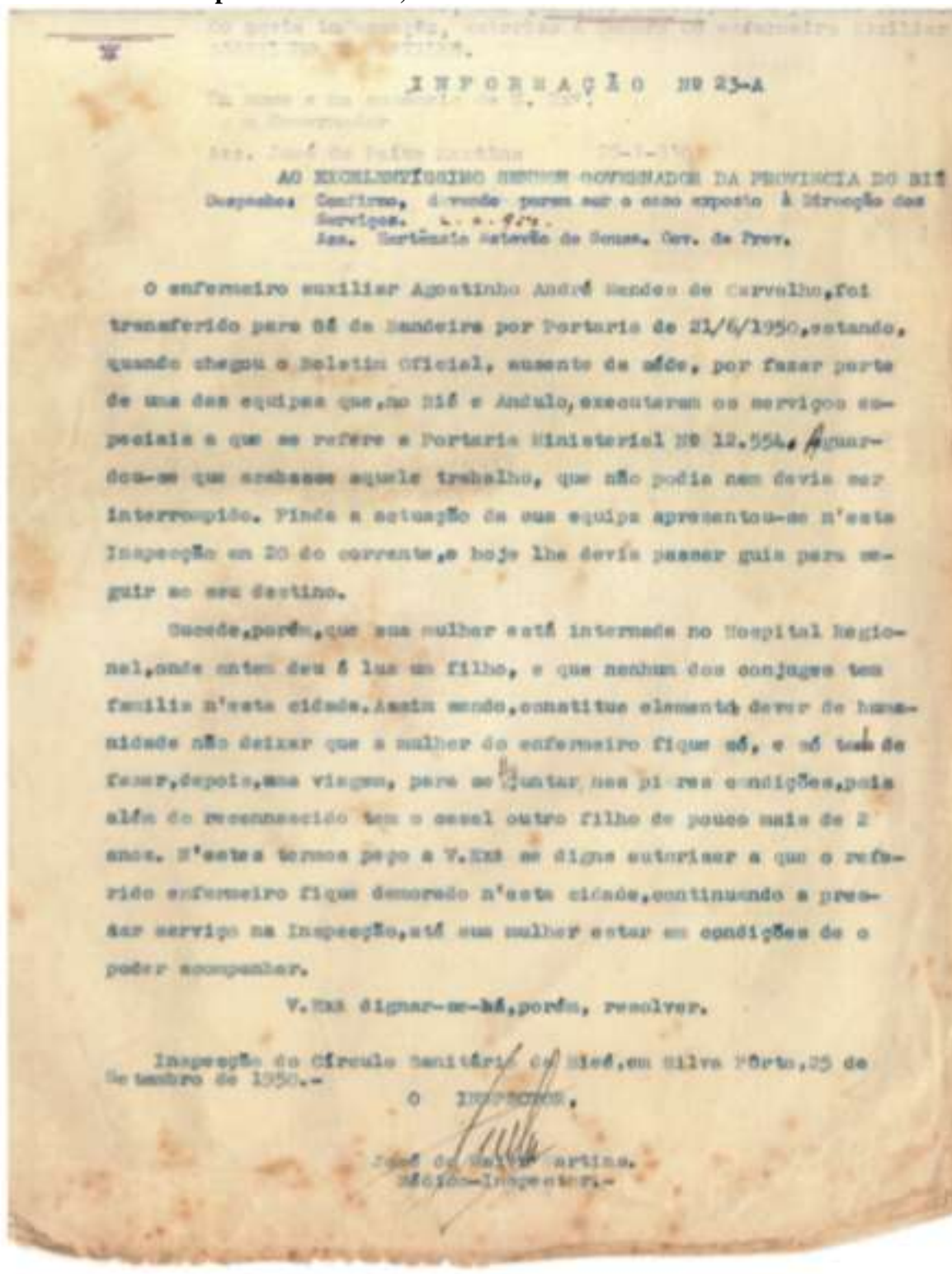
**Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).**

Requerimento enviado Médico-Chefe Eduardo Gonçalves Ferreira ao Chefe da repartição do gabinete do Governo Geral, em 16 de Setembro de 1950.



Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

Ofício enviado pelo Círculo Sanitário de Bié, em Silva Porto ao Governador da  
provincia do Bié, em 25 de Setembro de 1950.




Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).



Portaria enviado pela Residência do Governo Geral de Angola ao Tribunal Administrativo, em 11 de Outubro de 1950.

Caixa de Arquivo  
 Direcção dos Serviços  
 Saúde e Higiene

  
**SERVIÇO DA REPÚBLICA**  
**TRIBUNAL ADMINISTRATIVO**  
**PORTARIA**

Delib. e Res. Vigor de 22 de Outubro de 1950.  
 Luanda, 22 de Outubro de 1950.

Atendendo a que o enfermeiro auxiliar de 2ª classe, provisório, do quadro de enfermagem dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, **AGOSTINHO ANTONIO MENDES DE CARVALHO**, requereu no sentido de ser reconduzido no referido lugar, por mais 3 anos de serviço;

Considerando que o requerente foi nomeado provisoriamente por portaria de 27 de Outubro de 1948 e tomou posse do seu lugar em 8 de Novembro do mesmo ano (D.O. nº47);

Completa, portanto, dois anos de serviço com boas informações em 8 de Novembro do corrente ano;

Havendo cabimento de verba para ocorrer a este encargo no capº4º. artº257º. nº1, do orçamento em vigor;

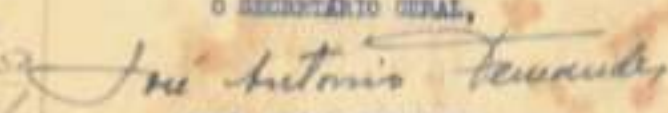
Vista a informação da Direcção dos Serviços de Saúde e Higiene e o disposto na Portaria nº6.067, de 29 de Outubro de 1947;

O SECRETÁRIO GERAL DE ANGOLA, no uso das faculdades que lhe são atribuídas pelo artº31º do Acto Colonial e pelo nº4º do artº33º da Carta Orgânica do Império Colonial Português, determina:

É o enfermeiro auxiliar de 2ª classe, provisório, do quadro de enfermagem dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, **AGOSTINHO ANTONIO MENDES DE CARVALHO**, reconduzido no referido lugar, por mais três anos de serviço, a partir de 8 de Novembro do corrente ano, nos termos das alíneas a) e b) do § 2º do artº126º da Carta Orgânica do Império Colonial Português.-

Cumpra-se,-


RESIDENCIA DO GOVERNO GERAL DE ANGOLA, EM LUANDA, 11 DE OUTUBRO DE 1950.-

O SECRETÁRIO GERAL,  
  
 JOSÉ ANTÓNIO FERNANDES

23 Outubro 1950  
 101/1117

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

Comunicado enviado pelo inspector Armando José de Oliveira Madeira ao Director de Serviços de Saúde e Higiene de Angola, datado do dia 16 de Outubro de 1950.



**SERVICÓ DA REPÚBLICA**

**SERVICÓ DE SAÚDE E HIGIENE**  
Rua do Gato 1, 2.º Andar

Luanda

Luanda

16 de Outubro de 1950.  
N.º 12061/181/1.º

Tenho a honra de comunicar a V. Ex.<sup>a</sup> que o enfermeiro auxiliar de 2.<sup>a</sup> classe AGOSTINHO ANTÓNIO MENDES DE CARVALHO, se apresentou nesta Inspeção em 6 de Outubro corrente, vindo da Inspeção do Circulo Sanitário do Bié e na mesma data iniciou as funções do seu cargo no Hospital Regional do Lubango, para onde foi transferido por portaria de 21 de Junho último.

A bem da Nação

O INSPECTOR,

ARMANDO JOSÉ DE OLIVEIRA MADEIRA  
Médico Inspector

*309 17/10/50*


*Malhe*

*Armando José de Oliveira Madeira*

Inspeção dos Serviços de Saúde e Higiene  
ENTRADA N.º 242/14664/1121  
EM 11.10.1950  
O Encarregado  
*[Signature]*

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

## 15 Certidão da Inspeção do Circulo Sanitário do Bié, em 27 de Fevereiro de 1951.

		CONTA:
Artº. 8º.....	3,00	
" 9º.....	1,00	
" 27º.....	12,00	
Soma.....	16,00	
Papel e selos.....	8,20	
Total.....	24,20	

-----CERTIDÃO-----

-----JOSE DE PAIVA MARTINS, Médico-Inspector dos Ser-  
viços de Saúde e Higiene do Império Colonial Portu-  
guês, Inspector do Circulo Sanitário do Bié:-----

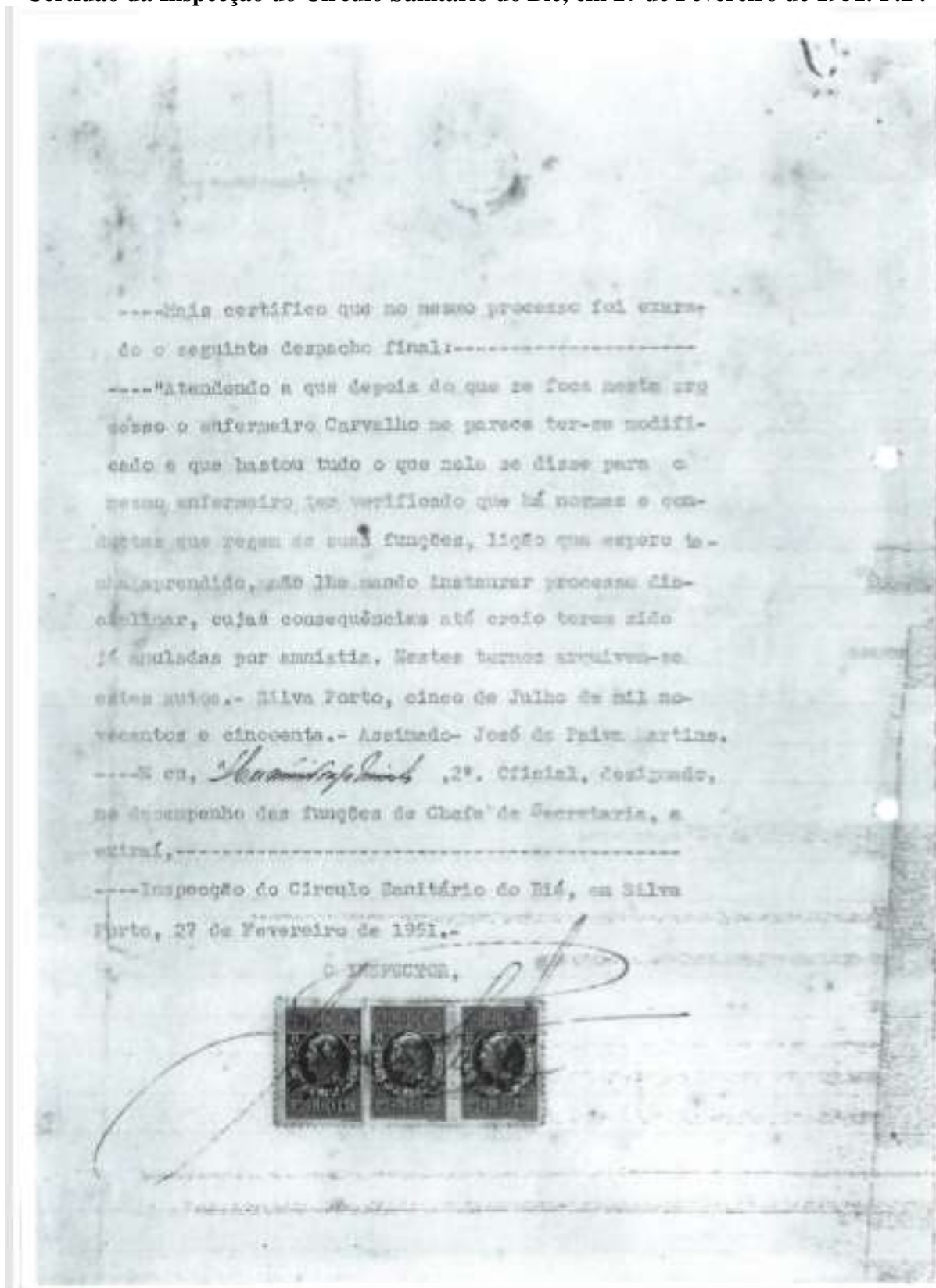
-----CERTIFICA, a requerimento do interessado, enfer-  
meiro auxiliar de segunda classe, AGOSTINHO ANDES  
MENDES DE CARVALHO, que revendo o recurso interpõe-  
to em nove de Junho do ano de mil novecentos e cin-  
coenta, para o Excelentíssimo Governador da Provin-  
cia do Bié, nos termos do artigo duzentos e sessen-  
ta -parágrafo segundo- da Reforma Administrativa Ul-  
tramarina, da pena do número segundo do artigo du-  
zentos e dezoito da mesma Reforma, aplicada pelo Ex-  
celentíssimo Senhor Inspector do Circulo Sanitário  
do Bié, consta a seguinte do despacho de Sua Exceên-  
cia o Governador da Provincia:-----

-----"Anulo o presente processo desde o Despacho de  
folhas trinta e nove a quarenta e um, inclusivé, pe-  
ra o Excelentíssimo Inspector do Circulo Sanitário,  
mantendo a sua opinião sobre a responsabilidade do  
enfermeiro Agostinho Andrés Mendes de Carvalho, lhe  
mandar instaurar processo disciplinar nos termos da  
lei".-Silva Porto, em 26 de Julho de mil novecentos e  
cincoenta - O Governador da Provincia-Assinado-  
Nortónio Esteves de Sousa- Gov. da Prov.-----

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).



**Certidão da Inspeção do Circulo Sanitário do Bié, em 27 de Fevereiro de 1951. P.2.**



**Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).**

Ofício enviado ao Director dos Serviços de Saúde e Higiene, em 8 de Outubro de 1951.

**SERVIÇO DA REPÚBLICA**

As Ex.<sup>mas</sup> Sr. Director dos Serviços de  
Saúde e Higiene

L U A N D A

Sé da Bandeira 7 de Outubro de 1951  
N.<sup>o</sup> 11771 181 / 1<sup>o</sup>

  
**SERVÍCIOS DE SAÚDE E HIGIENE**  
 Direcção Geral de Saúde e Higiene  
 Rua da República, 100  
 Luanda

  
 O Director dos Serviços de Saúde e Higiene



Tenho a honra de informar V. Ex.<sup>a</sup> que o enfermeiro auxiliar de 2.<sup>a</sup> classe AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO, se apresentou nesta Inspeção em 24 de Setembro findo, vindo dessa cidade e na mesma data reassumiu as funções do seu cargo, por ter interrompido a licença disciplinar que vinha gozando.

A bem da Nação


O INSPECTOR,

  
 ARMANDO JOSÉ DE OLIVEIRA MADEIRA  
 Médico inspector

DIVISÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE E HIGIENE  
 ENTRADA: 10/10/1951 N.<sup>o</sup> 11771  
 R. 171 X / 1951  
 O Inspector  


Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

## Proposta de transferência, em 11 de Outubro de 1952.

S.  R.

**DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE E HIGIENE  
DE ANGOLA**

**PROPOSTA N.º 464** *Concordo*  
*18.10.1952*  
*Fernandes*

Tornando-se necessário substituir no Posto Sanitário de Capolo, o enfermeiro auxiliar de 1ª classe, do quadro de enfermagem dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, JOSE BARTOLOMEU DE AZEVEDO, que nesta data foi proposto para ser transferido para a Delegacia de Saúde de Benguela;

Podendo ser transferido para o Posto Sanitário de Capolo, o enfermeiro auxiliar de 2ª classe, AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO, que vem prestando serviço no Hospital Regional de Sá da Bandeira, onde foi colocado por portaria de 21 de Junho de 1950;

Tenho a honra de propor a V. Exª. que o enfermeiro auxiliar de 2ª classe, de nomeação provisória, do quadro de enfermagem dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO, seja transferido do Hospital Regional de Sá da Bandeira para o Posto Sanitário de Capolo.-

Vossa Excia, porém, resolverá.-

Direcção dos Serviços de Saúde e Higiene, em Luanda, *11* de Outubro de 1952.-

O Director dos Serviços,  
*[Handwritten Signature]*  
José de Paula Martins  
Médico-Chefe, desigº

FV/MLP

Acervo da Fundação Unhenga Xitu (Não Catalogado).

## Portaria da Residência do Governo Geral de Angola, de 13 de Outubro de 1952.

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS  
- DE -  
SAÚDE E HIGIENE  
- DE -  
ANGOLA

SERVIÇO DA REPÚBLICA

**PORTARIA**

309

Tornando-se necessário substituir no Posto Sanitário de Capelo o enfermeiro auxiliar de 1ª classe, do quadro de enfermagem dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, JOSE BARTOLOMEU DE ALVESVEDO, que por portaria desta data foi transferido para a Delegacia de Saúde de Benguela;

Podendo ser transferido para o Posto Sanitário de Capelo, o enfermeiro auxiliar de 2ª classe, AGOSTINHO ANÍMÉ MENDES DE CARVALHO, que vem prestando serviço no Hospital Regional de Sd da Bandeira, onde foi colocado por portaria de 21 de Junho de 1950;

Havendo cabimento de verba para ocorrer a este encargo no capº 10º, artº1.036º, nº3, do orçamento em vigor;

Sob proposta da Direcção dos Serviços de Saúde e Higiene e visto o disposto no artº11º do Decreto nº33.303, de 1943, tornado de execução permanente pelo artº1º do Decreto nº34.178, de 1944;

Vista ainda a Portaria nº7.649, de 21 de Novembro de 1951;

O SECRETÁRIO GERAL DE ANGOA, no uso da competência que lhe é atribuída pelo artº155º da Constituição e pelo nº5º do artº33º da Carta Orgânica em vigor, determina:

É o enfermeiro auxiliar de 2ª classe, de nomeação provisória, do quadro de enfermagem dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, AGOSTINHO ANÍMÉ MENDES DE CARVALHO, transferido do Hospital Regional de Sd da Bandeira para o Posto Sanitário de Capelo.-

Cumpra-se.-

Residência do Governo Geral de Angola, em Luanda, 13 de Outubro de 1952

O Secretário Geral,  
José António Fernandes

28/10/52  
Titular  
PT/10/52

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).



Declaração da Direcção dos Serviços de Saude e Higiene de Angola, de 13 de Outubro de 1952.

S. R.  
 DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS  
 —DE—  
 SAÚDE E HIGIENE  
 DE ANGOLA

DECLARAÇÃO

JOSÉ DE PAIVA MARTINS, médico-chefe, designado, do  
 Quadro Médico Comm de Ultramar, Director dos Serviços de Saude e  
 Higiene de Angola:-----

DECLARA que o enfermeiro auxiliar de 2ª classe, de  
 nomeação provisória, do quadro de enfermagem dos Serviços de Saude  
 e Higiene de Angola, AGOSTINHO ANTONIO MENDES DE CARVALHO, reúne as  
 condições legais para ser transferido para o Posto Sanitário de Ca  
 polo e que se cumpriram todas as formalidades que as leis exigem  
 neste sentido.-----

Direcção dos Serviços de Saude e Higiene, em Luanda, 13 de Outubro  
 de 1952.-

O Director dos Serviços,

José de Paiva Martins  
 Médico-Chefe, desig?

/M/



Nota enviada ao Director dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, 28 de Novembro de 1952.

SERVIÇOS DE SAÚDE E HIGIENE  
DE ANGOLA

Office Section de  
HUTLA

S. R.

Ex.<sup>ma</sup> Sr. Director dos Serviços de  
Saúde e Higiene

LUANDA

SÁ da Bandeira 28 de Novembro de 1952

N.º 1846 / 181 / 1.º

Tenho a honra de informar V. Ex.<sup>a</sup> que o  
enfermeiro auxiliar de 2.º classe AGOSTINHO AN-  
DRÉ MENDES DE CARVALHO, recebeu guia nesta  
Inspeção em 21 de Novembro corrente, para se  
apresentar na Delegacia de Saúde de Porto  
Amoim, por ter sido transferido para o Posto  
Sanitário de Capolo, mas por ordem do Mere-  
tíssimo Dr. Juiz de Direito da Comarca da Hui-  
la, foi solicitado para continuar nesta ci-  
dade até ser examinado e lhe tomar declara-  
ções.

A bem da União  
O INSPECTOR  
ARMÊNIO LOPES  
Médico Inspector, designado

309

SECRETARIA DE SERVIÇOS DE SAÚDE E HIGIENE  
ENTRADA N.º 211 P.º 11.º 11.º 11.º  
EM 28 de Novembro de 1952

Dr. Arménio Lopes

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

Guia de Liberação enviado ao Director dos Serviços de Saúde e Higiene, de 4 de Dezembro de 1952.

SERVIÇOS DE SAÚDE E HIGIENE  
DE ANGOLA

Cidade de Luanda de  
LUANDA

S. D. R.

Ex.<sup>ma</sup> Sr. Director dos Serviços de  
Saúde e Higiene

LUANDA

Sá da Bandeira . 4 de Dezembro de 1952

N.º 19041 181 / 1.º

Em aditamento à nota desta Inspeção n.º 1856/181/1.º, de 28 de Novembro, tenho a honra de informar V. Ex.<sup>ta</sup> que em 28 do mesmo mês de Novembro, se apresentou nesta Inspeção o enfermeiro auxiliar de 2.ª classe AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO, por terem terminado as diligencias ordenadas pelo Meretíssimo Dr. Juiz de Direito da Comarca da Huila e na mesma data foi-lhe conferida guia a fim de seguir ao seu destino.

A bem da Nação


O INSPECTOR

ARMÉNIO LOPES  
Médico Inspector, designado

19.11.52  
507  
O.S.  
 Entrada nos Serviços de Saúde e Higiene  
 ENTRADA N.º 1562, 14.12.52  
 EM 14.12.52  
 Dr. Armando Lopes

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

Certidão emitida pela Secretaria do Hospital Regional do Lubango, em Sá da Bandeira, datada de 25 de Fevereiro de 1953.



- C E R T I D ã O -



----- EUGENIO SIMÕES CARRANCA, Economo dos Hospitais de Angola e chefe da Secretaria do Hospital Regional do Lubango,-----

----- CERTIFICO, em virtude do Despacho exarado no requerimento do interessado, que fica arquivado, que revendo o Livro do Ponto dos funcionários deste Hospital, consta que AGOSTINHO ANDREMEDES DE CARVALHO, enfermeiro auxiliar de 2ª classe, do Quadro Auxiliar de Enfermagem dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, colocado no Posto Sanitário de Capolo e transitóriamente prestando serviço na secretaria da Inspeção do Circulo Sanitário de Benguela, teve continua e assidua efectividade de serviço, durante o período decorrido de 1 de Janeiro a 21 de Novembro de 1952.-----

-----E por ser verdade, e para constar, se passou a presente certidão que vai ser devidamente assinada.-----

Secretaria do Hospital Regional do Lubango, em Sá da Bandeira, 25 de Fevereiro de 1953.-

O Chefe da Secretaria,

CONTAS:


Rasa.....	6,00
Lauda.....	1,00
Basta.....	3,00
Soma.....	10,00

(São dez angolares para o Estado)

Acervo da Fundação Unhenga Xitu (Não Catalogado).



Proposta de transferência à direção dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, de 11 de Abril de 1953.

S.  R.

**DIRECCÃO DOS SERVICOS DE SAÚDE E HIGIENE  
DE ANGOLA**

**PROPOSTA N.º 162**

*Cuando*  
25-4-1953  
*Fernandes*

Tornando-se necessário collocar no Hospital Regional de Benguela, mais um enfermeiro auxiliar;

Podendo ser transferido para o Hospital Regional de Benguela o enfermeiro auxiliar de 2ª classe, AGOSTINHO ANÍBAL MENDES DE CARVALHO, que presta serviço no Posto Sanitário de Capolo, onde foi collocado por portaria de 13 de Outubro de 1952;

Terho a honra de propor a V. Ex.ª que o enfermeiro auxiliar de 2ª classe, provisório, do quadro de enfermagem de Angola, AGOSTINHO ANÍBAL MENDES DE CARVALHO, seja transferido, por absoluta e inadiável conveniência de serviço, do Posto Sanitário de Capolo para o Hospital Regional de Benguela.-

Vossa Excia, porém, resolverá.-

Direcção dos Serviços de Saúde e Higiene, em Luanda, 11 de Abril de 1953.-

O Director dos Serviços,  
*[Signature]*  
José António Martins  
Médico-Chefe, design.

Y/MLP

Carta-Reqüerimento enviado pela Associação dos Naturais de Angola ao diretor dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, de 17 de Abril de 1953.

**ASSOCIAÇÃO DOS NATURAIS DE ANGOLA**  
 FUNDADA EM 1913  
 Colectividade Beneficente, Cultural, Recreativa e Defensora dos Interesses dos Angolanos

SEDE: LUANDA  
 CAIXA POSTAL 244  
 Tel. 1000 2812  
 gram.: ANANGOLA  
 Filial e delegação em todo o país

DISPENSÁRIO-ECHEC  
 DR. CARLOS DUQUES  
 BAIRRO GABATTE-LUANDA  
 TELEFONE 2741

141/32/953  
 32  
 1/1

Luanda, 17 de Abril de 1953

Exm<sup>a</sup>. Senhor DIRECTOR DOS SERVIÇOS DE SAÚDE E  
 HIGIENE

LUANDA

Excelentíssimo Senhor:

Os meus cumprimentos.

Do nosso conhecido, AGOSTINHO A. MENDES DE CAE  
 VALMO, Enfermeiro auxiliar de 2ª classe, dos Serviços que Vossa  
 Excelência proficientemente dirige, recebemos uma carta, na qual  
 diz, em resumo:

"...Do Sê da Bandeira havia sido transferido  
 para o Posto Sanitário de Capelo (Perto Am-  
 boim) e a caminho para lá, muito satisfeito,  
 nesta cidade de passagem foi a minha ida in-  
 terrupida por questão de serviço, suposto,  
 com o fundamento que o Posto deixou de pertu-  
 cer ao Estado e como é certo. Nesta inspec-  
 ção, entregue ao serviço de secretaria Fi-  
 quei o título de: transitório, aguardando se  
 me colocasse. Meu espanto foi quando de Luanda,  
 dos nossos serviços, mandaram dizer que  
 ficava colocado neste Hospital mas na Secreta-  
 rias."

Sabemos que o referido individuo acaba de ser  
 efectivamente colocado em Benguela, na Secretaria do respectivo  
 Hospital. Para um individuo com elevados encargos de família (mãe,  
 mulher, 2 irmãos e 3 filhos) e reduzidos vencimentos, torna-se in-  
 sustentável viver num mais como Benguela, com a agravante de pre-  
 star serviço na Secretaria.

Nestes termos, patrocinando o pedido feito pe-  
 lo individuo em causa, ouso solicitar o interesse de V. Ex<sup>a</sup>. no se-  
 tido do interessado ser colocado num Posto Sanitário (Xbo, Mungo,  
 por exemplo) ou para uma Delegacia de Saúde (supõe-se estar vago o  
 lugar na de Gabola).

Agradecendo desde já o interesse que certamente  
 te dispensará a este pedido, subcrevo-me, com consideração.

O PRESIDENTE DA Direcção,  
 Nello Borges de Abreu

263/1404/1953  
 81  
 1953

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

**Informativo- Resposta enviado pela Direção de Serviços de Saúde e Higiene de Angola à Direção da Associação Dos Naturais de Angola, de 25 de Abril de 1953.**

PRESIDENCIA DA DIRECCAO  
DA ASSOCIACAO DOS NATURAIS DE ANGO-  
LA  
L U A N D A

25 ABRIL 3  
2769 14664 S.G.

309

Com referência à nota de V. Ex.<sup>a</sup>, nº141/32/53, de 17 de Abril corrente, cumpre-me informar V. Ex.<sup>a</sup>, que o enfermeiro auxiliar de 2.<sup>a</sup> classe, AOSTINIO ANISE MENDES DE CARVALHO, foi de facto transferido do posto sanitário de Capelo para o Hospital de Benguela, mas não para a secretaria daquele estabelecimento.

Se está realmente prestando serviço na secretaria é por determinação da Inspeção de Circulo, necessariamente por imperiosa conveniência de serviço e falta de pessoal administrativo.-

Quanto à sua deslocação nesta altura, para qualquer posto, não é possível, sem se contrariar a doutrina do despacho de Sua Ex.<sup>a</sup>, o Governador Geral, de 3 de Fevereiro do corrente ano, relativa a transferências de funcionários.-

A bem da Nação

O DIRECTOR DOS SERVIÇOS,

João de Paiva Martins  
médico-chefe, designado

JM/IV.



Portaria autorizando a transferência do Capolo para Benguela, de 25 de Abril de 1953.

DIRECCÃO DOS SERVIÇOS  
DE  
SAÚDE E HIGIENE  
DE  
ANGOLA

TRIBUNAL ADMINISTRATIVO  
TRIBUNAL ADMINISTRATIVO

Serviço da República  
SECRETARIA

Tornando-se necessário colocar no Hospital Regional de Benguela, mais um enfermeiro auxiliar;

Podendo ser transferido para o Hospital Regional de Benguela, o enfermeiro auxiliar de 2ª classe, AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO, que presta serviço no Posto Sanitário de Capolo, onde foi colocado por portaria de 13 de Outubro de 1952;

Havendo cabimento de verba para ocorrer a este encargo no capitulo 10º, artº 1.045º, nº3, do orçamento em vigor;

Sob proposta da Direcção dos Serviços de Saúde e Higiene e visto o disposto no artº 11º do Decreto nº 33.303, de 1943, tornado de execução permanente pelo artº 1º do Decreto nº 34.178, de 1944;

Vista ainda a Portaria nº 7.649, de 21 de Novembro de 1951;

O SECRETARIO GERAL DE ANGOLA, NO uso da competência que lhe é atribuída pelo artº 155º da Constituição e pelo nº 5º do artº 33º da Carta Orgânica em vigor, determina:

É o enfermeiro auxiliar de 2ª classe, de nomeação provisória, do quadro de enfermagem dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO, transferido, por absoluta e inadiável conveniência de serviço do Posto Sanitário de Capolo para o Hospital Regional de Benguela.-

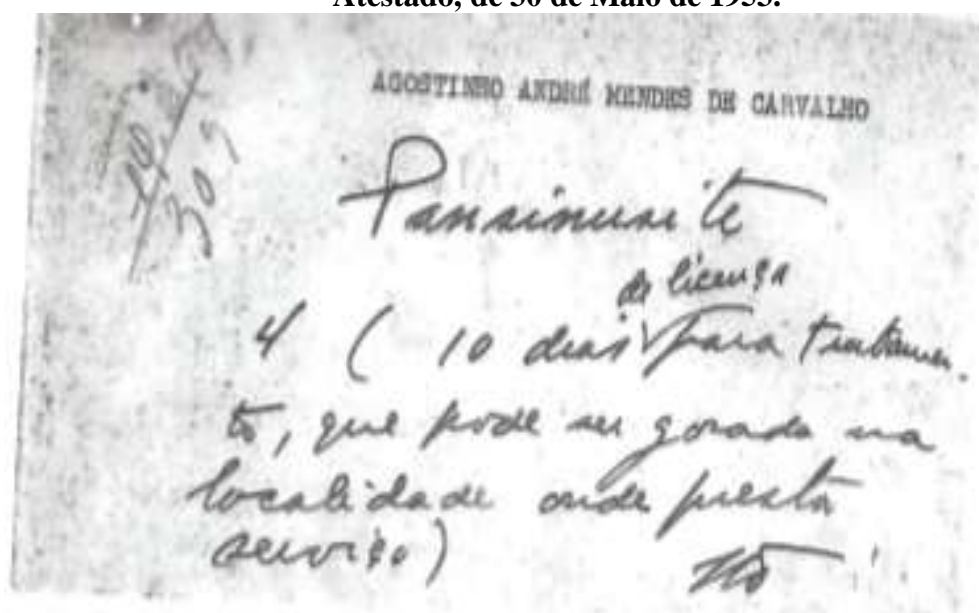
Cumpra-se.-

Residência do Governo Geral de Angola, em Luanda, 25 de Abril de 1953

O Secretário Geral,  
José António Fernandes

1476  
27/4/53


Atestado, de 30 de Maio de 1953.



Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).



Pedido de transferência recíproca de 19 de Junho de 1953.



SENHOR GOVERNADOR GERAL DA PROVINCIA DE  
ANGOLA

L U A N D A

EXCELENCIA: *Depoite*  
*6.6.1953*  
*Fernandes*


*1953*  
*25-4-77*

AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO, enfermeiro auxiliar de 2ª classe, provisório, do quadro auxiliar de enfermagem dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, em serviço no Hospital Regional de Benguela, vem pedir a V. Ex.<sup>a</sup>, se digne transferi-lo por troca recíproca e de comum acordo com o seu colega, colocado no Posto Sanitário do Mungo, Valentinio Fernandes da Costa, em despêndio para a Fazenda Nacional.

P. D.

Benguela, 19 de Junho de 1953

*Agostinho Mendes de Carvalho*



SECRETARIA GERAL DE SAÚDE

BENGUELA

1953

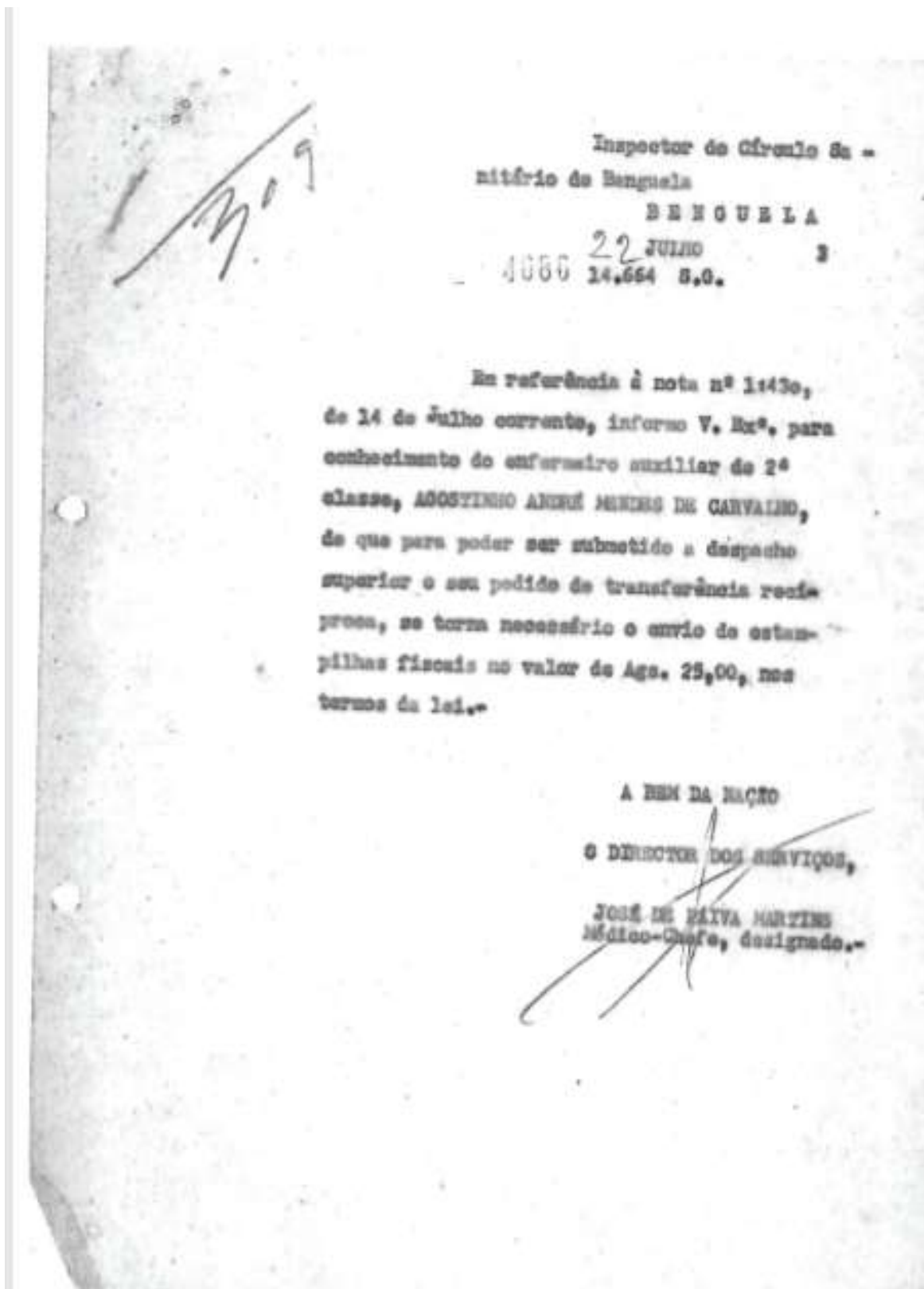
25-4-77

1953

1953


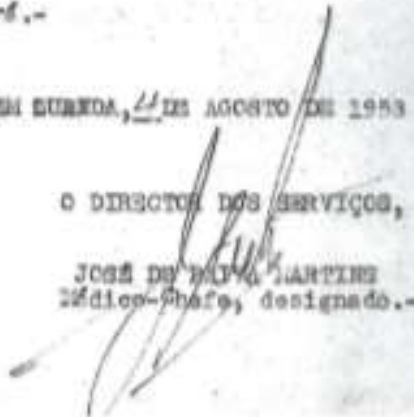
Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

Nota informativa de 22 de Julho de 1953.



Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

Processo feito pela Direcção dos Serviços de Saúde e Higiene, de 4 de Agosto de 1953.

PROVÍNCIA  DE ANGOLA Direcção dos Serviços de Saúde e Higiene	
Referência à entrada n.º _____	
Processo n.º _____ / 19 _____	Luanda, 4 de Agosto de 1953
<b>Extracto</b> Acções dos pedidos apresentados pelos enfermeiros auxiliares de 2ª classe, AGOSTINHO ANDRÉ INHES DE CARVALHO e FELISMINO FERNANDES DA COSTA, para serem transferidos reciprocamente, sem dispêndio para a Fazenda Nacional.-	<b>Despacho</b> <div style="text-align: center;"> <p><i>Concedido</i></p> <p>5-8-1953</p> <p><i>Fernandes</i></p> </div>
<b>Informação do Director dos Serviços</b> 11294	
<p>Os enfermeiros auxiliares de 2ª classe, do Quadro de Enfermagem destes Serviços, AGOSTINHO ANDRÉ INHES DE CARVALHO e FELISMINO FERNANDES DA COSTA, colocados, respectivamente, no Hospital Regional de Benguela e Posto Sanitário do Lungo, pedem para ser transferidos reciprocamente, sem dispêndio para a Fazenda Nacional;</p> <p>Atendendo a que esta transferência recíproca não traz inconvenientes para o serviço;</p> <p>Esta Direcção informa favoravelmente o pedido apresentado por aqueles enfermeiros auxiliares.-</p> <p>V. Ex.ª. porém, resolverá.-</p>	
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE E HIGIENE, EM BUREAU, 11 DE AGOSTO DE 1953	
O DIRECTOR DOS SERVIÇOS,  JOSÉ DE SÁ MARTINS Médico-Chefe, designado.-	

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

## Portaria de 5 de Agosto de 1953.

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS  
DE  
SAÚDE E HIGIENE  
DE  
ANGOLA

TRIBUNAL ADMINISTRATIVO

TRIBUNAL ADMINISTRATIVO

SERVIÇO DA REPÚBLICA

PORTARIA

Atendendo a que os enfermeiros auxiliares de 2ª classe do Quadro de Enfermagem dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, AGOSTINHO ANTÓNIO MENDES DE CARVALHO e FELISMINO FERNANDES DA COSTA, collocados respectivamente no Hospital Regional de Benguela e Posto Sanitário do Lungo, requereram para ser transferidos, reciprocamente, seu dispêndio para a Fazenda Nacional;

Considerando que esta transferência não acarreta prejuizos para o serviço;

Vista a informação dos Serviços de Saúde e Higiene e o disposto na portaria nº 7645, de 21 de Novembro de 1951;

O Secretário Geral de Angola, no uso da competência que lhe é atribuída pelo artº 155º da Constituição e pelo nº 5º do artigo 33º da Carta Orgânica em vigor, determina:

São os enfermeiros auxiliares de 2ª classe, provisórios, do quadro de enfermagem dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, AGOSTINHO ANTÓNIO MENDES DE CARVALHO e FELISMINO FERNANDES DA COSTA, collocados respectivamente, no Hospital Regional de Benguela e Posto Sanitário do Lungo, transferidos, reciprocamente, a seu pedido, e sem dispêndio para a Fazenda Nacional.-

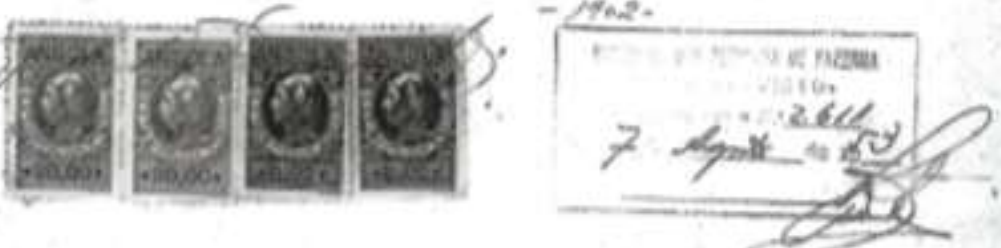
Capta-ss.-

Residência do Governo Geral de Angola, em Luanda, 5 de Agosto de 1953.-

O Secretário Geral,  
*António Fernandes*  
José António Fernandes.-

19a2-

7 de Agosto de 1953








**Declaração de 31 de Agosto de 1953.**




DECLARAÇÃO

Declaro por minha honra que estou integrado  
 na ordem social estabelecida pela Constitui-  
 ção Política de 1953 com o propósito de não ser  
 inimigo e de tolar as ideias subversivas.-  
 Matos, 31 de Agosto de 1953

  
 \_\_\_\_\_  
 Declaro a validade desta  
 declaração \_\_\_\_\_  
 Matos, 31 de Setembro de 1953  
 \_\_\_\_\_  
  


**Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).**

## Portaria de 3 de Dezembro de 1953.

21.00

DIRECCAO DOS SERVIÇOS  
DE  
SAÚDE E HIGIENE  
DE  
ANGOLA

SERVIÇO DA REPUBLICA ANGOLANA

TRIBUNAL ADMINISTRATIVO  
Aprovado em 21/12/53  
C. do N.º 12/53  
L. de P.º

SECRETARIO GERAL  
Em 3 de Dezembro de 1953  
L. de P.º

PORTARIA

Atendendo a que o enfermeiro auxiliar de 2ª classe de nomeação provisória, do quadro de enfermagem dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, AGOSTINHO ANDRÉS MENDES DE CARVALHO, requereu no sentido de ser nomeado definitivamente;

Considerando que o requerente foi nomeado provisoriamente por portaria de 27 de Outubro de 1948, tomou posse do seu lugar em 8 de Novembro do mesmo ano (B.O. n.º 47) e foi reconduzido por portaria de 11 de Outubro de 1950;

Atendendo a que completou em 8 de Novembro do corrente ano, cinco annos de serviço com boas informações;

Havendo cabimento de verba para ocorrer a este encargo no cap.º 4º art.º 207º n.º 1, do orçamento em vigor;

Vista a informação dos Serviços de Saúde e Higiene e o disposto na Portaria n.º 7649, de 21 de Novembro de 1951;

O Secretário Geral de Angola, no uso da competência que lhe é atribuída pelo art.º 155º da Constituição e pelo n.º 4º do art.º 33º da Carta Orgânica em vigor, determina:

É o enfermeiro auxiliar de 2ª classe, de nomeação provisória, do quadro de enfermagem dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, AGOSTINHO ANDRÉS MENDES DE CARVALHO, nomeado definitivamente, nos termos do 3º do art.º 126º da Carta Orgânica em vigor.

C U M P R A - S E.

Residência do Governo Geral de Angola, Banda, 3 de Dezembro de 1953.

O Secretário Geral,

José António Fernandes

204/1 -  
Recibo dos Serviços de Saúde  
Deect. de Saúde  
Registado em n.º 6661  
Data legal de 3 de Dezembro de 1953

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

Declaração feita pela Direcção dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, de 2 de Setembro de 1954.

DECLARAÇÃO

309

JOSÉ DE PALVA MARTINS, Médico-Inspector do Quadro Médico Casa de Ultramar, Sub-Director dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola: - - - - -  
 - - - - -DECLARA, para efeitos de renovação do Bilhete de Identidade, que MARIA ANTÓNIA JORGE DE CARVALHO é esposa do enfermeiro auxiliar de 2ª classe destes Serviços, AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO, encontrando-se transitóriamente em Luanda.

DIRECCAO DOS SERVICOS DE SAUDE E HIGIENE, EM LUANDA, 2 DE SETEMBRO DE 1954.-

Na ausência do Director dos Serviços,  
 o Sub-Director,

José de Palva Martins  
 Médico-Inspector

FV/HV/-.



Despacho de 17 de Janeiro de 1955.

DESPACHO

----- AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO, enfermeiro auxiliar de 2ª. classe, de nomeação definitiva, do Quadro de Enfermagem dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, colocado no Posto Sanitário do Mungo, da Delegacia de Saúde do Bailundo, concedidos, no uso da Delegação dada em Portaria nº.5097, de 1 de Março de 1945, e mantida em vigor pela Portaria nº.6033, de 24 de Setembro de 1947, TRINTA DIAS de licença disciplinar, nos termos da alínea a) do artigo 132º. da Carta Orgânica do Império Ultramarino Português, referente à sua efectividade de serviço nos últimos doze meses, para gozar nesta Província, quando não faça falta ao serviço.-


----- GABINETE DO GOVERNO DA PROVINCIA DE BENGUELA, 17 DE JANEIRO DE 1955.-

O GOVERNADOR,

  
JOSÉ MARIA DE LIMA E LEMOS

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

Pedido de Deferimento de 10 de Maio de 1955



SENHOR GOVERNADOR GERAL DA PROVÍNCIA DE  
ANGOLA

LUANDA

NICKELÊNCIA:

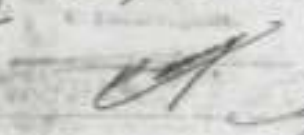
Agostinho André Mendes de Carvalho, enfermeiro aux. de 2ª classe, definitivo, do quadro de enfermeiros dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, em serviço no Posto Sanitário de Kungo, e acidentalmente em Luanda, desejando ser transferido para o Posto Sanitário de Calumbo, em virtude de residir na área da zona Capelito e sua filha, na Escola, na companhia da mãe, esposa do requerente, por não haver escola no Kungo.


Em respeitosa súplica requer a V. Exa. se dignasse determinar que seja transferido para aquele Posto Sanitário que se encontra vacante.

ENTRADA: 1192/17.617/Int. 22 Maio 55

301

Luanda, 10 de Maio de 1955

  
Assistência



Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).



Informativo de 3 de Setembro de 1955.

Serviços de Saúde e Higiene  
de Angola

S. R.

Circular Sobredito de  
BENGUELA  
INSPECTOR

Ex.<sup>ma</sup> Sr. DIRECTOR DOS SERVIÇOS DE  
SAÚDE E HIGIENE DE ANGOLA  
LUANDA

Rel.<sup>o</sup> a n.º *2345/14/1*

Benguela, 3 de Setembro de 1955.  
N.º 2386 / 1.º / 1


Em aditamento á minha nota N.º. 2345/14/  
1, de 31 de Agosto, findo, envio a V.<sup>a</sup>. Ex.<sup>a</sup>.  
uma fotografia do enfermeiro auxiliar de 2.<sup>a</sup>.  
classe, MOOSTINHO<sup>o</sup> A. M. DE CARVALHO.

A Bem da Hação  
O INSPECTOR  
*[Signature]*  
FREDERICO LEOPOLDINO HEMLO  
Médico-Inspector

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE E HIGIENE  
ENTRADA N.º *2386/14/1*  
EM *3 de Setembro 1955*  
O Encarregado.  
*[Signature]*

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

## Informativo de 3 de Setembro de 1955.



EXMO. SR. DIRECTOR DOS SERVICOS DE SAUDE E  
 HIGIENE DE ANGOLA

LUANDA

Benguela, 31 de Outubro de 1955

No. 2844 /10/ 373 /

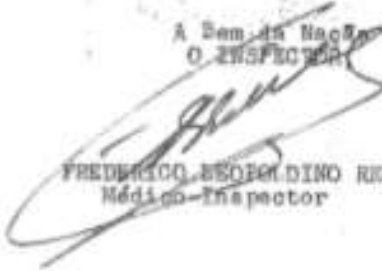
URGENTE

O Delegado de Saude do Bailundo informa terminar em 27 do corrente o prazo de 90 dias a fim de o enfermeiro auxiliar AGOSTINHO MENDES DE CARVALHO, colocado no Posto Sanitário do Mungo, transferido para o Posto Sanitário de Calumbo, tomar posse do seu novo cargo.

Como a área do Posto é bastante grande e a Delegacia não tem ainda transporte, o enfermeiro Mendes de Carvalho está encarregado do tratamento de uma concentração de leproicos, pelas sulfonas, que não convém interromper, solicita o Delegado de Saude providencias no sentido de o referido enfermeiro aguardar ali o seu substituto.

Agradeço a V.ª Ex.ª. autorização telegráfica a fim de se não interromperem os referidos tratamentos.

A Sem. da Nação  
 O INSPECTOR

  
 FREDERICO LEOPOLDINO REBELO  
 Médico-Inspector

ESCAU DOS SERVICOS DE SAUDE E HIGIENE  
 ESTRADA NO. 5227/1944

ENVIADO EM 1955  
 O Encarregado

301

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).



Nota de 14 de Dezembro de 1955.

Inspector do Circulo Sanitário da Huila.-

Sd da Huileira.

14 Dezembro 5  
14664 S.O.

309

Em referência à nota nº. 2.491, de 9 de corrente mês, informo V. Ex<sup>ca</sup>. que o enfermeiro auxiliar de 2<sup>a</sup>. classe, Agostinho André Mendes de Carvalho, se encontra colocado no posto sanitário de Calumbo, encontrando-se subordinado ao Chefe do Sector Sanitário de Catete.-

A Bem da Nação

O DIRECTOR DOS SERVIÇOS,

Francisco Barata Fialo,  
Médico-Chefe.

M.A.

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

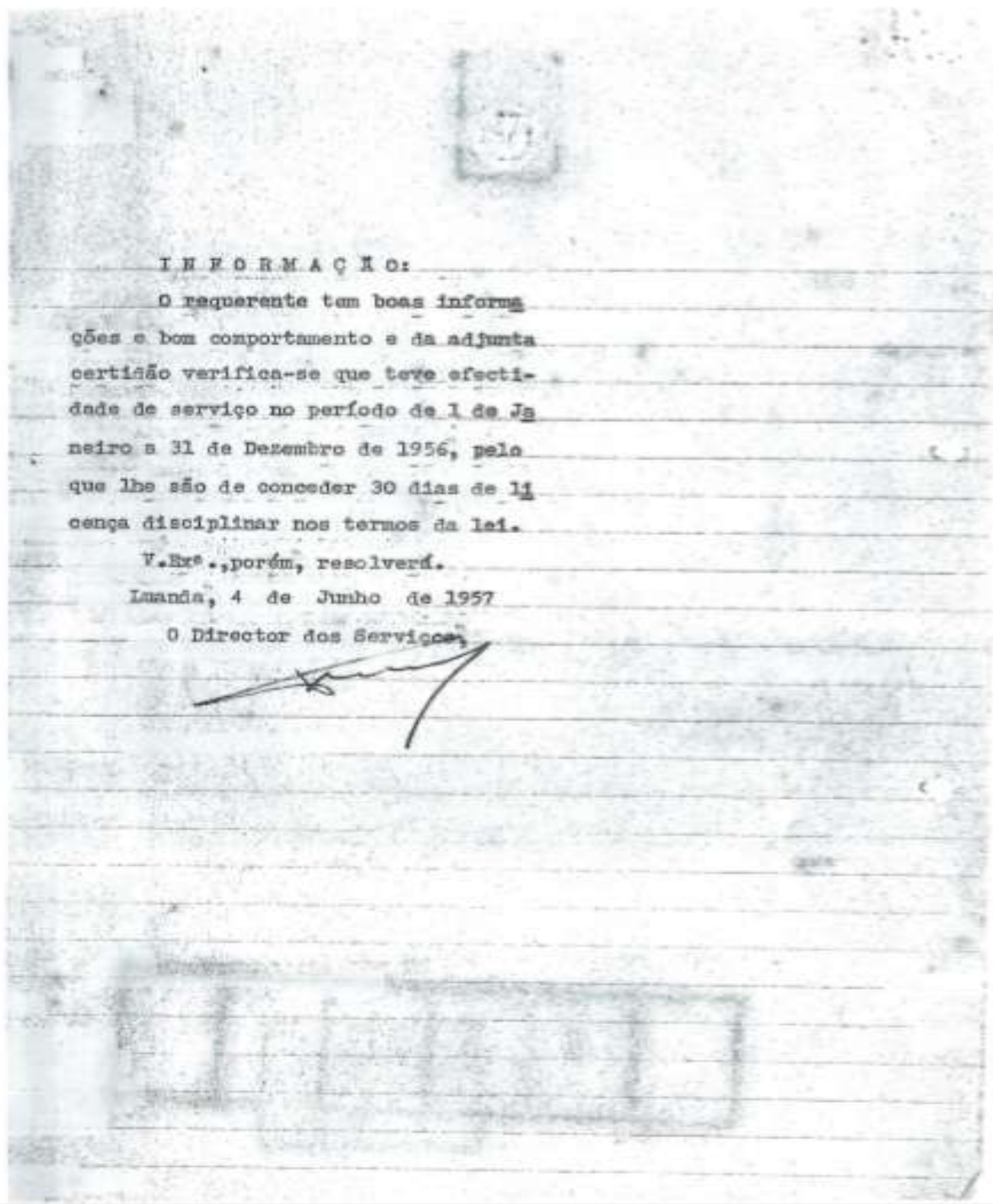


Tabela sem data, feita pelos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, mas infere-se que seja do ano de 1956.

S. R. DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE E HIGIENE DE ANGOLA		Enfermeiro auxiliar de 2ª classe, AGOSTINHO AMBRAS MENDES DE CARVALHO .-	
LOCALIDADES ONDE ESTEVE COLOCADO		DATAS DAS COLOCAÇÕES	
Delegacia de Saúde de Cacongo .....		Port. de	4-6-1947
Hospital Regional de Silva Porto .....		" "	27-10-948
Hospital Regional de Sá da Bandeira .....		" "	21- 6-950
Posto Sanitário de Copolo.....		" "	13-10-952
Hospital Regional de Benguela .....		" "	25- 4-953
Posto Sanitário de Mungo(a seu pedido).....		" "	5- 8-953
Posto Sanitário de Calumbo .....		" "	8- 7-955

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).



**Proposta de 4 de Junho de 1957.**

**Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).**

**Informativo Processo de 26 de Junho de 1957.**

309

XXXX A Direcção dos Serviços de  
Fazenda e Contabilidade  
LUANDA  
26 Junho 7  
4925-14664 S.C.

Remete-se, para informação, um processo respeitante à transferência do enfermeiro auxiliar de 2ª classe, AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO do Posto Sanitário do Bom-Jesus (Caluwo), para o de Cabiri, ambos integrados na área sanitária de Estete.

A Bem da Nação

O DIRECTOR DOS SERVIÇOS

FRANCISCO BARATA PRIO  
Médico-Chefe

AR/LC.

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

## Portaria de 5 de Julho de 1957.

305

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS  
DE  
SAÚDE E HIGIENE  
DE  
ANGOLA

SERVIÇO DA REPÚBLICA

TRIBUTAL ADMINISTRATIVO

PORTARIA

Havendo conveniência para o serviço em colocar no Posto Sanitário de Cabiri, integrado na área sanitária de Catete um enfermeiro auxiliar;

Podendo efectuar-se o referido movimento, transferindo-se do Posto Sanitário do Bom-Jesus (Calumbo), da mesma área, o enfermeiro auxiliar de 2ª classe, AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO;

Havendo cabimento de verba para ocorrer a este encargo no capº 10º artº 1.273º nº 3) do orçamento em vigor;

Sobre proposta da Direcção dos Serviços de Saúde e Higiene e vista a Portaria nº 9.289, de 22 de Fevereiro de 1956;

O Secretário Geral de Angola, no uso da competência que lhe é atribuída pelo artº 155º da Constituição e pelo nº 7º do artº 12º do Estatuto Político-Administrativo da Província, determina:

É o enfermeiro auxiliar de 2ª classe, do quadro de enfermagem dos Serviços de Saúde e Higiene, AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO, transferido, por conveniência de serviço do Posto Sanitário do Bom-Jesus (Calumbo), para o de Cabiri, ambos pertencentes à área sanitária de Catete.

CUM P R A - S E

RESIDENCIA DO GOVERNO GERAL DE ANGOLA, EM LUANDA, 5 DE JULHO DE 1957


O SECRETÁRIO GERAL,

MANUEL DA CRUZ ALVURA

AR/MC.

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

## Requerimento de 26 de Abril de 1958.



SENHOR GOVERNADOR GERAL DA PROVINCIA DE ANGOLA

LUANDA



EXORTAÇÃO:


ABOCHINHO ANDRÉ NUNES DE CARVALHO, enfermeiro  
 auxiliar de 2ª classe, definitivo, do quadro de enfermagem  
 dos serviços de saúde e higiene de Angola, colocado no Pos-  
 to sanitário de Cabiri, agregado ao sector sanitário de  
 Catete, desejando uma transferência recíproca com o seu  
 colega ANTÓNIO GONÇALVES GADIN, em serviço nos hospitais  
 civis de Luanda,

Em respeito com o que dispõe a V. Ex.ª, se  
 digna autorizar a referida transferên-  
 cia.-

FIM DO DOCUMENTO

Cabiri, 26 de Abril de 1958



Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).



## Portaria de 6 de Junho de 1958.

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS  
DE  
SAÚDE E HIGIENE  
DE  
ANGOLA

SERVIÇO DA REPÚBLICA

PORTARIA

Atendendo a que os enfermeiros auxiliares de 2ª classe, do quadro de enfermagem dos Serviços de Saúde e Higiene, AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO e ANTONIO GONÇALVES CADRE, colocados respectivamente no Posto Sanitário de Cabiri e Hospitais Cívica de Luanda, por Portarias de 17 de Novembro de 1954 e 5 de Julho do ano findo, requereram para serem transferidos, reciprocamente:-

Não trazendo esta transferência encargos para a Fazenda Nacional

Sobre proposta da Direcção dos Serviços de Saúde e Higiene e visto o disposto no artigo 11º do Decreto nº 33.303, de 1943, tornado de execução permanente pelo artigo 1º do Decreto nº 34.178, de 1944;-

Vista a Portaria nº 9.289, de 22 de Fevereiro de 1956;-


O SECRETÁRIO-GERAL DE ANGOLA, no uso da competência que lhe é atribuída pelo artigo 155º da Constituição e pelo nº 7º do artigo 12º do Estatuto Politico-Administrativo da Província, determina:

São os enfermeiros auxiliares de 2ª classe, de nomeação definitiva e contratado, do quadro de enfermagem dos Serviços de Saúde e Higiene, AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO e ANTONIO GONÇALVES CADRE, colocados respectivamente no Posto Sanitário de Cabiri e Hospitais Cívica de Luanda transferidos, reciprocamente, a seu pedido e sem dispêndio para a Fazenda Nacional.-

C U M P R A - S E

Residência do Governo Geral de Angola, em Luanda, aos 6 de Junho de 1958.


O SECRETÁRIO-GERAL,



MANUEL DA CRUZ ALVINA

10307

Nota de 17 de Junho de 1959.

  
 Direcção Provincial dos Serviços  
 de Fazenda e Contabilidade  
 de Angola

SERVIÇO DA REPÚBLICA  
 À DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE  
 E HIGIENE  
 LUANDA  
 Luanda, 17 de Junho de 1959.  
 N.º 15227 / 165 / 28. / 18.-

Solicita-se a finese de mandar  
 informar com a possível urgencia, qual a si-  
 tuação actual do enfermeiro auxiliar de 2ª  
 classe, AGOSTINHO ANDRE MENDES DE CARVALHO.-

A Bem da Nação  
 FEL'0 DIRECTOR DOS SERVIÇOS,  
 O Adjunto,  
 (Abel Teixeira)  
 Director de Fazenda de 3ª classe.-

Serviço de Saúde e Higiene  
 Estrada N.º 5677, Luanda  
 Em 19 Junho 1959  
 309

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

Nota de 20 de Junho de 1959.

SECRETARIA DE DIREÇÃO PROVINCIAL DO  
SERVIÇO DE SAÚDE E HIGIENE  
I. U. A. N. D. A.  
20 JUN 1959 Junho 9  
5448 14664 S.S.

309

Em referência à nota n.º 15.227/14  
/26./18., de 17 de Junho do corrente ano, informa-se que o enfermeiro auxiliar de 2.ª classe,  
ACACIO LEMÉ LEMOS DE CARVALHO, foi desido  
pela S.I.D.C., em 29 de Março do ano corrente.

A SEM DA SAUDE

SERVIÇO DE DIRETOR DOS SERVIÇOS,

ARMANDO CARLOS DE ALBUQUERQUE  
«Médico-Inspector»

24/59

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

## Proposta N° 4, datada de 18 de Julho de 1959.

14.664  
309

S. R.

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE E HIGIENE  
DE ANGOLA

CONCORDO  
21/VII/959  
ass.) Manuel da Cruz Alvar

PROPOSTA N.º 4


Come instrutor do processo disciplinar em que é arguido e enfermeiro auxiliar do quadro de enfermagem dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO, verifiquei que infracção de que vem acusado cabe pena superior à de nº. 5º de arts. 354º do Estatuto de Funcionalismo Ultramarino.

Nestes termos e segunda o disposto no artº. 385º do mesmo Estatuto, tenho a honra de preparar a V.Exª. que o funcionário referido seja preventivamente suspenso do serviço, com 50% dos seus vencimentos, até julgamento final do processo.-

VOSSA EXCELENCIA, PORÉM, RESOLVERÁ.

Direcção dos Serviços de Saúde e Higiene, em Luanda, aos 18 de Julho 1959.

O INSTRUTOR DO PROCESSO,


  
JOSE ANTÓNIO FERREIRA NUNES  
Médico-Inspector

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).



Proposta de 19 de Agosto de 1959.

309

S.  R.

**DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE E HIGIENE  
DE ANGOLA**

---

PROPOSTA N.º \_\_\_\_\_

CONCORDADO  
20/8/59  
ass.) Manuel da Cruz Alv

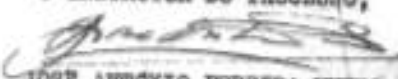
Por despacho de 21 de Julho findo, concordou V. Ex.<sup>ta</sup>, q  
nos termos do art.<sup>o</sup> 385.<sup>o</sup> do Estatuto do Funcionalismo Ultramarino, fosse  
preventivamente suspenso do serviço, com 50% dos seus vencimentos, até j  
gamento final do processo, o enfermeiro auxiliar do quadro de enfermagem  
Serviços de Saúde e Higiene, AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO.

Considerando que se completam hoje 30 dias em que foi  
rado o citado despacho e que a instrução do processo está pendente de in  
mações que foram solicitadas à Delegação em Angola da Polícia Internacio  
e de Defesa do Estado, onde o arguido se encontra detido;

Tenho a honra de propor a V. Ex.<sup>ta</sup>, que, conforme o dispo  
no artigo citado, o funcionário, acima referido continue suspenso do servi  
com 50% dos seus vencimentos, por mais 60 dias.

VOSSA EXCELENCIA, POREM, RESOLVERÁ.

Direcção dos Serviços de Saúde e Higiene, em Luanda, aos 19 de Agosto de  
1959.

O INSTRUTOR DO PROCESSO,  
  
JOSÉ ANTÓNIO FERREIRA NUNES  
Médico-Inspector

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

Nota 2972516071<sup>a</sup>3<sup>a</sup>, datada de 3 de Dezembro de 1959.

SERVIÇO DA REPÚBLICA

A Direcção dos Serviços de Saúde e  
Higiene.

Luanda

Luanda, 3 de Dezembro de 1959  
N.º 29725 16071 1W 3ª

PROVINCIA DE ANGOLA  
Serviço Provincial dos Serviços de Saúde  
Castelêdo

A REPARTIÇÃO  
O Director dos Serviços

Com referência à nota n.º 10.300/3ª Rep., de 9 de Novembro findo, que acompanhou o requerimento em que o enfermeiro de 2ª classe, Agostinho André Mendes de Carvalho pedia o abono dos seus vencimentos respeitantes ao período de 1 de Abril a 28 de Julho do corrente ano, que não lhe foram pagos em virtude de se encontrar detido na Polícia Internacional e de Defesa do Estado, comunica-se que a petição foi indeferida por despacho de 25 do referido mês de Novembro do Exmº Secretário Provincial, no uso de funções governativas, por falta de base legal.-

A Bem da Nação

PELO DIRECTOR DOS SERVIÇOS,  
SERVIDO DE ADJUNTO,


Director dos Serviços de Saúde e Higiene  
N.º 11851 14664 5  
Em 6 de Dez de 59  
307

(Carlos Ferreira)  
Director de 2ª classe

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

## Portaria de 8 de Janeiro de 1960.

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS  
DE  
SAÚDE E HIGIENE  
DE  
ANGOLA

  
SERVIÇO DA REPÚBLICA

PORTARIA

Foi recebida na Direcção dos Serviços de Saúde e Higiene, enviada pela Delegação da Procuradoria da República junto da 2ª. Vara Judicial da Comarca de Luanda, nos termos do § 3º. do artigo 353º. do Estatuto do Funcionalismo Ultramarino, certidão do despacho de pronúncia definitiva, respeitante ao enfermeiro auxiliar de 2ª. classe, de nomeação definitiva, do quadro de enfermagem dos Serviços de Saúde e Higiene, AGOSTINHO ANDRÉS MENDES DE CARVALHO;-

Tornando-se necessário, por esse motivo, dar cumprimento ao disposto no § 2º. do artigo 353º. do Estatuto do Funcionalismo Ultramarino;-


Vista a Portaria nº. 9.289, de 22 de Fevereiro de 1956;-

O SECRETÁRIO-GERAL DE ANGOLA, no uso da competência que lhe é atribuída pelo artigo 155º. da Constituição e pelo nº. 8º. do artigo 12º. do Estatuto Político-Administrativo da Província, determina:-

É o enfermeiro auxiliar de 2ª. classe, de nomeação definitiva, do quadro de enfermagem dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola, AGOSTINHO ANDRÉS MENDES DE CARVALHO, suspenso de exercício e vencimentos, até julgamento final, nos termos do § 2º. do artigo 353º. do Estatuto do Funcionalismo Ultramarino.-

C U M P R A - S E.

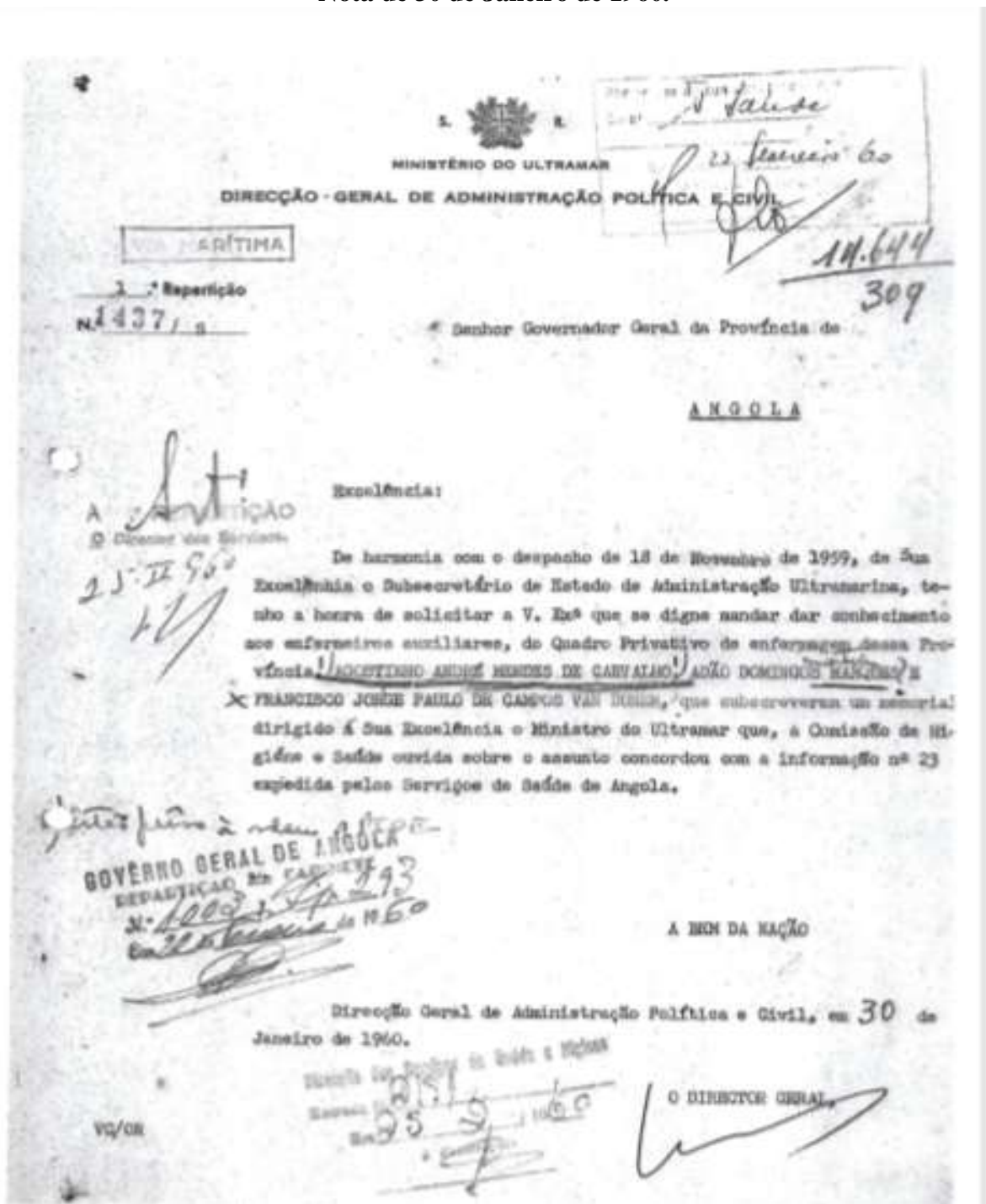
Residência do Governo Geral de Angola, em Luanda, aos 8 de Janeiro de 1960.-

O SECRETÁRIO-GERAL,  
  
MANUEL DA CRUZ ALVURA

VV/100/

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

Nota de 30 de Janeiro de 1960.



Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

Requerimento de 21 de Outubro de 1960.

**SERVIÇO DA REPÚBLICA**

A Direcção Provincial dos Serviços de Saúde e Higiene.

«Luanda»

Luanda, 21 de Outubro de 1960.

309 N.º 25440/1607/1832.

Comunica-se que o Exm<sup>o</sup>. Secretário Provincial, em seu despacho de 23 do mês findo, deferiu o requerimento em que o enfermeiro auxiliar de 2<sup>a</sup>. classe, Agostinho André Mendes de Carvalho, detido às ordens do Tribunal Militar de Angola pedia que lhe fossem pagos os vencimentos relativos ao período de 1 de Abril a 28 de Julho de 1959.

O abono a que tem direito e que se encontra cative, na verba do artigo 1414<sup>o</sup>, do Regulamento vigente, é o seguinte:

Vencimento base e complementar (por inteiro de 1/4 a 16/7 e 50% de 17/7 a 28/7/1959.).....	7.790\$32
Abono de Família - 9 pessoas - 4 meses.....	10.800\$00
Renda casa - Abril a Julho .....	1.400\$00
	17.790\$32

A BEM DA NAÇÃO.

PELO DIRECTOR DOS SERVIÇOS,  
O ADJUNTO,

(Viriato de Macedo)  
Director de 1<sup>a</sup>. classe

*Handwritten notes:*  
309  
1960  
21-X  
C.M.

*Administrative stamps:*  
Serviço de Saúde  
Luanda, 21/10/1960  
Ex.º 25440/1607/1832

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

Portaria de 6 Julho de 1961.

307

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS  
DE SAÚDE E HIGIENE  
DE ANGOLA

SERVIÇO DA REPÚBLICA

TRIBUNAL ADMINISTRATIVO  
REPRESENTADO EM 20/7/61

PORTARIA

TRIBUNAL ADMINISTRATIVO  
Relator e Excm. Vogal Excm. *[assinatura]*  
1961 - Julho  
LIVRO 14 DE 9 DE 1961  
O Secretário

O enfermeiro auxiliar de 2ª classe, de nomeação definitiva, do quadro de enfermagem dos Serviços de Saúde e Higiene, AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO, foi condenado em 1ª maior por acórdão do Tribunal Militar Territorial de Angola de 20 de Dezembro de 1960 que transitou em julgado em 11 de Maio p.p. por ter sido negado provimento ao recurso interposto para o Supremo Tribunal;-

Assim, está incureto na falta prevista pelas alíneas de nº.13º. do artigo 366º. do E.P.U. que corresponde a pena nº.9º. do artigo 354º. do mesmo Estatuto- "Demissão",-

Vistas a informação da Direcção Provincial dos Serviços de Saúde e Higiene e a Portaria nº.11.707, de 24 de Junho de 1961;-

O SECRETÁRIO PROVINCIAL DE ANGOLA, no uso da competência que lhe é atribuída pelo artigo 155º. da Constituição e pelo nº.6º. do artigo 12º. do Estatuto Político-Administrativo da Província, determina:-

É ao enfermeiro auxiliar de 2ª classe, de nomeação definitiva, do quadro de enfermagem dos Serviços de Saúde e Higiene, AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO, aplicada a pena nº.9º. do artigo 354º. do Estatuto do Funcionalismo Ultramarino "demissão"- por ter sido condenado a pena maior pelo Tribunal Militar Territorial de Angola.-

C U M P R A - S - E .-

RESIDÊNCIA DO GOVERNO GERAL DE ANGOLA, EM LUANDA, AOS 6 DE JULHO DE 1961.-

O SECRETÁRIO PROVINCIAL,  
*[assinatura]*  
CARLOS BORGES RATO

UNIDADE DOS SERVIÇOS DE SAÚDE  
Serviço de "SAÚDE"  
Folha nº. 11 de 11  
11 de Julho de 1961  
912

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).



Nota de 9 de Julho de 1961.

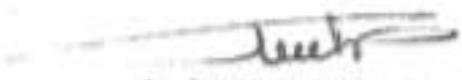
309

XXXXXX A DIREÇÃO PROVINCIAL DE  
SERVIÇOS DE FAZENDA E CONTABILIDADE  
L N A N D A  
4 de Julho 1961 1  
6263 B.G.

Para efeitos de "anotação" envia-se, at-  
panhada da informação nº. 166, desta Direção  
a portaria respeitante à demissão do enfermei-  
ro auxiliar de 2ª. classe, de nomeação defic-  
tiva, AGOSTINHO ANDRÉ MUNDES DE CARVALHO.

A N N DA NAÇÃO

O DIRECTOR DOS SERVIÇOS,



A. CARDOSO BENTO  
"Médico-Chefe"

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

Carta ao sub diretor dos Serviços de Saúde e Assistência de Angola, de 28 de Agosto de 1970.

307  
14.664

Tuberculose -> Habanga

Caro Sub Director dos Serviços de Saúde e Assistência  
Lisboa, 28 de Agosto de 1970.

Sub Director

Os meus melhores cumprimentos,  
Valeu ao Sub Director expor a minha  
situação de saúde:

Minha filha Luísa Isabel Ferreira de  
Carvalho que está em tratamento e estágio de Curas de  
Capítulo Técnico de Radiologia, está a juntar a  
documentação para uma nomeação intermédica, nos  
seus serviços.

Prof. ao Sub Director a favor da  
meu caso de me nomear, colocá-la nesta vida  
de, se for possível. Pois, ela tem idade e traço  
direito da casa, a chefe da família composta por  
cinco irmãos menores e uma mãe que vive em  
de saúde por causa da doença de hipertensão...  
A sua ausência em separar-se com grandes tran-  
stornos no caso da família, ao ter que dividir  
em duas partes o seu trabalho.

Há duas semanas cheguei de férias  
de uma parca 11 anos. Encontrei-me desamparada  
de e em qualquer lugar em vista por de mi-  
nha e para a minha filha. Pode bem dizer-se  
que com a minha presença aumentam os números  
de "bocas", sobrecarregando-a ainda mais.

Pelo atestado que o Sub Director  
poderá a dispensar a esta minha situação, em a  
compartilhar da família vão os meus melhores  
cumprimentos. Com os protestos da minha mãe  
Considero, subscrito, me.

Agostinho A. Mendes de Carvalho

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).



**Carta ao sub diretor dos Serviços de Saúde e Assistência de Angola, de 28 de Agosto de 1970.**

Luanda, 28 de Agosto de 1970

Estimado senhor diretor,

Com a presente carta gostaria de lhe agradecer a atenção e a preocupação que sempre tem demonstrado com os serviços de saúde e assistência de Angola.

Como sabe, a situação atual dos serviços de saúde e assistência de Angola é bastante preocupante, devido à falta de recursos humanos e materiais, bem como à falta de organização e planejamento.

Para melhorar a situação, é necessário que sejam tomadas algumas medidas urgentes, tais como:

- 1. Recrutamento de pessoal qualificado;
- 2. Aquisição de materiais e equipamentos;
- 3. Organização e planejamento dos serviços;
- 4. Capacitação do pessoal;
- 5. Melhoria das condições de trabalho;
- 6. Implementação de programas de saúde e assistência;
- 7. Criação de comitês de saúde e assistência;
- 8. Realização de campanhas de educação para a saúde;
- 9. Implementação de programas de prevenção;
- 10. Criação de serviços de saúde e assistência em áreas rurais e remotas.


Estou certo de que, com a sua colaboração e apoio, conseguiremos superar as dificuldades atuais e melhorar a situação dos serviços de saúde e assistência de Angola.

Atenciosamente,

[Assinatura]

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

Pedido de readmissão, de 21 de Setembro de 1970.



SENHOR GOVERNADOR GERAL DA PROVINCIA DE ANGOLA

LUANDA

REQUERIMENTO

*R  
21 9 B*


*21-9-70*

ABOQUIRMO ANSELMO MENDES DE CARVALHO, residente em Luanda, no Bairro Popular nº 4 Bloco 25 Casa 10, tendo sido reintegrado à sociedade sob uma liberdade condicional, depois de um ano de cumprimento de pena nas cadeias de Luanda e no Campo de Trabalho de João Gus, no Cabo Verde, encontra-se desempregado e precisa assegurar-se de uma ocupação pela qual tenha remuneração para a sua manutenção e a de sua família (pai, mãe, mulher e onze filhos) com um afazeres de escritório, e porque conta principalmente com a sua profissão, respeitosamente requer à S. Excia. a admissão no lugar que anteriormente exercia nos Serviços de Saúde e Assistência de Angola, do qual foi destituído.

*80*

Luanda, 21 de Setembro de 1970


*Agostinho de Carvalho*



*R  
8218  
22 9 10*

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

## Parecer de 25 de Setembro de 1970.

 REPÚBLICA PORTUGUESA PROVÍNCIA DE ANGOLA DIRECÇÃO PROVINCIAL DOS SERVIÇOS DE SAÚDE E ASSISTÊNCIA	
ASSUNTO	N.º <u>154</u> Proc. <u>1/4</u> Data <u>17-9</u>
PARECER	DESPACHO
<p>Visto o exposto sou de parecer que é de indeferir o pedido.</p> <p>Vossa Excelência no entanto resolverá.-</p> <p>24/9/70.-</p> <p>A ss. Ramalhe da Rocha.-</p>	<p>Concordo. Informe-se o estado da situação legal que pede a sua pretensão.-</p> <p>25/9/70.-</p> <p>Ass. Cardoso de Albuquerque.-</p>
INICIAÇÃO DO ADJUNTO ADMINISTRATIVO,	
<p>AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO requer a Sua Excelência o S. Vereador Geral a sua admissão no lugar que anteriormente exercia nos Serviços e de qual foi demitido.</p> <p>Sobre o assunto cumpre-me informar a Vossa Excelência e seguir</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. O requerente desempenhava as funções de enfermeiro auxiliar 2ª. classe destes Serviços, à data em que foi demitido.</li> <li>2. Per Portaria de 6 de Julho de 1961, foi-lhe aplicada a pena nº.9 do artigo 354º. do Estatuto do Funcionalismo Ultramarino - demissão - por ter sido condenado a pena maior pelo Tribunal Militar Territorial de Angola (B.O.nº.31/1961).</li> <li>3. Nos termos do nº.6 do § único do artigo 355º. do Estatuto do Funcionalismo Ultramarino, a pena de demissão importa a perda de todos os direitos do funcionário e a inamovibilidade do -</li> </ol>	

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

Nota, de 1 de Outubro de 1970.

309  
14.664

REPARTIÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE

13173 P.1-9-1/Lda/70 EXMO SENHOR

AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALH  
BARRIO POPULAR Nº. 4-BLCCO 25  
CASA - 10

1 de Outubro

Informo-o que por despacho de 25 de Setembro de 1970, do Exmo. Secretário Provincial de Saúde e Assistência, foi indeferido o seu requerimento em que pedia a sua readmissão nestes Serviços, em virtude de lhe ter sido aplicada a pena do nº. 9 do artº. 354º. do Estatuto do Funcionalismo Ultramarino por Portaria de 6 de Julho de 1961 e nos termos do nº. 6 do § único do artº. 355º. do mesmo Estatuto a pena de demissão importar a perda de todos os direitos do funcionário a impossibilidade de ser, no futuro, provido em qualquer cargo público.-

A SEM DA NAÇÃO  
O CHEFE DA REPARTIÇÃO

RUBEN SERRAVALLO PELEJEO  
-Adj. Administrativo-

FR/AB.-

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

Despacho de 5 de Novembro de 1974.

ESTADO DE ANGOLA  
SECRETARIA DA SAÚDE E BEM-ESTAR SOCIAL

309  
1486

DESPACHO PARA EXECUÇÃO IMEDIATA

Hoje, um grupo considerável de trabalhadoras dos Serviços de Saúde ocupou diversos locais de trabalho sediados em Luanda e principalmente o edifício da direcção dos Serviços;

Elementos responsáveis e representativos do grupo justificaram o procedimento com a necessidade de se ultrapassarem certos condicionaisismos e algumas pessoas que impedem o desenvolvimento rápido de medidas tendentes a modificação estrutural dos Serviços;

Apresentaram um caderno reivindicativo que necessita de ser cuidadosamente estudado;

Propuseram-se tomar parte activa no estudo dos problemas e na procura das soluções concretas que dizem respeito especificamente ao seu sector de trabalho;

Para que a participação seja efectiva e não de qualquer modo manipulada, elegeram democraticamente uma comissão directiva para actuar em regime colegial dos Serviços de Saúde; e puseram como condição fundamental e primária a homologação dessa comissão directiva para o regresso às actividades normais.

Nestes termos,

Não podendo apoiar-me na lei mas julgando corresponder aos mais elevados interesses da Nação que exige medidas revolucionárias para solução de problemas que se têm agravado burocraticamente e sem urgencia quando a Nação tem urgencia;

Como medida excepcional, de emergencia, temporária mas sem prazo antecipadamente limitado, HOMOLOGO a comissão directiva dos Serviços de Saúde, eleita livremente pelos trabalhadores, e que é constituída por

- Dr. Amílcar Santos Martins de Silva ( presidente )
- Adriano Lopes Fogaça Monteiro
- Agostinho André Mendes de Carvalho
- Alfredo Neves
- Alfredo Rogério Soares
- Faís José Marques
- Maria Clara Gonçalves de Sousa
- Paulo António Tumbal.

Luanda, 5 de Novembro de 1974


*Uly Fogaça*  
Uly Fogaça

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).



## Requerimento de 20 de Janeiro de 1975.

*S. Carvalho*



SENHOR ALTO COMISSÁRIO DO GOVERNO PROVISÓRIO DE  
ANGOLA

LUANDA

EXCELENCIA:


*Adm 19*  
*DEPARTAMENTO*  
*22/1/1975*  
*23*

AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO, maior, casado, portador do Bilhete de Identidade nº. 64071 passado pelo Arquivo de Identificação de Luanda em 25 Agosto de 1970, ex-Auxiliar de Enfermagem de 1ª classe dos Serviços de Saúde e Assistência tendo sido demitido do referido lugar por ter sido detido pela ex-Fide/B.G.S e condenado a pena maior, vem requerer a Vossa Excelência que ao abrigo do Decreto Lei nº. 173/74 de 26.4.74 se situe readmitido no quadro a que pertencia e que lhe seja contado o tempo de serviço para efeitos de antiguidade e promoção no mesmo quadro.

PEDE DEPRIMENTO

*B.S.S.A*  
*Arquivo N.º 623*  
*23*

Luanda, 20 de Janeiro de 1975



Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

## Proposta de 22 de Janeiro de 1975.

  
 REPUBLICA PORTUGUESA  
 ESTADO DE ANGOLA  
 DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE E ASSISTÊNCIA

PROPOSTA

NR. \_\_\_\_\_

*Comando*  
*12.12.75*  
*[Signature]*

Atendendo ao que requereu, AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO, no sentido de ser reintegrado no quadro de enfermagem dos Serviços de Saúde e Assistência de Angola e na categoria que lhe couber por ordem de antiguidade, por ter sido demitido por Portaria de 6 de Julho de 1961 (S.O. 31/61) do lugar de auxiliar de enfermagem de 2ª. classe, de nomeação definitiva, do ramo de enfermagem auxiliar dos Serviços de Saúde e Assistência de Angola, em virtude de ter sido condenado a pena maior por Acórdão do Tribunal Militar Territorial de Angola, de 20 de Dezembro de 1960;

Atendendo ainda a que se o requerente se tivesse mantido sempre em efectividade de serviço, devia ao abrigo do que dispõe o artº. 1702. do Regulamento dos Serviços de Saúde e Assistência do Ultramar, aprovado por Decreto nº. 49.073, de 21 de Junho de 1969, ter sido promovido a auxiliar de enfermagem de 1ª. classe, no ano de 1961;

Tendo em vista o que dispõe o artigo 29. - 1 e 2 do Decreto Lei nº. 173/74, de 26 de Abril de 1974, tornado extensivo Ultramar por Portaria nº. 331/74, de 6 de Maio de 1974;

Tenho a honra de propor a Vossa Excelência que AGOSTINHO ANDRÉ MENDES DE CARVALHO, seja reintegrado no lugar de enfermeiro-sub-chefe, de nomeação definitiva, do ramo de enfermagem geral dos Serviços de Saúde e Assistência de Angola, devendo a sua antiguidade de como enfermeiro sub-chefe, contar-se desde 1961, ao abrigo do que dispõe o nºs. 1 e 2 do artº. 29. do Decreto Lei nº. 173/74, de 26 de Abril de 1974, tornado extensivo ao Ultramar pela Portaria nº. 331/74, de 6 de Maio de 1974, considerando anulado o diploma que reintegrou como auxiliar de enfermagem de 1ª. classe, publicado no Boletim Oficial, nº. 31, de 31 de Março de 1975.-


VOSSA EXCELENCIA, PORÉM, RESOLVERÁ.-

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE E ASSISTÊNCIA, EM LUANDA, AOS \_\_\_\_\_  
 DE 1975.-

O PRESIDENTE DA COMISSÃO

*[Signature]*  
 AMILCAR MARTINS

## Diploma de 23 de Janeiro de 1975.

  
 REPÚBLICA PORTUGUESA  
 ESTADO DE ANGOLA

309  
 145 84

A quem tem cabimento na dotação inserta no capítulo 4º, artigo 400º, n.º 1 do estatuto de 1974 e dotação correspondente a 1975.

(a) DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE E ASSISTÊNCIA DE ANGOLA  
 (b) HOSPITAL DE S. PAULO

**DÍPLOMA DE PROVIMENTO**

Nome AGOSTINHO ALEXIS NUNES DE CARVALHO - auxiliar de enfermagem de 1ª classe

Número de Identidade n.º 64073 Arquivo de Identificação de Luanda

Data 25 de AGOSTO de 19 70 Habilitações literárias CURSO DE AUXILIAR DE ENFERMAGENS

Cargo ou lugar AUXILIAR DE ENFERMAGENS DE 1ª classe

Origem de vaga resultante do falecimento ocorrido em 4-6-74 do auxiliar de enfermagem de 1ª classe, NUNTIÃO GUNGUI BOMBAVE

Data da vacatura 4 de DECEMBRO de 19 74

Forma de provimento (s) REINTEGRAÇÃO NO LUGAR

Data do despacho e entidade que o subscreeu 25 de JANEIRO de 19 75 - O SECRETÁRIO DE ESTADO DA SAÚDE E MOM SUPLEN SOCIAL DE ANGOLA

Disposições legais que autorizam o provimento ao abrigo do disposto no artº. 2º. - 1-2 do Decreto Lei nº. 173/74 de 26-4-74, tornado extensivo ao Ultramar por Portaria nº. 531/74 de 6-5-74.

OBSERVAÇÕES (d)

Esta encomenda tem cabimento na verba do capítulo 4º, artigo 400º, n.º 1 do estatuto de 1974 e dotação correspondente a 1975.

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE E ASSISTÊNCIA, EM LUANDA, AOS 23 DE 1 DE 19 75

FELICIANO DIRECTOR DOS SERVIÇOS,  
*Amilcar Martins*  
 /AMILCAR MARTINS/

31275

Acervo da Fundação Unhenga Xitu (Não Catalogado).



Certificado de 6 de Maio de 1975.

14664  
309

REPARTIÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE

7007 ADM/75.-

A  
REPARTIÇÃO DISTRITAL DE SAÚDE E  
ASSISTÊNCIA DE

LUANDA  
-5. MAI 1975

1) Para os devidos efeitos se comunica que o auxiliar de 1ª categoria de 1ª classe, AGOSTINHO ANDRÉ PERDES DE CARVALHO, reintegrado por despacho de 23 de Janeiro de 1975, publicado no Boletim Oficial nº.74 de 1 de Março de 1975, tomou posse, nesta Direcção em 28 de Abril de 1975.

2) A fim de ser entregue ao interessado junto se envia o duplicado do respectivo termo de posse.-

A SEM DA SAÚDE  
O CHEFE DA REPARTIÇÃO  
CARLOS PIRES CAVALHEIRO  
(Adm. Administrativo)

Anexo: 1 termo de posse.-

CB/RS.-

Acervo da Fundação Uanhenga Xitu (Não Catalogado).

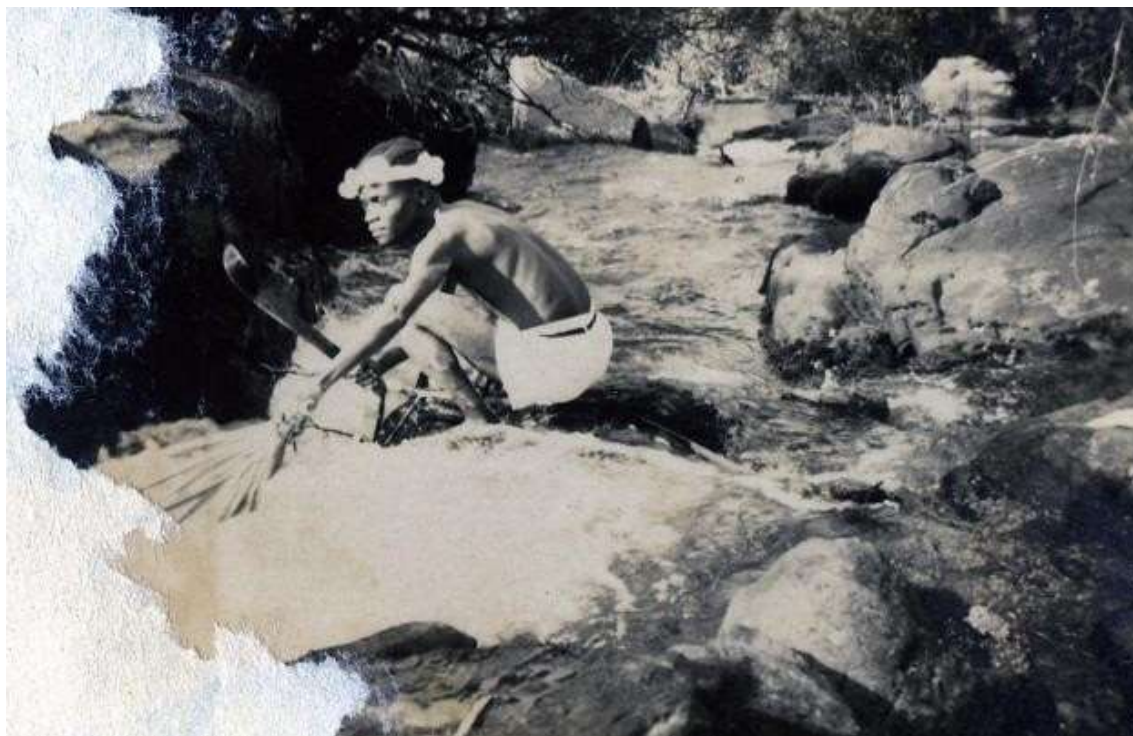
## **ANEXOS C - Fotografias**

- 1. IMAGEM 1:** Uanhenga Xitu novo Fonte: Fundação Uanhenga Xitu.
- 2. IMAGEM 2:** Jovem Uanhenga Xitu encenando a personagem Tarzan. Fonte: Fundação Uanhenga Xitu.
- 3. IMAGEM 3:** O assimilado Uanhenga Xitu. Fonte: Fundação Uanhenga Xitu.
- 4. IMAGEM 4:** O rural e o urbano em Uanhenga Xitu. Fonte: Fundação Uanhenga Xitu.
- 5. IMAGEM 5:** Uanhenga Xitu e sua ligação com o mato. Fonte: Fundação Uanhenga Xitu.
- 6. IMAGEM 6:** O homem em trânsito. Fonte: Fundação Uanhenga Xitu.
- 7. IMAGEM 7:** O grupo dos Enfermeiros. Fonte: Fundação Uanhenga Xitu.
- 8. IMAGEM 8:** Uanhenga Xitu, por volta dos seus 30 anos, Angola década de 1950. Fonte: Fundação Uanhenga Xitu.
- 9. IMAGEM 9:** As catanas venceram os canhões. Fonte: Fundação Uanhenga Xitu.
- 10. IMAGEM 10:** Pela independência. Fonte: Fundação Uanhenga Xitu.
- 11. IMAGEM 11:** É preciso falar por Angola. Fonte: Fundação Uanhenga Xitu.
- 12. IMAGEM 12:** O político Uanhenga Xitu. Fonte: Fundação Uanhenga Xitu.
- 13. IMAGEM 13:** Visita do Presidente Agostinho Neto a Câmara Municipal de Luanda. Fonte: Fundação Uanhenga Xitu.
- 14. IMAGEM 14:** A geração de Catete. Fonte: Fundação Uanhenga Xitu.
- 15. IMAGEM 15:** Representando Angola pelo mundo. Fonte: Fundação Uanhenga Xitu.
- 16. IMAGEM 16:** O Mestre das palavras. Fonte: Fundação Uanhenga Xitu.
- 17. IMAGEM 17:** meu discurso. Fonte: Fundação Uanhenga Xitu.
- 18. IMAGEM 18:** Acto Central na província do Bengo. Discurso em Homenagem ao 4 de fevereiro. Fonte: Fundação Uanhenga Xitu.
- 19. IMAGEM 19:** Discurso na província do Bengo. Reunião do MPLA. Fonte: Fundação Uanhenga Xitu.
- 20. IMAGEM 20:** O nacionalista Mendes de Carvalho. Fonte: Fundação Uanhenga Xitu.
- 21. IMAGEM 21:** Uanhenga Xitu e sua esposa Maria António Jorge de Carvalho enquanto Embaixador na década de 1980. Fonte: Fundação Uanhenga Xitu.

- 22. IMAGEM 22:** Mendes de Carvalho e integrantes do Processo dos 50. Fonte: Fundação Uanhenga Xitu.
- 23. IMAGEM 23:** Encontro com intelectuais de Cabo Verde em 2006 Aristides Maria Pereira (Primeiro Presidente de Cabo Verde), Escritor, Diplomata e Ministro de Cabo Verde, Corsino Fortes. Fonte: Fundação Uanhenga Xitu.
- 24. IMAGEM 24:** Agostinho André Mendes de Carvalho e Lúcio Lara. Celebração dos 80 anos de Uanhenga Xitu. Fonte: Fundação Uanhenga Xitu.
- 25. IMAGEM 25:** Uanhenga Xitu a entrada da prisão do Tarrafal, Cabo-Verde, em visita realizada Acompanhado do então adido cultural, o escritor Jacinto de Lemos em 2006. Fonte: Fundação Uanhenga Xitu.
- 26. IMAGEM 26:** Em 2006 Uanhenga Xitu realizou a sua habitual peregrinação ao Tarrafal, Chão Bom, Santiago, Cabo Verde. Fonte: Fundação Uanhenga Xitu.
- 27. IMAGEM 27:** Uanhenga Xitu na área de tortura, faz a encenação do processo. Fonte: Fundação Uanhenga Xitu.
- 28. IMAGEM 28:** Bilhete de Identidade de Uanhenga Xitu. 21 de março de 1942. Fonte: Fundação Uanhenga Xitu.
- 29. IMAGEM 29:** Uanhenga Xitu recebe uma medalha pelo conjunto da sua obra. Fonte: Fundação Uanhenga Xitu.



**Imagem 1**



**Imagem 2**



**Imagem 3**





**Imagem 4**



**Imagem 5**



**Imagem 6**



**Imagem 7**



**Imagem 8**



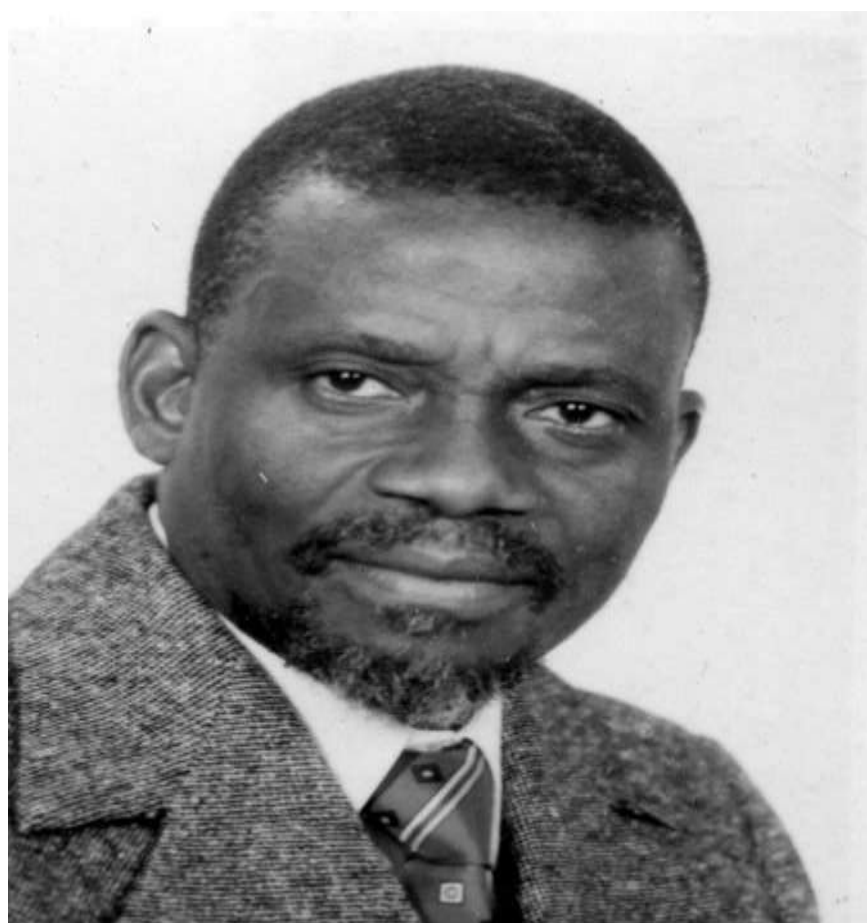


Imagem 9





**Imagem 10**



**Imagem 11**



**Imagem 12**





**Imagem 13**



**Imagem 14**



**Imagem 15**



**Imagem 16**



Imagem 17



**Imagem 18**





**Imagem 19**



**Imagem 20**





**Imagem 21**



**Imagem 22**



**Imagem 23**

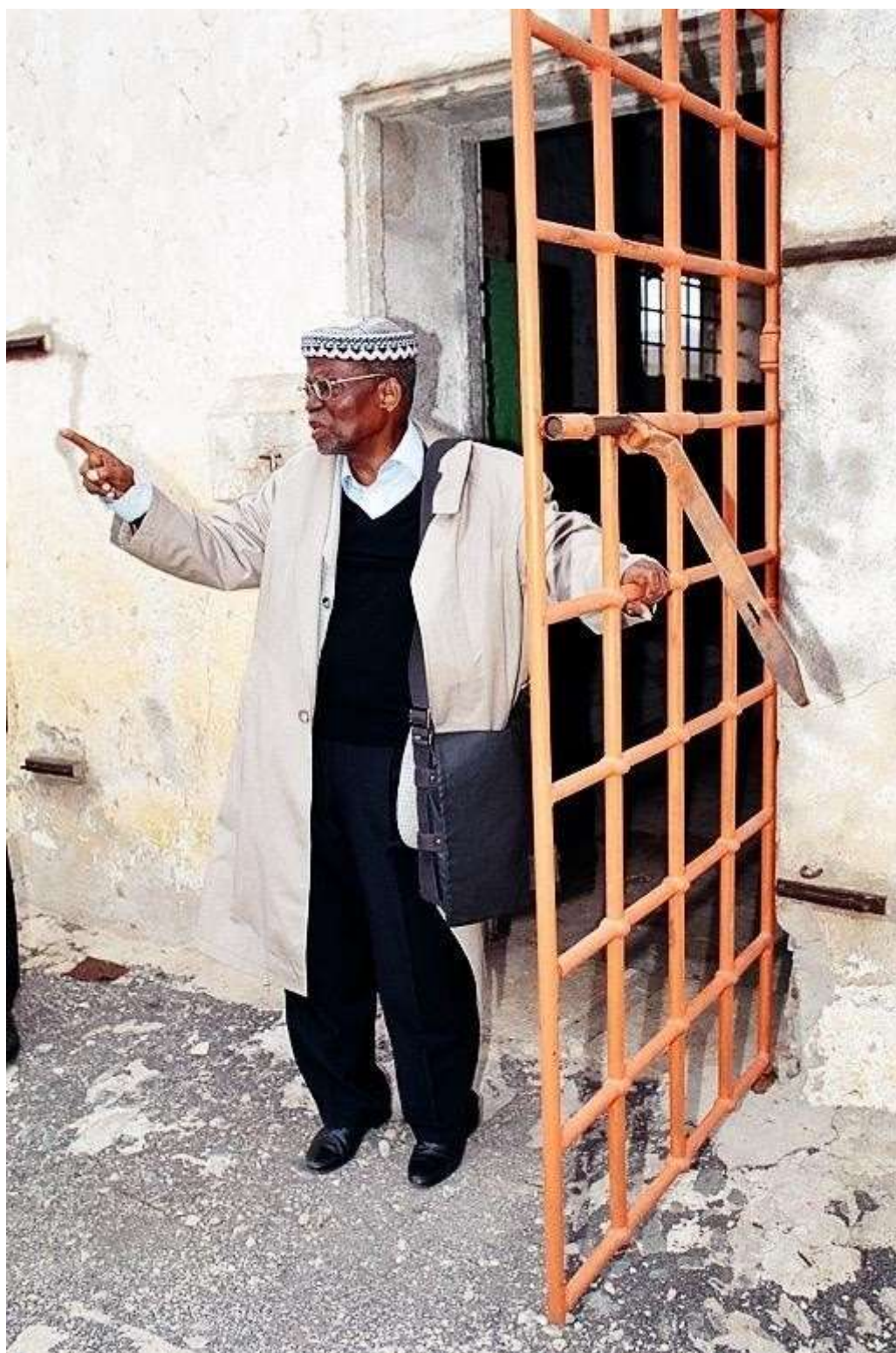




**Imagem 24**



**Imagem 25**



**Imagem 26**





**Imagem 27**



Imagem 28



Imagem 29